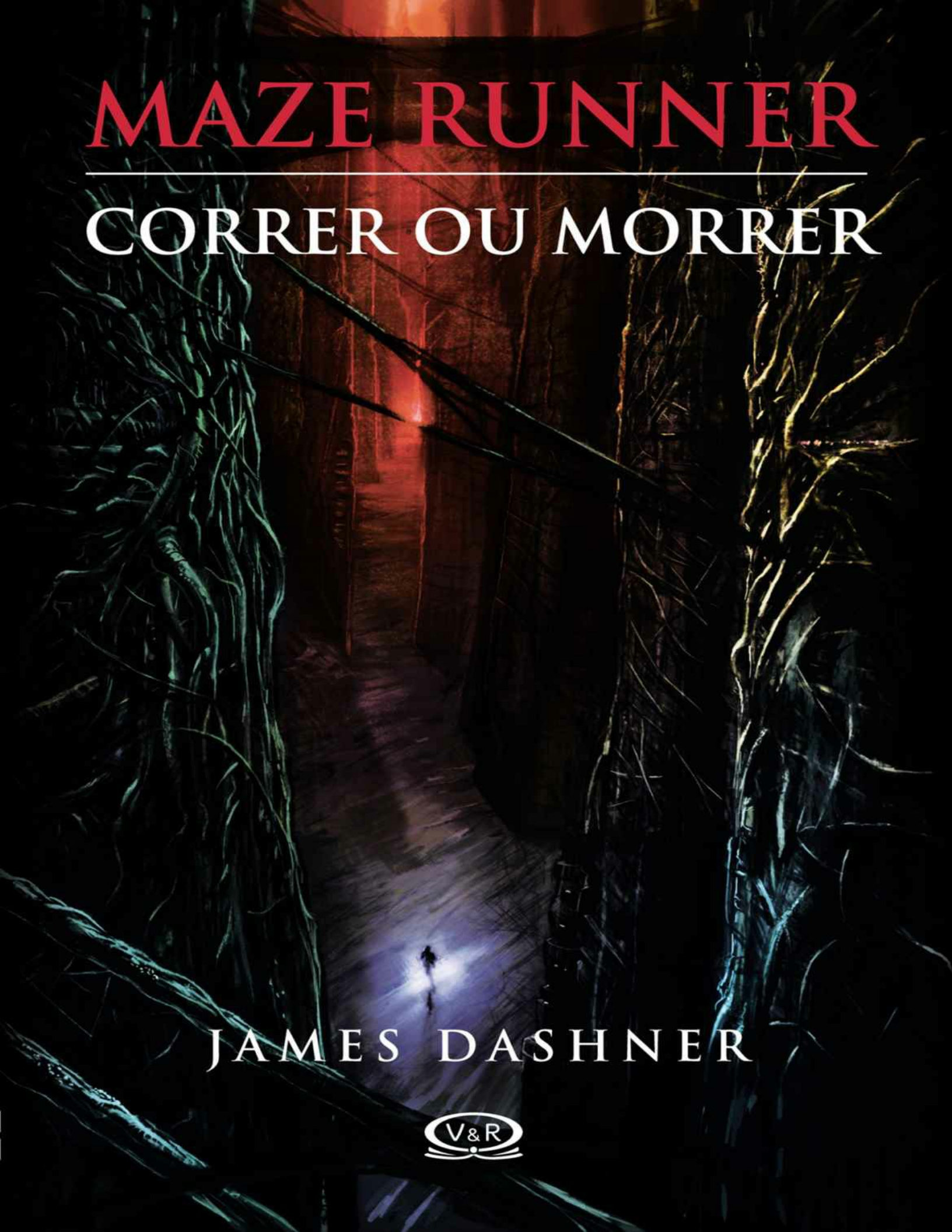
MAZE RUNNER
CORRER OU MORRER
JAMES DASHNER
V&R

MAZE RUNNER

CORRER OU MORRER



Edição: Fabrício Valério e Flavia Lago
Diagramação: Dora Murano e Juliana Pellegrini
Ilustração de capa: Marcelo Orsi Blanco
Revisão de texto: Jussara Lopes e Elisa Martins
EPUB: Pamella Destefi

Título original: *The Maze Runner*

© 2009 James Dashner
© 2010 V&R Editoras
© 2010 Vergara &Riba Editoras S/A
vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 – Vila Mariana
CEP 01259-010 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (55 11) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

eISBN: 978-85-7683-530-1

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dashner, James
Maze runner[livro eletrônico]: correr ou morrer / James Dashner; tradução Henrique Monteiro. – São Paulo: V&R Editoras, 2014. – (Maze runner)
1,3 Mb; ePUB

Título original: The maze runner
ISBN 978-85-7683-530-1

1. Ficção - Literatura juvenil I. Título. II. Série.

14-07805 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

MAZE RUNNER

CORRER OU MORRER

JAMES DASHNER

TRADUÇÃO: HENRIQUE MONTEIRO

V&R
EDITORAS

Para Lynette.
Este livro foi uma jornada de três anos,
e você nunca duvidou.

1

Ele começou sua nova vida pondo-se em pé, envolvido pela escuridão fria e pelo ar poeirento e rançoso.

Um tremor súbito abalou o piso sob os seus pés, metal rangendo contra metal. O movimento inesperado o derrubou, e ele recuou engatinhando, o suor brotando em gotas da testa, apesar do ar frio. Suas costas se chocaram contra uma rígida parede metálica; ele esgueirou-se colado nela até chegar a um canto do compartimento. Mergulhando em direção ao chão, encolheu as pernas bem de encontro ao corpo, esperando que os olhos se acostumassem logo à escuridão.

Com mais um solavanco, o compartimento moveu-se bruscamente para cima, como um velho elevador num poço de mina.

Sons ásperos de correntes e polias, como os ruídos de uma velha usina de aço em funcionamento, ecoaram pelo compartimento, abalando as paredes com um lamento vazio e distante. O elevador sem luz oscilava para a frente e para trás na subida, o que azedou seu estômago até lhe causar náuseas; um cheiro semelhante ao de óleo queimado invadia-lhe os sentidos, fazendo-o sentir-se pior. Teve vontade de chorar, mas as lágrimas não vinham; só lhe restava ficar ali sentado, sozinho, esperando.

“O meu nome é Thomas”, pensou.

Essa era a única coisa de que conseguia se lembrar sobre a própria vida.

Não entendia como podia ser possível. A mente funcionava sem falhas, tentando entender onde se encontrava e qual era a situação.

Informações desencontradas inundaram-lhe os pensamentos, fatos e imagens, lembranças e detalhes do mundo e de como as coisas eram. Imaginou a neve sobre as árvores, descendo por uma estrada coberta de folhas, comendo um hambúrguer, a lua lançando o seu brilho pálido sobre uma planície gramada, nadando em um lago, uma praça movimentada da cidade com centenas de pessoas preocupadas com os próprios problemas.

E ainda assim não sabia de onde vinha, ou como fora parar naquele elevador escuro, ou quem eram os seus pais. Nem sequer se lembrava do próprio sobrenome. Imagens de pessoas vieram de repente ao pensamento, mas não reconheceu ninguém, os rostos substituídos por manchas de tonalidades fantasmagóricas. Não era capaz de se recordar de ninguém que conhecesse nem de uma única conversa.

O compartimento continuava a subir, sacolejando; Thomas já não se importava com o incessante rangido das correntes que o puxavam para cima. Um longo tempo se passou. Os minutos viraram horas, embora fosse impossível saber com certeza o tempo transcorrido, já que cada segundo parecia uma eternidade. Não! Ele era mais esperto que aquilo. Confiando nos próprios instintos, concluiu que estivera subindo por cerca de meia hora.

Por mais estranho que parecesse, sentiu que o medo fora desaparecendo, tal qual um enxame de mosquitos levado pelo vento, deixando em seu lugar uma intensa curiosidade. Queria saber onde se encontrava e o que estava acontecendo.

Com um rangido seguido de um novo tranco, o compartimento ascendente estancou, a súbita mudança tirou Thomas de sua posição encolhida e o jogou sobre o chão duro. Quando conseguiu se levantar, sentiu que o lugar balançava cada vez menos, até que finalmente parou. Tudo mergulhou no silêncio.

Um minuto se passou. Dois. Ele olhava em todas as direções, mas via apenas a escuridão; apalpou as paredes de novo, procurando um jeito de sair. Porém não havia nada, apenas o metal frio. Gemeu de frustração; o eco de sua voz amplificou-se no vazio, como o lamento fantasmagórico da morte. Os ruídos foram sumindo aos poucos e o silêncio retornou.

Ele gritou, clamou por socorro, esmurrou as paredes.

Nada.

Thomas recuou para o canto outra vez, cruzou os braços e estremeceu. Então o medo voltou. Sentiu um frêmito de preocupação no peito, como se o coração quisesse escapar, fugir do corpo.

− *Alguém... me... ajude!* − gritou, cada palavra rasgando-lhe a garganta.

Um rangido estridente acima da sua cabeça o sobressaltou e, engolindo em seco assustado, olhou para cima. Uma linha reta de luz apareceu no teto do compartimento, e Thomas ficou observando enquanto ela se alargava. Um som pesado e desagradável revelou portas duplas de correr sendo abertas à força. Depois de tanto tempo na escuridão, a luz feria-lhe os olhos; ele desviou o olhar, cobrindo o rosto com as mãos.

Ouvia ruídos acima − vozes −, e o medo comprimiu-lhe o peito.

− Veja só aquele trolho.

– Quantos anos será que ele tem?

− Parece mais um plong de camiseta.

− Plong é você, cara de mértila.

− Meu, que cheiro de chulé lá embaixo!

− Tomara que tenha gostado do passeio só de vinda, Fedelho.

− Não tem passagem de volta, meu chapa.

Thomas foi tomado por uma onda de confusão, dominado pelo pânico. As vozes eram estranhas, como se tivessem eco; algumas palavras eram totalmente desconhecidas − outras pareciam familiares. De olhos semicerrados, fez um esforço para enxergar na direção da luz e daqueles que falavam. A princípio só conseguiu ver sombras se movendo, mas elas logo ganharam a forma de corpos − pessoas inclinadas sobre a abertura no teto, olhando para baixo na sua direção e apontando.

E então, como se as lentes de uma câmera tivessem encontrado o foco, as faces tornaram-se nítidas. Eram garotos, todos eles − alguns mais novos, outros mais velhos. Thomas não sabia o que esperar, mas ver aqueles rostos o confundiu. Eram apenas

adolescentes. Meninos. Alguns dos seus temores desapareceram, porém não o bastante para acalmar o coração acelerado.

Alguém jogou uma corda lá de cima, a extremidade amarrada em um grande laço. Thomas hesitou, depois enfiou o pé direito no laço e agarrou-se à corda enquanto era içado. Mãos estenderam-se para baixo, uma porção delas, alcançando-o, agarrando-o pelas roupas, puxando-o para cima. O mundo pareceu girar, uma névoa rodopiante de rostos, cores e luz. Uma tempestade de emoções fez seu estômago se contrair, contorcer, revirar; ele queria gritar, chorar, vomitar. Quando o puxaram pela borda áspera da caixa escura o coro de vozes silenciou, mas alguém falou. E Thomas teve certeza de que nunca esqueceria aquelas palavras.

− Legal conhecer você, trolho − disse o garoto. − Bem-vindo à Clareira.

2

As mãos que o puxaram só pararam de se agitar ao seu redor quando Thomas se levantou e sacudiu a poeira da camisa e da calça. Ainda atordoado pela claridade, hesitou um pouco. Estava morrendo de curiosidade, mas sentia-se muito enjoado para observar o local mais atentamente. Seus novos companheiros não disseram nada quando girou a cabeça de um lado para o outro, tentando assimilar tudo.

Enquanto dava uma volta em torno de si mesmo, os outros garotos riam dele e o encaravam; alguns estenderam a mão e cutucaram-no com o dedo. Deviam ser pelo menos uns cinquenta ao todo, as roupas sujas e amassadas, como se tivessem interrompido algum trabalho pesado, um garoto diferente do outro, de vários tamanhos e raças, os cabelos de comprimentos variados. De repente, Thomas sentiu-se atordoado, os olhos indo e voltando dos garotos para aquele lugar bizarro em que se encontrava.

Estavam em um vasto pátio, várias vezes maior do que um campo de futebol, cercado por quatro muros enormes de pedra cinzenta, cobertos por uma hera espessa que se espalhava em manchas desiguais. As paredes pareciam ter mais de cem metros de altura e formavam um quadrado perfeito ao redor daquele espaço. Cada lado era dividido exatamente ao meio por uma abertura tão alta quanto os próprios muros e que, até onde Thomas conseguia ver, levava a passagens e corredores compridos que se estendiam a perder de vista.

− Olhem só o Novato − zombou uma voz fanhosa, que Thomas não conseguiu distinguir de onde vinha. − Vai quebrar o pescoço de mértila inspecionando seu novo cafofo.

Vários garotos riram.

− Feche essa matraca, Gally − interveio uma voz mais grave.

Thomas procurou identificar alguém em meio às dezenas de estranhos ao seu redor. Sabia que devia parecer muito deslocado − sentia-se como se tivesse sido drogado. Um garoto alto, de cabelo louro e queixo quadrado, franziu o nariz na sua direção, o rosto inexpressivo. Um outro, baixinho e rechonchudo, inquietava-se, oscilando para a frente e para trás em pé, fixando Thomas com os olhos arregalados. Um jovem asiático, corpulento e musculoso, cruzou os braços enquanto analisava Thomas, a camisa justa e de mangas arregaçadas exibindo os bíceps. Um rapaz de pele escura franziu as sobrancelhas − o mesmo que lhe dera as boas-vindas. Vários outros o observavam.

− Onde estou? − quis saber Thomas, surpreso ao ouvir a própria voz pela primeira vez até onde conseguia se lembrar. Ela soava um pouco estranha... mais aguda do que tinha imaginado.

− Um lugar nada bom. − A resposta partiu do rapaz de pele escura. − Agora procure relaxar e acalmar-se.

− Que tipo de Encarregado ele vai dar? − gritou alguém de trás do grupo.

− Já disse, cara de mértila − uma voz estridente respondeu. − Ele é um plong, logo será um Aguadeiro... Não tenho a menor dúvida quanto a isso. − O garoto riu como se tivesse contado a piada mais engraçada do mundo.

Uma vez mais, Thomas sentiu uma pressão de ansiedade no peito − eram tantas palavras e expressões que não faziam sentido. *Trolho. Mértila. Encarregado. Aguadeiro.* Elas saíam tão naturalmente da boca dos garotos que parecia estranho ele não entender. Como se a sua perda de memória tivesse roubado um pedaço da sua compreensão − não entendia nada.

Diferentes emoções se chocavam em sua cabeça, atordoando a mente e sufocando o coração. Confusão. Curiosidade. Pânico. Medo. Mas todas essas emoções eram permeadas por uma sombria

sensação de desamparo absoluto, como se o mundo tivesse acabado para ele, como se tivesse sido arrancado de sua memória e substituído por algo sinistro. A sua vontade era sair correndo e se esconder daquela gente.

O garoto de voz fanhosa voltara a falar:

− ...ou nem mesmo isso; aposto o meu fígado. − Thomas ainda não conseguia ver o rosto dele.

− Eu disse, calem a matraca! − gritou o rapaz de pele escura. − Continuem tagarelando e vão ficar sem recreio!

Aquele devia ser o líder, concluiu Thomas. Detestando a maneira como caçoavam dele, procurou se concentrar em avaliar o lugar que o rapaz chamara de Clareira.

Adiante havia um pátio cujo chão era composto de enormes blocos de pedra, muitos deles rachados e entranhados de grama e ervas daninhas crescidas. Perto de um dos cantos do quadrado, uma estranha construção de madeira, meio decadente, contrastava completamente com as pedras acinzentadas. Era cercada por algumas árvores, as suas raízes parecidas com mãos encarquilhadas embrenhando-se no chão rochoso em busca de alimento. Em outro canto do conjunto via-se uma espécie de plantação − de onde se encontrava, Thomas reconheceu uns pés de milho, alguns tomateiros, árvores frutíferas.

Do outro lado do pátio, alinhavam-se currais de madeira, em que eram guardados ovelhas, porcos e vacas. Um bosque amplo ocupava todo o último canto; as árvores mais próximas parecendo um tanto enrugadas e à beira da morte. O céu acima deles não tinha nuvens, era muito azul, mas Thomas não viu nem sinal do sol, apesar da claridade do dia. As sombras difusas dos muros não revelavam a hora nem a direção dos raios solares − podia ser de manhã cedo ou final de tarde. Ele respirou fundo, numa tentativa de acalmar os nervos, e uma mistura de cheiros o invadiu. Lixo recente, estrume, perfume de pinheiros, um aroma podre e adocicado. De algum modo sabia que aqueles eram os cheiros de uma fazenda.

Thomas voltou-se para os seus captores, sentindo-se pouco à vontade, mas ao mesmo tempo desesperado para fazer perguntas. “Captores”, pensou. Depois refletiu: “Por que essa palavra surgiu na

minha cabeça?” Correu os olhos pelos rostos, apreendendo cada expressão, avaliando-os. Os olhos de um garoto, faiscando de ódio, o gelaram. O menino parecia tão cheio de raiva que Thomas não se surpreenderia se ele avançasse na sua direção com uma faca. Tinha o cabelo preto, e, quando os seus olhares se encontraram, o garoto abanou a cabeça e virou-se, aproximando-se de um poste de ferro todo besuntado, com um banco de madeira ao lado. Uma bandeira multicolorida pendia inerte do alto do poste, sem vento que revelasse o seu desenho.

Assustado, Thomas ficou mirando as costas do garoto até ele se virar para sentar-se no banco. Thomas rapidamente desviou o olhar.

De repente, o líder do grupo − talvez tivesse uns dezessete anos − deu um passo à frente. Usava roupas comuns: camiseta preta, jeans, tênis, relógio digital. Por alguma razão, Thomas surpreendia-se com as roupas que via; era como se cada um devesse estar usando algo mais ameaçador − como um uniforme de prisão. O rapaz moreno tinha o cabelo cortado curto, o rosto bem barbeado. Mas além das sobrancelhas sempre franzidas, não aparentava nada que causasse medo.

− É uma longa história, trolho − disse o rapaz. − Pouco a pouco, você vai descobrir... Vou conversar com você amanhã, no Passeio. Até lá, procure não quebrar nada. − Estendeu a mão. − Meu nome é Alby. − Ficou esperando, sem dúvida, para apertarem as mãos.

Mas Thomas não apertou a mão dele, os movimentos inibidos por um instinto desconhecido. Sem dizer nada, deu as costas a Alby e encaminhou-se até a árvore mais próxima, onde deixou-se afundar no chão, apoiando as costas de encontro à casca rugosa. Voltou a ser dominado por uma onda de pânico, forte quase a ponto de parecer insuportável. Mas respirou fundo e fez um esforço para aceitar a situação. “Deixa rolar”, pensou. “Não vai adiantar nada me entregar ao medo.”

− Então me conte − gritou depois, lutando para não entrecortar a voz. − Conte a longa história.

Alby olhou de relance para os amigos mais próximos e rolou os olhos para o alto. Thomas examinou o grupo outra vez. Quase acertara na primeira estimativa − devia haver, provavelmente, uns

cinquenta a sessenta deles, variando de meninos entrando na adolescência a jovens adultos, como Alby, que parecia ser um dos mais velhos. Naquele instante, com um frio na barriga, Thomas percebeu que não fazia a menor ideia de quantos anos *ele próprio* tinha. Sentiu um aperto no coração ao pensar nisso − estava tão perdido que nem sequer se lembrava da própria idade.

− Falando sério − insistiu, abandonando a pose de valente. − Onde é que eu estou?

Alby aproximou-se e sentou, cruzando as pernas; o bando de garotos o acompanhou e se aglomerou atrás. As cabeças se destacavam aqui e ali, os garotos inclinando-se em todas as direções para enxergar melhor.

− Se não estiver com medo − falou Alby −, então não é humano. Aja de maneira diferente e vou atirá-lo do Penhasco, porque isso significaria que é um louco.

− Penhasco? − repetiu Thomas, o sangue fugindo-lhe da face.

− Mértila − disse Alby, esfregando os olhos. − Agora não dá pra gente conversar sobre isso, está entendendo? Não matamos trolhos como você aqui, eu garanto. Só tente evitar *ser* morto, dê um jeito de sobreviver, sei lá.

Ele fez uma pausa e Thomas concluiu que o seu rosto devia ter empalidecido ainda mais ao ouvir a última parte.

− Cara − recomeçou Alby, depois passando as mãos pelo cabelo curto e soltando um longo suspiro. − Não sou muito bom pra essas coisas... você é o primeiro Novato desde que Nick foi morto.

Thomas arregalou os olhos enquanto outro jovem se aproximou e deu um tapinha de brincadeira na cabeça de Alby.

− Espere pelo maldito Passeio, Alby − sugeriu ele, a voz grossa com um sotaque estranho. − O garoto vai ter um ataque do coração, e nem ouviu toda a história ainda. − Ele inclinou-se e estendeu a mão para Thomas. − Meu nome é Newt, Fedelho, e seria bem legal pra todo mundo se desculpasse o nosso novo líder inteligência de plong aqui.

Thomas estendeu a mão e apertou a do rapaz − ele parecia muito mais amigável do que Alby. Newt era mais alto do que Alby também, mas devia ser cerca de um ano mais novo. Seu cabelo era louro e

comprido, caindo em ondas sobre a camiseta. As veias se dilatavam nos braços musculosos.

− Engula essa língua, cara de mértila − grunhiu Alby, puxando Newt para sentar-se ao seu lado. − Pelo menos ele consegue entender *metade* das minhas palavras. − Ouviram-se risinhos esparsos. Depois todos se juntaram atrás de Alby e Newt para ouvir o que eles estavam dizendo, diminuindo ainda mais o espaço.

Alby abriu os braços com as mãos espalmadas para o alto.

− Este lugar se chama Clareira, certo? É onde moramos, onde comemos, onde dormimos... chamamos a nós mesmos de Clareanos. Isso é tudo o que você...

− Quem me mandou para cá? − Thomas o interrompeu, o medo cedendo à raiva. − Como...?

Mas Alby foi mais rápido e, antes que Thomas pudesse terminar, agarrou-o pela gola à medida que se inclinava para a frente, apoiado sobre os joelhos.

− Levante-se, trolho, levante-se! − Alby ficou de pé, levando Thomas consigo.

Thomas finalmente conseguiu se levantar, de novo totalmente assustado. Encostou-se na árvore, tentando livrar-se de Alby, mas ele permaneceu na sua frente.

− Sem interrupções, garoto − bradou. − Seu mocorongo, se eu lhe contasse tudo, você morreria de medo, bem depois de se plongar nas calças. Os Embaladores o levariam e você não serviria mais de nada pra gente!

− Eu nem sei do que você está falando − respondeu Thomas devagar, impressionado ao perceber como sua voz soava serena.

Newt estendeu os braços e segurou Alby pelos ombros.

− Alby, pega leve. Está mais assustando do que ajudando, sabia?

Alby soltou a gola de Thomas e deu um passo para trás, o peito arfando, a respiração tensa.

− Não tenho tempo para ser legal, Novato. A vida anterior acabou, uma nova começa. Aprenda logo as regras, ouça, não fale. Está me entendendo?

Thomas olhou para Newt, buscando ajuda. Tudo dentro dele se remexia e doía; as lágrimas, querendo brotar, faziam os olhos arder.

Newt acenou com a cabeça.

− Fedelho, você entendeu o que ele disse, certo? − Acenou de novo.

Thomas fungou, querendo esmurrar alguém. Mas simplesmente cedeu.

− Entendi.

− Bom isso − admitiu Alby. − Primeiro Dia. Isso é o que hoje é para você, trolho. A noite está chegando, os Corredores voltarão logo. A Caixa veio tarde hoje, não temos tempo para o Passeio. Amanhã de manhã, logo depois de acordar... − Ele se virou para Newt. − Arranje uma cama para ele, faça com que durma.

− Bom isso − concordou Newt.

Alby olhou mais uma vez para Thomas, os olhos semicerrados.

− Em poucas semanas, você estará feliz, trolho. Estará feliz e ajudando. Nenhum de nós tinha noção de nada no Primeiro Dia, assim como você. A nova vida começa amanhã.

Alby voltou-se e abriu caminho pelo meio do grupinho, depois se encaminhou para a decadente construção de madeira no canto. A maioria dos garotos se dispersou, cada um lançando a Thomas um olhar demorado antes de se afastar.

Thomas cruzou os braços, fechou os olhos e respirou fundo. O vazio que tomara conta do seu ser rapidamente foi substituído por uma tristeza aguda. Aquilo era demais − onde estava? Que lugar era aquele? Seria algum tipo de prisão? Nesse caso, por que fora mandado para lá, e por quanto tempo? Os garotos falavam de um jeito estranho, e nenhum deles parecia se importar se ia viver ou morrer. Outra vez, as lágrimas ameaçaram encher-lhe os olhos, mas ele se recusou a deixar que viessem.

− O que foi que eu fiz? − sussurrou, ainda que suas palavras não se dirigissem a ninguém. − O que foi que eu fiz... por que me mandaram para cá?

Newt deu-lhe um tapinha no ombro.

− Fedelho, isso que está sentindo todos nós já sentimos. Todos tivemos o Primeiro Dia, ao sair daquela caixa escura. As coisas são ruins, são mesmo, e ficarão muito piores para você em breve, essa é a verdade. Mas, depois de algum tempo, vai se sentir mais

conformado e satisfeito. Posso garantir que você não é um maldito maricas.

− Isto aqui é uma prisão? − quis saber Thomas; vasculhou na escuridão dos seus pensamentos, procurando uma falha cometida no passado.

− Já terminou com as perguntas? − replicou Newt. − De qualquer maneira, as respostas não são boas para você, ainda não. O melhor é se acalmar agora, aceitar a mudança... Amanhã vai ser outro dia.

Thomas não disse nada, baixou a cabeça, os olhos pregados no chão rochoso, rachado. Uma fileira de ervas de folhas miúdas corria pela borda de um dos blocos de pedra, com florzinhas amarelas abertas como se buscassem o sol que há muito desaparecera atrás dos muros enormes da Clareira.

− O Chuck vai ser bom para você − disse Newt. − Ele é um trolho um pouco gordo, mas no fundo é legal. Espere aqui, volto logo.

Newt mal acabara de falar quando um grito lancinante atravessou o ar de repente. Sonoro e arrepiante, um gemido que mal parecia humano ecoou pelo pátio de pedras; todos os garotos em seu campo de visão voltaram-se para olhar na direção de onde partira. Thomas sentiu o sangue gelar nas veias ao perceber que o som horrível viera da construção de madeira.

Até mesmo Newt parara assustado, a testa franzida de apreensão.

− Mértila − disse ele. − Será que os malditos Socorristas não conseguem controlar aquele garoto por dez minutos sem a minha ajuda? − Abanou a cabeça e deu um chutinho no pé de Thomas. − Encontre o Chuck, diga que ele está incumbido de arranjar um lugar para você dormir. − Então voltou-se e saiu correndo rumo à construção.

Thomas escorregou de encontro ao tronco rugoso da árvore até sentar-se novamente no chão. Encolheu-se, apoiando as costas contra a madeira. Fechou os olhos, só querendo acordar daquele pesadelo horrível.

3

Thomas ficou ali sentado por vários minutos, esgotado demais para se mexer. Finalmente, obrigou-se a olhar para o edifício decadente. Um grupo de garotos aglomerava-se do lado de fora, olhando ansiosos para as janelas superiores como se esperassem que um monstro horrendo saltasse para fora em meio a uma explosão de vidros e madeira.

Um tilintar metálico entre os galhos acima chamou-lhe a atenção, atraindo seu olhar; um raio de luz prateada e vermelha capturou seus olhos imediatamente antes de desaparecer do outro lado do tronco. Ele se levantou e deu a volta na árvore, esticando o pescoço em busca de um sinal do que acabara de ouvir, mas só encontrou galhos nus, cinzentos e marrons, abrindo-se em forquilhas como dedos esqueléticos − e parecendo vivos.

− Isso foi um daqueles besouros mecânicos − disse alguém.

Thomas virou-se para a direita e encontrou um garoto em pé ao seu lado, baixo e rechonchudo, olhando na sua direção. Ele era bem jovem − provavelmente o mais novo de todo o grupo, pelo menos dos que ele conhecera até então, talvez com uns doze ou treze anos de idade. O cabelo castanho caía-lhe sobre as orelhas e o pescoço, roçando os ombros. Os olhos azuis brilhavam num rosto triste, fofo e corado.

Thomas fez um sinal para ele com um movimento de cabeça.

− Besouro... o quê?

− Besouro mecânico − repetiu o garoto, apontando para o alto da árvore. − Não fazem mal nenhum, a menos que você seja burro o

bastante para encostar num deles. − Fez uma pausa. − Trolho. − Não pareceu à vontade dizendo essa última palavra, como se não tivesse entendido direito a gíria da Clareira.

Outro grito, dessa vez longo e arrepiante, rasgou o ar, e Thomas sentiu o coração parar. O medo espalhava-se como uma capa gelada sobre a sua pele.

− O que está acontecendo lá? − perguntou, apontando para o edifício.

− Sei lá − o menino rechonchudo respondeu; a sua voz ainda tinha os agudos esganiçados da infância. − O velho Benny está lá, sofrendo como um cão. *Eles* o pegaram.

− Eles? − Thomas não gostou do tom malicioso com que o garoto pronunciara a palavra.

− É.

− Quem são *Eles?*

− Melhor que você nunca descubra − respondeu o garoto, parecendo à vontade demais na situação. Ele estendeu a mão. − Eu sou Chuck. Eu era o Novato até você aparecer.

"É esse o meu guia esta noite?", pensou Thomas. Mal conseguia superar o mal-estar extremo e agora já começava a se irritar. Nada fazia sentido; a cabeça doía.

− Por que todo mundo está me chamando de Novato? − quis saber, ao apertar rapidamente a mão de Chuck, logo soltando-a.

− Porque você é o mais novo Calouro. − Chuck apontou para Thomas e riu. Outro grito partiu da casa, como se viesse de um animal faminto sendo torturado.

− Como pode estar rindo? − revoltou-se Thomas, horrorizado com o ruído. − Parece que alguém está morrendo lá.

− Ele vai ficar bem. Ninguém morre se conseguem trazê-lo a tempo para aplicar o Soro. É tudo ou nada. Morto ou vivo. Só que dói bastante.

Thomas pensou depressa.

− O que dói bastante?

Chuck desviou o olhar como se não soubesse ao certo o que dizer.

− Hã... ser picado pelos Verdugos.

− Verdugos? − Thomas estava ficando cada vez mais confuso. *Picado. Verdugos.* As palavras transmitiam tanto medo que de repente não sabia se queria saber sobre o que Chuck estava falando.

Chuck deu de ombros, depois desviou o olhar e rolou os olhos para o alto.

Thomas suspirou frustrado e abandonou-se de encontro à árvore.

− Parece que você sabe pouco mais do que eu − disse, mas com certeza aquilo não era verdade. A sua perda de memória era estranha. Conseguia se lembrar de muita coisa da vida, porém faltavam os dados específicos, os rostos, os nomes. Como um livro intacto, mas em que faltasse uma palavra a cada dez, tornando a leitura cansativa e confusa. Ele nem sequer sabia a própria idade. − Chuck, quantos... quantos anos você acha que eu tenho?

O garoto olhou-o de cima a baixo.

− Eu diria uns dezesseis. E para o caso de estar em dúvida... um metro e oitenta... cabelos castanhos. Ah, e feio como um churrasquinho de fígado torrado. − Ele deu uma risada.

Thomas estava tão atordoado que nem ouviu a última parte. Dezesseis? Tinha *dezesseis* anos? Sentia-se muito mais velho do que isso.

− Está falando sério? − Fez uma pausa, procurando as palavras. − Como... − Nem mesmo sabia o que perguntar.

− Não se preocupe. Vai ficar meio chapado nos primeiros dias, mas logo vai se acostumar com o lugar. Eu me acostumei. Vivemos aqui, só isso. Melhor do que viver num monte de plong. − Ele deu uma piscada, como que prevendo a próxima pergunta de Thomas. − *Plong* é outra palavra para cocô. O cocô faz plong quando cai no vaso...

Thomas olhou para Chuck, incapaz de acreditar que estava tendo aquela conversa.

− Legal − foi tudo o que conseguiu dizer. Levantando-se, passou por Chuck em direção ao edifício decadente; *choça* seria um nome melhor para aquele lugar. Parecia ter três ou quatro andares de altura e estar prestes a desabar a qualquer momento − um amontoado maluco de troncos e tábuas presos com cordas, as

janelas parecendo ter sido dispostas a esmo, os imensos muros de pedra cobertos de hera elevando-se por trás. Enquanto atravessava o pátio, o cheiro penetrante de uma fogueira e de algum tipo de carne assada fez o seu estômago contrair. Saber agora que os gritos vinham apenas de um garoto com dores foi um certo alívio para Thomas. Até pensar no que causara a dor...

− Qual é o seu nome? − indagou Chuck atrás dele, correndo para alcançá-lo.

− O quê?

− O seu *nome*! Ainda não nos contou... e sei que isso você deve se lembrar muito bem.

− Thomas. − Ele mal ouviu a si próprio... os seus pensamentos corriam em outra direção. Se Chuck estivesse certo, acabara de descobrir uma ligação com os outros garotos. Um padrão comum de perda de memória. Todos se lembravam do próprio nome. Por que não do nome dos pais? Por que não do nome dos amigos? Por que não do *sobrenome*?

− Legal conhecê-lo, Thomas − falou Chuck. Não precisa se preocupar, vou tomar conta de você. Cheguei há um mês e conheço tudo isso aqui. Você pode confiar no Chuck, certo?

Thomas estava quase chegando à porta da frente da choça e ao pequeno grupo de garotos aglomerados ali quando foi tomado por um repentino e surpreendente acesso de raiva. Virou-se para encarar Chuck.

− Você nem consegue me contar nada. Não diria que isso é tomar conta de mim.

Ele se voltou em direção à porta, com a intenção de entrar e encontrar algumas respostas. De onde tirara a coragem e a determinação súbitas não fazia a menor ideia.

Chuck encolheu os ombros.

− Nada do que eu disser vai fazer você se sentir melhor − falou. − Basicamente, ainda sou um Calouro também. Mas posso ser seu amigo...

− Não preciso de amigos − Thomas o interrompeu.

Chegou à porta, uma lousa de madeira sombria e desgastada pelo sol, então abriu-a para ver vários garotos de expressão séria

esperando ao pé de uma escada torta, os degraus e corrimãos retorcidos e virados em todas as direções. As paredes da entrada e do corredor eram forradas com papel escuro já descascando em alguns pontos. Os únicos elementos decorativos à vista eram um vaso empoeirado sobre uma mesa de três pernas e um retrato em preto e branco de uma mulher idosa usando um vestido branco fora de moda. Aquilo lembrou a Thomas uma casa mal-assombrada de um filme ou coisa parecida. Faltavam até mesmo tábuas do assoalho.

O lugar recendia a poeira e bolor − um grande contraste com os aromas agradáveis do lado de fora. Luzes fluorescentes piscantes brilhavam no teto. Não tinha pensado nisso ainda, mas ficou se perguntando de onde vinha a eletricidade em um lugar como a Clareira. Olhou para a senhora na fotografia. Teria morado ali um dia? Teria cuidado daquelas pessoas?

− Ei, olhem, é o Novato − falou um dos rapazes mais velhos.

Sobressaltado, Thomas percebeu que era o garoto de cabelos pretos que lhe dirigira aquele olhar sinistro na chegada. Parecia ter uns quinze anos, era alto e magro. O nariz, do tamanho de um pequeno punho, lembrava uma batata deformada.

− Esse trolho provavelmente deve ter plongado nas calças quando ouviu o velho Benny gritar como uma menina. Está precisando trocar a fralda, cara de mértila?

− O meu nome é Thomas. − Tinha de se safar daquele cara. Sem mais palavras, encaminhou-se para a escada, só porque ela estava próxima, só porque não tinha a menor ideia do que fazer ou dizer. Mas o importuno postou-se na sua frente, levantando a mão.

− Alto lá, Fedelho. − Apontou com o dedo para o andar de cima. − Os Calouros não têm permissão para ver alguém que foi... *pego*. Newt e Alby não deixam.

− Qual é o seu problema? − reagiu Thomas, tentando não revelar o medo na voz, tentando não pensar no que o garoto quisera dizer com *pego*. − Nem mesmo sei onde estou. Só estou procurando ajuda.

− Escute aqui, Novato. − O garoto enrugou a face, cruzando os braços. − Já vi você antes. Alguma coisa cheira mal em você e vou

descobrir o que é.

Uma onda de calor percorreu as veias de Thomas.

− Nunca vi você em toda a minha vida. Não faço ideia de quem você é, e não me interessa saber − desfechou. Mas de fato como ele saberia? E como aquele garoto podia lembrar-se *dele*?

O valentão soltou uma risadinha misturada com um bafo de catarro. Depois ficou sério, cerrando as sobrancelhas.

− Eu.. *vi* você, trolho. Não há muitos neste lugar que podem dizer que foram picados. − Ele apontou para o alto da escada. − Eu fui. E sei o que o Ben está passando. Já estive lá. E vi *você* durante a Transformação. − Estendeu a mão e bateu no peito de Thomas. − E aposto a sua primeira refeição do Caçarola que o Benny vai dizer a mesma coisa também.

Thomas recusou-se a desviar o olhar, mas decidiu não dizer nada. O pânico começava a devorá-lo de novo. Será que as coisas nunca iam parar de piorar?

− Os Verdugos já o fizeram molhar as calças? − o garoto indagou com um sorriso irônico. − Está um pouquinho assustado agora? Não quer ser *picado*, né?

Lá vinha aquela palavra de novo. *Picado*. Thomas tentou não pensar nela e apontou para a escada, de onde os gemidos do garoto doente ecoavam pelo prédio.

− Se o Newt está lá em cima, então quero falar com ele.

O garoto não disse nada, limitou-se a olhar para Thomas por vários segundos. Então balançou a cabeça.

− Quer saber? Você está certo, Tommy Eu não devia me preocupar tanto com os Calouros. Suba lá e tenho certeza de que Alby e Newt vão deixar você por dentro de tudo. Sério, pode ir. Me desculpe.

Deu um tapinha nas costas de Thomas e afastou-se para o lado, fazendo um gesto em direção à escada. Mas Thomas sabia que o garoto estava tramando alguma coisa. Não é porque alguém perde parte da memória que se transforma em um idiota.

− Qual é o seu nome? − indagou Thomas, para ganhar tempo enquanto decidia se deveria subir ou não.

− Gally. E não se deixe enganar por ninguém. Sou eu quem realmente manda aqui, não as duas velhotas trolhas lá em cima. Eu. Pode me chamar de Comandante Gally se quiser. − Sorriu pela primeira vez; os dentes combinando com o nariz desagradável. Faltavam uns dois ou três e nenhum deles nem de longe tinha algo de cor branca. A respiração que ele deixou escapar foi o bastante para Thomas sentir o bafo, fazendo-o lembrar-se de algo horrível na memória que não conseguia identificar. Aquilo fez o seu estômago revirar.

− Tudo bem − disse, com tanto nojo do garoto que teve vontade de gritar e dar-lhe um murro na cara. − Comandante Gally então. − Fez uma continência exagerada, sentindo uma descarga de adrenalina ao perceber que havia passado do limite.

Umas risadinhas escaparam do grupo e Gally olhou em volta, o rosto vermelho. Voltou a encarar Thomas, a raiva encrespando as suas sobrancelhas e enrugando o nariz monstruoso.

− Apenas suba a escada − falou Gally. − E fique longe de mim, cabeção. − Apontou de novo para o alto, mas não tirou os olhos de Thomas.

− Ótimo. − Thomas olhou ao redor uma vez mais, embaraçado, confuso, com raiva. Sentia o calor do sangue no rosto. Ninguém esboçou um movimento para impedi-lo de fazer o que Gally pedia, a não ser Chuck, que permaneceu na porta da frente balançando a cabeça.

− Não deve fazer isso − falou o garoto mais novo. − Você é um Calouro... não pode subir lá.

− Vá − disse Gally com um sorriso. − Suba lá.

Thomas arrependeu-se muito de ter entrado − mas *realmente* queria falar com Newt.

Começou a subir a escada. Cada degrau rangia e estalava sob o seu peso; ele poderia ter parado por causa do medo de cair por entre a madeira podre não fora pela situação incômoda que deixara lá embaixo. Continuou subindo, encolhendo-se a cada rangido da madeira. A escada dava num patamar depois do primeiro lance, virava à esquerda, depois chegava a um corredor com corrimãos

que levava a diversos quartos. Só de uma porta saía luz pelo vão do batente inferior.

− A Transformação! − gritou Gally lá de baixo. − Procure por ela, cara de mértila!

Como se o sarcasmo de Gally lhe desse um ímpeto repentino de coragem, Thomas aproximou-se da porta acesa, ignorando os rangidos das tábuas do assoalho e as risadas lá embaixo − sem prestar atenção à chuva de palavras que não entendia, reprimindo os temores que elas induziam nele. Chegando, virou a maçaneta de latão e abriu a porta.

Dentro do quarto, Newt e Alby estavam inclinados sobre alguém deitado em uma cama.

Thomas aproximou-se um pouco para saber do que se tratava, mas quando conseguiu ver o estado do paciente, seu coração esfriou. Precisou conter o acesso de vômito que subiu pela garganta.

A visão foi rápida − de apenas alguns segundos −, mas o bastante para assombrá-lo para sempre. Uma figura pálida e retorcida, contorcendo-se em agonia, o peito nu e horrendo. Os fios esticados e rígidos das veias esverdeadas de forma doentia espalhavam-se como teias por todo o corpo e membros do garoto, como cordas sob a pele. Estava coberto por hematomas arroxeados, brotoejas avermelhadas, arranhões sangrentos. Os olhos injetados de sangue saltavam das órbitas, como se pulsassem. A imagem já se fixara na mente de Thomas quando Alby deu um salto, bloqueando a visão, mas não os gemidos e os gritos, empurrando-o para fora do quarto e batendo a porta atrás dos dois.

− O que está fazendo aqui, Fedelho?! − gritou Alby, os lábios esticados de raiva, os olhos em brasa.

Thomas sentia-se fraco.

− Eu... hã... queria algumas respostas − murmurou, mas não conseguia imprimir força às palavras, sentindo-se arrasado por dentro. O que havia de errado com aquele garoto? Thomas apoiou-se no corrimão do corredor e olhou para a porta, sem saber o que fazer.

− Leve essa cara de anão lá pra baixo agora mesmo − ordenou Alby. − Chuck vai lhe dizer o que fazer. Não quero mais ver você até amanhã cedo. Se por acaso encontrá-lo antes disso, será um homem morto. Atiro você do Penhasco eu mesmo, está me entendendo?

Thomas estava humilhado e apavorado. Sentiu que encolhia até ficar do tamanho de um camundongo. Sem dizer uma palavra, passou por Alby e encaminhou-se para os degraus rachados, andando o mais rápido que pôde. Ignorando os olhares embasbacados de todos lá embaixo − especialmente de Gally − foi direto para a porta, puxando Chuck pelo braço quando o alcançou.

Thomas odiou aqueles caras. Odiou todos eles. Exceto Chuck.

− Me leve para longe desses caras − pediu Thomas, concluindo que Chuck poderia ser, de fato, o seu único amigo no mundo.

− Você é quem manda − respondeu Chuck, a voz animada, como se gostasse de ser útil. − Mas primeiro deveríamos conseguir alguma coisa para comer com o Caçarola.

− Acho que nunca mais vou querer comer nada. − Não depois do que acabara de ver.

Chuck inclinou a cabeça concordando.

− Ah, vai, sim. Encontro com você na mesma árvore de antes. Dez minutos.

Thomas sentiu-se mais do que satisfeito em se afastar da casa e voltou para a árvore. Só havia estado ali por um curto tempo e já queria que tudo acabasse. O que mais desejava no mundo era se lembrar de algo sobre a sua vida anterior. Qualquer coisa. Sua mãe, seu pai, um amigo, a escola, um passatempo. Uma garota.

Piscou várias vezes com dificuldade, tentando tirar da cabeça a imagem que acabara de presenciar na choça.

A Transformação. Gally chamara aquilo de Transformação.

Não estava frio, mas Thomas tremeu mais uma vez.

4

Thomas recostou-se na árvore enquanto esperava por Chuck. Correu os olhos pelo território da Clareira, o novo local de pesadelos onde parecia destinado a viver. As sombras dos muros tinham aumentado consideravelmente de comprimento, já alcançando as laterais das faces de pedra recobertas de hera do outro lado.

Pelo menos isso o ajudava a perceber as direções − o edifício de madeira inclinado no canto noroeste, encravado em um retalho de sombra escurecida, o bosque no sudoeste. A região da fazenda, onde alguns trabalhadores ainda atravessavam os campos, espalhava-se por toda a parte nordeste da Clareira. Os animais ficavam no canto sudeste, mugindo, cocoricando e balindo.

No meio exato do pátio, o fosso da Caixa continuava aberto, como se o estivessem convidando a saltar para dentro e voltar para casa. Ali perto, uns seis metros ao sul, via-se um edifício atarracado feito de blocos grosseiros de concreto, tendo como única entrada uma porta de aço ameaçadora − lá não se viam janelas. Uma grande maçaneta redonda que lembrava uma roda de leme de aço assinalava a única maneira de abrir a porta, assim como em um submarino. Apesar do que acabara de ver, Thomas não sabia qual sensação era mais forte − a curiosidade sobre o que havia lá dentro ou o medo de descobrir a resposta.

Thomas acabara de voltar sua atenção para as quatro imensas aberturas no meio dos muros principais da Clareira quando Chuck chegou, com dois sanduíches, maçãs e duas canecas de metal com

água. A sensação de alívio que percorreu seu corpo surpreendeu Thomas − ele não estava *completamente* sozinho naquele lugar.

− O Caçarola não gostou muito que eu invadisse a cozinha dele antes da hora do jantar − informou Chuck, sentando-se junto à árvore, sugerindo com um sinal que Thomas fizesse o mesmo. Ele sentou, pegou o sanduíche, mas hesitou, a imagem retorcida e monstruosa que vira na choça voltando a pulular em seus pensamentos. Logo, porém, a fome levou a melhor e ele deu uma boa mordida. Os sabores maravilhosos de presunto, queijo e maionese encheram a sua boca.

− Ah, cara − murmurou Thomas de boca cheia. − Eu estava morrendo de fome.

− Bem que eu lhe falei. − Chuck mastigou o sanduíche.

Depois de mais alguns bocados, Thomas finalmente fez a pergunta que vinha torturando os seus pensamentos:

− O que há de *errado* com o tal Ben? Ele nem parecia mais humano.

Chuck olhou de relance para a casa.

− Na verdade, eu não sei − murmurou, distante. − Não o vi.

Thomas desconfiou que o garoto não estava dizendo a verdade, mas decidiu não pressioná-lo.

− Bem, você não ia querer vê-lo, pode acreditar.

Continuou a comer, mastigando as maçãs enquanto examinava as imensas aberturas nos muros. Embora fosse difícil de ver direito dali onde estava, havia algo de estranho nas bordas de pedra das saídas para os corredores externos. Ele teve uma desagradável sensação de vertigem ao olhar para os muros muito altos, como se pairasse acima deles em vez de estar sentado na sua base.

− O que tem lá? − perguntou, quebrando o silêncio. − Isso aqui faz parte de um imenso castelo ou coisa parecida?

Chuck hesitou. Parecia pouco à vontade.

− Hã, nunca estive do lado de fora da Clareira.

Thomas fez uma pausa.

− Você está escondendo alguma coisa − disse finalmente, enquanto dava a última mordida na maçã e tomava um longo gole de água. A frustração de não conseguir respostas de ninguém

estava começando a lhe dar nos nervos. E era ainda pior pensar que até mesmo se *conseguisse* as respostas, não saberia se estaria obtendo a verdade. − Por que vocês guardam tantos segredos?

− É assim mesmo. As coisas são realmente muito estranhas por aqui e a maioria não sabe tudo. Nem a *metade* de tudo.

O que incomodava Thomas era que Chuck não parecia se importar com o que dizia. Como se lhe fosse indiferente que lhe tirassem a vida que tinha. O que havia de errado com aqueles caras? Thomas levantou-se e começou a andar na direção da saída para o leste.

− Bem, ninguém disse que eu não poderia dar uma olhada por aí. − Ele precisava descobrir alguma coisa ou ficaria maluco.

− Ei, espere! − gritou Chuck, correndo para alcançá-lo. − Tome cuidado, está quase na hora daquelas coisas fecharem. − Ele já parecia sem fôlego.

− Fechar? − repetiu Thomas. − Do que você está falando?

− Das Portas, seu trolho.

− Portas? Não vejo nenhuma porta. − Thomas sabia que Chuck não estava enrolando, sabia que ele, Thomas, não estava entendendo algo que parecia óbvio. Ficou meio sem graça e percebeu que diminuíra o passo, já não tão ansioso para chegar aos muros.

− Como você chamaria aquelas grandes aberturas? − Chuck apontou para os espaços imensamente altos entre os muros. Estavam a apenas uns dez metros de distância no momento.

− Eu chamaria de *grandes aberturas* − arriscou Thomas, tentando disfarçar o seu mal-estar com sarcasmo e ficando decepcionado por não funcionar.

− Bem, elas são as *portas.* E fecham todas as noites.

Thomas parou, pensando que Chuck devia ter dito algo errado. Olhou para cima, depois para os lados, examinou as imensas lajes de pedra com uma sensação incômoda transformando-se em puro medo.

− O que quer dizer com “elas fecham”?

− Veja você mesmo em um minuto. Os Corredores vão voltar já; então essas paredes enormes vão começar a se *mover* até que as

passagens estejam fechadas.

− Você tem um parafuso a menos − murmurou Thomas. Não conseguia entender como aqueles muros colossais poderiam se mover... Tinha tanta certeza disso que relaxou, pensando que Chuck estivesse pregando uma peça nele.

Chegaram à imensa abertura que levava ao exterior, para mais caminhos de pedra. Thomas engoliu em seco, ficando sem pensamentos quando viu aquilo pela primeira vez.

− Esta é chamada de Porta Leste − informou Chuck, como se descortinasse orgulhoso uma obra de arte que ele mesmo criara.

Thomas mal o ouvia, chocado com o tamanho daquilo, muito maior quando visto de perto. Com pelo menos uns seis metros da largura, a passagem no muro ia até o alto, até perder de vista. As bordas que margeavam a imensa abertura eram lisas, a não ser por um desenho peculiar, que se repetia de ambos os lados. Do lado esquerdo da Porta Leste, existiam orifícios profundos de vários centímetros de diâmetro e espaçados uns trinta centímetros entre si escavados na rocha, começando próximo ao chão e continuando até o alto. Já no lado direito, havia protuberâncias como cones, que se projetavam da borda do muro, também com vários centímetros de diâmetro, no mesmo desenho dos orifícios da face oposta. O propósito era óbvio.

− Está falando sério? − exclamou Thomas, o medo contraindo o seu estômago. − Não está brincando comigo? Os muros realmente *se movem*?

− O que foi que eu disse?

Thomas ficou um bom tempo matutando sobre como aquilo podia acontecer.

− Não sei. Imaginei que houvesse uma porta que fechasse ou um muro menor que deslizasse de dentro do maior. Como esses muros podem se mover? Eles são imensos, e parecem estar fixos no solo há milhares de anos! − E a ideia de aqueles muros se fecharem e enclausurarem dentro deles o que chamavam de Clareira era aterrorizante.

Chuck jogou os braços para cima para enfatizar a sua frustração.

− Não sei como, mas eles simplesmente se movem. Fazem a gente se encolher com o seu rangido. A mesma coisa acontece lá fora no Labirinto... Aqueles muros também mudam de lugar todas as noites.

De repente, desperto por esse novo detalhe, Thomas voltou-se para o garoto mais novo.

− O que foi que acabou de dizer?

− Hã?

− Você falou num labirinto... disse: “A mesma coisa acontece lá no *labirinto”*.

Chuck enrubesceu.

− Pra mim já chega. Agora chega. − Ele caminhou de volta à arvore de onde tinham partido.

Thomas ignorou-o, mais interessado do que nunca na parte de fora da Clareira. Um *labirinto*? Na frente dele, através da Porta Leste, era capaz de imaginar passagens que levavam ora para a esquerda, ora para a direita e também para a frente. E as paredes dos corredores eram semelhantes àquelas que contornavam a Clareira, o chão feito dos mesmos imensos blocos de pedra do pátio. A hera parecia ainda mais densa lá. À distância, mais intervalos nos muros levavam a outros caminhos, e mais à frente, talvez a cem metros ou mais, a passagem reta chegava a um beco sem saída.

− Parece mesmo um labirinto − sussurrou Thomas, quase rindo para si mesmo. Como se as coisas não pudessem se tornar mais estranhas. Tinham lhe tirado a memória e o haviam colocado em um labirinto gigantesco. Era tão louco que até parecia engraçado.

Seu coração deu uma batida a menos quando um garoto apareceu de maneira inesperada ao redor de um canto à frente, entrando na passagem principal de uma das saídas à direita, correndo na direção dele e da Clareira. Coberto de suor, o rosto vermelho, as roupas grudadas no corpo, o garoto não diminuiu a velocidade, mal olhando para Thomas quando passou. Foi direto para o edifício atarracado de concreto localizado perto da Caixa.

Thomas virou-se quando ele passou, acompanhando com o olhar o Corredor exausto, sem saber por que esse novo acontecimento o

surpreendia tanto. Por que as pessoas não *saíam* para percorrer o labirinto? Então percebeu que outros entravam pelas três aberturas restantes da Clareira, todos correndo e parecendo tão apressados quanto o garoto que acabara de passar por ele. Pelo jeito que aqueles caras voltavam tão cansados e desgastados, as coisas não deviam ser muito fáceis no labirinto.

Curioso, observou quando eles chegaram à grande porta de ferro do pequeno edifício; um dos garotos girou a maçaneta em forma de roda, gemendo com o esforço. Chuck dissera algo sobre os Corredores antes. O que eles iam fazer lá fora?

A grande porta finalmente cedeu e, com um rangido abafado de metal contra metal, os garotos a abriram completamente. Então desapareceram no interior, fechando-a atrás de si com um ruído alto. Thomas ficou olhando, a mente fervilhando para tentar encontrar alguma explicação possível para o que acabara de testemunhar. Nada mudara, mas algo sobre aquele velho edifício decadente dava-lhe sobressaltos, um calafrio inquietante.

Alguém puxou-o pela manga da camisa, tirando-o dos seus pensamentos; era Chuck de novo.

Antes de ter uma chance de pensar, as perguntas correram para a sua boca.

− Quem são aqueles caras e o que estavam fazendo? O que tem naquele prédio? − Girou nos calcanhares e apontou para a Porta Leste. − E por que vocês moram dentro de um labirinto esquisito? − Ele sentia a pressão da dúvida fustigá-lo, fazendo a sua cabeça rachar de dor.

− Não vou dizer mais nenhuma palavra − retrucou Chuck, com uma autoridade nova na voz. − Acho que você precisa ir cedo para a cama... Vai precisar dormir. Ah!... − Ele parou, levantou um dedo, coçando a orelha direita. − Vai acontecer agora.

− O quê? − indagou Thomas, achando um pouco estranho que Chuck estivesse de repente agindo como um adulto e não como o menino desesperado por um amigo que fora até uns instantes atrás.

Um estrondo alto elevou-se no ar, fazendo Thomas saltar. O barulho foi seguido de um hediondo som áspero e arrastado. Ele recuou apalermado, caiu no chão. Era como se a terra inteira fosse

sacudida; ele olhou ao redor em pânico. Os muros estavam se fechando. Os muros estavam *realmente* se fechando − prendendo-os dentro da Clareira. Uma repentina sensação de claustrofobia o enrijeceu, comprimindo os seus pulmões, como se as suas cavidades se enchessem de água.

− Calma, Fedelho − Chuck gritou acima do ruído. − São só os muros!

Thomas mal o ouvia, fascinado demais, abalado demais com o fechamento das Portas. Levantou-se e deu alguns passos trêmulos para trás para observar melhor, achando difícil acreditar no que os seus olhos estavam vendo.

O muro enorme de pedra à direita deles parecia desafiar todas as leis da física conhecidas ao deslizar sobre o chão, lançando faíscas e poeira enquanto se movia, rocha contra rocha. O som esmagador fazia os seus ossos tremerem. Thomas percebeu que *só aquele* muro estava se movendo, encaminhando-se para o seu vizinho da esquerda, pronto para se fechar totalmente com os bastões salientes de um lado introduzindo-se nos orifícios escavados do outro. Ele olhou para as outras aberturas. A sua cabeça parecia girar mais rápido do que o corpo, e a tontura lhe deu um nó no estômago. Dos quatro lados da Clareira, só os muros da direita se moviam, para a esquerda, fechando os vãos das Portas.

“Impossível”, pensou. “Como eles conseguem fazer isso?” Precisou lutar contra o impulso de correr até lá, esgueirar-se por entre as lajes das rochas em movimento antes que uma se fechasse sobre a outra, fugir da Clareira. O bom senso venceu − o labirinto guardava ainda mais segredos do que a situação dele ali dentro.

Tentou imaginar como a estrutura toda funcionava. Imensos muros de pedra, com mais de cem metros de altura, movendo-se como portas de vidro deslizantes − uma imagem da sua vida passada que voltou numa fração de segundo aos seus pensamentos. Tentou reter a lembrança, prendê-la, completá-la com rostos, nomes, um lugar, mas tudo se perdeu na escuridão. Uma tristeza doída insinuou-se naquele redemoinho de emoções. Ele observou como o muro da direita chegava ao fim do seu percurso, os bastões de ligação encontrando a posição e entrando sem uma falha. Um estrondo

ecoou por toda a Clareira quando as Portas foram lacradas para a noite. Thomas sentiu um momento final de trepidação, uma tênue onda de medo atravessar-lhe o corpo e depois desaparecer.

Uma surpreendente sensação de calma relaxou os seus nervos; soltou um longo suspiro de alívio.

− Uau! − exclamou, espantado com tudo aquilo que acabava de presenciar.

− “Não é nada, não”, como diria Alby − murmurou Chuck. − Você acaba se acostumando depois de algum tempo.

Thomas olhou ao redor uma vez mais, a *sensação* do lugar completamente diferente agora que todos os muros estavam unidos sem possibilidade de saída. Tentou imaginar o propósito de uma coisa daquelas e não soube dizer que palpite seria pior − que eles estavam presos *dentro* ou que estavam protegidos de algo *de fora.* O pensamento acabou com o seu breve momento de calma, lançando em sua mente um milhão de possibilidades de quais seriam as formas de vida que havia no labirinto lá fora, todas elas aterrorizantes. O medo tomou conta dele outra vez.

− *Vamos* − chamou Chuck, puxando Thomas pela manga uma segunda vez. − Acredite em mim, quando a noite chega, você quer estar na *cama.*

Thomas sabia que não tinha outra escolha. Fez o melhor que pôde para reprimir o tumulto de emoções que estava sentindo e o acompanhou.

5

Eles acabaram voltando à Sede − que foi como Chuck chamou a construção torta de madeira com janelas − e chegaram a uma sombra escura entre o edifício e o muro de pedra atrás dele.

− Aonde estamos indo? − quis saber Thomas, ainda sobrecarregado com a visão dos muros se fechando, pensando no labirinto, na confusão, no medo. Disse a si mesmo para parar ou acabaria ficando louco. Tentando manter uma aparência de normalidade, ele fez uma fraca tentativa de dizer algo espirituoso. − Se está esperando por um beijo de boa-noite, pode esquecer.

Chuck não se fez de rogado.

− Apenas cale a boca e fique perto de mim.

Thomas soltou um grande suspiro e deu de ombros antes de acompanhar o garoto mais novo no caminho de volta ao edifício. Andaram na ponta dos pés até chegar a uma janelinha empoeirada, com um pequeno feixe de luz se projetando através dela sobre a pedra e a hera. Thomas ouviu alguém andar lá dentro.

− O banheiro − Chuck sussurrou.

− E daí? − Um fio de nervosismo insinuou-se através da pele de Thomas.

− Adoro fazer isso com os outros. Me dá um grande prazer antes de ir dormir.

− Fazer o quê? − Algo dizia a Thomas que Chuck iria aprontar alguma. − Talvez eu devesse...

− Cale a boca e observe. − Chuck subiu em silêncio numa grande caixa de madeira que estava bem embaixo da janela. Agachou-se

de modo que a sua cabeça ficasse posicionada bem abaixo de onde a pessoa que estava dentro pudesse vê-la. Então estendeu a mão e bateu de leve no vidro.

− Que besteira − sussurrou Thomas. Não poderia haver momento pior para pregar uma peça; podia ser Newt ou Alby lá dentro. − Não quero me meter em mais problemas... Acabo de chegar!

Chuck sufocou uma risada colocando a mão na boca. Ignorando Thomas, estendeu a mão e bateu na janela de novo.

Uma sombra cruzou a luz; então a janela se abriu. Thomas escondeu-se num pulo, espremendo-se o máximo que pôde de encontro aos fundos do edifício. Não podia acreditar que tinha se metido naquela história de pregar uma peça em alguém. O ângulo de visão da janela protegeu-o por um instante, mas Thomas sabia que ele e Chuck seriam vistos se quem quer que estivesse ali dentro pusesse a cabeça para fora a fim de observar melhor.

− Quem está aí? − gritou o garoto de dentro do banheiro, a voz áspera e carregada de raiva.

Thomas prendeu a respiração na hora quando percebeu que era Gally; ele já conhecia aquela voz.

Sem avisar, Chuck levantou a cabeça na direção da janela e gritou com todas as forças. Um grande estardalhaço lá dentro indicou que a brincadeira funcionara − e a ladainha de xingamentos que se ouviu em seguida mostrava que Gally não estava nada satisfeito com aquilo. Thomas ficou tomado de um misto de horror e embaraço.

− Eu mato você, cara de mértila! − gritava Gally, mas Chuck já saltara da caixa e corria para o meio da Clareira. Thomas congelou quando ouviu Gally abrir a porta e sair correndo do banheiro.

Thomas finalmente saiu do seu transe e foi atrás do seu novo − e único − amigo. Mal acabara de dobrar a esquina quando Gally irrompeu gritando da Sede, com uma aparência de animal feroz desembestado.

Ele apontou para Thomas.

− Venha cá! − gritou.

O coração de Thomas se apertou, rendendo-se. Tudo parecia indicar que receberia um murro na cara.

− Não fui eu, eu juro − disse, mas naquele momento mediu o garoto de cima a baixo e chegou à conclusão de que pensando bem ele não era tão aterrorizante. Gally não era assim tão grande. Seria capaz de enfrentá-lo se fosse preciso.

− Não foi você? − rosnou Gally. Ele aproximou-se de Thomas devagar e parou bem na frente dele. − Então como sabe de algo que diz que não fez?

Thomas não disse nada. Estava constrangido, mas não tão assustado quanto alguns momentos antes.

− Não sou trouxa, Fedelho − bradou Gally. − Vi a cara gorda do Chuck pela janela. − Ele apontou de novo, dessa vez para o peito de Thomas. − Mas é melhor você decidir depressa quem vai querer como amigo ou inimigo, ouviu? Mais uma brincadeira dessas... não me interessa se foi uma ideia de maricas sua ou não... o sangue vai jorrar. Entendeu bem, Calouro? − Mas antes que Thomas pudesse responder, Gally já tinha dado meia-volta e se afastado.

Thomas só queria que aquele episódio acabasse.

− Sinto muito − murmurou, fazendo uma careta ao perceber como soava ridícula a resposta.

− Eu conheço você − acrescentou Gally sem olhar para trás. − Eu o vi na Transformação e vou descobrir quem você é.

Thomas observou enquanto o valentão desaparecia dentro da Sede. Não se lembrava de muita coisa, mas algo lhe dizia que nunca detestara tanto uma pessoa. Estava surpreso de ver quanto de fato odiava o garoto. Ele realmente, realmente o odiava. Voltou-se para ver Chuck parado, olhando para o chão, envergonhado.

− Muito obrigado, *amigão* − disse Thomas.

− Sinto muito… Se soubesse que era o Gally, nunca teria feito aquilo, eu juro.

Surpreendendo a si mesmo, Thomas deu uma risada. Uma hora antes, pensava que nunca mais ouviria um som daqueles sair de novo da sua boca.

Chuck observou bem Thomas e aos poucos foi esboçando um sorriso maroto.

− Como assim?

Thomas abanou a cabeça.

− Não se desculpe. O... trolho bem que merecia, e olha que eu nem sei o que quer dizer trolho. Aquilo foi chocante. − Ele se sentia muito melhor.

Umas duas horas mais tarde, Thomas estava deitado em um macio saco de dormir ao lado de Chuck sobre um leito de relva perto dos jardins. Era um gramado extenso que não tinha notado antes, e muitos do grupo escolhiam o lugar para dormir. Thomas achou estranho, mas, pelo que pôde observar, não havia espaço suficiente dentro da Sede. Pelo menos não estava fazendo frio. O que o fez se perguntar pela milionésima vez *onde* eles estavam. Cansara de tentar se lembrar de nomes de lugares, ou de países ou governantes, como o mundo se organizava. E nenhum dos garotos da Clareira parecia ter uma ideia a respeito − e se tinham, não revelavam.

Ficou ali deitado em silêncio pelo maior tempo possível, contemplando as estrelas e ouvindo os murmúrios abafados de várias conversas mantidas ao longo da Clareira. A possibilidade de dormir parecia estar a quilômetros de distância, e ele não conseguia se livrar do desespero e do desamparo que tomara conta do seu corpo e da sua mente − a diversão temporária da peça que Chuck pregara em Gally havia muito se desvanecera. Aquele era um dia interminável − e estranho.

Era apenas... esquisito. Lembrava-se de uma porção de detalhes sobre a vida − comida, roupas, estudo, jogos, imagens diversas da aparência do mundo. Mas qualquer detalhe que pudesse se encaixar numa imagem para compor uma lembrança de verdade e acabada tinha de alguma forma se apagado. Era como olhar para uma imagem através de uma camada de água suja. Mais do que qualquer outra coisa, talvez, ele se sentia... *triste*.

Chuck interrompeu os seus pensamentos.

− Bem, Fedelho, você sobreviveu ao Primeiro Dia.

− Por pouco. − “Agora não, Chuck”, teve vontade de dizer. “Não estou a fim.”

Chuck levantou-se, apoiando-se num dos cotovelos, para observar Thomas.

− Você vai aprender uma porção de coisas nos próximos dias, vai começar a se acostumar com tudo. Bom isso, né?

− Hã, sim, bom isso. De onde vêm todas essas palavras e expressões estranhas, afinal de contas? − Parecia que tinham pegado um outro idioma e incorporado ao deles.

Chuck jogou-se de costas com um ruído oco.

− Sei lá... Faz só um mês que estou aqui, lembra?

Thomas ficou pensando em Chuck, se ele sabia mais do que demonstrava. Era um garoto sensível, divertido, e parecia inocente, mas quem sabe? Na verdade, ele era tão misterioso quanto tudo mais na Clareira.

Passaram-se alguns minutos, e Thomas sentiu que o longo dia finalmente o cansara, o sono começando a pesar na sua mente. Mas... como se um punho batesse de raspão no seu cérebro e sumisse... um pensamento passou-lhe de repente pela cabeça. Um pensamento inesperado e que ele não sabia de onde vinha. Num instante, a Clareira, os muros, o Labirinto − tudo aquilo parecia... familiar. Confortável. Uma onda de tranquilidade espalhou-se pelo seu peito e, pela primeira vez desde que se encontrava ali, não sentiu como se a Clareira fosse o pior lugar do universo. Ele se acalmou, sentiu os olhos bem abertos, a respiração contida por um longo momento. “O que acaba de acontecer?”, pensou. “O que mudou?” Ironicamente, a sensação de que tudo acabaria bem deixou-o um tanto incomodado.

Sem entender muito bem como, ele sabia o que precisava fazer. A descoberta era estranha e familiar ao mesmo tempo. Mas parecia tão... correta.

− Quero ser um daqueles caras que vão para lá − disse em voz alta, sem saber que Chuck ainda estava acordado. − Para dentro do Labirinto.

− Hã? − foi a resposta de Chuck. Thomas percebeu um toque de irritação na voz dele.

− Os Corredores − falou Thomas, desejando saber de onde vinha aquilo. − Seja o que for que eles fazem lá, eu quero fazer também.

− Você nem tem ideia do que está falando − resmungou Chuck, e virou de lado. − Vá dormir.

Thomas sentiu um novo ímpeto de confiança, muito embora na verdade *não* soubesse do que estava falando.

− Quero ser um Corredor.

Chuck voltou-se e apoiou-se no cotovelo.

− Pode esquecer essa ideia agora mesmo.

Thomas admirou-se com a reação de Chuck, mas insistiu.

− Não tente me...

− Thomas. Calouro. Meu novo amigo. Esqueça.

− Vou falar com o Alby amanhã. − “Um Corredor”, pensou Thomas. “Nem mesmo sei o que isso significa. Será que perdi o juízo?”

Chuck deitou-se com uma risada.

− Você é mesmo um pedaço de plong. Vá dormir.

Mas Thomas não conseguia parar.

− Tem alguma coisa lá fora... me soa familiar.

− Vá... dor... mir.

Então Thomas percebeu... como se várias peças de um quebra-cabeça se encaixassem. Ele não sabia como seria a imagem no final, mas as palavras que disse em seguida quase soaram como se saíssem de outra pessoa.

− Chuck, eu... eu acho que já *estive* aqui antes.

Ele ouviu o amigo sentar-se, ouviu-o respirar fundo. Mas Thomas rolou para o lado e se recusou a dizer qualquer coisa, preocupado em não estragar aquela nova sensação de sentir-se encorajado, em não espantar a calma tranquilizadora que enchera o seu coração.

O sono veio mais fácil do que esperava.

6

Alguém sacudiu Thomas para que acordasse. Ele abriu os olhos e se deparou com um rosto debruçado sobre o seu, com tudo ao redor ainda em silêncio na escuridão do início da manhã. Abriu a boca para falar, mas uma mão fria a tampou, obrigando-o a ficar calado. O pânico o invadiu até perceber quem era.

− Psiu, Fedelho. Não queremos acordar o Chuck agora, não é?

Era Newt, o sujeito que parecia ser o segundo no comando. O ar se impregnou com o hálito matutino dele.

Apesar da surpresa de Thomas, logo qualquer forma de sobressalto se desfez. Não podia evitar a curiosidade, imaginando o que o rapaz queria com ele. Inclinou a cabeça concordando, fazendo o melhor que podia para dizer “sim” com os olhos, até que Newt finalmente tirou a mão, apoiando-se nos calcanhares.

− Vamos lá, Fedelho − o garoto alto sussurrou enquanto se levantava. Estendeu a mão para ajudar Thomas a se levantar; era tão forte que parecia ser capaz de arrancar o braço de Thomas. − Devo lhe mostrar uma coisa antes de todos acordarem.

Qualquer resquício de preguiça do sono já desaparecera da mente de Thomas.

− Tudo bem − disse ele, pronto para acompanhar o outro. Sabia que deveria manter *alguma* desconfiança, não tendo motivos para confiar em ninguém ainda, mas a curiosidade era mais forte. Rapidamente abaixou-se e amarrou os tênis.

− Aonde vamos?

− Apenas me siga. E fique bem perto.

Passaram pelo meio do grupo de corpos estendidos para dormir, Thomas quase tropeçando várias vezes. Pisou na mão de alguém, provocando um grito agudo de dor como reação, depois um soco na sua perna.

− Desculpe − sussurrou, ignorando um olhar de repreensão de Newt.

Depois de saírem do gramado e chegarem ao piso de pedras cinzentas do pátio, Newt saiu correndo na direção do muro do lado oeste. Thomas hesitou a princípio, imaginando por que ele precisava correr, mas logo caiu em si e acompanhou-o no mesmo ritmo.

Havia pouca claridade, mas como os obstáculos pareciam mais escuros que as sombras ele foi capaz de seguir seu caminho rapidamente. Quando Newt parou ele fez o mesmo, bem próximo do imenso muro que se elevava acima deles como um arranha-céu − outra imagem ao acaso que flutuava no lago lodoso do que restava da sua memória. Notou pequenas luzes vermelhas piscando aqui e ali ao longo da superfície do muro, movendo-se e parando, apagando e acendendo.

− O que é aquilo? − sussurrou o mais alto que pôde, imaginando se a sua voz soara tão trêmula quanto pensava. O brilho vermelho faiscante das luzes guardava uma mensagem velada de advertência.

Newt ficou de pé em frente da grossa cortina de hera do muro, a menos de um metro de distância.

− Quando precisar mesmo saber, vai saber, Fedelho.

− Bem, só pode ser uma burrice me mandar para um lugar onde nada faz sentido e não responder às minhas perguntas. − Thomas parou, surpreso consigo mesmo. − *Trolho* − acrescentou, carregando a palavra com todo o sarcasmo ao seu alcance.

Newt deu uma risada, mas se recompôs.

− Gosto de você, Fedelho. Agora cale a boca e deixe-me mostrar-lhe uma coisa.

Newt adiantou-se e enfiou as mãos na hera espessa, afastando vários ramos que estavam junto do muro para revelar uma janela

empoeirada, um quadrado de uns sessenta centímetros de lado. Ela estava escura no momento, como se tivesse sido pintada de preto.

− O que estamos procurando? − sussurrou Thomas.

− Segure a onda, garoto. Vamos chegar lá logo, logo.

Um minuto se passou, depois dois. Vários mais. Thomas mudava de um pé para outro, imaginando como Newt podia ficar parado ali, paciente e calmo, olhando para algo que era só escuridão.

Então houve uma mudança.

Lampejos de uma luz sobrenatural brilharam através da janela, lançando um espectro oscilante de cores sobre o corpo e o rosto de Newt, como se ele estivesse próximo a uma piscina iluminada. Thomas manteve-se imóvel, olhando de revés, tentando entender o que poderia haver do outro lado. Um caroço espesso formou-se na sua garganta. “O que é isso?”, pensou.

− Lá fora está o Labirinto − sussurrou Newt, os olhos arregalados como se estivesse em transe. − Tudo o que fazemos... toda a nossa vida, Fedelho... gira em torno do Labirinto. Cada adorável segundo de cada adorável dia que vivemos, dedicamos ao Labirinto, tentando resolver algo que parece não ter uma maldita solução, entendeu? E queremos mostrar a você por que não deve fazer besteira. Mostrar a você por que esses muros amedrontadores fecham todas as noites. Mostrar a você por que nunca, mas nunca mesmo, deve deixar o seu traseiro lá fora. − Newt recuou, ainda segurando os ramos da hera. Fez um gesto para Thomas ficar em seu lugar e olhar pela janela.

Thomas obedeceu, inclinando-se para a frente até tocar com o nariz a superfície fria do vidro. Demorou um segundo para que os seus olhos distinguissem o objeto que se movia do outro lado, para olhar através do escuro e da poeira e ver o que Newt queria que visse. Quando conseguiu, sentiu a respiração presa na garganta, como se um vento muito frio tivesse soprado e congelado o ar até que se tornasse sólido. Uma criatura grande e bulbosa do tamanho de uma vaca, mas sem uma forma distinta, girava e agitava-se sobre o chão no corredor do outro lado. Ela subiu na parede oposta, então saltou contra a janela de vidro grosso com um impacto surdo. Thomas deu um grito agudo sem poder se controlar, afastou-se

bruscamente da janela − mas a coisa recuou, deixando o vidro intacto.

Thomas respirou fundo por duas vezes e inclinou-se de novo. Estava escuro demais para enxergar com nitidez, mas as luzes estranhas piscavam vindas de uma fonte desconhecida, revelando pontas prateadas indistintas e uma carne cintilante. Apêndices repulsivos e aparentemente perigosos como instrumentos projetavam-se do seu corpo parecendo braços: uma lâmina de serra, uma tesoura de poda, longos espigões cujo uso só se podia imaginar.

A criatura era uma mistura horrível de animal e máquina, e parecia perceber que estava sendo observada, como se soubesse o que havia dentro dos muros da Clareira, como se quisesse entrar e se refestelar de carne humana. Thomas sentiu um terror gelado despontar dentro do peito, expandir-se como um tumor, tornando a respiração difícil. Mesmo com a memória prejudicada, ele tinha certeza de nunca ter visto algo tão horroroso.

Ele recuou, a coragem que sentira na noite anterior desaparecendo por completo.

− O que é essa coisa? − indagou. Algo se contraía no seu íntimo e ele imaginou se seria capaz de comer depois de ver aquilo.

− Verdugos, nós os chamamos assim − respondeu Newt. − Sujeitos nojentos, hein? Pois agradeça por eles só saírem durante a noite. Agradeça por esses muros existirem.

Thomas engoliu em seco, imaginando se seria capaz de ir lá fora. Seu desejo de tornar-se um Corredor levara um golpe tremendo. Mas ele tinha de fazê-lo. De alguma forma, *sabia* que conseguiria. Era uma coisa muito estranha de sentir, especialmente depois do que acabara de ver.

Newt olhou para a janela com ar distante.

− Agora você sabe o que nos espreita no Labirinto, meu amigo. Agora sabe que não é de brincadeira. Você foi mandado à Clareira, Fedelho, e estamos esperando que sobreviva e nos ajude a cumprir nossa missão.

− E qual é nossa missão? − quis saber Thomas, muito embora esperasse aterrorizado a resposta.

Newt voltou-se para encará-lo direto nos olhos. Os primeiros sinais do amanhecer clareavam os seus contornos, e Thomas pôde ver cada detalhe do rosto de Newt, a pele enxuta, as sobrancelhas arqueadas.

− Descobrir uma forma de sair daqui, Fedelho − disse Newt. − Decifrar o maldito Labirinto e encontrar o nosso caminho para casa.

Umas duas horas mais tarde, depois que as portas tinham tornado a abrir, retumbando, ressoando e abalando o chão até que todo o processo estivesse terminado, Thomas estava sentado em uma velha e encarquilhada mesa de piquenique do lado de fora da Sede. A única coisa em que conseguia pensar era nos Verdugos, em qual seria o seu propósito, o que faziam lá durante a noite. Como seria ser atacado por algo tão terrível.

Tentou tirar a imagem da cabeça, pensar em outra coisa. Os Corredores. Eles simplesmente partiam sem dizer uma palavra a ninguém, enveredando pelo Labirinto a toda velocidade e desaparecendo atrás das esquinas. Procurou fazer uma imagem deles em sua mente enquanto, com um garfo, servia-se de ovos com bacon, sem falar com ninguém, nem mesmo com Chuck, que comia em silêncio ao seu lado. O pobre garoto tinha se cansado de puxar conversa com ele, que se recusara a responder. Tudo o que Thomas queria era ficar sozinho.

Ele não conseguia entender aquilo; o seu cérebro estava sobrecarregado tentando calcular quão impossível era a situação. Como podia um labirinto, com muros tão imensos e altos, ser tão grande que dezenas de garotos não fossem capaz de decifrá-lo depois de sabe-se lá quanto tempo tentando? Como era possível existir uma estrutura daquelas? E mais importante ainda, *por quê*? Qual seria o propósito de uma coisa assim? Por que estavam todos ali? E há quanto tempo?

Por mais que tentasse evitar, a sua mente continuava voltando à imagem repulsiva do Verdugo, que, como um fantasma, aparecia toda vez que ele piscava ou esfregava os olhos.

Thomas sabia que era um garoto inteligente − de alguma forma sentia isso profundamente. Mas nada a respeito daquele lugar fazia algum sentido. A não ser por uma coisa. Era preciso que ele fosse um Corredor. Por que tinha esse pressentimento tão forte? E mesmo agora, depois de ver o que vivia no labirinto?

Um tapinha no ombro arrancou-o dos pensamentos; ergueu os olhos e viu Alby em pé à sua frente, de braços cruzados.

− Está se sentindo mais revigorado? − indagou o rapaz. − Teve uma bela visão pela janela hoje de manhãzinha?

Thomas levantou-se, esperando que tivesse chegado a hora das respostas − ou talvez esperando algo que o distraísse dos pensamentos assombrosos.

− O bastante para me fazer querer saber mais sobre este lugar − respondeu ele, torcendo para não despertar o mau humor que vira despontar no rapaz no dia anterior.

Alby inclinou a cabeça concordando.

− Você e eu, trolho. O Passeio começa agora. − Ele fez menção de começar a andar, mas parou, levantando um dedo. − E não quero saber de perguntas até o fim, está me entendendo? Não tenho tempo para ficar matraqueando com você o dia inteiro.

− Mas... − Thomas interrompeu-se ao ver as sobrancelhas de Alby subirem. Por que o sujeito tinha de ser tão desagradável? − Mas me conte tudo... quero saber de tudo. − Tinha decidido, na noite anterior, não falar a ninguém sobre quanto aquele lugar lhe parecia familiar, a estranha sensação de que já estivera lá antes... de que era capaz de *lembrar-se* de coisas sobre o lugar. Dividir isso pareceu-lhe uma péssima ideia.

− Vou contar o que tiver vontade de contar, Fedelho. Vamos.

− Posso ir junto? − indagou Chuck da mesa.

Alby inclinou-se e torceu a orelha do garoto.

− Ai! − gemeu Chuck.

− Já não dei uma tarefa pra você, cabeção? − indagou Alby. − Um monte de coisas para limpar?

Chuck rolou os olhos para o alto, depois olhou para Thomas.

− Divirta-se.

− Vou tentar. − De repente, sentiu pena de Chuck, pensando que as pessoas deviam tratar melhor o menino. Mas não podia fazer nada a respeito... era hora de ir.

Afastou-se com Alby, esperando que o Passeio tivesse começado oficialmente.

7

Eles começaram pela Caixa, que estava fechada naquele momento − as portas duplas de metal jazendo ao nível do chão, cobertas por uma pintura branca, desgastada e rachada. O dia tinha clareado, as sombras estendendo-se na direção oposta à que Thomas vira no dia anterior. Ele ainda não tinha visto o sol, mas este parecia estar prestes a surgir a qualquer minuto sobre o muro ao leste.

Alby apontou para as portas no chão.

− Esta aqui é a Caixa. Uma vez por mês, recebemos um Calouro como você, nunca falha. Uma vez *por semana,* recebemos suprimentos, roupas, algum alimento. Não precisamos de muito... a maior parte produzimos sozinhos na Clareira.

Thomas concordou com um movimento da cabeça, o corpo inteiro ardendo de vontade de fazer perguntas. “Preciso fechar a boca com um zíper”*,* pensou.

− Não sabemos chongas sobre a Caixa, está me entendendo? − continuou Alby. − De onde ela vem, como chega aqui, quem é o responsável. Os trolhos que nos mandaram para cá não nos contaram nada. Temos toda a eletricidade de que precisamos, cultivamos e produzimos quase todo o nosso alimento, recebemos roupas e tudo mais. Tentamos mandar um Fedelho de volta na Caixa uma vez... a coisa não se mexeu enquanto não o tiramos de lá.

Thomas ficou imaginando o que haveria embaixo das portas quando a Caixa não estivesse ali, mas mordeu a língua. Sentia uma

mistura de emoções − curiosidade, frustração, admiração −, todas misturadas com o horror persistente de ter visto o Verdugo naquela manhã.

Alby continuou falando, sem nunca se dar o trabalho de olhar Thomas nos olhos.

− A Clareira se divide em quatro partes. − Ele exibiu os dedos enquanto contava as quatro denominações: − Jardins, Sangradouro, Sede, Campo-santo. Sacou?

Thomas hesitou, depois abanou a cabeça, confuso.

Alby piscou rapidamente antes de continuar; parecia que pensava em milhares de coisas que poderia estar fazendo naquele exato momento. Apontou para o canto noroeste, onde ficavam os campos e as árvores frutíferas.

− Jardins... onde temos as plantações. A água é bombeada através de canos no chão... Nunca faltou, ou teríamos morrido de sede e fome há muito tempo. Nunca chove aqui. Nunca. − Apontou para o canto sudeste, para as cocheiras e os cercados dos animais. − Sangradouro... onde criamos e abatemos os animais. − Indicou o deplorável alojamento. − Sede... esse lugar estúpido está duas vezes maior do que quando o primeiro de nós chegou aqui porque continuamos ampliando quando nos mandam madeira e plongs. Não é bonito, mas funciona. De qualquer forma, a maioria dorme do lado de fora.

Thomas sentia-se atordoado. Tantas dúvidas giravam na sua mente que nem conseguia ordená-las.

Alby apontou para o canto sudoeste, a região de floresta marcada pela presença de várias árvores doentes e bancos.

− Chamamos ali de Campo-santo. O cemitério fica naquele canto, entre as árvores mais copadas. Não tem muito mais coisa. Você pode ir lá para sentar-se e descansar, perambular, o que quiser. − Ele limpou a garganta, como se quisesse mudar de assunto. − Você vai passar as próximas duas semanas trabalhando um dia em cada uma das diferentes tarefas executadas pelos Encarregados, até descobrirmos em que você se sai melhor. Aguadeiro, Ajudante, Embalador, Desbastador... alguma coisa vai dar certo, sempre dá. Vamos.

Alby encaminhou-se para a Porta Sul, localizada entre o que ele chamara de Campo-santo e o Sangradouro. Thomas seguiu atrás, franzindo o nariz ante o súbito cheiro de sujeira e estrume que vinha dos cercados dos animais. “Cemitério?”, pensou. “Por que precisam de um cemitério em um lugar cheio de adolescentes?” Aquilo o perturbou ainda mais do que entender o significado de algumas das palavras que Alby dizia − como *Aguadeiro* e *Embalador* − que não soavam muito bem. Chegou tão perto de interromper Alby quanto antes, mas decidiu manter a boca fechada.

Frustrado, voltou a atenção para os cercados na área do Sangradouro.

Diversas vacas mordiscavam e mastigavam sobre um cocho cheio de feno verdejante. Porcos relaxavam em uma cova enlameada, agitando ocasionalmente o rabo como único sinal de que estavam vivos. Outro cercado continha ovelhas, e também se viam galinheiros e gaiolas de perus. Os trabalhadores se movimentavam ativamente, como se tivessem passado a vida inteira em uma fazenda.

“Por que me lembro desses animais?”, perguntou-se Thomas. Nada em relação a eles parecia novo ou interessante − ele sabia como eram chamados, o que comiam, qual a aparência de cada um deles. Por que esse tipo de coisa continuava na sua memória, mas não *onde* ele vira os animais antes, ou com quem? A complexidade daquela perda de memória era desconcertante.

Alby apontou para o grande celeiro no canto de trás, com uma pintura vermelha que havia muito tempo tinha desbotado até se tornar de uma cor indistinta de ferrugem.

− É lá que trabalham os Retalhadores. Coisa asquerosa, essa. Asquerosa. Se você gosta de sangue, pode ser um Retalhador.

Thomas abanou a cabeça. Retalhador não soava nada bem. Enquanto continuavam andando, ele concentrou a atenção no outro lado da Clareira, a parte que Alby chamara de Campo-santo. As árvores eram mais copadas e densas na parte de trás do canto para onde os dois tinham ido, mais vivas e cheias de folhas. Sombras escuras preenchiam as profundezas da área arborizada, apesar da hora do dia. Thomas ergueu os olhos, quase fechando-os sob o sol

finalmente visível, ainda que estranho − mais laranja do que deveria. Aquilo o tocou como mais um exemplo da estranha memória seletiva na sua mente.

Ele tornou a olhar para o Campo-santo, um disco brilhante ainda flutuando na sua visão. Piscando para tirá-lo da vista, ele captou as luzes vermelhas de novo, piscando e resvalando em meio à escuridão entre as árvores. “O que são essas coisas?”, perguntou-se, irritado por Alby não ter respondido antes. Aquele silêncio era muito desagradável.

Alby parou, e Thomas surpreendeu-se ao ver que tinham chegado à Porta Sul; os dois muros que delimitavam a saída elevavam-se acima deles. As grossas lajes de pedra cinzenta estavam rachadas e cobertas de hera, tão antigas quanto qualquer coisa que Thomas pudesse imaginar. Ele esticou o pescoço para ver a parte superior dos muros lá no alto; a sua mente girou com a estranha sensação de estar olhando para *baixo* e não para cima. Recuou um passo, impressionado uma vez mais pela estrutura do seu novo lar, então voltou a atenção para Alby, que estava de costas para a saída.

− Para lá fica o Labirinto. − Alby indicou com o polegar por cima do ombro, fazendo depois uma pausa. Thomas olhou naquela direção, através do espaço existente entre os muros, que funcionava como uma saída da Clareira. Os caminhos ali pareciam idênticos aos que vira da janela pela Porta Leste bem cedo naquela manhã. O pensamento provocou-lhe um calafrio, fazendo-o imaginar se um Verdugo poderia aparecer de repente e investir contra eles. Deu um passo para trás antes de perceber o que estava fazendo. “Calma”, advertiu a si mesmo, embaraçado.

Alby continuou:

− Dois anos, é o tempo que estou aqui. Ninguém está há mais tempo do que eu. Os poucos que vieram antes de mim já estão mortos. − Thomas sentiu os olhos se arregalarem, o coração acelerar. − Por dois anos temos tentado decifrar essa coisa, sem resultado. Esses muros de mértila movem-se lá à noite tanto quanto estas portas aqui. Acompanhar o seu traçado não é fácil, não é fácil mesmo. − Girou a cabeça em direção à construção de blocos de concreto em que os Corredores tinham aparecido na noite anterior.

Outra pontada de dor rasgou o cérebro de Thomas − eram informações demais para processar de uma só vez. Eles estavam ali havia dois anos? As paredes moviam-se no Labirinto? Quantos tinham morrido? Deu um passo à frente, querendo ver o Labirinto por si mesmo, como se as respostas estivessem inscritas ali naquelas paredes.

Alby levantou a mão e empurrou o peito de Thomas, fazendo-o retroceder cambaleante.

− Nada de sair para lá, trolho.

Thomas precisou conter o orgulho.

− Por que não?

− Você acha que mandei o Newt procurar você antes de todo mundo acordar só por brincadeira? Estrupício, essa é a Regra Número Um, a única que se alguém transgredir jamais terá perdão. A ninguém... a *ninguém* além dos Corredores é permitido entrar no Labirinto. Desrespeite essa regra e, se não for morto pelos Verdugos, nós mesmos acabaremos com a sua raça, deu pra entender?

Thomas inclinou a cabeça, resmungando interiormente, certo de que Alby estava exagerando. Esperando que estivesse. De qualquer modo, se lhe restava alguma dúvida quanto ao que dissera a Chuck na noite anterior, esta desaparecera por completo. Queria ser um Corredor. *Seria* um Corredor. No fundo, sabia que tinha de ir lá, no Labirinto. Apesar de tudo que aprendera e testemunhara, aquilo o convocava tanto quanto a fome ou a sede.

Um movimento no alto do muro à esquerda da Porta Sul chamou a sua atenção. Sobressaltado, reagiu rapidamente, olhando bem a tempo de ver um clarão prateado. Uma mancha de hera balançou quando a coisa desapareceu dentro dela.

Thomas apontou para o alto do muro.

− O que foi aquilo? − perguntou antes de conseguir se conter de novo.

Alby nem se incomodou em olhar.

− Nada de perguntas até o fim, trolho. Quantas mil vezes preciso lhe dizer? − Fez uma pausa e soltou um longo suspiro. − Aquilo foi

um besouro mecânico... é como os Criadores nos observam. É melhor você não...

Ele foi interrompido pelo estrondo de um alarme que vinha de todas as direções. Thomas tapou as orelhas com as mãos, olhando ao redor enquanto a sirene tocava, o coração a ponto de sair pela boca. Observou Alby, que não parecia assustado. Ele parecia... confuso. Surpreso. O alarme continuava reverberando pelo ar.

− O que está acontecendo? − quis saber Thomas. O alívio no seu peito foi imenso ao perceber que o seu guia no passeio não parecia pensar que o mundo estava prestes a acabar... mas mesmo assim Thomas estava ficando cansado de ser atingido por ondas de pânico.

− É estranho − foi o que Alby falou enquanto corria os olhos semicerrados pela Clareira.

Thomas viu uns rapazes nos cercados do Sangradouro olhando para todos os lados, parecendo confusos. Alguém gritou para Alby, um garoto esquálido coberto de lama.

− O que foi isso? − quis saber o garoto, olhando para Thomas por alguma razão.

− Não sei − retrucou Alby com uma voz apagada.

Thomas, porém, não aguentava mais.

− Alby! O que está acontecendo?

− A Caixa, cara de mértila, a Caixa! − foi tudo o que Alby disse antes de partir para o meio da Clareira com passos tão enérgicos que, para Thomas, sugeriram medo.

− E daí? − exigia Thomas, correndo para alcançá-lo. “Fale comigo!”, queria gritar para ele.

Mas Alby não respondeu nem diminuiu o passo, e, quando se aproximaram da Caixa, Thomas viu que dezenas de garotos estavam correndo pelo pátio. Ele avistou Newt e o chamou, tentando controlar o medo crescente, dizendo a si mesmo que tudo ficaria bem, que devia haver uma explicação razoável.

− Newt, o que está acontecendo? − gritou.

Newt olhou de relance, depois fez um movimento com a cabeça e aproximou-se, estranhamente calmo no meio do caos. Deu uma palmada nas costas de Thomas.

− Significa que está chegando um maldito Calouro pela Caixa. − Ele fez uma pausa como se esperasse que Thomas ficasse impressionado. − Exatamente *agora.*

− E daí? − Quando Thomas observou Newt mais atentamente, percebeu que aquilo que tomara por calma era na verdade incredulidade... talvez empolgação.

− *E daí?* − replicou Newt, o queixo caindo ligeiramente. − Fedelho, nunca tivemos dois Novatos chegando no mesmo *mês,* muito menos em dois dias seguidos.

Depois disso, saiu correndo para a Sede.

8

Depois de soar por dois longos minutos, o alarme finalmente parou. Um bando de garotos se reunira no meio do pátio, ao redor das portas de aço através das quais Thomas chegara no dia anterior. “Ontem?”, ele pensou. “Teria sido realmente *ontem*?”

Alguém lhe deu um tapinha no cotovelo; ele se voltou e viu Chuck ao seu lado outra vez.

− E aí, como foi, Novato? − quis saber Chuck.

− Ótimo − replicou ele, muito embora nada estivesse mais distante da verdade. Apontou para as portas da Caixa. − Por que todo mundo está tão curioso desse jeito? Não é como todos sempre chegam aqui?

Chuck encolheu os ombros.

− Sei lá... acho que sempre foi tudo muito regular. Um por mês, todo mês, no mesmo dia. Talvez o responsável tenha percebido que você não passava de um grande erro, então mandou alguém para substituí-lo. − Deu uma risadinha e cutucou as costelas de Thomas com o cotovelo, uma risadinha tão engraçada que inexplicavelmente fez Thomas gostar ainda mais dele.

Thomas deu um olhar fingido ao novo amigo.

− Você está me chateando. Sério.

− É, eu sei, mas somos parceiros agora, certo? − Dessa vez, Chuck riu abertamente, uma risada bem esganiçada.

− Parece que você não está me dando muito escolha quanto a isso. − Mas a verdade era que precisava de um amigo, e Chuck ia servir bem.

O garoto cruzou os braços, parecendo muito satisfeito.

− Ainda bem que deu certo, Fedelho. Todo mundo precisa de um parceiro neste lugar.

Thomas agarrou Chuck pela gola, brincando com ele.

− Muito bem, *parceiro,* então me chame pelo nome. Thomas. Ou então vou atirá-lo no buraco depois que a Caixa partir. − Aquilo despertou um pensamento na sua cabeça quando soltou Chuck. − Espere um pouco, será que vocês nunca...

− Tentamos, sim − Chuck interrompeu antes que Thomas pudesse terminar.

− Tentaram o quê?

− Descer na Caixa depois de ela ter feito a entrega − respondeu Chuck. − Mas não funcionou. Ela não desceu enquanto não estivesse completamente vazia.

Thomas lembrou-se de que Alby lhe dissera a mesma coisa.

− Eu já sabia disso, mas e quanto a...

− Também tentamos.

Thomas reprimiu um gemido… aquilo estava ficando irritante.

− Cara, é difícil conversar com você. Tentaram o quê?

− Sair pelo buraco *depois* que a Caixa descesse. Não deu. As portas se abrem, mas só há um vazio, uma escuridão, nada. Nada de cordas, nada. Não deu.

Como aquilo era possível?

− Vocês...

− Tentamos.

Thomas gemeu dessa vez.

− Muito bem. O quê?

− Atiramos algumas coisas no buraco. Nunca as ouvimos cair em algum lugar. E esperamos por bastante tempo.

Thomas fez uma pausa antes de falar, não querendo ser interrompido de novo.

− O que você é? Algum leitor de pensamentos? − Procurou ser o mais sarcástico possível no comentário.

− Apenas muito inteligente, só isso. − Chuck piscou um olho.

− Chuck, nunca pisque para mim de novo − disse Thomas com um sorriso.

Chuck *era* um pouco irritante, mas ele tinha algo que fazia as coisas parecerem menos terríveis. Thomas respirou fundo e tornou a olhar para o grupo que se aglomerava ao redor do buraco.

− E aí, quanto tempo demora para chegar a entrega?

− Normalmente demora cerca de meia hora depois do alarme.

Thomas pensou por um segundo. *Tinha* de haver alguma coisa que não fora tentada.

− Tem certeza quanto ao buraco? Vocês nunca... − Ele fez uma pausa, esperando pela interrupção, mas não houve. − Vocês nunca tentaram fazer uma corda?

− Sim, eles tentaram. Com a hera. A mais comprida que conseguiram fazer. Vamos dizer que o experimento não deu muito certo.

− O que você quer dizer? – Thomas pensou: “O que foi agora?”

− Eu não estava aqui, mas ouvi dizer que o garoto que se ofereceu para ir desceu apenas uns três metros quando alguma coisa cruzou o ar e o cortou ao meio.

− O quê? − Thomas deu uma risada. − Não acredito nisso nem por um segundo.

− Ah, é, espertinho? Eu vi os ossos do desgraçado. Cortados ao meio como uma faca corta um pudim. Guardaram ele numa caixa como uma advertência para que os garotos não venham a ser tão burros no futuro.

Thomas esperou que Chuck risse ou sorrisse, pensando que fosse uma piada − quem já ouviu dizer que alguém foi cortado ao meio? Mas a risada não aconteceu.

− Está falando sério?

Chuck o olhou de volta.

− Eu não minto, Fede... hã, Thomas. Venha, vamos lá ver quem está chegando. Não posso acreditar que você tenha sido um Novato por apenas um dia. Cabeça de plong.

Enquanto eles se aproximavam, Thomas fez a pergunta que ainda não fizera.

− Como vocês sabem que não são apenas suprimentos ou coisa parecida?

− O alarme não toca quando isso acontece − respondeu Chuck. − Os suprimentos chegam no mesmo horário toda semana. Ei, olhe. − Chuck parou e apontou para alguém no meio do bando. Era Gally, olhando direto para eles.

− Mértila − falou Chuck. − Ele *não* gosta de você, cara.

− É, eu sei − Thomas murmurou. − Já tinha percebido. − E o sentimento era mútuo.

Chuck cutucou Thomas com o cotovelo, e os garotos retomaram a caminhada para junto do bando, que esperava em silêncio; todas as dúvidas de Thomas desapareceram por completo. Ele perdera a vontade de falar depois de ver Gally.

O mesmo, porém, não acontecera com Chuck.

− Por que não vai perguntar para ele qual é o problema? − indagou, tentando parecer sério.

Thomas tentou pensar que era corajoso o bastante, mas aquilo no momento lhe pareceu a pior ideia do mundo.

− Bem, uma coisa eu sei, ele tem muito mais aliados do que eu. Não é o tipo ideal para se arranjar encrenca.

− Eu sei, mas você é mais inteligente. E aposto que é mais rápido. Poderia vencer Gally e todos os seus colegas.

Um dos garotos à frente deles olhou para trás por cima do ombro, com um ar visivelmente irritado.

“Deve ser um amigo do Gally”, pensou.

− Poderia calar a boca? − disparou Thomas contra Chuck.

Uma porta fechou atrás deles: eram Alby e Newt saindo da Sede. Os dois pareciam exaustos. Vê-los o fez lembrar-se de Ben, a imagem horripilante do garoto se contorcendo na cama.

− Chuck, cara, você precisa me contar do que se trata esse negócio de Transformação. O que será que *fizeram* lá com o pobre do Ben?

Chuck deu de ombros.

− Não sei dos detalhes. Os Verdugos fazem coisas ruins com você, fazem todo o seu corpo passar por algo horrível. Quando acaba, você está... diferente.

Thomas sentiu a oportunidade de finalmente receber uma resposta concreta.

− Diferente? O que você quer dizer? E o que isso tem a ver com os Verdugos? Foi isso o que o Gally quis dizer com “ser picado”?

− Psiu. − Chuck pousou um dedo sobre a boca de Thomas.

Thomas quase gritou de frustração, mas ficou quieto. Resolveu que faria com que Chuck contasse mais tarde, quer o garoto quisesse, quer não.

Alby e Newt tinham chegado ao grupo e aberto caminho até a frente, parando bem diante das portas que levavam à Caixa. Todo mundo aquietou-se, e pela primeira vez Thomas notou os rangidos e o chocalhar do elevador subindo, lembrando-lhe a sua própria viagem de pesadelo no dia anterior. A tristeza o invadiu, quase como se estivesse revivendo aqueles minutos terríveis do despertar na escuridão para a perda de memória. Sentiu pena de quem quer que fosse o novo garoto, a passar pelas mesmas coisas.

Um baque abafado anunciou que o elevador bizarro havia chegado.

Thomas observou com expectativa enquanto Newt e Alby tomavam posição em lados opostos das portas do poço − um estalo dividiu o quadrado de metal exatamente no meio. De cada lado havia uma maçaneta simples em forma de gancho e, num movimento conjunto, cada um puxou a sua para o lado. Com um arrastar metálico as portas se abriram e uma nuvem de poeira da pedra ao redor elevou-se no ar.

Um silêncio absoluto abateu-se entre os moradores da Clareira. Quando Newt inclinou-se para ver melhor o interior da Caixa, um fraco berro de cabra ecoou à distância pelo pátio. Thomas inclinou-se para a frente até onde pôde, esperando ter uma visão do recém-chegado.

Com um movimento brusco e inesperado, Newt recuou até ficar em pé de novo, o rosto contraído em completa confusão.

− Santo... − ele ofegou, olhando ao redor para nada em particular.

Nesse momento, Alby também dera uma olhada, tendo uma reação semelhante.

− Não é possível − murmurou ele, quase em transe.

Um coro de perguntas encheu o ar enquanto todo mundo começava a se adiantar para dar uma olhada na pequena abertura.

“O que será que estão vendo lá?”, Thomas se perguntou. “O que estão vendo?” Ele sentiu um calafrio de medo abafado, semelhante ao que experimentara naquela manhã quando se adiantara para a janela a fim de ver o Verdugo.

− Esperem um pouco! − gritou Alby, silenciando a todos. − Esperem só um pouco!

− E aí, o que há de errado? − gritou alguém em resposta.

Alby empertigou-se.

− Dois Calouros em dois dias − disse ele, quase num sussurro. − Agora isso. Dois anos, nada diferente, agora isso. − Então, por alguma razão, ele olhou direto para Thomas. − O que está acontecendo aqui, Fedelho?

Thomas olhou para trás, confuso, seu rosto ficando vermelho vivo, o estômago se encolhendo.

− Como eu posso saber?

− Por que não diz pra gente de uma vez que mértila tem aí, Alby? − gritou Gally. Houve mais rumores e outro avanço para a frente.

− Vocês, trolhos, calem a boca! − gritou Alby. − Conte a eles, Newt.

Newt olhou para a Caixa uma vez mais, depois encarou os garotos todos, muito sério.

− É uma garota − disse ele.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo; Thomas só entendia trechos aqui e ali.

− Uma *garota?*

− Essa me pegou!

− Como ela é?

− Quantos anos tem?

Thomas estava se afogando em um mar de confusão. Uma *garota?* Ele nem sequer tinha pensado no motivo pelo qual na Clareira só havia garotos, nenhuma garota. Não tivera oportunidade de dar-se conta disso. “Quem era ela?”, pensou. “Por que…”

Newt pediu silêncio de novo.

− E isso não é tudo − comentou, depois apontou para dentro da Caixa. − Acho que ela está morta.

Alguns garotos segurando cordas feitas de galhos de hera baixaram Alby e Newt para dentro da Caixa, para que pudessem retirar o corpo da garota. Uma espécie de choque, ainda que discreto, tomara conta da maioria dos Clareanos, que perambulavam ao redor com expressões solenes, chutando pedras soltas e não dizendo quase nada. Ninguém ousava admitir que não podia esperar para ver a garota, mas Thomas presumiu que todos estavam tão curiosos quanto ele.

Gally era um dos garotos que seguravam as cordas, pronto para içá-la junto com Alby e Newt para fora da Caixa. Thomas o observou atentamente. Os seus olhos exibiam uma expressão sombria, quase um fascínio doentio. Um brilho que deixou Thomas, de repente, com mais medo dele do que sentira minutos antes.

Do fundo soou a voz de Alby gritando que estavam prontos, e Gally e outros garotos começaram a puxar a corda. Alguns grunhidos depois e o corpo inerte da garota foi arrastado para fora, passando pelo batente da porta até chegar ao chão de blocos de pedra da Clareira. Todo mundo imediatamente se aproximou formando um grupo compacto ao redor dela, uma excitação palpável pairando no ar. Thomas, porém, permaneceu afastado. O silêncio sombrio dava-lhe arrepios, como se tivessem acabado de profanar um túmulo recém-fechado.

Apesar de também estar curioso, Thomas não se incomodou em tentar abrir caminho para dar uma olhada − os corpos estavam espremidos demais uns contra os outros. Mas ele tinha dado uma olhada nela antes de ser bloqueado. Ela era delicada, porém não pequena demais. Talvez tivesse um metro e sessenta e cinco de altura. Pela aparência devia ter uns quinze ou dezesseis anos, e o seu cabelo era preto como breu. Mas a coisa que mais lhe chamara a atenção fora a pele dela: clara, branca como as pérolas.

Newt e Alby arrastaram-se para fora da Caixa depois dela, então abriram caminho até o corpo sem vida da garota, o agrupamento tornando a se fechar atrás, impedindo a visão de Thomas. Só alguns segundos depois, o grupo abriu-se de novo e Newt apontou para Thomas.

− Fedelho, venha cá − disse, não se incomodando em ser educado.

O coração de Thomas saltou para a garganta; as suas mãos começaram a suar. O que queriam dele? As coisas ficavam cada vez piores. Ele se forçou a se aproximar, procurando parecer inocente, sem agir como alguém que fosse culpado e estivesse tentando parecer inocente. “Fique calmo”, disse a si mesmo. “Você não fez nada de errado.” Mas ele tinha um pressentimento estranho de que talvez tivesse feito algo errado sem perceber.

Os garotos alinhados no caminho que levava até Newt e a garota fuzilaram-no com o olhar quando passou, como se ele fosse o responsável por toda aquela bagunça do Labirinto, da Clareira e dos Verdugos. Thomas recusou-se a fitar qualquer um deles, temendo parecer culpado.

Ele se aproximou de Newt e Alby, que estavam ajoelhados ao lado da garota. Thomas, sem querer encontrar o olhar deles, concentrou-se na garota. Apesar da palidez, ela era muito bonita. Mais do que bonita. Linda. Cabelo sedoso, pele lisa, lábios perfeitos, pernas longas. Sentia-se mal de pensar dessa maneira sobre uma garota morta, mas não conseguia desviar o olhar. “Não vai ficar assim por muito tempo”, ele pensou com uma contração incômoda no estômago. “Logo ela vai começar a se decompor.” Ficou surpreso por ter um pensamento tão mórbido.

− Conhece esta garota, trolho? − indagou Alby, parecendo dar-lhe uma reprimenda.

Thomas ficou chocado com a pergunta.

− *Conhecer* ela? Claro que não conheço ela. Não conheço ninguém. A não ser vocês.

− Não é isso... − começou Alby, depois parou com um suspiro de frustração. − Quero dizer se ela lhe parece *familiar* de alguma maneira. Tem alguma impressão de já tê-la visto antes?

− Não. Nada. − Thomas mudou de posição, baixou os olhos para os pés, depois voltou-se novamente para a garota.

Alby franziu a testa.

− Tem certeza disso? − Ele parecia não ter acreditado em uma só palavra do que Thomas dissera, parecendo quase em fúria.

“O que faz ele pensar que eu possa ter alguma coisa a ver com isto?”, pensou Thomas. Ele encarou Alby e respondeu do único modo que sabia.

− *Sim.* Por quê?

− Mértila − murmurou Alby, voltando a olhar para a garota no chão. − Não pode ser uma coincidência. Dois dias, dois Fedelhos, um vivo, um morto.

Então as palavras de Alby começaram a fazer sentido e o pânico se espalhou em Thomas.

− Você não acha que eu... − Nem sequer conseguiu terminar a frase.

− Corta essa, Fedelho − disse Newt. − Não estamos dizendo que você matou a garota, droga.

A mente de Thomas girava. Ele tinha certeza de que nunca a vira antes... Mas então uma vaga sugestão de dúvida surgiu nos seus pensamentos. Apesar disso, falou:

− Eu juro que ela não me parece familiar de maneira nenhuma. − Estava cansado de tantas acusações.

− Você está...

Antes que Newt pudesse terminar, a garota elevou-se de um ímpeto até sentar-se. Enquanto sugava uma grande porção de ar, seus olhos se abriram e ela piscou, olhando para o grupo ao seu redor. Alby deu um grito e caiu para trás. Newt ofegou e deu um pulo, recuando e afastando-se dela. Thomas não se mexeu, o olhar fixo na garota, congelado de medo.

Os ardentes olhos azuis iam de um lado para o outro ao mesmo tempo que ela respirava vezes seguidas. Os lábios vermelhos tremiam enquanto ela murmurava sem parar umas palavras, algo indecifrável. Então falou uma frase − a voz impessoal e assombrosa, mas nítida.

− *Tudo vai mudar.*

Thomas observou aturdido quando ela rolou os olhos para o alto e caiu de costas no chão. O seu punho direito projetou-se para o ar enquanto ela caía, permanecendo rígido depois da queda, apontado para o céu. Preso dentro da mão dela havia um pedaço de papel amassado.

Thomas tentou engolir, mas a sua boca estava seca demais. Newt correu até ela e abriu-lhe os dedos, agarrando o papel. Com as mãos trêmulas o desdobrou, depois caiu de joelhos, abrindo o bilhete no chão. Thomas aproximou-se dele por trás e deu uma olhada.

Rabiscadas no papel em grossas letras pretas viam-se quatro palavras:

Ela é a última.

9

Um estranho momento de completo silêncio pairou sobre a Clareira. Foi como se um vento sobrenatural tivesse varrido o lugar e sugado todos os sons. Newt lera a mensagem em voz alta para aqueles que não conseguiam ver o papel, mas, em vez de irromper em confusão, todos os Clareanos permaneceram emudecidos.

Thomas esperara gritos e perguntas, discussões. Mas ninguém disse uma palavra; todos os olhos estavam grudados na garota, agora deitada ali como se estivesse dormindo, o peito subindo e descendo numa respiração suave. Ao contrário da conclusão original deles, ela estava muito viva.

Newt levantou-se, e Thomas esperou uma explicação, algo razoável, uma presença tranquilizadora. Mas tudo o que fez foi amassar o bilhete na mão, as veias saltadas enquanto o esmagava, e Thomas sentiu um aperto no coração. Não estava bem certo do motivo, mas a situação o deixara bem pouco à vontade.

Alby fechou as mãos em concha ao redor da boca.

− Socorristas!

Thomas imaginou o que aquela palavra significava − ele sabia que a ouvira antes −, mas então recebeu um brusco empurrão para o lado. Dois garotos mais velhos abriam caminho através do grupo − um era alto e com o cabelo cortado bem rente, o nariz do tamanho de um limão grande. O outro era baixo e, surpreendentemente, já tinha cabelos grisalhos conquistando espaço por entre os fios negros nas laterais da cabeça. Thomas só esperou que tivessem alguma percepção correta daquilo tudo.

− E aí, o que fazemos com ela? − indagou o mais alto, a voz muito mais aguda do que Thomas imaginava.

− Eu é que vou saber? − respondeu Alby. − Vocês dois trolhos são os Socorristas... virem-se.

“Socorristas”, Thomas repetiu na sua cabeça, uma luz se apagando. “Deve ser a coisa mais parecida com médico que eles têm*.”* O baixinho já estava no chão, ajoelhado ao lado da garota, sentindo a sua pulsação e inclinando-se para ouvir o batimento cardíaco.

− Quem disse que o Clint teve a primeira vez com ela? − alguém gritou do grupo. Ouviram-se várias risadas. − Eu sou o próximo!

“Como é que eles podem fazer piada?”, pensou Thomas. “A garota está meio morta.” Ele se sentiu enjoado.

Alby semicerrou os olhos; a sua boca se repuxou num sorriso torto, que não denotava nenhum traço de humor.

− Se alguém tocar na garota − disse Alby −, vai passar a noite dormindo com os Verdugos no Labirinto. Banimento, sem dúvida. − Fez uma pausa, virando-se lentamente em círculo, como se quisesse que todos vissem o seu rosto. − Acho bom que ninguém toque nela! Ninguém!

Era a primeira vez que Thomas gostava de ouvir algo que saía da boca de Alby.

O garoto mais baixo que fora indicado como Socorrista − *Clint,* se o espectador estivesse correto − levantou-se depois de concluir o exame.

− Ela parece estar bem. A respiração está boa, o batimento normal. Talvez um pouco lento. O seu palpite é tão bom quanto o meu, mas eu diria que ela está em coma. Jeff, vamos levá-la para a Sede.

O parceiro dele, Jeff, adiantou-se para segurá-la pelos braços, enquanto Clint a sustentava pelos pés. Thomas gostaria de poder fazer mais do que observar − a cada segundo que passava, ele tinha mais dúvidas se o que dissera antes era verdade. Ela lhe parecia familiar, sim; ele sentia uma ligação com ela, embora fosse impossível recordar algo. A ideia o deixou nervoso e ele olhou ao redor, como se alguém pudesse ter escutado seus pensamentos.

− No três − quem falava era Jeff, o Socorrista mais alto, a sua estatura elevada parecendo ridícula por ele estar inclinado, como se estivesse rezando. − Um... dois... três!

Eles a levantaram com um movimento rápido, quase lançando-a para o ar − obviamente ela era mais leve do que esperavam − e Thomas por pouco não gritou para tomarem mais cuidado.

− Acho que precisamos ver como ela reage − disse Jeff para ninguém em particular. − Podemos dar um pouco de sopa a ela se não acordar logo.

− Só a observem com atenção − orientou Newt. − Ela deve ter alguma coisa de especial ou então não a mandariam para cá.

O estômago de Thomas se contraiu. Sabia que tinha algum tipo de ligação com a garota. Vieram com um dia de diferença, ela lhe parecia familiar, ele tinha uma ânsia premente de se tornar um Corredor, apesar de ficar sabendo de tantas coisas horríveis... O que significava aquilo tudo?

Alby inclinou-se para observar o rosto da garota mais uma vez antes que a levassem.

− Coloquem a garota ao lado do quarto de Ben e fiquem de olho nela dia e noite. Quero saber de tudo o que acontecer. Não me interessa se ela falar dormindo ou comer alguma porcaria... venham me contar.

− Tudo bem − Jeff murmurou; então ele e Clint saíram apressados em direção à Sede, o corpo da garota balançando enquanto avançavam, e os outros Clareanos finalmente voltaram a conversar, espalhando-se enquanto as teorias borbulhavam no ar.

Thomas observava tudo em muda contemplação. A estranha ligação que sentira não era só sua. As acusações não tão discretas que lhe haviam lançado alguns minutos antes provavam que os outros desconfiavam de algo também. Mas do quê? Ele já estava completamente confuso − ser acusado de coisas só o fazia se sentir pior. Como se lesse os seus pensamentos, Alby aproximou-se e colocou a mão no seu ombro.

− Você nunca a viu antes? − indagou ele.

Thomas hesitou antes de responder:

− Não... não, não que eu me lembre. − Esperou que a voz trêmula não traísse as suas dúvidas. E se ele a *conhecesse* de alguma forma? O que isso significaria?

− Tem certeza disso? − Newt instigou, parado logo atrás de Alby.

− Eu... não, acho que não. Por que estão me interrogando dessa maneira? − Tudo o que Thomas queria naquele momento era que a noite caísse, para poder ficar sozinho, ir dormir.

Alby abanou a cabeça, depois voltou-se para Newt, soltando o ombro de Thomas.

− Tem alguma coisa errada. Convoque um Conclave. − Ele tinha falado baixo o bastante para que Thomas pensasse que ninguém tivesse ouvido, mas seu tom prenunciava algo ruim. Então o líder e Newt se afastaram, e Thomas ficou aliviado ao ver Chuck vir em sua direção.

− Chuck, o que é Conclave?

O garoto pareceu orgulhoso por saber a resposta.

− É uma ocasião em que os Encarregados se reúnem. Só convocam um quando acontece alguma coisa estranha ou terrível.

− Bem, acho que o dia de hoje se encaixa muito bem nessas duas categorias. − O estômago de Thomas roncou, interrompendo os seus pensamentos. − Não terminei o meu café da manhã... será que conseguimos alguma coisa para comer em algum lugar? Estou morrendo de fome.

Chuck levantou os olhos para ele, as sobrancelhas erguidas.

− Ver aquela coisinha magra o deixou com fome? Você deve ser mais aloprado do que pensei.

Thomas suspirou.

− Veja se me arranja alguma coisa para comer.

A cozinha era pequena mas tinha todo o necessário para fazer uma refeição saborosa. Um grande fogão, um micro-ondas, uma lava-louças, duas mesas. Parecia velha e gasta, mas limpa. Ver os utensílios e a decoração familiar fez Thomas sentir como se lembranças − lembranças verdadeiras, concretas − aflorassem em sua memória. Mas de novo as partes essenciais estavam faltando − nomes, rostos, lugares, acontecimentos. Era de enlouquecer.

− Sente-se − falou Chuck. − Vou preparar alguma coisa, mas juro que é a última vez. Fique feliz pelo Caçarola não estar por perto... ele odeia quando atacamos a sua geladeira.

Thomas sentiu-se aliviado por estarem sozinhos. Enquanto Chuck se ocupava com pratos e coisas de geladeira, Thomas puxou uma cadeira de madeira que estava junto a uma pequena mesa de plástico e sentou-se.

− Isso é loucura. Como tudo isso pode ser de verdade? Alguém nos mandou aqui. Alguém maligno.

Chuck parou por um instante.

− Pare de reclamar. Apenas aceite a situação e não pense mais.

− Certo, tudo bem. − Thomas olhou pela janela. Aquele parecia um bom momento para fazer uma das milhões de perguntas que ocupavam o seu pensamento. − E aí, de onde vem a eletricidade?

− Quem se importa? É só usar.

“Que surpresa”, pensou Thomas. “Nenhuma resposta.”

Chuck trouxe dois pratos com sanduíches e cenouras para a mesa. O pão era pesado e branco, as cenouras de um laranja vivo e brilhante. O estômago de Thomas implorou para que se apressasse; ele pegou o sanduíche e começou a devorá-lo.

− Cara... − murmurou com a boca cheia. − Pelo menos a comida é boa.

Thomas conseguiu comer o resto da sua refeição sem ouvir nenhuma palavra de Chuck. E teve sorte que o garoto não estivesse com vontade de falar, porque, apesar dos muitos acontecimentos estranhos de que era capaz de lembrar, Thomas se sentia calmo de novo. O estômago cheio, a energia reposta, a mente agradecida por alguns instantes de silêncio, ele decidiu que daquele momento em diante pararia de reclamar e enfrentaria a situação.

Depois da última mordida, Thomas recostou-se na cadeira.

− E aí, Chuck − disse enquanto limpava a boca com um guardanapo −, o que preciso fazer para me tornar um Corredor?

− Não me venha com essa de novo. − Chuck levantou os olhos do prato, onde estava catando farelos. Soltou um arroto baixinho e gorgolejante que fez Thomas se encolher.

− Alby disse que começaria os meus testes com os diversos Encarregados. Então, quando devo ter contato com os Corredores? − Thomas esperou pacientemente para receber algum tipo de informação consistente de Chuck.

O garoto rolou os olhos de maneira afetada, não deixando nenhuma dúvida de quanto considerava aquela uma ideia estúpida.

− Eles devem estar de volta em algumas horas. Por que não pergunta a *eles?*

Thomas ignorou o sarcasmo, procurando saber mais.

− O que eles fazem quando retornam todas as noites? O que acontece naquele edifício de concreto?

− Mapas. Eles se reúnem logo depois que voltam antes de se esquecerem de alguma coisa.

“Mapas?” Thomas estava confuso.

− Mas se estão tentando fazer um mapa, eles não têm papel para escrever quando estão lá fora? − Mapas. Aquilo o deixou mais intrigado do que tudo o que ouvira no pouco tempo que estava ali. Era a primeira coisa que sugeria uma possibilidade de solução para o seu drama.

− É claro que eles têm, mas ainda há coisas sobre as quais precisam conversar, discutir, analisar e toda essa porcaria. Mas − o garoto rolou os olhos − eles passam a maior parte do tempo correndo, não escrevendo. É por isso que são chamados de *Corredores.*

Thomas refletiu sobre os Corredores e sobre os mapas. Será que o Labirinto era assim tão imenso que até mesmo depois de dois anos eles ainda não haviam encontrado uma saída? Parecia impossível. Mas então ele se lembrou do que Alby dissera sobre os muros se moverem. E se todos eles estivessem sentenciados a viver ali até a morte?

Sentenciados. A palavra lhe provocou um acesso de pânico, e a centelha de esperança que a refeição trouxera se desfez com um silvo silencioso.

− Chuck, e se formos todos criminosos? Quero dizer... e se formos assassinos ou coisa parecida?

− Hã? − Chuck ergueu os olhos para ele como se estivesse diante de um louco. − De onde veio esse feliz pensamento?

− Pense nisso. As nossas lembranças são apagadas. Vivemos num lugar que parece não ter saída, cercado por guardas monstruosos sedentos de sangue. Não lhe parece algum tipo de prisão? − Enquanto dizia aquilo em voz alta, a ideia lhe soava cada vez mais possível. A náusea insinuou-se no seu peito.

− Eu tenho provavelmente doze anos, cara. − Chuck apontou para o próprio peito. − No máximo treze. Você acha que fiz alguma coisa que me mandaria para a prisão para o resto da minha vida?

− Não quero saber o que você fez ou deixou de fazer. De qualquer modo, você *foi* mandado para uma prisão. Isso aqui por acaso parece com as suas férias? − “Ah, cara”, Thomas pensou. “Por favor, tomara que eu esteja enganado.”

Chuck refletiu por um instante.

− Não sei, não. É melhor do que...

− Sim, eu sei, viver num monte de plong. − Thomas levantou-se e empurrou a cadeira de volta para baixo da mesa. Gostava de Chuck, mas tentar ter um conversa inteligente com ele era impossível. Para não dizer frustrante e irritante. − Vá fazer outro sanduíche para você... vou sair para explorar. A gente se vê à noite.

Ele saiu da cozinha para o pátio antes que Chuck pudesse se oferecer para acompanhá-lo. A Clareira voltara à atividade de costume − os garotos envolvidos com as suas tarefas, as portas da Caixa fechadas, o sol brilhando. Qualquer sinal de uma garota louca portando um bilhete sobre o juízo final desaparecera. Depois de ter a sua visita ao lugar interrompida, ele decidiu fazer uma caminhada pela Clareira por conta própria e dar uma olhada melhor para sentir o lugar. Encaminhou-se para o canto noroeste, na direção das grandes fileiras de altos milharais que pareciam prontos para a colheita. Havia outras plantações além daquela: pés de tomate, alface, ervilha, e muitas mais que Thomas não conseguiu identificar. Respirou fundo, adorando o aroma fresco da terra e das plantas crescendo. Estava quase certo de que o cheiro traria de volta algum tipo de lembrança agradável, mas não aconteceu nada. Quando se aproximou, viu que vários garotos estavam capinando e recolhendo

as ervas daninhas dos canteiros. Um acenou para ele com um sorriso. Um sorriso de verdade.

"Talvez este lugar não seja tão ruim, afinal de contas", pensou Thomas. "Nem todo mundo aqui deve ser um idiota." Mais uma vez respirou profundamente o ar agradável e se livrou daqueles pensamentos, havia muito mais coisas para ver.

Em seguida vinha o canto sudeste, onde cercas de madeira precárias guardavam diversas vacas, cabritos, ovelhas e porcos. No entanto, não se viam cavalos. "É uma pena", pensou Thomas. *Cavaleiros* seriam muito mais rápidos do que *Corredores.* Quando se aproximou, percebeu que devia lidar com animais na sua vida anterior à Clareira. O seu cheiro, os sons que produziam... pareciam-lhe muito familiares.

O cheiro não era tão bom quanto o das plantações, mas ele imaginou que podia ser muito pior. Enquanto explorava o lugar, foi percebendo cada vez mais como os Clareanos cuidavam bem daquilo, como tudo era limpo. Estava impressionado de ver como eram organizados, como deviam trabalhar duro. Ficou pensando como o lugar poderia ser horrível se todo mundo fosse preguiçoso e burro.

Finalmente, chegou à parte sudoeste, perto da floresta.

Estava se aproximando das árvores ralas, esqueléticas, na frente dos bosques mais frondosos, quando se assustou com um sinal de movimento aos seus pés, seguido por uma sequência rápida de sons tilintantes. Olhou para baixo a tempo de ver o sol refletindo em algo metálico − um rato de brinquedo − esgueirando-se para passar por ele em direção à pequena floresta. A coisa já estava a uns três metros de distância no momento em que percebeu que não se tratava de um rato − era mais parecido com um lagarto, com pelo menos seis pernas movimentando depressa o comprido corpo prateado.

Um besouro mecânico. "É assim que eles nos observam", dissera Alby.

Ele viu um brilho de luz vermelha projetando-se no chão à frente da criatura como se saísse dos seus olhos. A lógica lhe disse que a sua mente devia estar lhe pregando peças, mas ele podia jurar que

tinha visto a palavra *CRUEL* espalhada sobre as costas arredondadas da criatura, em grandes letras verdes. Algo tão estranho precisava ser investigado.

Thomas correu atrás do espião fujão e em questão de segundos entrou por entre as grossas árvores copadas e o mundo escureceu.

10

Ele não acreditava como a luz pudera desaparecer tão depressa. Vista da Clareira, a floresta não parecia tão grande, talvez tivesse menos de um hectare. Ainda assim as árvores eram altas, com troncos robustos, crescendo bem próximas umas das outras, as copas fechadas de folhas. O ar ao seu redor tinha um tom esverdeado, embaçado, como se só houvesse alguns minutos de luz difusa por ali ao longo do dia.

Era algo lindo e horripilante ao mesmo tempo.

Avançando o mais rápido possível, Thomas chocava-se contra a pesada folhagem, os ramos mais finos batendo no seu rosto. Ele se curvou para evitar um ramo mais baixo, quase caindo. Estendendo a mão, segurou-se em outro ramo e se balançou para a frente para recobrar o equilíbrio. Um grosso leito de folhas e galhos caídos rangeu sob os seus pés.

Durante todo o tempo, procurou não perder de vista o besouro mecânico que atravessava ligeiro o chão da floresta. Ele se embrenhou entre as árvores, a sua luz vermelha brilhando com mais intensidade enquanto o local ao redor escurecia.

Thomas tinha penetrado uns dez ou doze metros entre as árvores, tropeçando e se abaixando, perdendo terreno a cada segundo, quando o besouro mecânico saltou sobre uma árvore grande e subiu pelo seu tronco. Mas no momento em que Thomas alcançou a árvore, não havia mais o menor sinal da criatura. Ela tinha desaparecido completamente no meio da folhagem − quase como se nunca tivesse existido.

Ele perdera o safado.

− Mértila! − Thomas sussurrou, quase como uma piada. Quase. Por mais estranho que parecesse, a palavra soou quase natural nos seus lábios, como se já a tivesse pronunciado na Clareira.

Um galhinho estalou em algum lugar à sua direita e ele virou rapidamente a cabeça naquela direção. Prendeu a respiração e escutou.

Outro estalo, dessa vez mais forte, quase como se alguém tivesse quebrado um galho sobre o joelho.

− Quem está aí? − gritou Thomas, um arrepio de medo correndo pelos seus ombros. A sua voz chegou até a copa das árvores lá no alto e ecoou no ar. Ele permaneceu imóvel, pregado no lugar enquanto tudo silenciava, a não ser pelo assobio melodioso de alguns pássaros à distância. Mas ninguém respondeu ao seu chamado. Nem ele ouviu mais nenhum som daquela direção.

Sem pensar no que fazia, Thomas encaminhou-se na direção do ruído que ouvira. Ia afastando os ramos enquanto caminhava, sem se preocupar em disfarçar o seu rastro. Com uma careta, semicerrou os olhos para espreitar na escuridão cada vez mais densa, desejando ter uma lanterna. Pensou em lanternas e na sua memória. Uma vez mais, lembrava-se de uma coisa tangível do passado, mas não conseguia vinculá-la a nenhum momento ou lugar em especial, não conseguia associá-la a nenhuma outra pessoa ou acontecimento. Era frustrante.

− Tem alguém aí? − indagou de novo, sentindo-se um pouco mais calmo pelo fato de o ruído não se repetir. Provavelmente fora apenas algum animal, talvez outro besouro mecânico. Só por precaução, gritou:

− Sou eu, Thomas. O novo calouro. Quero dizer, um dos dois mais novos.

Deu de ombros e abanou a cabeça, esperando então que *não houvesse* ninguém ali.

Sentia-se um perfeito idiota.

De novo, nenhuma resposta.

Deu a volta em torno de um grande carvalho e parou de repente. Um arrepio gelado desceu pelas suas costas. Tinha chegado ao

cemitério.

O lugar era pequeno, talvez com uns dez metros quadrados, e coberto com uma grossa camada de mato verdejante que crescia rente ao chão. Thomas avistou diversas cruzes de madeira, feitas de modo desajeitado, espetadas entre as plantas, com as hastes horizontais presas sobre as verticais por um pedaço de barbante. As placas das sepulturas tinham sido pintadas de branco, mas por alguém que claramente fizera isso de maneira apressada − bolhas pastosas as cobriam e partes da madeira apareciam entre elas. Os nomes tinham sido gravados na madeira. Hesitante, Thomas se aproximou da que estava mais perto e se ajoelhou para dar uma olhada. A luz já estava tão fraca naquele momento que ele teve a impressão de estar olhando através de uma névoa preta. Até mesmo os pássaros haviam se calado, como se estivessem se preparando para dormir, e o ruído dos insetos era quase imperceptível, ou pelo menos muito menor do que o normal. Pela primeira vez, Thomas percebeu quanto estava úmido na floresta, o ar se condensando como suor na sua testa, no dorso das suas mãos.

Ele se inclinou perto da primeira cruz. Ela parecia recente e trazia o nome Stephen − o *n* final pequeno e próximo da borda porque o gravador não calculara bem o espaço necessário.

“Stephen”, pensou Thomas, sentindo uma tristeza inesperada mas distante. “Qual é a sua história? Chuck irritou você até a morte?”

Ele se levantou e aproximou-se de outra cruz, esta quase coberta pelo mato, a terra bem firme na sua base. Fosse quem fosse, esse devia ter sido um dos primeiros a morrer, porque a sepultura parecia a mais velha. O nome era George.

Thomas olhou em volta e percebeu que havia mais ou menos uma dezena de outras sepulturas. Algumas delas pareciam ser tão recentes quanto a primeira que examinara. Um lampejo prateado chamou a sua atenção. Esse era diferente do besouro mecânico arisco que o levara para a floresta, mas tão estranho quanto o outro. Ele passou pelas placas até chegar a uma sepultura coberta com uma folha de plástico ou vidro sombrio, as bordas sujas com uma espécie de lodo. Semicerrou os olhos, tentando ver o que havia do

outro lado, então levou um susto quando conseguiu enxergar. Era uma janela para outra sepultura − nela havia os restos empoeirados de um corpo em decomposição.

Apavorado, mas ainda assim curioso, Thomas se inclinou para ver mais de perto. O túmulo era menor do que o comum − só a *metade* superior do defunto jazia lá dentro. Ele se lembrou da história de Chuck sobre o garoto que tentara descer pela corda no buraco negro da Caixa depois que ela tinha baixado, acabando por ser cortado em dois por alguma coisa que o atacou no ar. No vidro havia palavras gravadas; Thomas mal conseguiu lê-las:

Que esse meio-trolho sirva de advertência a todos:
não se pode escapar pelo Fosso da Caixa.

Thomas sentiu uma estranha vontade de rir − parecia ridículo demais para ser verdade. Mas também ficou desgostoso consigo mesmo por ser tão superficial e inconstante. Abanando a cabeça, caminhou para o lado, para ler mais nomes de mortos, quando outro graveto quebrou, dessa vez bem à sua frente, atrás das árvores que ficavam do outro lado do cemitério.

Depois outro estalido. E mais outro. Aproximando-se. A escuridão estava mais intensa.

− Quem está aí? − ele gritou, a voz trêmula e fraca. Soava como se estivesse falando dentro de um túnel vazio. − Falando sério, isso é uma idiotice. − Detestava ter de admitir a si mesmo quanto estava aterrorizado.

Em vez de responder, a pessoa desistiu de qualquer intenção de ser sigilosa e começou a correr pela floresta ao redor do cemitério, cercando o ponto onde Thomas se encontrava. Ele congelou, dominado pelo pânico. Agora, a poucos metros de distância, o visitante tornava-se cada vez mais audível, até que Thomas vislumbrou a sombra de um garoto raquítico correndo e mancando por todo o trajeto.

− Quem é que...

Antes que ele pudesse terminar, o garoto saiu correndo desembestado por entre as árvores. Thomas viu apenas o brilho

fugidio da pele clara e olhos enormes − a imagem assombrada de uma aparição − e gritou, tentou correr, mas era tarde demais. A figura saltara no ar e estava em cima dele, fustigando os seus ombros, agarrando-o com mãos fortes. Thomas caiu no chão, sentiu uma placa de sepultura cravar-se nas suas costas para em seguida se partir em duas, abrindo um profundo arranhão na pele.

Thomas empurrou seu agressor e o golpeou, um amontoado inquieto de pele e ossos sacolejando em cima dele enquanto tentava se firmar. Parecia um monstro, uma criatura horrorosa de um pesadelo, mas Thomas sabia que tinha de ser um Clareano, alguém que perdera o juízo por completo. Ele ouviu dentes baterem como se a boca se abrisse e se fechasse, num horrível claque, claque, claque. Então sentiu uma pontada de dor quando a boca do garoto achou o seu caminho, mordendo-lhe profundamente o ombro.

Thomas gritou, com a dor provocando um jorro de adrenalina através do seu sangue. Ele encostou com energia a palma das mãos no peito do seu agressor e empurrou, esticando os braços até que os músculos se estirassem contra a figura que se debatia em cima do seu corpo. Finalmente, o garoto caiu para trás; um estalido seco correu pelo ar quando outra placa de sepultura encontrou o seu fim.

Thomas sacudiu as mãos e os pés, respirando forte várias vezes, e deu a primeira boa olhada no agressor furioso.

Era o garoto doente.

Era Ben.

11

Parecia que Ben tinha se recuperado pouco desde que Thomas o vira na Sede. Não usava outra coisa a não ser um calção, a pele para lá de branca esticada sobre os ossos como um lençol envolvendo um punhado de varetas. As veias, parecidas com cordas, corriam pelo seu corpo, verdes, pulsando, mas menos pronunciadas que no dia anterior. Os olhos injetados de sangue fitavam Thomas como se estivessem olhando para a sua próxima refeição.

Ben agachou-se, decidido a partir para um novo ataque. A certa altura mostrou uma faca, que segurava com força na mão direita. Thomas estava tomado de um medo nauseante, sem acreditar que aquilo estivesse mesmo acontecendo.

− *Ben!*

Thomas olhou na direção da voz, surpreso em ver Alby em pé à entrada do cemitério, um mero fantasma na semiescuridão. O seu alívio foi imediato − Alby segurava um grande arco, uma flecha pronta para ser disparada, apontada para Ben.

− Ben − repetiu Alby. − Pare agora mesmo, ou não vai ver o dia de amanhã.

Thomas olhou de volta para Ben, que espreitava Alby maliciosamente, a língua se projetando entre os lábios para umedecê-los. “O que poderia haver de errado com esse garoto?”, pensou Thomas. Ele se transformara em um monstro. Por quê?

− Se me matar − guinchou Ben, projetando gotas de saliva venenosa pela boca, longe demais para atingir o rosto de Thomas −,

vai acabar com o garoto errado. − Ele dardejou o olhar na direção de Thomas. − Esse é o trolho que você quer matar. − A voz soava desequilibrada.

− Não seja imbecil, Ben − disse Alby, a voz calma enquanto continuava a apontar a flecha. − Thomas mal acabou de chegar aqui... Não há nada com que se preocupar. Você ainda está sentindo os efeitos da Transformação. Nunca deveria ter deixado a sua cama.

− Ele não é um de nós! − gritou Ben. − Eu o vi... ele... ele é mau. Precisamos matá-lo! Deixe-me arrancar as tripas dele!

Sem querer, Thomas deu um passo para trás, horrorizado com o que Ben dissera. O que estava querendo dizer, que o vira? Por que pensava que fosse mau?

Alby não movera a sua arma nem um centímetro, ainda apontando para Ben.

− Deixe isso comigo e com os Encarregados, nós resolvemos, cara de mértila. − Tinha as mãos perfeitamente seguras enquanto manejava o arco, quase como se o tivesse apoiado sobre um ramo de árvore. − Dê meia-volta agora mesmo com o seu traseiro esquelético e vá para a Sede.

− Ele vai querer nos levar para casa − disse Ben. − Ele vai querer que deixemos o Labirinto. Melhor seria todos saltarmos do Penhasco! Melhor se nós arrancássemos as tripas de todos!

− Do que você está falando? − começou Thomas.

− *Cale a boca!* − gritou Ben. − Cale essa boca horrível de traidor!

− Ben − disse Alby calmamente. − Vou contar até três.

− Ele é mau, ele é mau, ele é mau... − agora Ben sussurrava, quase cantando. Oscilava para a frente e para trás, passando a faca de uma das mãos para a outra, os olhos grudados em Thomas.

− Um.

− Mau, mau, mau, mau, mau... − Ben sorriu; seus dentes pareceram brilhar, esverdeados à pouca luz.

Thomas quis desviar o olhar, sair dali. Mas não conseguia se mover; também estava hipnotizado, assustado demais.

− Dois. − A voz de Alby soou mais alta, num tom de advertência.

− Ben − disse Thomas, tentando dar um sentido a tudo aquilo. − Não sou... nem mesmo sei o que...

Ben gritou, um gorgolejo estrangulado de loucura, e saltou no ar, desferindo um golpe rasante com a lâmina.

− Três! − Alby gritou.

Ouviu-se um estalido seco. O ruído instantâneo de um objeto cortando o ar. Seguido de um som oco do encontro no alvo. A cabeça de Ben pendeu violentamente para a esquerda, girando o corpo até que ele caiu sobre a barriga, os pés apontados na direção de Thomas. Ele não deu nem um gemido.

Cambaleante, Thomas aproximou-se dele. A haste comprida da flecha projetava-se da bochecha de Ben, o sangue escasso, menos do que Thomas esperava, mas vazando do mesmo jeito. Preto na escuridão, como petróleo. O único movimento era do dedo mínimo da mão direita de Ben, que se repuxava. Thomas lutou contra a ânsia de vômito. Ben teria sido morto por causa dele? Era culpa dele?

− Vamos − disse Alby. − Os Embaladores cuidarão dele amanhã.

“O que aconteceu aqui?”, pensou Thomas, o mundo girando ao redor dele enquanto olhava para o corpo sem vida. “O que foi que fiz para esse garoto?”

Levantou os olhos, querendo respostas, mas Alby já tinha ido, um galho agitado como o único indício de que estivera ali.

Quando saiu da floresta, Thomas comprimiu os olhos em reação à luz cegante do sol. Estava mancando, o tornozelo latejava de dor, embora não se lembrasse de tê-lo machucado. Mantinha uma das mãos cuidadosamente sobre a região onde tinha sido mordido; a outra segurava o estômago, como se pudesse impedir o que agora sentia como um vômito inevitável. A imagem da cabeça de Ben saltava na sua mente, caída, projetada em um ângulo bizarro, o sangue escorrendo pela haste da flecha até se acumular, pingar e se espalhar pelo chão...

A imagem da cena foi a gota-d’água.

Ele caiu de joelhos embaixo de uma das árvores desgrenhadas nos limites da floresta e pôs tudo para fora, fazendo um esforço para vomitar enquanto tossia e expelia os últimos vestígios da bile ácida e desagradável do estômago. Seu corpo todo sacudia e parecia que o vômito não acabaria nunca. E então, como se o seu cérebro estivesse caçoando dele, tentando deixá-lo pior, ocorreu-lhe um pensamento.

Já estava na Clareira havia vinte e quatro horas. Um dia inteiro. Era isso. E vira todas as coisas que tinham acontecido. Todas as coisas terríveis.

Com certeza só podia melhorar.

Naquela noite, Thomas deitou-se olhando para o céu cintilante, imaginando se conseguiria dormir de novo. Toda vez que fechava os olhos, a imagem monstruosa de Ben saltava sobre ele, o rosto do garoto tomado pela demência, invadindo a sua mente. De olhos abertos ou não, ele poderia jurar que continuava ouvindo o golpe amortecido da flecha atingindo o rosto de Ben.

Thomas sabia que nunca se esqueceria daqueles minutos terríveis no cemitério.

− Diga alguma coisa − falou Chuck pela quinta vez desde que haviam estendido os sacos de dormir.

− Não − respondeu Thomas, exatamente como fizera antes.

− Todo mundo sabe o que aconteceu. Aconteceu uma ou duas vezes... Algum trolho picado por um Verdugo escapa e ataca alguém. Não pense que você é especial.

Pela primeira vez, Thomas pensou que a personalidade de Chuck passara de um pouco irritante para intolerável.

− Chuck, agradeça por eu não estar com o arco do Alby agora.

− Só estou sendo...

− Cale a boca, Chuck. Vá dormir. − Thomas simplesmente não conseguia lidar com a situação no momento.

Por fim, o seu “colega” adormeceu, e, a julgar pelos sonoros roncos por toda a Clareira, todo mundo fizera o mesmo. Horas mais tarde, no meio da noite, Thomas ainda era o único acordado. Queria

chorar, mas não o fez. Queria encontrar Alby e esmurrá-lo, sem nenhuma razão aparente, mas não o fez. Queria gritar e chutar e cuspir e abrir a Caixa e saltar na escuridão lá de dentro. Mas não fez nada disso. Fechou os olhos e forçou os pensamentos e as imagens sombrias a saírem, e, a certa altura, caiu no sono.

De manhã cedo, Chuck precisou arrastar Thomas para fora do saco de dormir, arrastá-lo até os chuveiros e arrastá-lo até os vestiários. O tempo todo, Thomas sentia-se mole e indiferente, a cabeça doendo, o corpo querendo dormir mais. Tomou o café da manhã num torpor, e uma hora depois não conseguia se lembrar do que comera. Estava muito cansado, era como se alguém tivesse entrado no seu cérebro e o grampeado no crânio em uma dezena de lugares. A azia queimava o seu peito.

No entanto, pelo que pudera entender, os cochilos eram mal recebidos na gigantesca fazenda da Clareira.

Permaneceu ao lado de Newt em frente ao celeiro do Sangradouro, pronto para a sua primeira aula com um Encarregado. Apesar da manhã difícil, na verdade estava empolgado com a ideia de aprender mais e com a oportunidade de afastar os pensamentos de Ben e do cemitério. As vacas mugiam, as ovelhas baliam, os porcos grunhiam por toda parte. Em algum lugar ali perto, um cachorro latiu, e Thomas esperou que Caçarola não desse um novo significado a *cachorro-quente.* “Cachorro-quente”, ele pensou. “Qual foi a última vez que comi um cachorro-quente? Com quem eu comi?”

− Tommy, por acaso está ouvindo o que estou falando?

Thomas reagiu, saindo da sua confusão mental, e concentrou-se em Newt, que há um bom tempo devia estar falando com ele; Thomas não ouvira uma palavra do que dissera.

− Certo, desculpe. Não dormi bem esta noite.

Newt esboçou um sorriso sem graça.

− Normal. Depois de tudo o que você passou. Deve estar pensando que eu sou um trolho cabeçudo por exigir que esteja

pronto para começar a trabalhar hoje, depois de uma cena daquelas.

Thomas encolheu os ombros.

− Trabalhar talvez seja a melhor coisa que eu possa fazer. Qualquer coisa para desligar minha mente daquilo.

Newt inclinou a cabeça concordando e seu sorriso tornou-se mais verdadeiro.

− Você é tão esperto quanto parece, Tommy. Esse é um dos motivos pelos quais cuidamos deste lugar com tanto cuidado e muito trabalho. Se ficar preguiçoso, você fica triste. Começa a entregar os pontos. Simples assim.

Thomas concordou com um movimento de cabeça, chutando distraidamente uma pedra solta no chão rochoso e empoeirado da Clareira.

− E aí, qual é a última sobre a garota de ontem? − Se havia alguma coisa que penetrara a névoa dos seus pensamentos fora a lembrança dela. Queria saber mais a seu respeito, entender a estranha ligação que sentia em relação a ela.

− Continua em coma, dormindo. Os Socorristas vão lhe dando de colher a sopa que o Caçarola prepara, verificando os seus sinais vitais e essas coisas. Ela parece bem, apenas morta para o mundo por enquanto.

− Isso é muito estranho. − Se não tivesse passado pelo incidente com Ben no cemitério, Thomas estava certo de que ela teria ocupado todos os seus pensamentos na noite anterior. Talvez não fosse capaz de dormir por outra razão completamente diferente. Queria saber quem ela era e se ele a conhecia de algum modo.

− É isso − falou Newt. − *Estranho* é a melhor palavra no caso, acho.

Thomas olhou por cima do ombro de Newt para o grande celeiro vermelho-desbotado, pondo de lado os pensamentos sobre a garota.

− E aí, o que fazemos primeiro? Tiramos leite das vacas ou retalhamos alguns pobres leitõezinhos?

Newt riu, e Thomas percebeu que não tinha ouvido muito aquele tipo de som desde que chegara.

− A gente sempre faz os Calouros começarem com os Retalhadores. Não se preocupe, cortar os alimentos que o Caçarola vai usar é só uma parte do trabalho. Os Retalhadores fazem tudo o que tenha a ver com os animais.

− Pena não conseguir me lembrar de toda a minha vida. Talvez eu adorasse matar animais.

Ele estava apenas brincando, mas Newt não pareceu entender assim.

Newt indicou o celeiro com um movimento de cabeça.

− Ah, você vai saber muito bem isso até o pôr do sol. Vamos lá conversar com o Winston... ele é o Encarregado.

Winston era um garoto cheio de espinhas, baixo mas musculoso, e pareceu a Thomas que o Encarregado gostava demais do seu trabalho. “Talvez ele tenha sido mandado aqui por ser um *serial killer”,* pensou.

Durante a primeira hora, Winston mostrou todo o lugar a Thomas, indicando quais eram os cercados onde ficavam os diversos animais, onde ficavam as galinhas e os perus, o que ia para o celeiro. O cachorro, um labrador preto, agitado, chamado Tagarela, rapidamente adotou Thomas, seguindo os seus passos durante toda a visita. Imaginando de onde teria vindo o cachorro, Thomas perguntou a Winston, que disse que Tagarela sempre estivera ali. Parecia que seu nome fora dado como uma brincadeira, já que o cão era bem silencioso.

A segunda hora transcorreu em meio ao trabalho de verdade com os animais de criação − alimentando-os, limpando, consertando a cerca, dando um jeito no plong todo. *Plong.* Thomas surpreendia-se cada vez mais empregando as expressões da Clareira.

A terceira hora foi a mais difícil para Thomas. Ele precisou observar enquanto Winston abatia um porco e começava a preparar as suas diversas partes para o consumo futuro. Thomas jurou duas coisas para si mesmo enquanto saía para o almoço. Primeiro, a sua carreira não seria entre os animais; segundo, nunca mais comeria nada que viesse de um porco.

Winston dissera para ele continuar sozinho, para andar pelo Sangradouro, o que para Thomas foi ótimo. Enquanto caminhava na direção da Porta Leste, não conseguia parar de imaginar Winston em um canto escuro do celeiro, mastigando pés de porco crus. O sujeito lhe dava calafrios.

Thomas estava passando exatamente pela Caixa quando se surpreendeu ao ver alguém entrar na Clareira vindo do Labirinto, através da Porta Oeste, à sua esquerda − um garoto de origem asiática com braços fortes e cabelo preto cortado curto, que parecia um pouco mais velho do que ele. O Corredor parou, deu três passos para dentro, depois se curvou e apoiou-se nas mãos sobre os joelhos, respirando com dificuldade. Parecia que tinha acabado de correr trinta quilômetros, o rosto vermelho, a pele coberta de suor, as roupas ensopadas.

Thomas ficou olhando, dominado pela curiosidade − era a chance de ver um Corredor de perto ou conversar com um deles. Além disso, com base nos últimos dias, o Corredor tinha voltado algumas horas mais cedo. Thomas adiantou-se, ansioso por conhecê-lo e fazer-lhe perguntas.

No entanto, antes que Thomas pudesse articular uma frase, o garoto desmoronou no chão.

12

Thomas não se moveu por alguns segundos. O garoto jazia como um monte disforme, mal se mexendo, mas Thomas permanecia congelado pela indecisão, com receio de se envolver. E se houvesse alguma coisa muito séria com aquele garoto? E se tivesse sido... *picado?* E se...

Thomas caiu em si de repente... Obviamente, o Corredor precisava de ajuda.

− Alby! − gritou. − Newt! Alguém chame um deles!

Thomas correu até o garoto mais velho e ajoelhou-se ao lado dele.

− Ei... você está bem?

A cabeça do Corredor descansava entre os braços abertos como ele caíra, o peito arfando. Ele estava consciente, mas Thomas nunca vira alguém tão exausto.

− Estou... estou bem − disse ele ofegante, então ergueu os olhos. − Que plong é você?

− Sou novo aqui. − Ocorreu a Thomas então que os Corredores passavam o dia no Labirinto e não tinham testemunhado nenhum dos acontecimentos recentes. Será que aquele rapaz sabia ao menos sobre a garota? Provavelmente... com certeza alguém lhe contara. − Sou Thomas. Estou aqui há apenas dois dias.

O Corredor sentou-se depressa, o cabelo preto grudado na cabeça pelo suor.

− Ah, sei, Thomas − ele ofegou. − Calouro. Você e a mina.

Alby apareceu correndo, aborrecido.

− O que está fazendo de volta, Minho? O que aconteceu?

− Calminha aí, Alby − replicou o Corredor, parecendo ganhar forças por um segundo. − Faça alguma coisa útil e me arranje um pouco de água... Deixei a minha mochila cair em algum lugar.

Mas Alby não se moveu. Chutou a perna de Minho... com força demais para ser de brincadeira.

− O que *aconteceu?*

− Mal consigo falar, cara de mértila! − gritou Minho, a voz áspera. − Me arranje um pouco de água!

Alby olhou para Thomas, que ficou chocado em ver a insinuação de um sorriso passar pelo rosto dele antes de desaparecer em uma carranca.

− Minho é o único trolho que pode falar comigo dessa maneira sem ter o seu traseiro atirado pelo Penhasco.

Então, surpreendendo Thomas ainda mais, Alby se voltou e saiu correndo, supostamente para buscar água para Minho.

Thomas voltou-se para Minho.

− Alby deixa você mandar nele assim?

Minho deu de ombros, depois limpou as gotas de suor da testa.

− Você tem medo daquele linguarudo? Cara, você tem muito que aprender. Malditos Calouros.

O comentário magoou Thomas muito mais do que deveria, considerando que conhecia aquele sujeito havia menos de três minutos.

− Ele não é o líder?

− Líder? − Minho deu um grunhido alto que provavelmente deveria ser uma risada. − É, sim, pode chamá-lo de líder se quiser. Talvez devêssemos chamá-lo *El Presidente*. Não, não... Almirante Alby. É isso aí. − Ele esfregou os olhos, dando uma risadinha estridente enquanto fazia isso.

Thomas não sabia que rumo dar à conversa − era difícil dizer quando Minho estava brincando.

− Então quem *é* o líder se não for ele?

− Fedelho, apenas cale a boca antes de se confundir ainda mais. − Minho suspirou como se estivesse entediado, depois resmungou, quase para si mesmo: − Por que vocês trolhos sempre vêm aqui fazendo perguntas estúpidas? Que saco.

− O que esperava que fizéssemos? − Thomas sentiu um ímpeto de raiva. “Aposto que não era diferente logo que chegou aqui”, teve vontade de dizer.

− Façam o que mandarem, mantenham a boca fechada. É isso o que eu espero.

Minho o olhara direto no rosto pela primeira vez ao proferir aquela última frase, e Thomas, inconscientemente, afastou-se alguns centímetros. Mas em seguida se deu conta de que havia cometido um erro: não devia deixar aquele cara pensar que podia falar com ele daquele jeito.

Recuou, erguendo-se sobre os joelhos, para poder olhar de cima o rapaz mais velho.

− É, sei direitinho o que você fez quando era um Calouro.

Minho observou Thomas com atenção. Depois, novamente olhando direto nos seus olhos, disse:

− Fui um dos primeiros Clareanos, cabeção. Feche a matraca enquanto não souber com quem está falando.

Thomas, agora ligeiramente atemorizado pelo garoto, mas mais consciente do motivo da sua atitude, fez menção de se levantar. Minho de imediato agarrou o seu braço.

− Cara, sente aqui. Só estou tirando onda com você. É divertido demais... você vai ver quando o próximo Calouro chegar... − Ele se interrompeu, curvando as sobrancelhas com perplexidade. − Parece que não *haverá* mais nenhum Calouro, hein?

Thomas relaxou, voltou a sentar-se, surpreso pela facilidade com que ele tinha sido posto à vontade novamente. Pensou na garota e no bilhete dizendo que ela era a última para sempre.

− Acho que não.

Minho semicerrou um pouco os olhos, como se examinasse Thomas.

− Você viu a mina, certo? Todo mundo está dizendo que você provavelmente conhecia ela ou algo parecido.

Thomas sentiu que se colocava na defensiva.

− Eu a vi. Não me parece familiar, de maneira nenhuma. − Imediatamente sentiu-se culpado por mentir... mesmo que fosse uma mentirinha.

− Ela é gostosa?

Thomas parou. Não tinha pensado nela daquele jeito desde que ela enlouquecera, entregara o bilhete e pronunciara a sua única fala: “Tudo vai mudar.” Mas lembrava-se de como era bonita.

− É... acho que é gostosa.

Minho jogou-se para trás até ficar estirado no chão, os olhos fechados.

− É... você acha. Se tivesse atração por garotas em coma, certo? − Deu uma risadinha estridente de novo.

− Certo. − Thomas estava tendo dificuldade de decidir se gostava de Minho ou não... a personalidade dele parecia mudar a cada minuto. Depois de uma longa pausa, resolveu arriscar. − Então... − disse com cautela − você não encontrou nada hoje?

Minho arregalou os olhos e encarou Thomas.

− O que você sabe, Fedelho? Essa é a coisa mais idiota e mertilenta que se poderia perguntar a um Corredor. − Ele fechou os olhos de novo. − Mas não hoje.

− Como assim? − Thomas ousou esperar por alguma informação. “Uma resposta”, pensou. “Por favor, só me dê uma resposta!”

− Espere só até o belo almirante voltar. Não gosto de falar as coisas duas vezes. Mesmo assim, ele pode não querer que você ouça.

Thomas suspirou. Não estava enfim muito surpreso com a falta de respostas.

− Bem, pelo menos me conte por que parecia tão cansado. Não corre lá fora todos os dias?

Minho gemeu enquanto se levantava e cruzava as pernas.

− É, Fedelho, corro lá fora todos os dias. Digamos que hoje fiquei muito empolgado e corri um pouco mais depressa para trazer o meu traseiro de volta para cá.

− Por quê? − Thomas queria desesperadamente ouvir alguma coisa sobre o que acontecera no Labirinto.

Minho jogou as mãos para o alto.

− Cara. Eu já disse. Paciência. Espere pelo General Alby.

Algo na voz dele atenuou o golpe, e Thomas tomou uma decisão. Gostava de Minho.

− Certo, vou calar a boca. Apenas faça com que Alby me deixe ouvir também o que aconteceu.

Minho o observou por um segundo.

− Tudo bem, Fedelho. Você manda.

Alby chegou um instante depois com um grande copo de plástico cheio de água e entregou a Minho, que bebeu tudo de um gole só, sem parar nem uma vez para tomar fôlego.

− Muito bem − disse Alby. − Desembuche. O que aconteceu?

Minho arqueou as sobrancelhas e fez um sinal com a cabeça na direção de Thomas.

− Não tem problema − replicou Alby. − Não me interessa o que esse trolho ouvir. Agora fale!

Thomas ficou sentado em silêncio, esperando ansiosamente enquanto Minho se esforçava para se levantar, fazendo uma careta a cada gesto, com um aspecto que denotava exaustão. O Corredor equilibrou-se contra o muro, dirigindo aos outros dois um olhar frio.

− Encontrei um deles morto.

− Hã? − surpreendeu-se Alby. − Um deles o quê?

Minho sorriu.

− Um Verdugo morto.

13

Thomas estava fascinado com a menção a um Verdugo. Só pensar na criatura asquerosa já era algo aterrorizante, mas ele ficou se perguntando por que encontrar uma delas morta era grande coisa. Será que nunca havia acontecido antes?

Alby estava como alguém que acaba de saber que pode criar asas e voar.

− Não é um bom momento para gracinhas − comentou.

− Olhe − falou Minho −, eu também não acreditaria em mim se fosse você. Mas acredite, eu vi. Uma daquelas coisas nojentas, gordas e grandonas.

"Sem dúvida nenhuma, nunca aconteceu antes", concluiu Thomas.

− Você encontrou um Verdugo *morto* − repetiu Alby.

− *Isso mesmo,* Alby − confirmou Minho, as palavras acompanhadas de um tom de irritação. − A uns três quilômetros daqui, perto do Penhasco.

Alby olhou para o Labirinto, depois de novo para Minho.

− Bem... por que não trouxe a criatura de volta com você?

Minho riu de novo, meio grunhido, meio risadinha. − Você andou bebendo o molho apimentado do Caçarola? Aquelas coisas devem pesar meia tonelada, cara. Além disso, eu não tocaria em uma delas mesmo que você me desse uma viagem grátis para fora deste lugar.

Alby persistiu nas perguntas.

− E como era a aparência da coisa? Os ferrões de metal estavam dentro ou fora do corpo? Ela se movia de algum modo... a pele ainda estava úmida?

Thomas estava explodindo de vontade de fazer perguntas − “Ferrões de metal? Pele úmida? O que era tudo aquilo?” −, mas mordeu a língua, não querendo chamar a atenção para a sua presença. E temendo que eles fossem conversar em particular.

− Calma aí, cara − falou Minho. − Você tem que ver por si mesmo. É... estranho.

− Estranho? − Alby pareceu confuso.

− Cara, estou exausto, morrendo de fome e quase com uma insolação. Mas se você estiver a fim de dar um alô para a coisa agora mesmo, podemos ir lá e estar de volta antes que os muros fechem.

Alby olhou para o relógio.

− Melhor esperar até amanhã, na hora de acordar.

− Essa foi a coisa mais inteligente que disse em uma semana. − Minho recompôs-se desencostando do muro, deu um tapinha no braço de Alby, depois partiu em direção à Sede mancando. Ainda falou por cima do ombro enquanto se afastava, demonstrando que o seu corpo inteiro doía:

− Eu sei que devia voltar lá, mas esqueça. Vou comer um pouco daquele cozido nojento do Caçarola.

Aquilo foi um ducha de água fria para Thomas. Precisava admitir que Minho merecia um descanso e um pouco de comida, mas queria saber mais.

Então Alby voltou-se para Thomas, surpreendendo-o.

− Se sabe de alguma coisa e não me contou...

Thomas estava cansado de ser acusado de saber das coisas. Não era esse o problema? Ele *não* sabia de nada. Encarou de forma direta o rapaz e perguntou:

− Por que você me odeia tanto?

A expressão que dominou o rosto de Alby foi indescritível − em parte confusão, em parte raiva, em parte choque.

− *Odiar* você? Garoto, você não aprendeu nada desde que apareceu naquela Caixa. Isso não tem nada a ver com odiar, gostar, amar ou ter amizade ou algo parecido. Só o que nos interessa é sobreviver. Deixe de frescura e comece a usar esse cérebro de mértila se tiver algum.

Thomas sentiu como se tivesse levado um tapa na cara.

− Mas... por que você está sempre me acusando...?

− Porque não pode ser coincidência, cabeção! Você surge aqui, depois aparece uma garota como Calouro no *dia* seguinte. Depois umas coisas malucas: Ben tentando morder você, Verdugos mortos. Está acontecendo algo e não vou descansar enquanto não descobrir o que é.

− Eu não *sei* de nada, Alby. − Pareceu-lhe adequado colocar um pouco de calor nas palavras. − Nem mesmo sei onde *eu* estava três dias atrás, muito menos por que esse Minho encontraria uma coisa morta chamada Verdugo. Portanto, dá um tempo!

Alby inclinou-se ligeiramente para trás, olhando um tanto distante para Thomas por vários segundos. Então disse:

− Pega leve, Fedelho. Cresça e comece a pensar. Não ganho nada em acusar ninguém de coisa alguma. Mas se lembrar de algo, se algo ao menos *parecer* familiar, é melhor começar a falar. Prometa.

“Não enquanto não tiver uma memória confiável”, pensou Thomas. “Só quando quiser falar.”

− Tá bom, eu acho, mas...

− Apenas prometa!

Thomas fez uma pausa, enjoado de Alby e da sua atitude.

− Vá lá − disse por fim. − Eu prometo.

Com isso Alby fez meia-volta e se afastou, sem dizer mais nenhuma palavra.

Thomas encontrou uma árvore no Campo-santo, uma das mais bonitas à beira da floresta com bastante sombra. Temia voltar a trabalhar com Winston, o Açougueiro, e sabia que precisava almoçar, mas não queria chegar perto de ninguém enquanto não conseguisse se livrar de tudo aquilo. Recostado no tronco, desejou uma brisa, mas não a teve.

Mal tinha sentido as pálpebras baixarem quando Chuck estragou a sua paz e tranquilidade.

− Thomas! Thomas! − o garoto guinchava enquanto corria na direção dele, abanando os braços, o rosto inflamado de empolgação.

Thomas esfregou os olhos e gemeu; não queria mais nada no mundo do que meia hora de soneca. Só quando Chuck parou bem na sua frente, fazendo um esforço para recuperar o fôlego, foi que abriu os olhos.

− O que foi?

As palavras saíram com dificuldade da boca de Chuck, em meio à respiração ofegante.

− Ben... Ben... ele não está... morto.

Todos os sinais de cansaço foram projetados para longe do organismo de Thomas. Ele saltou de pé para ficar de frente para Chuck.

− *O quê?*

− Ele... não está morto. Os Embaladores foram lá cuidar dele... a flecha não atingiu o cérebro dele... Os Socorristas o curaram.

Thomas virou-se para a floresta onde o garoto doente o atacara ainda na noite anterior.

− Você deve estar brincando. Eu vi como ele ficou... − Ele não estava morto? Thomas não sabia o que sentir mais fortemente: confusão, alívio, medo de um novo ataque...

− Bem, quem me dera − disse Chuck. − Ele está trancado no Amansador, com um grande curativo cobrindo metade da cabeça.

Thomas girou para encarar Chuck de novo.

− O Amansador? O que quer dizer com isso?

− O Amansador. É a nossa prisão no lado norte da Sede. − Chuck apontou naquela direção. − Eles o jogaram naquele lugar tão depressa que os Socorristas tiveram de fazer o curativo lá mesmo.

Thomas esfregou os olhos. A culpa o consumia quando percebeu como se sentia de verdade − ficara aliviado por Ben ter morrido, assim não precisaria se preocupar em encontrá-lo de novo.

− E aí, o que vão fazer com ele?

− Já houve um Conclave dos Encarregados esta manhã. E pelo jeito chegaram a uma decisão unânime. Parece que o Ben vai

desejar que aquela flecha tivesse chegado mesmo ao cérebro de mértila dele.

Thomas fez uma careta, confuso com o que Chuck dissera.

− Do que você está falando?

− Ele vai ser Banido. Esta noite, por tentar matar você.

− Banido? O que *isso* significa? − Thomas precisava perguntar, embora soubesse que, se Chuck achava que era pior do que estar morto, então não poderia ser algo bom.

E então Thomas viu talvez a coisa mais perturbadora com que já se deparara desde a sua chegada à Clareira: Chuck não respondeu; apenas sorriu. *Sorriu,* apesar de tudo, apesar do significado sinistro do que acabara de anunciar. Então virou-se e correu, talvez para contar a outro a notícia excitante.

Naquela noite, Newt e Alby reuniram todos os Clareanos na Porta Leste cerca de meia hora antes de ela se fechar, os primeiros sinais do crepúsculo anunciando-se no céu. Os Corredores tinham acabado de voltar e de entrar na misteriosa Casa dos Mapas, fechando a porta de ferro atrás deles; Minho já tinha entrado mais cedo. Alby disse aos Corredores para se apressarem nos seus afazeres − queria que estivessem de volta em vinte minutos.

Thomas ainda se sentia incomodado pela maneira como Chuck sorrira quando dera a notícia sobre Ben ser Banido. Embora não soubesse ainda o que significava, com certeza não parecia ser uma coisa boa. Especialmente quando estavam todos reunidos próximo ao Labirinto. “Será que vão colocá-lo para fora daqui?”, imaginou. “Com os Verdugos?”

Os outros Clareanos conversavam num murmúrio abafado, um forte sentimento de expectativa amedrontada pairando sobre todos como uma neblina espessa. Thomas, porém, não dizia nada, aguardando de braços cruzados, esperando pelo espetáculo. Esperou calmo até que os Corredores finalmente saíram do seu edifício, todos eles parecendo exaustos, os rostos marcados por profundas reflexões. Minho fora o primeiro a sair, o que fez Thomas se perguntar se ele era o Encarregado dos Corredores.

− Tragam ele! − gritou Alby, tirando Thomas dos seus pensamentos.

Os seus braços caíram para o lado, inertes, quando ele se voltou, olhando pela Clareira em busca de um sinal de Ben, um tremor elevando-se dentro dele enquanto imaginava o que o garoto faria quando o visse.

De um canto no fundo da Sede, três dos maiores garotos apareceram, arrastando Ben pelo chão. As roupas dele estavam em frangalhos, mal se mantendo no corpo; um curativo sanguinolento cobria metade da sua cabeça e do seu rosto. Recusando-se a pousar os pés no chão para ajudar de qualquer maneira, ele parecia tão morto quanto da última vez em que Thomas o vira. A não ser por um detalhe.

Os seus olhos estavam abertos, arregalados pelo terror.

− Newt − disse Alby em uma voz muito mais baixa; Thomas não teria ouvido se não estivesse a poucos passos de distância. − Traga o Poste.

Newt concordou com um movimento de cabeça, já a caminho de um barracão de ferramentas usado pelos Jardineiros; era evidente que estava esperando pela ordem.

Thomas tornou a acompanhar Ben e os guardas. O garoto, pálido e em estado lastimável, continuava sem esboçar resistência, deixando que o arrastassem pelo chão de rocha empoeirado do pátio. Quando chegaram à aglomeração, puseram Ben de pé na frente de Alby, o líder. Ben baixou a cabeça, recusando-se a olhar para quem quer que fosse.

− Você causou isso a si mesmo, Ben − disse Alby. Então abanou a cabeça e olhou para a cabana para onde Newt se dirigira.

Thomas acompanhou o olhar dele a tempo de ver Newt passar pela porta inclinada. Ele trouxe várias barras de alumínio, que foi prendendo pelas extremidades até formar um poste de uns seis metros de comprimento. Em seguida, prendeu alguma coisa estranha em uma das extremidades e dirigiu-se rumo ao grupo. Um arrepio correu pela espinha de Thomas ao ouvir o ruído metálico que o poste fazia ao ser arrastado sobre as pedras do chão à medida que Newt avançava.

Thomas estava horrorizado com tudo aquilo. Embora nunca tivesse feito nada para provocar Ben, sentia-se responsável. Como podia ser culpado de alguma coisa? Nenhuma resposta lhe ocorreu, mas a culpa continuava torturando-o como se fosse uma doença.

Por fim, Newt aproximou-se de Alby e estendeu a extremidade do poste que segurava. Thomas conseguiu ver melhor o estranho apêndice agora. Uma argola de couro grosseiro, presa ao metal por um imenso grampo de arame. Uma grande fivela revelava que a argola podia ser aberta e fechada, e o seu propósito tornou-se evidente.

Era uma coleira.

14

Thomas observou enquanto Alby desabotoava a coleira e depois a prendia no pescoço de Ben; este finalmente levantou os olhos quando a tira de couro foi apertada e fechada com um estalido seco. As lágrimas brilhavam em seus olhos; fios de muco escorriam das narinas. Os Clareanos olhavam em silêncio, ninguém pronunciou uma palavra.

− Por favor, Alby − implorou Ben, a voz trêmula soando tão patética que Thomas não conseguiu acreditar que fosse a mesma pessoa que tentara morder-lhe o pescoço no dia anterior. − Juro que foi tudo por causa da Transformação. Nunca quis matá-lo, só perdi a cabeça por um segundo. Por favor, Alby, *por favor.*

Cada palavra do garoto era como um soco no estômago de Thomas, fazendo-o sentir-se mais culpado e confuso.

Alby não respondeu; puxou a coleira para se certificar de que estava bem fechada e presa com firmeza ao poste comprido. Afastando-se de Ben e aproximando-se do poste, pegou-o do chão e correu a palma da mão e os dedos por todo o seu comprimento. Quando chegou à extremidade oposta, agarrou-o com firmeza e encarou a multidão. Os seus olhos estavam injetados de sangue, o rosto contraído de raiva, respirando com força − para Thomas, de repente, ele pareceu o próprio demônio.

E do outro lado a imagem era bizarra: Ben, tremendo, chorando, a tosca coleira de couro presa ao pescoço pálido e descarnado, atado ao poste comprido que se estendia entre ele e Alby, colocado a uns seis metros de distância. A haste de alumínio encurvava-se no meio,

mas só um pouco. Mesmo de onde Thomas se encontrava, ela parecia surpreendentemente forte.

Alby falou em voz alta, quase cerimoniosa, olhando para todos e para ninguém ao mesmo tempo.

− Ben dos Construtores, você foi sentenciado ao Banimento pela tentativa de assassinato de Thomas, o Calouro. Os Encarregados falaram, e a palavra deles não muda. E você não poderá voltar. Nunca mais. − Houve uma longa pausa. − Encarregados, assumam o seu lugar no Poste de Banimento.

Thomas odiou que a sua ligação com Ben fosse tornada pública − odiou a responsabilidade que sentiu. Ser, de novo, o centro das atenções só podia gerar mais suspeitas a seu respeito. O seu problema transformou-se em raiva e culpa. Mais do que tudo, ele só queria que Ben sumisse, que tudo acabasse de uma vez.

Um por um, os garotos saíram do grupo e se aproximaram do longo poste; cada um que chegava o agarrava com as duas mãos, segurando-o com força como se estivessem prontos para disputar o cabo de guerra. Newt era um deles, assim como Minho, confirmando a suspeita de Thomas de que ele era o Encarregado dos Corredores. Winston, o Açougueiro, também tomou posição.

Assim que todos assumiram seus postos − dez Encarregados espaçados igualmente uns dos outros entre Alby e Ben −, o ar como que parou e silenciou. Os únicos ruídos eram os soluços abafados de Ben, que continuava enxugando o nariz e os olhos. Ele olhava à esquerda e à direita, embora a coleira ao redor do pescoço o impedisse de ver o poste e os Encarregados atrás de si.

Os sentimentos de Thomas mudaram de novo. Obviamente, havia algo de errado com Ben. Por que ele merecia aquele destino? Não seria possível fazer alguma coisa por ele? Thomas passaria o resto dos seus dias sentindo-se responsável? “Acabem logo”, gritava dentro da cabeça. “Acabem logo com isso!”

− Por favor − pediu Ben, a voz elevando-se em desespero. − *Pooor faaavooooooor!* Alguém me ajude! Vocês não podem fazer isso comigo!

− *Cale a boca!* − trovejou Alby atrás dele.

Mas Ben o ignorou, implorando por ajuda enquanto puxava a coleira presa ao pescoço.

− Alguém os impeça! Me ajudem! Por favor! − Ele olhava de um garoto para outro, implorando com o olhar. Todos desviavam o rosto. Thomas rapidamente escondeu-se atrás de um garoto mais alto para evitar o confronto com Ben. “Não posso encarar aqueles olhos de novo”, pensou.

− Se deixássemos trolhos como você se safar de uma dessas − falou Alby −, nunca teríamos sobrevivido até aqui. Encarregados, preparem-se.

− Não, não, não, não, não − dizia Ben, já sem fôlego. − Juro que não erro mais. Juro que não faço isso de novo! *Pooor faaaa…*

O seu grito estridente foi abafado pelo estrondo da Porta Leste começando a se fechar. Centelhas saltaram da pedra enquanto o imenso muro da direita deslizou para a esquerda, rugindo como um trovão enquanto seguia o seu caminho para separar a Clareira do Labirinto durante a noite. O chão tremeu embaixo deles, e Thomas não sabia se seria capaz de ver o que sabia que aconteceria em seguida.

− Encarregados, *agora!* − gritou Alby.

A cabeça de Ben chicoteou para trás enquanto era projetado para a frente, os Encarregados empurrando o poste na direção do Labirinto do lado de fora da Clareira. Um grito estrangulado brotou da garganta de Ben, mais alto do que o ruído da Porta que se fechava. Ele caiu de joelhos, só para ser levantado à força pelo Encarregado que estava à frente, um garoto forte, de cabelo preto e com uma expressão hostil.

− *Nãããããoooo!* − gritou Ben, a saliva espirrando da boca enquanto se debatia, tentando arrancar a coleira com as mãos. Mas a força conjunta dos Encarregados era inabalável, empurrando o garoto condenado cada vez mais para perto do limite da Clareira, exatamente quando o muro direito estava quase ali. − *Nãããoooo!* − ele gritou mais uma vez, e outra vez ainda.

Ben procurou fincar os pés no limiar, mas a tentativa mal durou uma fração de segundo; com um solavanco, o poste o mandou para o Labirinto. Logo ele estava mais de um metro para fora da Clareira,

sacudindo o corpo de um lado para o outro, ainda tentando escapar da coleira. Os muros da Porta estavam a poucos segundos de se fechar.

Num último esforço violento, Ben foi capaz de girar o pescoço no círculo de couro de modo a ficar de corpo inteiro de frente para os Clareanos. Thomas não conseguia acreditar que ainda estivesse olhando para um ser humano − a insanidade dos olhos de Ben, o catarro escorrendo da boca, a pele muito branca e esticada, juncada de veias saltadas sobre os ossos. Ele parecia mais estranho do que tudo o que Thomas pudesse imaginar.

− *Parem!* − gritou Alby.

Ben gritou então, sem interrupção, um som tão penetrante que Thomas tapou os ouvidos. Foi um grito bestial, insano, com certeza reduzindo as cordas vocais do garoto a farrapos. No último segundo, o Encarregado da frente, de alguma forma, afrouxou a barra mais larga, destacando-a da parte presa a Ben, e, puxando-a com força de volta à Clareira, deixou o garoto entregue ao seu Banimento. Os gritos finais de Ben foram abafados quando os muros se fecharam com um estrondo terrível.

Thomas contraiu os olhos fechados e ficou surpreso ao sentir as lágrimas correndo pelas suas faces.

15

Pela segunda noite seguida, Thomas foi para a cama com a imagem assombrada da face de Ben ardendo na memória, atormentando-o. Até que ponto as coisas seriam diferentes a partir dali se não fosse por aquele garoto? Thomas quase conseguia se convencer de que ficaria contente, feliz e empolgado por conhecer a sua nova vida, buscando realizar a sua meta de se tornar um Corredor. Quase. No fundo ele sabia que Ben era apenas uma parte dos seus inúmeros problemas.

Mas agora ele se fora, Banido para o mundo dos Verdugos, levado sabe-se lá para onde eles carregavam as suas presas, vítima do que quer que fizessem lá. Embora tivesse uma porção de motivos para desprezar Ben, na verdade sentia muita pena dele.

Thomas não se imaginava saindo daquela maneira, mas tomando por base os últimos momentos de Ben, debatendo-se psicoticamente, cuspindo e gritando, não duvidava mais da importância da lei da Clareira de que ninguém deveria entrar no Labirinto a não ser os Corredores, e assim mesmo só durante o dia. De alguma forma, Ben já fora picado uma vez, o que significava que sabia melhor do que talvez todos exatamente o que o esperava.

*"*Pobre garoto", pensou. "Pobre, pobre garoto."

Thomas estremeceu e virou de lado. Quanto mais pensava no assunto, mais lhe parecia que ser um Corredor não era assim uma ideia tão boa. No entanto, inexplicavelmente, ainda se sentia tentado.

Na manhã seguinte, o céu mal começara a clarear e já os ruídos da atividade na Clareira despertavam Thomas do sono mais profundo desde que havia chegado. Ele sentou-se e esfregou os olhos, tentando afastar a forte tonteira. Desistindo, deitou-se de costas, torcendo para que ninguém viesse incomodá-lo.

Não demorou um minuto.

Alguém deu-lhe um tapinha no ombro, e ele abriu os olhos para ver Newt olhando-o do alto. “O que será agora?”, pensou.

− Levante, paspalho.

− É, bom dia para você também. Que horas são?

− Sete, Fedelho − respondeu Newt com um sorriso de zombaria. − Acho que se deixasse você ficaria dormindo além da conta por mais uns bons dias.

Thomas rolou de lado até se sentar, odiando não poder ficar deitado por mais algumas horas.

− Dormindo além da conta? Vocês são o quê? Um bando de caipiras da roça? − Caipiras da roça... como podia lembrar-se tão bem disso? Uma vez mais a memória lhe pregava uma peça.

− Hã... é, já que tocou no assunto. − Newt deixou-se cair ao lado de Thomas e sentou-se sobre as pernas cruzadas. Ficou ali em silêncio por alguns instantes, contemplando o início do movimento por toda a Clareira. − Hoje vamos pôr você com os Desbastadores, Fedelho. Veja se gosta mais disso do que fatiar porcos sangrentos e essas coisas.

Thomas estava cheio de ser tratado como um bebê.

− Não daria para você parar de falar comigo desse jeito?

− Falar como? Porcos sangrentos?

Thomas forçou um sorriso e abanou a cabeça.

− Não, *Fedelho.* Na verdade, não sou mais o Calouro mais novo, certo? A garota em coma é que é. Chame *ela* de Fedelha... O meu nome é Thomas. − A lembrança da garota tomou conta dos seus pensamentos, fazendo-o lembrar-se da ligação que ele sentia existir entre eles. Uma tristeza o invadiu de repente, como se sentisse muito a falta dela, quisesse vê-la. “Isso não faz o menor sentido”, pensou. “Nem sei o nome dela.”

Newt inclinou o corpo para trás, as sobrancelhas arqueadas.

− Sobrou pra mim... parece que ficou valentinho da noite para o dia, hein?

Thomas ignorou o comentário e levantou-se.

− O que é um Desbastador?

− É assim que chamamos os caras que trabalham como uma mula lá nos Jardins... podando, arrancando o mato, plantando, por aí.

Thomas inclinou a cabeça naquela direção.

− Quem é o Encarregado?

− Zart. Um cara legal, desde que não faça cera no trabalho, sim senhor. Ele é aquele grandalhão que ficou na frente ontem à noite.

Thomas não comentou nada sobre isso, esperando que de algum modo conseguisse passar o dia inteiro sem falar sobre Ben e o Banimento. A história só o deixava enjoado e culpado, o negócio era mudar de assunto.

− Certo... então por que veio me acordar?

− O quê? Por acaso não gosta de acordar vendo a minha cara antes de qualquer outra coisa?

− Eu diria que não... Então... − Antes que pudesse completar a frase o rumor dos muros se abrindo no novo dia abafou as suas palavras. Ele olhou na direção da Porta Leste, quase esperando ver Ben parado lá do outro lado. Em vez disso, viu Minho fazendo alongamento. Depois observou como ele se adiantava e pegava alguma coisa do chão.

Era a parte do poste com a coleira de couro ainda presa na extremidade. Minho não pareceu se preocupar com a peça, atirando-a para um dos outros Corredores, que foi devolvê-la no barracão de ferramentas próximo aos Jardins.

Thomas deu as costas a Newt, confuso. Como Minho conseguia agir com tanta indiferença em relação a tudo aquilo?

− Mas que...

− Só houve três Banimentos, Tommy. Todos eles tão desagradáveis como o que você viu ontem à noite. Mas em todas as vezes os Verdugos deixaram a coleira na nossa soleira. Nada me dá mais nos nervos do que isso.

Thomas teve de concordar.

− O que será que eles *fazem* com a pessoa que pegam? − E ficou pensando se realmente queria saber a resposta.

Newt deu de ombros, o seu desinteresse não convencendo muito. Era mais provável que não quisesse conversar a respeito.

− Então me fale sobre os Corredores − disse Thomas de repente. As palavras pareceram brotar vindas não se sabe de onde. Mas ele permaneceu calmo, apesar de uma estranha vontade de se desculpar e de mudar de assunto; queria saber tudo sobre eles. Mesmo depois do que vira naquela noite, mesmo depois de observar o Verdugo pela janela, queria saber. O *impulso* de saber era forte e ele não entendia bem por quê. Tornar-se um Corredor parecia ser a única coisa para a qual havia nascido.

Newt tinha parado, parecendo confuso.

− Os Corredores? Por quê?

− Só estava pensando.

Newt lançou-lhe um olhar desconfiado.

− Os melhores dentre os melhores: é o que aqueles caras são. Precisam ser. Tudo depende deles. − Ele pegou uma pedra do lado e atirou-a, acompanhando-a com o olhar até ver onde caía.

− Por que você não é um deles?

Newt voltou-se e olhou Thomas fixamente.

− Era até machucar a perna alguns meses atrás. Ela nunca mais foi a mesma depois disso. − Ele estendeu a mão e esfregou o tornozelo direito com um ar ausente, um rápido esgar de dor passando por seu rosto. A expressão dele fez Thomas pensar que se tratava mais de uma lembrança, não de uma dor física que ainda sentisse.

− Como foi que aconteceu? − Thomas indagou, pensando que quanto mais conseguisse que Newt falasse, mais aprenderia.

− Correndo dos malditos Verdugos, o que mais poderia ser? Um quase me pegou. − Ele fez uma pausa. − Ainda sinto arrepios ao pensar que poderia passar pela Transformação.

A Transformação. Esse era o assunto que Thomas achava que poderia levá-lo às respostas mais do que qualquer outro.

− O que *é* isso, afinal? O que se transforma? Todo mundo fica maluco como Ben e começa a tentar matar as pessoas?

− Ben ficou pior do que os outros. Mas achei que você quisesse saber sobre os Corredores. − O tom de Newt deu a entender que a conversa sobre a Transformação acabara.

Isso deixou Thomas ainda mais curioso, embora para ele fosse ótimo voltar ao assunto dos Corredores.

− Tudo bem, estou ouvindo.

− Como eu dizia, eles são os melhores dentre os melhores.

− E o que vocês fazem? Testam todo mundo para ver se correm rápido?

Newt dirigiu um olhar aborrecido na direção de Thomas, então gemeu.

− Seja mais esperto, Fedelho, Tommy, como queira ser chamado. Ser rápido é apenas uma parte da coisa. Uma parte muito pequena, na verdade.

Isso despertou ainda mais o interesse de Thomas.

− O que você quer dizer com isso?

− Quando digo melhores entre os melhores, estou dizendo tudo. Para sobreviver no maldito Labirinto, você precisa ser esperto, rápido, forte. Precisa ser capaz de tomar decisões, saber o grau certo de risco que deve correr. Não pode ser atirado, nem pode ser medroso também. − Newt esticou as pernas e inclinou-se para trás apoiando-se nas mãos. − É uma coisa horrível lá fora, saca? Nunca me esqueço disso.

− Pensei que os Verdugos só viessem de noite. − Destino ou não, Thomas não queria dar de cara com uma daquelas coisas.

− É, normalmente sim.

− Então, por que é tão terrível lá fora? − O que *mais* ele sabia?

Newt suspirou.

− Pressão. Tensão. O desenho do Labirinto mudando todo dia, a gente tentando guardar as coisas na memória, tentando tirar a gente daqui. Preocupando-se com os malditos Mapas. A pior parte, você está sempre apavorado pensando que não vai conseguir recompor o caminho de volta. Um labirinto normal já seria difícil... Mas quando ele *muda* todas as noites, basta você cometer um ou dois erros mentais para passar a noite com aquelas bestas nojentas. Não é um trabalho para idiotas e babacas.

Thomas franziu o cenho, não entendendo muito bem o impulso que o motivava, empurrando-o para aquilo. Em especial depois da noite anterior. Mas ainda sentia aquele anseio. Sentia profundamente.

− Por que todo esse interesse? − quis saber Newt.

Thomas hesitou, pensando, com medo de dizer em voz alta de novo.

− Quero ser um Corredor.

Newt voltou-se e olhou-o nos olhos.

− Está aqui não faz nem uma semana, seu trolho. É cedo demais para ficar tendo vontades, não acha?

− Estou falando sério. − Aquilo mal fazia sentido até mesmo para Thomas, mas ele sentia profundamente. Na verdade, o desejo de se tornar um Corredor era a única coisa que o motivava, que o ajudava a aceitar a sua sina.

Newt não desviou o olhar.

− Eu também. Esqueça. Ninguém nunca se torna um Corredor no primeiro mês, muito menos na primeira semana. É preciso provar muita coisa antes que a gente o recomende ao Encarregado.

Thomas levantou-se e começou a dobrar o saco de dormir.

− Newt, estou falando sério. Não posso ficar arrancando mato o dia inteiro... Vou ficar maluco. Não faço a menor ideia do que fazia antes de eles me mandarem para cá naquela caixa de metal, mas sei por instinto que tenho de ser um Corredor. Sou capaz disso.

Newt ficou sentado ali, olhando para Thomas de baixo para cima, sem oferecer nenhuma ajuda.

− Ninguém disse que você não pode ser. Mas dê um tempo por enquanto.

Thomas sentiu um ímpeto de impaciência.

− Mas...

− Escute, confie em mim, Tommy. Comece a andar por aí falando a torto e a direito que é bom demais para trabalhar como um caipira da roça, que é ótimo e está pronto para ser um Corredor... e vai se encher de inimigos. Esqueça isso por enquanto.

Fazer inimigos era a última coisa que Thomas queria. Ele decidiu ir por outro caminho.

− Ótimo, vou conversar com Minho sobre isso.

− Essa é boa, seu maldito trolho. O Conclave elege os Corredores, e se você acha que *eu* sou durão, eles iriam rir na sua cara.

− Se querem saber, eu poderia ser muito bom nisso. É um desperdício de tempo me fazer esperar.

Newt levantou-se diante de Thomas e apontou o dedo na cara dele.

− Escute aqui, Fedelho. Está me ouvindo bem?

Para sua surpresa, Thomas não se sentiu tão intimidado. Rolou os olhos para o alto e depois concordou com um movimento de cabeça.

− É melhor você parar com essa besteira, antes que os outros escutem. Não é assim que as coisas funcionam por aqui, e a sua vida depende completamente de que as coisas estejam *funcionando.*

Fez uma pausa, mas Thomas não disse nada, temendo o sermão que viria em seguida.

− Ordem − Newt continuou. − Ordem. Repita essa maldita palavra na sua cabeça de mértila mil vezes sem parar. O motivo de continuarmos pensando direito por aqui é porque trabalhamos duro para manter a ordem. A ordem é a razão de termos expulsado Ben... Não podemos ter birutas por aí tentando matar os outros, podemos? *Ordem.* A última coisa de que precisamos é de você bagunçando tudo.

A teimosia de Thomas esvaiu-se de uma vez. Ele sabia que era a hora de calar a boca.

− Certo − foi tudo o que disse.

Newt deu-lhe um tapinha nas costas.

− Vamos fazer um trato.

− O quê? − Thomas sentiu as suas esperanças renascerem.

− Você mantém a boca fechada sobre esse assunto e vou colocá-lo na lista dos aprendizes com mais potencial assim que você mostrar algum juízo. *Não* fique com a matraca fechada, e eu vou fazer de tudo para que isso nunca aconteça. Combinado?

Thomas odiou a ideia de esperar, sem saber quanto poderia demorar.

− Mas é uma droga de acordo.

Newt arqueou as sobrancelhas.

Thomas concordou.

− Fechado.

− Venha, vamos ver se conseguimos uma gororoba com o Caçarola. E tomara que a gente não engasgue.

Naquela manhã, Thomas finalmente conheceu o tal Caçarola, ainda que a distância. O cara estava ocupado demais tentando servir o café da manhã para um exército de Clareanos famintos. Não devia ter mais de dezesseis anos de idade, mas exibia uma barba cheia e o corpo todo coberto de pelos, como se cada folículo estivesse tentando escapar dos confins das suas roupas recendendo a comida. Não parecia o sujeito mais asseado do mundo para cuidar de toda a comida, concluiu Thomas. Ele procurou não se esquecer de observar as próximas refeições em busca de um pelo ou um cabelo no prato.

Thomas e Newt tinham acabado de sentar-se com Chuck para o café da manhã em uma mesa de piquenique do lado de fora da Cozinha quando um grande grupo de Clareanos se levantou e correu em direção à Porta Oeste, comentando entusiasmados sobre alguma coisa.

− O que será que está acontecendo? − preocupou-se Thomas, surpreendendo-se como dissera aquilo de forma descuidada. As novidades na Clareira tinham acabado de tornar-se uma parte corriqueira da sua vida.

Newt deu de ombros e entregou-se aos seus ovos mexidos.

− Devem estar indo ver Minho e Alby... eles vão sair para encontrar uma droga de Verdugo morto.

− Ei − disse Chuck. Um fiapo de bacon voou da sua boca quando ele falou. − Tenho uma dúvida sobre esse assunto.

− Ah, é, Chuck? − respondeu Newt, de maneira um tanto sarcástica. − E qual seria essa dúvida cruel?

Chuck pareceu pensar profundamente.

− Bem, eles encontraram um Verdugo morto, certo?

− Certo − replicou Newt. − Obrigado pela informação.

Chuck bateu o garfo na mesa por alguns segundos enquanto parecia ausente.

− Bem, então quem *matou* aquela coisa estúpida?

“Maravilha de pergunta”, pensou Thomas. Ficou esperando Newt responder, mas não houve resposta. Obviamente, ele não fazia a menor ideia.

16

Thomas passou a manhã com o Encarregado dos Jardins, “trabalhando como uma mula” como Newt diria. Zart era o garoto alto, de cabelo preto, que estivera na frente do poste durante o Banimento de Ben e que, por alguma estranha razão, cheirava a leite azedo. Não era de falar muito, mas explicou o trabalho a Thomas até que ele fosse capaz de executá-lo sozinho. Capinar, podar o pé de damasco, plantar sementes de abóbora e abobrinha, colher hortaliças. Ele não adorava aquilo e na maior parte do tempo ignorou os outros garotos que trabalhavam ao seu lado, mas não detestou tanto aquelas atividades quanto o que fora obrigado a fazer com Winston no Sangradouro.

Thomas e Zart estavam capinando uma longa fileira de milho verde quando Thomas decidiu que era o momento de começar a fazer perguntas. Aquele Encarregado parecia muito mais acessível.

− E aí, Zart? − começou ele.

O Encarregado olhou-o de relance, depois retomou o seu trabalho. O garoto tinha olhos caídos e um rosto comprido − por alguma razão ele parecia tão entediado quanto é possível um ser humano ficar.

− Certo, Fedelho, o que quer saber?

− Ao todo, quantos Encarregados existem aqui? − indagou Thomas, tentando parecer descontraído. − E quais são as opções de trabalho?

− Bem, temos os Construtores, os Aguadeiros, os Embaladores, os Cozinheiros, os Cartógrafos, os Socorristas, os Desbastadores,

os Açougueiros. Os Corredores, é claro. Não sei, mais alguns, talvez. É muita coisa com que se preocupar além do que já tenho de fazer.

A maioria dos títulos era autoexplicativa, mas Thomas ficou pensando em alguns deles.

− O que é um Aguadeiro? − Ele sabia que era o que Chuck fazia, mas o menino nunca queria conversar a respeito. Recusava-se a falar sobre o assunto.

− É o que fazem os trolhos que não são capazes de fazer outra coisa. Lavam privadas, limpam banheiros, faxinam a cozinha, limpam o Sangradouro depois de um abate, tudo. Passe um dia com aqueles babacas... Com certeza você não vai ficar com a menor vontade de participar daquilo, eu garanto.

Thomas sentiu uma pontada de culpa em relação a Chuck − ficou com pena dele. O garoto tentava tanto ser amigo de todo mundo, mas ninguém parecia gostar dele ou mesmo prestar alguma atenção nele. Bem, Chuck era um pouco agitado e falava demais, mas Thomas gostava de tê-lo por perto.

− E quanto aos Desbastadores? − indagou Thomas enquanto arrancava uma grande erva daninha, batendo um punhado de terra que se acumulara nas raízes.

Zart limpou a garganta e interrompeu o trabalho enquanto respondia.

− São aqueles que cuidam de todo o trabalho pesado nos Jardins. Cavam buracos e coisas do gênero. Durante os períodos de folga eles fazem outras coisas pela Clareira. Na verdade, uma porção de Clareanos tem mais de um trabalho. Ninguém disse isso a você?

Thomas ignorou a pergunta e seguiu em frente, determinado a obter o máximo de respostas possível.

− E quanto aos Embaladores? Sei que eles cuidam dos mortos, mas *isso* não é sempre, certo?

− Aqueles são tipos de dar arrepios. Eles atuam como guardas e polícia também. Todo mundo gosta de chamá-los de Embaladores. Divirta-se como puder hoje, irmão. − Ele deu uma risadinha. Era a primeira vez que Thomas o ouvira fazer aquilo... De algum modo era algo agradável de se ver.

Thomas tinha mais perguntas. Uma porção delas. Chuck e todos os demais na Clareira nunca quiseram lhe dar resposta alguma. E ali estava Zart, que parecia perfeitamente acessível. Mas de repente Thomas não sentiu mais vontade de falar. Por alguma razão a garota retornara aos seus pensamentos, sem mais nem menos, e em seguida lhe veio a lembrança de Ben e do Verdugo morto, o que devia ser uma coisa boa, mas todos agiam como se não fosse nada disso.

A sua nova vida parecia mesmo uma droga.

Ele respirou fundo. “Apenas trabalhe”, pensou. E foi o que fez.

No meio da tarde, Thomas estava pronto para desabar de exaustão − aquela coisa de se curvar e se arrastar de joelhos na terra era demais. Sangradouro, Jardins. Dois a zero pra eles.

“Corredor”, pensou ele, enquanto fazia um intervalo. “Só quero ser um Corredor.” De novo pensou sobre como era absurdo querer aquilo tão intensamente. Mas ainda que não entendesse, ou não soubesse de onde vinha aquele desejo, não podia negá-lo. Os pensamentos sobre a garota eram igualmente intensos, porém procurava afastá-los o máximo que podia.

Cansado e com o corpo dolorido, ele dirigiu-se à Cozinha para comer um lanche e tomar um pouco de água. Seria capaz de engolir uma refeição inteira apesar de ter almoçado havia apenas duas horas. Até carne de porco começava a cair bem de novo. Deu uma mordida em uma maçã, depois se deixou cair no chão ao lado de Chuck. Newt estava lá também, mas sentado sozinho, ignorando todo mundo. Os seus olhos estavam injetados de sangue, a testa marcada por rugas profundas. Thomas observou como Newt roía as unhas, algo que nunca vira os rapazes mais velhos fazerem.

Chuck percebeu e fez a pergunta que Thomas tinha em mente.

− O que será que há de errado com ele? − falou em voz baixa. − Está parecendo você quando saiu da Caixa.

− Não sei − respondeu Thomas. − Por que não vai lá perguntar para ele?

− Posso ouvir cada maldita palavra que vocês estão falando aí − falou Newt em voz alta. − Não admira que as pessoas odeiem dormir perto de vocês, seus trolhos.

Thomas sentiu-se como se fosse pego roubando alguma coisa, mas estava verdadeiramente preocupado − Newt era uma das poucas pessoas na Clareira de quem ele realmente gostava.

− O que há de *errado* com você? − indagou Chuck. − Sem querer ofender, mas você parece um plong.

− Tudo o que há de mais lindo no universo − respondeu ele, então caiu em silêncio observando o vazio por um longo momento. Thomas quase o pressionou com outra pergunta, mas Newt prosseguiu: − A garota da Caixa. Continua gemendo e falando todo o tipo de coisas estranhas, mas não quer acordar. Os Socorristas fazem o que podem para lhe dar comida, mas ela está comendo cada vez menos. Vou dizer uma coisa: tem algo ruim em toda essa maldita situação.

Thomas baixou os olhos para a maçã que comia, depois deu uma mordida. O gosto então lhe pareceu azedo − ele percebeu que estava preocupado com a garota. Preocupado com o bem-estar dela. Como se a conhecesse.

Newt deu um longo suspiro.

− Que se dane. Mas não é isso que está me preocupando.

− Então o que é? − indagou Chuck.

Thomas inclinou-se para a frente, tão curioso que conseguiu parar de pensar na garota.

Newt semicerrou os olhos observando uma das entradas do Labirinto.

− Alby e Minho − murmurou ele. − Eles já deviam ter voltado horas atrás.

Antes de se dar conta disso, Thomas estava de volta ao trabalho, arrancando ervas daninhas de novo, contando os minutos até terminar a sua obrigação nos Jardins. Olhava a todo momento para a Porta Oeste, procurando algum sinal de Alby e de Minho. A preocupação de Newt havia passado para ele.

Newt dissera que eles deviam ter retornado ao meio-dia, tempo suficiente para terem chegado até o Verdugo morto, explorado o terreno por uma hora ou duas, depois voltado. Não era de admirar que ele parecesse tão perturbado. Quando Chuck sugerira que eles estivessem apenas explorando o lugar e se divertindo, Newt lhe dirigira um olhar tão duro que Thomas pensou que Chuck fosse sofrer uma combustão espontânea.

Nunca se esqueceria da expressão que tomara conta do rosto de Newt em seguida. Quando perguntara por que Newt e alguns outros não saíam para o Labirinto em busca dos amigos, a expressão de Newt mudara para o mais completo horror − o seu rosto se *encovara*, as olheiras tornando-se profundas e escuras. Aos poucos a impressão passou e ele explicou que enviar grupos de busca era proibido, pois mais pessoas podiam se perder, mas não havia dúvida quanto ao medo que lhe passara pelo semblante.

Newt morria de medo do Labirinto.

O que quer que tivesse lhe acontecido lá − talvez relacionado à persistente lesão no tornozelo − devia ter sido horrível.

Thomas tentou não pensar a respeito e procurou se concentrar em arrancar ervas daninhas.

Naquela noite o jantar se revelou uma experiência sombria, que não tinha nada a ver com a comida. Caçarola e os seus cozinheiros serviram uma ótima refeição de bife, purê de batata, ervilha e pãezinhos quentes. Thomas aprendia rapidamente que as piadas sobre as artes culinárias de Caçarola eram apenas isso − piadas. Todo mundo engolia a comida dele e implorava por mais. Mas, naquela noite, os Clareanos comeram como mortos ressuscitados para uma última refeição antes de ser mandados para viver com o diabo.

Os Corredores haviam voltado no horário normal, e Thomas fora ficando cada vez mais perturbado à medida que observava Newt correr de Porta em Porta quando eles entravam na Clareira, sem se incomodar em esconder o pânico. Mas Alby e Minho não apareceram. Newt forçou os Clareanos a ir jantar a comida tão

valorizada de Caçarola, mas insistiu em ficar esperando para ver se os dois apareciam. Ninguém disse nada, porém Thomas sabia que não faltava muito para que as Portas se fechassem.

Thomas relutantemente seguiu as ordens como o resto dos garotos e estava dividindo uma mesa de piquenique no lado sul da Sede com Chuck e Winston. Só fora capaz de comer algumas garfadas e então não conseguira continuar.

− Não consigo ficar aqui sentado enquanto eles estão lá perdidos − disse, e deixou cair o garfo no prato. − Vou observar as Portas com Newt. − Levantou-se e saiu para ver.

Como seria de esperar, Chuck seguiu-lhe os passos.

Encontraram Newt na Porta Oeste, andando de um lado para o outro, correndo as mãos pelo cabelo. Ele ergueu os olhos quando Thomas e Chuck se aproximaram.

− Onde *será* que eles estão? − falou Newt, a voz esganiçada e tensa.

Thomas sentiu quanto Newt se preocupava com Alby e Minho − como se eles fossem parentes.

− Por que não mandamos um grupo de busca? − sugeriu de novo. Parecia tão estúpido ficar ali se preocupando tanto quando poderiam ir lá *tentar* encontrá-los.

− Maldito... − Newt começou a falar, mas se deteve; fechou os olhos por um segundo e respirou fundo. − Não podemos. Certo? Não fale mais nisso. É cem por cento contra as regras. Ainda mais com as malditas portas quase se fechando.

− Mas por quê? − insistiu Thomas, questionando a teimosia de Newt. − Os Verdugos não vão pegá-los se ficarem lá? Não devemos fazer alguma coisa?

Newt virou-se para ele, o rosto totalmente vermelho, os olhos em chamas por causa da raiva.

− Feche essa matraca, Fedelho! − gritou. − Não faz nem uma maldita semana que está aqui! Você acha que eu não arriscaria a minha vida por um segundo para salvar aqueles paspalhos?

− Não... me... desculpe. Não quis dizer... − Thomas não sabia o que dizer... estava apenas tentando ajudar.

A expressão de Newt se abrandou.

− Você parece que não entendeu ainda, Tommy. Ir lá durante a noite é pedir para morrer. Estaríamos apenas desperdiçando mais vidas. Se aqueles trolhos não voltarem... − Ele parou, parecendo hesitar em dizer o que todo mundo estava pensando. − Eles dois fizeram um juramento, assim como eu. Como todos nós fizemos. Você também, quando for o seu primeiro Conclave e for escolhido por um Encarregado. Nunca sair à noite. Não importa o que aconteça. Nunca.

Thomas olhou para Chuck, que parecia tão abatido quanto Newt.

− Newt não falou − disse o garoto −, então eu falo. Se eles não voltarem, isso significa que estão mortos. O Minho é esperto demais para se perder. Impossível. Eles estão mortos.

Newt não disse nada, e Chuck virou-se e voltou para a Sede de cabeça baixa. “Mortos?”, pensou Thomas. A situação tinha se tornado tão crítica que ele não sabia nem como reagir, sentia um grande vazio no coração.

− O trolho está certo − falou Newt solenemente. − É por isso que não podemos ir. Não podemos permitir que as coisas fiquem piores do que já estão.

Pousou a mão sobre o ombro de Thomas, então deixou-a escorregar pelo lado. As lágrimas umedeceram os olhos de Newt, e Thomas compreendeu que, mesmo dentro da câmara escura das lembranças que tinham se perdido, fora do seu alcance, nunca vira alguém tão triste. A escuridão crescente do entardecer era o cenário perfeito para expressar como as coisas pareciam sombrias para Thomas.

− As portas vão fechar em dois minutos − falou Newt, uma declaração tão sucinta e final que parecia pender no ar como uma mortalha levada pelo vento. Então ele se afastou, recurvado, em silêncio.

Thomas abanou a cabeça e tornou a olhar para o Labirinto. Mal conhecia Alby e Minho. Mas o seu peito doía ao pensar que estavam lá, mortos pela criatura horrorosa que vira através da janela naquela primeira manhã na Clareira.

Um estrondo partiu de todas as direções, despertando Thomas dos seus pensamentos. Então seguiu-se o rangido arrastado de

pedra contra pedra. As Portas estavam se fechando para a noite.

O muro direito rugiu sobre o chão, espirrando poeira e pedriscos à medida que se movia. A fileira vertical dos pinos de travamento, tantos que pareciam chegar ao céu lá no alto, encaminharam-se na direção dos orifícios correspondentes no muro esquerdo, prontos para selar a passagem até de manhã. Uma vez mais, Thomas olhou assombrado para o imenso muro em movimento − aquilo desafiava qualquer lei da física. Parecia impossível.

Então uma sugestão de movimento atraiu a atenção dos seus olhos.

Algo se movera dentro do Labirinto, ao fundo do comprido corredor à sua frente.

A princípio, uma descarga de pânico tomou conta do seu corpo; ele deu um passo atrás, preocupado que pudesse ser um Verdugo. Mas então duas formas se materializaram a distância, avançando na direção da Porta. Depois do susto, ele finalmente conseguiu enxergar melhor e percebeu que era Minho, com um dos braços de Alby dobrado sobre os ombros, praticamente arrastando o rapaz atrás de si. Minho olhou para a frente e viu Thomas, que sabia que os seus olhos deviam estar saltando para fora das órbitas.

− Eles o pegaram! − gritou Minho, a voz estrangulada e fraca de cansaço. Cada passo que ele dava parecia ser o último.

Thomas estava tão atordoado com a virada nos acontecimentos que demorou um instante para recobrar a consciência.

− Newt! − gritou, forçando-se a afastar o olhar de Minho e de Alby para olhar em outra direção. − Eles chegaram! Estou vendo os dois! − Sabia que devia correr para o Labirinto e ajudá-los, mas a regra sobre não sair da Clareira estava gravada na sua mente.

Newt já chegara na Sede, mas o grito de Thomas ecoou no espaço e ele imediatamente deu meia-volta e saiu em disparada em direção à Porta.

Thomas virara-se para tornar a olhar para o Labirinto e o medo o paralisou. Alby escorregara do apoio em Minho e caíra no chão. Thomas observou quando Minho tentou desesperadamente fazê-lo se levantar, então, finalmente desistindo, começou a arrastar o rapaz pelo chão puxando-o pelos braços.

Mas eles ainda se encontravam a uns trinta metros de distância.

O muro da direita avançava com rapidez, parecendo se acelerar quanto mais Thomas desejava que se retardasse. Faltavam apenas alguns segundos antes que se fechasse completamente. Eles não tinham chance de chegar a tempo. Chance nenhuma.

Thomas voltou-se e olhou para Newt: mesmo correndo o máximo que podia, ele, pelo fato de mancar, só chegaria até a metade da distância até Thomas.

Tornou a olhar para o Labirinto, para o muro que se fechava. Alguns metros mais e estaria tudo acabado.

Minho tropeçou projetando-se para a frente e caiu no chão. Eles não iam conseguir. O tempo se esgotara. Não tinha jeito.

Thomas ouviu Newt gritar alguma coisa lá atrás.

− Não faça isso, Tommy! Não faça isso de jeito nenhum!

Os pinos do muro à direita pareciam como braços estendidos para se encontrar com o encaixe, em busca daqueles orifícios que lhes serviriam de descanso durante a noite. Os rangidos estrondeantes das Portas enchiam o ar, ensurdecedores.

Um metro e meio. Um metro. Noventa centímetros. Sessenta.

Thomas sabia que não tinha escolha. Ele *se moveu.* Para a frente. Esgueirando-se por entre os pinos de encaixe no último segundo, entrou no Labirinto.

Os muros fecharam-se com um estrondo atrás dele, o eco do seu bramido percorrendo a pedra recoberta de hera como uma risada maligna.

17

Durante vários segundos, Thomas sentiu como se o mundo tivesse se congelado. Um silêncio profundo seguiu-se ao estrondo surdo e trovejante da Porta se fechando, e o céu pareceu ser encoberto por um véu sombrio, como se até mesmo o sol tivesse medo do que se movia furtivamente pelo Labirinto. O crepúsculo se instalara e os muros colossais eram como lápides enormes em um cemitério de gigantes infestado de ervas daninhas. Thomas recostou-se na rocha áspera, exaurido pelo que acabara de fazer.

Aterrorizado só de pensar em quais seriam as consequências.

Então um grito agudo de Alby mais à frente chamou sua atenção para a realidade; Minho lamentava. Thomas afastou-se do muro e correu em direção aos dois Clareanos.

Minho conseguira se levantar e estava em pé de novo, mas a sua aparência era horrível, mesmo na pouca luz ainda restante − suado, sujo, todo arranhado. Alby, no chão, parecia pior, as roupas rasgadas, os braços cobertos de cortes e manchas sanguinolentas. Thomas estremeceu. Será que Alby fora atacado por um Verdugo?

− Fedelho − falou Minho −, se você acha que foi corajoso vindo aqui, escute uma coisa. Você é o cara de mértila mais mertilento, fedorento e nojento que já existiu. Pode se considerar morto, assim como nós.

Thomas sentiu o rosto arder − esperava ao menos um pouco de gratidão.

− Não pude ficar só olhando e deixar vocês aqui.

− E qual é a vantagem de estar aqui com a gente? − Minho rolou os olhos para o alto. − Seja como for, cara. Quebre a Regra Número Um, mate-se, quem se importa?

− Muito obrigado. Só estava tentando ajudar. − Thomas teve vontade de lhe dar um chute na cara.

Minho forçou uma risada amarga, depois ajoelhou-se de novo no chão ao lado de Alby. Thomas observou atentamente o rapaz caído e compreendeu quanto a situação era ruim. Alby parecia à beira da morte. A sua pele escura perdia a cor a olhos vistos, e a respiração era rápida e superficial. Uma falta total de esperança tomou conta de Thomas.

− O que aconteceu? − perguntou, tentando deixar de lado a raiva.

− Não quero falar sobre isso − respondeu Minho, enquanto verificava a pulsação de Alby e inclinava-se sobre ele para ouvir o seu peito. − Vamos dizer apenas que os Verdugos sabem se fingir de mortos muito bem.

Essa afirmação pegou Thomas de surpresa.

− Quer dizer que ele... foi mordido? Picado, seja lá o que for? Ele vai passar pela Transformação?

− Você tem muito que aprender − foi tudo o que Minho se dignou a dizer.

Thomas queria gritar. Sabia que tinha muito que aprender − era por isso que estava perguntando.

− Ele vai morrer? − forçou-se a dizer, encolhendo-se ao perceber como parecia tolo e superficial.

− Se não conseguirmos tratá-lo antes do pôr do sol, provavelmente. Poderá estar morto em uma hora... não sei quanto tempo demora quando não se aplica o Soro. Claro, vamos morrer também, portanto não adianta ficar choramingando por causa dele. É isso aí, vamos todos estar mortinhos logo, logo. − Ele disse isso com tanta certeza que Thomas mal se preocupou com o significado das palavras.

Mas logo a realidade terrível da situação começou a tomar conta dele, e ele desmoronou por dentro.

− Vamos morrer mesmo? − perguntou, incapaz de admitir a verdade. − Você está me dizendo que não temos a menor chance?

− Nenhuma.

Thomas estava irritado com o negativismo constante de Minho.

− Ah, sem essa... deve haver alguma coisa que a gente possa fazer. Quantos Verdugos podem nos atacar? − Ele espreitou o corredor que se aprofundava pelo Labirinto adentro, como se esperasse que as criaturas chegassem a qualquer momento, atraídas pelo som do seu nome.

− Sei lá.

Um pensamento surgiu na mente de Thomas, dando-lhe alguma esperança.

− Mas... e quanto a Ben? E Gally e os outros que foram picados e sobreviveram?

Minho olhou-o de relance, e a expressão nos seus olhos parecia dizer que ele era mais desprezível do que plong de vaca.

− Será que não escutou? Eles conseguiram voltar antes do pôr do sol, seu burro. Voltaram e receberam o Soro. Todos eles.

Thomas ficou pensando na menção ao soro, mas tinha muito mais perguntas para fazer primeiro.

− Mas pensei que os Verdugos só saíssem à noite.

− *Então você estava errado,* trolho. Eles *sempre* saem à noite. Isso não significa que nunca apareçam durante o dia.

Thomas não ia se deixar contaminar pela desesperança de Minho − não queria desistir e esperar a morte certa.

− Alguém já passou a noite fora dos muros e sobreviveu?

− Nunca.

Thomas franziu a testa, desejando poder encontrar uma pequena centelha de esperança.

− Quantos já morreram, então?

Minho olhou para o chão, agachou-se apoiando um antebraço sobre o joelho. Era evidente que estava exausto, quase atordoado.

− No mínimo uns doze. Não esteve no cemitério?

− Estive. − “Então foi assim que morreram”, pensou.

− Bem, aqueles são apenas os que *encontramos.* Há outros, mas os corpos desses nunca apareceram. − Minho apontou distraidamente na direção da Clareira fechada atrás deles. − Aquele cemitério esquisito lá entre as árvores tem um motivo. Nada acaba

mais com a alegria da gente do que ser lembrado todos os dias sobre os seus amigos dilacerados.

Minho levantou-se agarrando Alby pelos braços, então indicou os pés dele com um movimento de cabeça.

− Pegue essas porcarias fedorentas. Vamos carregá-lo para perto da Porta. Dar a eles um corpo que seja fácil de encontrar de manhã.

Thomas não podia acreditar em quanto essa ideia parecia *mórbida.*

− Isso não está acontecendo! − gritou para os muros, girando ao redor de si. Sentia que estava a ponto de enlouquecer.

− Pare de chorar. Devia ter seguido as regras e ficado lá dentro. Agora vamos, pegue as pernas dele.

Com uma expressão de dor por causa das convulsões no estômago, Thomas procurou erguer os pés de Alby. Transportaram o corpo quase sem vida, às vezes arrastando-o, por uns trinta metros até a rachadura vertical da Porta, onde Minho largou Alby contra o muro em uma posição meio sentada. O peito de Alby subia e descia com a respiração forçada, mas a pele estava banhada de suor; parecia que não duraria muito tempo mais.

− Onde ele foi mordido? − indagou Thomas. − Você consegue ver?

− Eles não *mordem* você porcaria nenhuma. Eles picam. E não, não dá para ver onde foi. Ele pode ter dúzias de picadas pelo corpo todo. − Minho cruzou os braços e reclinou-se contra o muro.

Por algum motivo, Thomas pensou que a palavra *picar* soava muito pior do que *morder.*

− Picam? O que isso quer dizer?

− Cara, só você vendo um deles para entender o que estou dizendo.

Thomas apontou para os braços de Minho, depois para as pernas.

− Bem, por que aquela coisa não *picou* você?

Minho ergueu as duas mãos.

− Talvez tenha picado... talvez eu desabe a qualquer momento.

− Eles... − Thomas começou, mas não sabia como terminar. Não tinha certeza se Minho estava falando sério.

− Não havia *eles*, só aquele que pensamos que estivesse morto. Ele ficou maluco e picou Alby, mas depois saiu correndo. − Minho

olhou de novo para o Labirinto, que estava agora quase tomado pelas sombras da noite. − Mas tenho certeza de que um bando daqueles desgraçados vai chegar aqui bem depressa para acabar com a gente com as suas agulhas.

− Agulhas? − As coisas estavam soando cada vez mais perturbadoras para Thomas.

− É, agulhas. − Ele não fora sutil, e a sua expressão era de que nem tentara.

Thomas ergueu os olhos para os muros enormes cobertos com a hera espessa. O desespero havia despertado nele a necessidade de buscar soluções para os problemas.

− Não podemos escalar essa coisa? − Olhou para Minho, que não disse uma palavra. − As *trepadeiras...* não podemos subir por elas?

Minho soltou um suspiro de frustração.

− Eu juro, Fedelho, você deve pensar que somos um bando de idiotas. Você acha mesmo que nunca tivemos a genial ideia de escalar os malditos *muros?*

Pela primeira vez, Thomas sentiu a raiva aumentar, superando o medo e o pânico.

− Só estou tentando ajudar, cara. Por que não para de debochar de cada palavra que eu digo e *fala* comigo?

Minho saltou abruptamente sobre Thomas e agarrou-o pela camisa.

− Você não *entende,* cara de mértila! Você não sabe nada, e está só piorando as coisas tentando ter alguma esperança! Nós estamos mortos, está me ouvindo? Mortos!

Thomas não sabia o que era mais forte naquele momento − se a raiva que sentia de Minho ou a pena que este provocava. Ele estava desistindo muito facilmente.

Minho baixou os olhos para as suas mãos que agarravam a camisa de Thomas e a vergonha tomou conta do seu semblante. Lentamente, ele o soltou e deu um passo atrás. Thomas endireitou a roupa com um ar desafiador.

− Ah, cara, ah, cara − Minho sussurrou, então desabou no chão, enterrando o rosto nos punhos fechados. − Nunca tive tanto medo na vida, cara. Não desse jeito.

Thomas queria dizer alguma coisa, falar para ele crescer, falar para ele *pensar,* falar para ele explicar tudo o que sabia. Alguma coisa!

Abriu a boca para falar, mas fechou-a depressa quando ouviu o *ruído.* A cabeça de Minho deu um salto; ele fitou um dos corredores de pedra às escuras. Thomas sentiu a respiração acelerar.

Aquilo vinha lá do fundo do Labirinto, um som grave e assombroso. Um chiado constante que fazia um barulho metálico em intervalos de três ou quatro segundos, como facas afiadas sendo esfregadas umas contra as outras. O ruído foi ficando cada vez mais alto, e então uma série de estalidos sinistros se acrescentou a ele. Thomas pensou em unhas compridas arranhando vidro. Um gemido cavernoso encheu o ar e em seguida alguma coisa soou como correntes sendo arrastadas.

Tudo aquilo, junto, era horripilante, e o pouco de coragem que Thomas conseguira reunir começou a se dissipar.

Minho ergueu-se de um salto, o rosto imperceptível na ausência quase total de luz. Mas quando falou, Thomas imaginou os olhos dele arregalados de terror.

− Temos que nos separar... essa é a nossa única chance. Nunca pare de correr. Não pare nunca!

E então deu meia-volta e saiu a toda velocidade, desaparecendo em poucos segundos, engolido pela escuridão do Labirinto.

18

Thomas ficou olhando para o ponto onde Minho desaparecera.

De repente, um profundo sentimento de antipatia em relação ao rapaz o dominou. Minho era um veterano ali, um Corredor. Thomas era um Calouro, com apenas alguns dias na Clareira, apenas alguns minutos no Labirinto. Ainda assim, dos dois, Minho fora quem se deixara abater e entrara em pânico, saindo em disparada ante o primeiro sinal de adversidade. “Como ele foi capaz de me deixar aqui?”, pensou Thomas. “Como ele foi capaz de fazer isso?”

O volume dos ruídos aumentou. O rangido de engrenagens misturava-se aos sons arrastados e metálicos, como de correntes tracionando o mecanismo de uma máquina em uma velha fábrica sombria. Então veio aquele cheiro − algo queimado, oleoso. Thomas não podia adivinhar o que o esperava; embora tivesse visto um Verdugo, só de relance e através de uma janela suja. O que será que fariam com ele? E quanto tempo poderia suportar?

“Chega!”, disse a si mesmo. Não fazia sentido desperdiçar tempo esperando que viessem pôr um fim na sua vida.

Virou-se e encarou Alby, ainda largado contra o muro de pedra, agora só um amontoado de sombras na escuridão. Ajoelhando-se no chão, Thomas encontrou o pescoço de Alby, então procurou sentir a pulsação. Alguma coisa vibrava. Ouviu o peito dele como Minho fizera.

Bu-bump, bu-bump, bu-bump.

Ainda estava vivo.

Thomas inclinou-se para trás sobre os tornozelos, depois correu o braço pela testa, limpando o suor. Naquele momento, no espaço de apenas alguns segundos, aprendeu muita coisa sobre quem era. Quem fora o Thomas *antes.*

Não podia abandonar um amigo e deixá-lo morrer. Mesmo alguém tão rabugento quanto Alby.

Estendendo as mãos, segurou Alby pelos braços, depois acocorou-se até conseguir se sentar e passou os braços ao redor do pescoço dele por trás. Então puxou o corpo inerte para as costas e ergueu-se sobre as pernas, grunhindo com o esforço. O peso era demais. Thomas caiu de bruços no chão, com Alby espalhando-se para o lado com um baque surdo.

Os sons assustadores dos Verdugos pareciam cada vez mais próximos, ecoando nos muros de pedra do Labirinto. Thomas achou que estava vendo lampejos luminosos a distância, projetando-se no céu noturno. Não queria se encontrar com a fonte daquelas luzes e daqueles sons.

Tentando uma nova investida, agarrou os braços de Alby outra vez e começou a arrastá-lo pelo chão. Não conseguia acreditar em quanto um garoto podia ser tão *pesado*, e não precisou nem de três metros para compreender que aquilo não daria certo. De qualquer forma, aonde ele iria levá-lo?

Empurrou Alby de volta para a rachadura que assinalava a entrada da Clareira e largou-o de novo sentado, reclinado contra o muro de pedra.

Thomas sentou-se com as costas apoiadas no muro, ofegando pelo esforço, pensando. Enquanto examinava com cuidado os recantos escuros do Labirinto, vasculhava a mente em busca de uma solução. Mal conseguia ver alguma coisa, e sabia, apesar do que Minho dissera, que seria burrice correr *mesmo que conseguisse* carregar Alby. Não só havia a possibilidade de se perder, como na verdade poderia acabar correndo na direção dos Verdugos em vez de ir para longe deles.

Pensou no muro, na hera. Minho não explicara, mas dera a entender que era impossível escalar aquelas paredes. Ainda assim...

Um plano tomou forma na sua mente. Tudo dependia das habilidades desconhecidas dos Verdugos, mas era a melhor ideia que lhe ocorria.

Caminhou alguns metros ao longo do muro até encontrar um tufo mais crescido de hera, recobrindo a pedra quase por completo. Abaixando-se, pegou uma das ramificações que iam até o chão e envolveu-a com a mão. A trepadeira parecia mais grossa e mais sólida do que imaginara, talvez com um centímetro e meio de diâmetro. Puxou-a e, com o som de um papel grosso se rasgando, ela desprendeu-se do muro − e foi se soltando cada vez mais à medida que Thomas se afastava do muro. Depois de recuar uns três metros, não conseguiu mais ver a extremidade da hera no alto; ela desaparecia na escuridão. Mas a planta arrancada pendia solta do muro, então Thomas concluiu que continuava presa a alguma coisa lá em cima. Hesitando um pouco, aprumou-se no chão e puxou a trepadeira com toda a sua força.

Ela resistiu.

Puxou de novo. Depois de novo, puxando e relaxando com as duas mãos várias vezes. Então resolveu pendurar-se na trepadeira; seu corpo balançou para a frente.

A trepadeira aguentava.

Rapidamente, Thomas agarrou outros ramos da trepadeira, desgrudando-os do muro, criando uma série de cordas para escalar. Testou cada uma delas. Todas mostraram-se tão fortes quanto a primeira. Confiante, voltou para junto de Alby e arrastou-o para perto das trepadeiras.

Um estalo agudo ecoou vindo do Labirinto, seguido pelo som horrível de metal amassado. Thomas, assustado, girou sobre si mesmo para ver. Sua mente estivera tão concentrada nas trepadeiras que por um momento se esquecera dos Verdugos. Examinou as três direções do Labirinto. Não conseguia ver nada se aproximando, mas os sons estavam mais altos − zumbindo, gemendo, retinindo. E o ar tornara-se ligeiramente mais claro; conseguia distinguir mais detalhes do Labirinto do que um minuto antes.

Lembrou-se das luzes estranhas que observara através da janela da Clareira com Newt. Os Verdugos estavam próximos. Era óbvio.

Thomas tentou ignorar a onda de pânico e concentrou-se no que precisava fazer.

Agarrando um ramo da trepadeira, enrolou-a ao redor do braço direito de Alby. A planta mal chegava até ele, por isso precisou empurrar Alby para cima o máximo que pôde para conseguir prendê-lo. Depois de dar várias voltas com a planta, amarrou-a com firmeza. Então pegou outra trepadeira e passou-a ao redor do braço esquerdo de Alby, depois pelas duas pernas dele, amarrando cada extremidade o mais firme que conseguiu. Teve medo que a circulação sanguínea de Alby fosse prejudicada, mas concluiu que valeria a pena correr o risco.

Thomas seguiu em frente, tentando ignorar a dúvida que brotava na sua mente em relação ao plano. Agora era a vez dele.

Agarrou uma trepadeira com as duas mãos e começou a escalar, logo acima do ponto onde acabara de amarrar Alby. As folhas grossas da hera sustentavam bem as suas mãos, e, à medida que subia, Thomas ficou animado ao descobrir que as muitas rachaduras no muro de pedra eram apoios perfeitos para os seus pés. Começou a pensar como seria fácil sem...

Recusou-se a terminar o pensamento. Não poderia deixar Alby para trás.

Depois de chegar a quase sessenta centímetros acima do amigo, Thomas passou uma das trepadeiras em volta do próprio peito, enrolou-a ainda outras vezes, bem presa sob as axilas para aumentar o apoio. Então, muito devagar, começou a curvar o corpo, soltando o peso das mãos, mas mantendo os pés apoiados firmemente numa grande rachadura. Sentiu uma onda de alívio quando percebeu que a trepadeira aguentava o peso.

Agora vinha a parte realmente difícil.

As quatro trepadeiras amarradas a Alby, que estava abaixo dele, prendiam-no fortemente. Thomas alcançou a que estava ligada à perna esquerda de Alby e puxou-a. Só conseguiu deslocá-la alguns centímetros antes de soltar − o peso era demais. Não conseguiria.

Desceu outra vez até o piso do Labirinto, decidido a tentar *empurrar* por baixo em vez de *puxar* por cima. Para fazer um teste, tentou levantar Alby cerca de uns setenta centímetros, membro por membro. Primeiro, empurrou a perna esquerda para cima, depois amarrou uma nova trepadeira ao redor dela. Em seguida, a perna direita. Depois que as duas estavam bem presas, Thomas fez o mesmo com os braços de Alby − o direito, depois o esquerdo.

Recuou, ofegante, para dar uma olhada.

Alby estava pendurado, aparentemente sem vida, agora quase noventa centímetros acima de onde tinha estado cinco minutos antes.

Do Labirinto vinham sons metálicos. Rangidos. Zumbidos. Gemidos. Thomas pensou ter visto uns dois lampejos vermelhos à sua esquerda. Os Verdugos estavam mais perto e era óbvio que havia mais de um deles.

Voltou ao trabalho.

Usando o mesmo método de empurrar cada braço e cada perna de Alby para cima uns sessenta ou noventa centímetros de cada vez, aos poucos Thomas foi conseguindo subir pelo muro de pedra. Ele subia até ficar embaixo do corpo, enrolava uma trepadeira em volta do peito para se apoiar, depois empurrava Alby o mais alto que podia, membro por membro, e o amarrava com a hera. Em seguida, repetia todo o processo.

Subir, enrolar, empurrar, amarrar.

Subir, enrolar, empurrar, amarrar. Os Verdugos pelo menos pareciam avançar vagarosamente pelo Labirinto, o que lhe dava algum tempo.

Pouco a pouco, os dois foram subindo. O esforço era exaustivo; Thomas arquejava a cada respiração, sentia o suor cobrir cada centímetro da sua pele. As mãos começaram a escorregar nas trepadeiras. Os pés doíam por causa da pressão nas fendas da pedra. Os sons estavam cada vez mais altos − aqueles sons horríveis. Ainda assim Thomas continuou.

Quando chegaram a um ponto a cerca de nove metros do chão, Thomas parou, oscilando pendurado na hera que enrolara ao redor do peito. Usando os braços exaustos e esfolados, ele se virou para

ver o Labirinto. Uma exaustão que ele não acreditava ser possível tomava conta de cada minúscula partícula do seu corpo. Era um cansaço que doía; os músculos estavam em frangalhos. Não conseguiria empurrar Alby nem mais um centímetro. Não aguentava mais.

Era ali que ficariam escondidos. Ou que tentariam resistir.

Sabia que não conseguiriam chegar até o alto, só esperava que os Verdugos não olhassem para cima e os encontrassem. Ou, no mínimo, Thomas esperava que fosse possível enfrentá-los ali do alto, um por um, em vez de ser atacado no chão.

Não fazia a menor ideia do que esperar; não sabia se veria o dia seguinte. Mas ali, pendurado na hera, os dois encarariam o seu destino.

Alguns minutos se passaram antes que Thomas visse o primeiro lampejo luminoso refletido nos muros do Labirinto à frente. Os sons terríveis que ele ouvira aumentar cada vez mais na última hora agora eram como um guincho mecânico estridente e ensurdecedor, como um urro de morte de um robô.

Uma luz vermelha à esquerda, sobre o muro, chamou a sua atenção. Ele se virou e quase soltou um grito − um besouro mecânico achava-se a poucos centímetros dele, as pernas pontudas roçando por entre os ramos de hera e de alguma forma prendendo-se à pedra. A luz vermelha do seu olho era como um pequeno sol, brilhante demais para que se conseguisse olhar diretamente. Semicerrando os olhos, Thomas tentou concentrar-se no corpo do besouro.

O torso era um cilindro prateado, com uns oito centímetros de diâmetro e uns vinte e cinco de comprimento. Doze pernas articuladas projetavam-se ao longo da parte inferior do corpo em todo o comprimento, estendidas para fora, o que lhe dava a aparência de um lagarto. Era impossível ver a cabeça por causa do feixe de luz vermelha que brilhava na direção dele, embora parecesse pequena... talvez a sua única finalidade fosse a visão.

Mas então Thomas avistou a parte mais sinistra. Pensou que tinha visto aquilo antes, lá na Clareira quando o besouro mecânico passara correndo por ele e perdera-se na floresta. Agora estava

confirmado: a luz vermelha do seu olho lançava um brilho horripilante sobre as cinco letras borradas ao longo do corpo, como se tivessem sido escritas com sangue:

CRUEL

Thomas não podia imaginar por que o besouro mecânico trazia estampada aquela palavra no corpo, a menos que tivesse o propósito de anunciar aos Clareanos que era algo perverso. Inumano.

Ele sabia que aquela coisa devia ser um espião de quem quer que os enviara para lá − Alby contara-lhe a respeito, dizendo que os besouros eram um instrumento dos Criadores para observá-los. Thomas ficou quieto, prendeu a respiração, esperando que talvez o besouro só detectasse movimentos. Segundos intermináveis se passaram, os seus pulmões clamando por ar.

Com um clique e depois um claque, o besouro virou-se e saiu em disparada, desaparecendo por entre a hera. Thomas absorveu um imenso bocado de ar, depois outro, sentindo o aperto das trepadeiras ao redor do peito.

Outro guincho metálico ressoou estridente pelo Labirinto, próximo agora, seguido por uma sequência de estalidos e rangidos de máquina. Thomas tentou imitar o corpo inerte de Alby, pendendo imóvel em meio às trepadeiras.

E então alguma coisa dobrou a esquina à frente e encaminhou-se na direção deles.

Uma coisa que ele já vira antes, mas por trás da segurança de um vidro grosso.

Uma coisa indescritível.

Um Verdugo.

19

Thomas olhou horrorizado para aquela coisa monstruosa que descia pelo longo corredor do Labirinto.

Era como se fosse o resultado de um experimento que dera terrivelmente errado − algo saído de um pesadelo. Parte animal, parte máquina, o Verdugo rolava e produzia estalidos ao longo do caminho de pedra. Seu corpo lembrava uma lesma gigantesca, coberto de pelos aqui e ali e com uma gosma reluzente, pulsando de forma grotesca para dentro e para fora ao respirar. Não dava para perceber se tinha uma cabeça ou uma cauda, mas de uma extremidade à outra media pelo menos um metro e oitenta, com pouco mais de um metro de largura.

A cada dez ou quinze segundos, ferrões aguçados de metal projetavam-se para fora da sua carne verrugosa e toda a criatura abruptamente se curvava assumindo a forma de uma bola para então girar para a frente. Em seguida voltava ao estado anterior, parecendo reunir suas forças, recolhendo os ferrões através da pele úmida, produzindo um som arrastado e nojento. A criatura repetiu os movimentos diversas vezes sem parar, deslocando-se devagar.

Mas os pelos e os ferrões não eram as únicas coisas que se projetavam do corpo do Verdugo. Diversos braços mecânicos dispostos ao acaso destacavam-se aqui e ali, cada um com um propósito diferente. Alguns traziam luzes como faróis acesos. Outros exibiam longas e ameaçadoras agulhas. Um terminava em uma garra com três dedos que se abriam e se fechavam sem nenhuma razão aparente. Quando a criatura rolava, esses braços se

dobravam e manobravam para evitar ser esmagados. Thomas ficou se perguntando o que − ou quem − seria capaz de criar monstros tão assustadores e asquerosos.

A origem dos sons que ouvira agora fazia sentido. Quando o Verdugo rolava, produzia um chiado metálico, como a lâmina giratória de uma serra. Os ferrões e os braços explicavam os estalidos horripilantes, metal contra pedra. Mas nada produzia mais calafrios na espinha de Thomas do que os gemidos assombrados e fantasmagóricos que de alguma forma escapavam da criatura quando ela se aquietava, como o som de um moribundo em um campo de batalha.

Observando tudo aquilo junto − a besta combinada com os sons −, Thomas não era capaz de imaginar um pesadelo que pudesse se igualar a ver aquela coisa aproximar-se na sua direção. Procurou enfrentar o medo, forçou o corpo a permanecer perfeitamente imóvel, pendurado nas trepadeiras. Estava certo de que a única esperança deles era evitar que fossem notados.

“Quem sabe ele não nos vê”, pensou. “Quem sabe.” Mas a realidade da situação pesava como uma pedra sobre a sua barriga. O besouro mecânico já revelara a sua posição exata.

O Verdugo aproximou-se rolando e dando estalidos, ziguezagueando, gemendo e guinchando. Toda vez que parava, os braços de metal se desdobravam e giravam ao redor, como um robô procurando sinais de vida em um planeta alienígena. As luzes produziam sombras assustadoras no Labirinto. Um fiapo de lembrança tentou escapar da caixa lacrada dentro de sua mente − as sombras na parede assustando-o quando ele era um garotinho. Sentiu vontade de estar lá, fosse onde fosse, para correr para os braços da mãe e do pai que esperava que ainda estivessem vivos, em algum lugar, sentindo a sua falta, procurando por ele.

Um forte sopro de algo queimado ardeu nas suas narinas; uma mistura enjoada de máquinas superaquecidas e carne queimada. Não podia acreditar que as pessoas pudessem ter criado algo tão horrível para perseguir garotos.

Tentando não pensar no assunto, Thomas fechou os olhos por um momento e concentrou-se em permanecer imóvel e em silêncio. A

criatura continuava vindo.

Zuirrrrrrrrrrrrrrr

Clique-clique-clique

Zuirrrrrrrrrrrrrrr

Clique-clique-clique

Thomas ficou olhando para baixo sem mover a cabeça − o Verdugo tinha finalmente chegado ao muro onde ele e Alby estavam pendurados. A criatura fez uma pausa junto à Porta fechada que dava para a Clareira, a poucos metros à direita de Thomas. “Por favor, vá por outro caminho”, implorou Thomas em silêncio.

“Vire.”

“Vá.”

“Por aquele caminho.”

“Por favor!”

Os ferrões do Verdugo projetaram-se para fora; seu corpo rolou na direção de Thomas e Alby.

Zuirrrrrrrrrrrrrrr

Clique-clique-clique

Ele fez uma parada, depois rolou outra vez, direto para o muro. Thomas prendeu a respiração, sem ousar emitir o mínimo som. O Verdugo parou então bem abaixo deles. Thomas queria muito olhar para baixo, mas sabia que o menor movimento poderia chamar a atenção dele. Os feixes de luz que se projetavam da criatura iluminaram todo o lugar, totalmente ao acaso, sem se deter em ponto algum.

Então, de repente, eles se apagaram.

Num instante o mundo tornou-se escuro e silencioso. Era como se a criatura tivesse sido *desligada.* Ela não se movia nem produzia um único som − até mesmo os lamentos assustadores pararam completamente. E sem mais nenhuma luz, Thomas não conseguia ver nada.

Estava cego.

A sua respiração resumia-se a pequenos sorvos de ar pelo nariz; o seu coração palpitante precisava desesperadamente de oxigênio. Será que aquela coisa podia ouvi-lo? Farejá-lo? O suor empapava-

lhe os cabelos, as mãos, as roupas, tudo. Um medo que ele nunca conhecera dominou-o ao ponto da insanidade.

Silêncio, nada. Nenhum movimento, nenhuma luz, nenhum som. A expectativa de tentar adivinhar o que aconteceria em seguida estava matando Thomas.

Passaram-se segundos. Minutos. A planta filamentosa apertava a carne de Thomas − seu peito parecia anestesiado. Ele queria gritar para o monstro lá embaixo: “Mate-me ou volte para a sua maldita toca!”

De repente, numa súbita explosão de luz e som, o Verdugo voltou à vida, zumbindo e produzindo estalidos.

E então começou a escalar o muro.

20

Os ferrões do Verdugo dilaceravam a pedra, atirando pedaços de hera e lascas de rocha em todas as direções. Os seus braços sacudiam-se como as pernas do besouro mecânico, com pontas aguçadas que penetravam na pedra do muro para se apoiar. Uma luz brilhante na extremidade de um braço apontou na direção de Thomas, só que desta vez o feixe de luz não se desviou.

Thomas sentiu que a última gota de esperança se esvaía do seu corpo.

Sabia que a única opção possível era correr. “Sinto muito, Alby”, pensou enquanto se livrava dos ramos grossos do peito. Usando a mão esquerda para se segurar com força na folhagem acima, ele terminou se desvencilhando e preparando-se para fugir. Sabia que não poderia subir − isso levaria o Verdugo a passar por Alby. Descer, é claro, era a única opção se quisesse morrer o mais rápido possível.

Precisava se afastar para o lado.

Thomas estendeu o braço e agarrou um ramo de hera que estava a sessenta centímetros à esquerda de onde estava pendurado. Enrolando o ramo na mão, puxou-o com um safanão rápido. A planta resistiu, exatamente como as outras. De relance, viu que o Verdugo abaixo já chegara à metade da distância que os separava, e se movia mais rápido, sem pausas.

Thomas terminou de se livrar do ramo que usara ao redor do peito e balançou o corpo para a esquerda, roçando-se à parede. Antes que a sua oscilação como um pêndulo o levasse de volta a Alby, ele

estendeu o braço para outra trepadeira, alcançando uma mais grossa. Dessa vez, agarrou-a com as duas mãos e virou-se para pousar a base dos pés contra o muro. Mudou a posição do corpo para a direita, prosseguindo até onde a planta permitiu, então largou-a e agarrou uma outra. Depois outra. Como se fosse um macaco escalando uma árvore, Thomas descobriu que era capaz de avançar mais depressa do que imaginava.

Os sons do seu perseguidor continuavam sem descanso, só que agora com o acréscimo horripilante do ruído de rocha estilhaçada. Thomas oscilou para a direita várias outras vezes antes de criar coragem para olhar para trás.

O Verdugo afastara-se de Alby ao mudar o percurso para ir diretamente até Thomas. “Enfim”, pensou Thomas, “alguma coisa deu certo.” Dando um impulso no próprio corpo com os pés, com o máximo de força que podia, balanço após balanço, ele fugia daquela coisa horrenda.

Thomas não precisou olhar para trás para saber que o Verdugo estava ganhando terreno a cada segundo. Os sons eram a prova disso. De alguma forma, precisava voltar ao chão, ou tudo acabaria rapidamente.

No balanço seguinte, deixou sua mão deslizar um pouco antes de se agarrar com firmeza. A haste da trepadeira queimou-lhe a palma da mão, mas ele havia encurtado a distância até o chão. Repetiu a operação com a próxima trepadeira. E com a seguinte. Três oscilações depois estava a meio caminho do chão do Labirinto. Uma dor pungente queimava os seus braços; ele sentia a ardência da pele que era arrancada das mãos. A adrenalina correndo pelo corpo o ajudou a ignorar o medo; simplesmente seguiu em frente.

No balanço seguinte, a escuridão impediu Thomas de avistar uma nova parede assomando à sua frente; o corredor terminava e virava à direita.

Ele se chocou com toda a força contra a pedra à frente, perdendo o contato com a hera. Jogando os braços para a frente, Thomas debateu-se sem controle, tentando alcançar alguma coisa em que se agarrar para impedir o mergulho em direção à rocha dura abaixo. No mesmo instante, com o canto do olho esquerdo, viu o Verdugo.

Ele alterara o percurso e o estava quase alcançando, com uma garra esticada na sua direção.

Thomas encontrou uma trepadeira a meio caminho do chão e a agarrou, quase arrancando os braços das articulações com a parada repentina. Empurrou a parede com os dois pés com a maior força possível, projetando o corpo para longe dela no exato momento em que o Verdugo atacava com a garra e as agulhas. Thomas chutou com a perna direita, atingindo o braço ligado à garra. Um estalido agudo denunciou uma pequena vitória, mas todo o seu entusiasmo terminou quando ele percebeu que o impulso da oscilação ia levá-lo de volta, em direção à parede, bem em cima da criatura.

Com a adrenalina correndo pelas veias, Thomas juntou as pernas e puxou-as apertadas contra o peito. Assim que fez contato com o corpo do Verdugo, sentindo-se afundar naquela pele asquerosa, passou a chutar com os dois pés para se afastar dali, contorcendo-se para evitar o contato com as agulhas e garras que vinham de todas as direções. Girou o corpo para fora e para a esquerda; então saltou para o muro do Labirinto, tentando agarrar outro ramo de hera. As ferramentas malignas do Verdugo agitavam-se e fechavam-se projetadas atrás dele. Sentiu um profundo arranhão nas costas.

Debatendo-se mais uma vez, Thomas encontrou um novo ramo de hera e agarrou-o com as duas mãos. Segurou a planta apenas o suficiente para retardar a descida, ignorando a queimação horrível que sentia. Assim que os seus pés tocaram o sólido piso de rocha, ele saiu em disparada, correndo apesar do clamor de exaustão do seu corpo.

O ruído de um choque foi seguido pelos sons do Verdugo que rolava, estalava e zumbia. Mas Thomas recusou-se a olhar para trás, sabendo que cada segundo era importante.

Contornou as esquinas do Labirinto a toda velocidade, martelando a pedra com os pés. Em algum lugar na sua mente procurava registrar o sentido dos movimentos que fazia, esperando poder viver o suficiente para usar as informações e retornar à Porta.

Direita, depois esquerda. Descida por um longo corredor, depois à direita de novo. Esquerda. Direita. Duas vezes à esquerda. Outro

corredor comprido. Os sons da perseguição não perdiam o vigor nem se distanciavam, mas também ele *não estava* perdendo terreno.

Sempre em frente, ele correu, o coração a ponto de explodir. Inspirando grandes bocados de ar, tentava bombear oxigênio para os pulmões, mas sabia que não ia aguentar muito mais tempo. Imaginou se não seria muito mais fácil virar-se e lutar, acabando de uma vez com aquilo.

Quando dobrou a esquina seguinte, conteve-se numa parada súbita ante a visão que tinha diante de si. Arquejando incontrolavelmente, ficou olhando.

Três Verdugos estavam bem à sua frente, rolando enquanto enterravam os ferrões na pedra, vindo na sua direção.

21

Thomas voltou-se para ver o seu perseguidor inicial ainda se aproximando, embora tivesse reduzido um pouco a marcha, abrindo e fechando as garras de metal como se caçoasse dele, rindo.

"Ele sabe que não tenho saída", pensou. Depois de tanto esforço, ali estava ele, cercado por Verdugos. Era o fim. Menos de uma semana na Clareira e a sua vida chegara ao fim.

Quase consumido pelo sofrimento, tomou uma decisão. Partiria para a luta.

Preferindo obviamente um a três, ele correu na direção do Verdugo que o perseguira até ali. A coisa horrenda retraiu-se apenas alguns centímetros, parou de mover as garras, como se estivesse chocada com a coragem do garoto. Procurando se aproveitar da ligeira indecisão, Thomas começou a gritar enquanto atacava.

O Verdugo retornou à vida, os ferrões se projetando da pele; rolou para a frente, pronto para colidir de frente com o inimigo. O movimento súbito quase fez Thomas parar, o breve momento de coragem insensata desvanecendo-se; mas continuou correndo.

No último segundo antes da colisão, assim que olhou de perto o metal, o pelo e o muco viscoso, Thomas plantou o pé esquerdo e mergulhou para a direita. Incapaz de deter o impulso, o Verdugo passou voando ao lado dele antes de se deter estremecendo. Thomas percebeu que a coisa estava se movimentando muito mais rápido agora. Com um uivo metálico, ela fez a volta e se preparou

para atirar-se sobre a vítima. Mas agora, não mais encurralado, Thomas tinha espaço para correr, de volta ao caminho.

Ele ficou de pé e disparou em frente. Os sons da perseguição, dessa vez dos quatro Verdugos, ouviam-se logo atrás. Certo de que exigia do corpo muito além dos seus limites, ele continuou a correr, tentando afastar de si o sentimento de desesperança de que seria só uma questão de tempo até que o alcançassem.

Então, três corredores adiante, duas mãos de repente apareceram e o puxaram violentamente para uma passagem vizinha. O coração de Thomas saltou pela garganta enquanto tentava se libertar. Parou quando percebeu que era Minho.

− Mas o que...

− Cala a boca e me segue! − gritou Minho, já arrastando Thomas para longe dali até que ele foi capaz de se apoiar nos próprios pés.

Sem um instante para pensar, Thomas se recompôs. Juntos, eles avançaram rapidamente pelos corredores, dando voltas e mais voltas. Minho parecia saber exatamente o que estava fazendo, para onde ia; nunca parava para pensar sobre que caminho devia escolher.

Ao dobrarem a esquina seguinte, Minho fez um esforço para falar. Entre respirações entrecortadas, ele disse:

− Eu vi bem... o mergulho que você deu... lá atrás... isso me deu uma ideia... só precisamos aguentar... mais um pouco.

Thomas resolveu não desperdiçar o fôlego com perguntas; simplesmente continuou correndo. Sem precisar olhar para trás, ele sabia que os Verdugos ganhavam terreno com uma rapidez alarmante. Cada milímetro do seu corpo doía, por dentro e por fora; os membros clamavam para que parasse de correr. Mas ele continuou correndo, esperando que o coração não parasse de bater.

Depois de mais algumas voltas, Thomas viu algo à frente deles que não conseguiu identificar. Parecia... errado. E a luz fraca que emanava dos seus perseguidores tornou a coisa ainda mais estranha.

O corredor não terminava em outro muro de pedra.

Ele terminava na escuridão.

Thomas estreitou os olhos à medida que corriam em direção ao muro de escuridão, tentando compreender do que estavam se aproximando. Os dois muros recobertos de hera de cada lado dele pareciam dar em nada a não ser no céu à frente. Ele pôde ver as estrelas. Quando se aproximaram, entendeu que era uma abertura − o Labirinto terminara.

"Como?", imaginou. "Depois de anos de buscas, como Minho e eu encontramos assim tão facilmente?"

Minho pareceu adivinhar os seus pensamentos.

− Não fique muito empolgado − disse ele, mal sendo capaz de articular as palavras.

Alguns metros antes do fim do corredor, Minho se deteve, pondo a mão sobre o peito de Thomas para se assegurar de que ele parava também. Thomas reduziu a marcha, depois caminhou até onde o Labirinto se abria para o céu. Os sons dos Verdugos que avançavam se aproximava. Tudo o que Thomas podia ver em todas as direções, acima e abaixo, de um lado para o outro, era ar vazio e as estrelas desaparecendo ao longe. Era uma visão estranha e inquietante, como se estivesse no limiar do universo, e, por um breve instante, foi dominado pela vertigem, os joelhos enfraquecendo antes que pudesse se firmar.

O amanhecer começava a dar os primeiros sinais, o céu parecendo ter clareado consideravelmente apenas no último minuto ou algo assim. Thomas olhava em completa descrença, sem entender como tudo aquilo podia ser possível. Era como se alguém tivesse construído o Labirinto e depois o deixasse flutuando no céu para pairar ali no meio do nada pelo resto da eternidade.

− Não estou entendendo − ele sussurrou, sem saber se Minho sequer o ouvia.

− Cuidado − replicou o Corredor. − Você não seria o primeiro trolho a cair do Penhasco. − Ele agarrou Thomas pelo ombro. − Esqueceu alguma coisa? − Ele fez sinal com a cabeça na direção do Labirinto.

Thomas lembrou-se de ter ouvido antes a palavra *Penhasco,* mas não conseguia localizar onde. Ver o céu imenso e aberto à sua frente e abaixo dele deixara-o numa espécie de entorpecimento hipnótico. Forçando-se a voltar à realidade, virou-se para encarar os

Verdugos que se aproximavam. Eles se encontravam agora a uns dez metros de distância, em fila indiana, atacando com um sentimento de vingança, movendo-se a uma velocidade surpreendente.

Tudo se encaixou então, mesmo antes de Minho explicar o que fariam.

− Essas coisas podem ser traiçoeiras − falou Minho −, mas são as mais imbecis do mundo. Fique aqui, perto de mim, bem de frente...

Thomas o interrompeu.

− Já sei. Estou pronto.

Arrastaram os pés até que estivessem bem juntos um ao lado do outro, diante do precipício, bem no meio do corredor. Seus tornozelos estavam a poucos centímetros da borda do Penhasco atrás deles, e depois apenas o vazio.

A única coisa que lhes restava era a coragem.

− Precisamos agir em sincronia! − exclamou Minho, com a voz quase abafada pelo ruído estrondejante dos ferrões rolando sobre a pedra. − Quando eu disser já!

Por que os Verdugos haviam adotado a formação de fila indiana era um mistério. Talvez o Labirinto parecesse estreito demais, incômodo para eles seguirem lado a lado. Mas um depois do outro eles seguiram pelo corredor de pedra, emitindo estalidos e gemidos e prontos para matar. Os dez metros reduziram-se a quatro, e os monstros estavam a apenas segundos de distância de se chocar contra os garotos que os aguardavam.

− Atenção − falou Minho com firmeza. − Ainda não... ainda não...

Thomas odiou cada milissegundo de espera. Ele só queria fechar os olhos e nunca mais ver outro Verdugo na vida.

− Já! − gritou Minho.

Assim que o braço do primeiro Verdugo se estendeu para pegá-los, Minho e Thomas mergulharam em sentidos opostos, cada um na direção de uma das paredes externas do corredor. A tática funcionara antes com Thomas e, a julgar pelo som horrível de uma derrapagem do primeiro Verdugo, funcionou de novo. O monstro voou pela borda do Penhasco. Estranhamente, o seu grito de guerra

apagou-se imediatamente em vez de ir desaparecendo à medida que mergulhava nas profundezas à frente.

Thomas caiu de encontro ao muro e virou-se no momento certo para ver a segunda criatura se jogar no abismo, incapaz de frear. A terceira plantou um braço pontudo contra a pedra, mas o seu impulso era forte demais. O rangido de arrepiar os nervos do ferrão rompendo o chão fez um calafrio percorrer a espinha de Thomas, embora um segundo depois o Verdugo caísse no abismo. De novo, nenhum deles emitiu um som quando caiu, como se desaparecessem em vez de cair.

A quarta e última criatura a se aproximar foi capaz de se deter a tempo, oscilando bem na borda do abismo, segura por um ferrão e uma garra.

Instintivamente, Thomas soube o que precisava fazer. Olhando para Minho, ele fez um gesto com a cabeça e depois virou-se. Os dois garotos correram contra o Verdugo e saltaram com os pés contra a criatura, chutando-a para fora no último segundo com tudo o que lhes restava das suas forças. Os dois juntos, mandando o último monstro para o seu mergulho rumo à morte.

Thomas rapidamente engatinhou até a borda do abismo, esticando a cabeça para ver os Verdugos em queda. Mas, embora parecesse impossível, eles tinham desaparecido − não havia nenhum sinal deles no vazio que se estendia abaixo. Nada.

Não podia compreender aonde levaria aquele Penhasco nem o que acontecera àquelas criaturas terríveis. A sua última migalha de força desapareceu e ele se recurvou como uma bola no chão.

Então vieram as lágrimas.

22

Meia hora se passou.

Nem Thomas nem Minho haviam se movido um centímetro.

Thomas finalmente parara de chorar; não podia deixar de pensar sobre o que Minho acharia dele, ou se contaria aos outros, chamando-o de maricas. Havia perdido o autocontrole: sabia que não teria sido capaz de evitar as lágrimas. Apesar da falta de memória, tinha certeza de que acabara de passar pela noite mais traumática de sua vida. E as mãos cheias de feridas e a completa exaustão não ajudavam nada.

Com o amanhecer em pleno desenvolvimento, arrastou-se outra vez até a borda do Penhasco e esticou a cabeça para ver melhor. O céu que se abria diante dele era de um púrpura intenso, que se esmaecia aos poucos para assumir o azul brilhante do dia, com pinceladas de laranja do sol, que se encontrava num horizonte plano e distante.

Daquela posição, viu que o muro de pedra do Labirinto prolongava-se rumo ao chão verticalmente até desaparecer. Mas mesmo com a claridade cada vez mais intensa, ainda não saberia dizer o que havia ali. Era como se o Labirinto estivesse incrustado numa estrutura a vários quilômetros acima do chão.

“Mas isso é impossível”, pensou. “Não pode ser. Com certeza é uma ilusão.”

Rolou para o lado ficando de barriga para cima. Gemeu com o movimento. Seu corpo doía em lugares que nem sabia que existiam. Pelo menos as Portas logo se abririam e eles poderiam voltar à

Clareira. Olhou para Minho, largado de encontro ao muro do corredor.

− Não acredito que ainda estamos vivos − disse.

Minho não respondeu, apenas assentiu com a cabeça, o rosto sem esboçar uma expressão.

− Será que existem mais deles? Ou será que matamos todos?

− Ainda bem que fizemos isso ao nascer do sol, ou teríamos mais uns dez atrás de nós em pouco tempo. − Ele endireitou o corpo, encolhendo-se e gemendo. − Não consigo acreditar. Sério. Conseguimos atravessar toda uma noite... ninguém conseguiu isso antes.

Thomas sabia que devia sentir-se orgulhoso, corajoso, algo parecido. Mas tudo o que sentia era cansaço e alívio.

− O que fizemos de diferente?

− Sei lá. É difícil perguntar a um morto o que ele fez de errado.

Thomas não conseguiu evitar de se perguntar como os gritos odiosos dos Verdugos terminavam quando eles caíam do Penhasco, e como não fora capaz de vê-los se precipitando para a morte. Havia alguma coisa muito estranha e perturbadora naquilo.

− Parece que eles desapareceram ou algo assim depois de passarem pela borda.

− É, isso foi meio doido. Alguns Clareanos tinham uma teoria de que outras coisas tinham desaparecido, mas mostramos que estavam errados. Veja isso.

Minho atirou uma pedra no Penhasco, e Thomas acompanhou a sua trajetória com o olhar. Ela foi descendo, descendo até ficar pequena o bastante para ser observada.

− E como isso prova que estavam errados? − perguntou Thomas.

Minho deu de ombros.

− Bem, a pedra não desapareceu agora, desapareceu?

− Então o que você acha que aconteceu? − Tinha alguma coisa importante ali, Thomas podia sentir isso.

Minho deu de ombros outra vez.

− Talvez sejam criaturas mágicas. Estou com a cabeça doendo demais para pensar nisso.

De repente, Thomas lembrou-se de Alby.

− Precisamos voltar − disse enquanto fazia um grande esforço para se levantar. − Vamos pegar o Alby lá no muro. − Notando a expressão confusa de Minho, ele explicou rapidamente o que tinha feito com os ramos da hera.

Minho baixou o olhar, os olhos abatidos.

− É impossível que esteja vivo.

Thomas recusou-se a acreditar nele.

− Como você sabe? Vamos. − Ele saiu mancando de volta pelo corredor.

− Porque ninguém nunca conseguiu....

A voz dele se apagou, e Thomas adivinhou em que estava pensando.

− É porque quando vocês os encontravam eles já tinham sido mortos pelos Verdugos. Alby só foi atingido por uma daquelas agulhas, certo?

Minho levantou-se e acompanhou Thomas na sua lenta caminhada de volta à Clareira.

− Não sei não, acho que isso nunca aconteceu antes. Poucos caras foram picados durante o dia. E esses foram os que receberam o Soro e passaram pela Transformação. Os coitados dos trolhos que ficaram presos no Labirinto durante toda a noite só foram encontrados muito tempo depois... às vezes dias depois. Isso quando foram encontrados. E todos estavam mortos de um modo que você não iria querer saber.

Thomas estremeceu só de pensar.

− Depois do que acabamos de enfrentar, acho que posso imaginar.

Minho ergueu o olhar, o semblante transformado pela surpresa.

− Acho que você acabou de descobrir. Nós estávamos errados... bem, *tomara* que seja assim. Como nenhum dos que foram picados e *não* conseguiram retornar ao entardecer jamais sobreviveu, a gente achou que não tinha mais jeito... por ser tarde demais para tomar o Soro. − Ele parecia empolgado com essa linha de pensamento.

Eles dobraram mais uma esquina, e Minho, de repente, tomou a dianteira. O ritmo do rapaz se acelerou, mas Thomas o acompanhou, surpreso de ver como estava familiarizado com o

caminho, até mesmo inclinando-se para as curvas antes de Minho indicar as direções.

− Certo... e esse tal de Soro? − quis saber Thomas. − Já ouvi falar dele um monte de vezes. O que é *isso?* E de onde ele vem?

− É exatamente o que dizemos, trolho. Um soro. O Soro da Dor.

Thomas forçou uma risada sem graça.

− Justo quando começava a pensar que sabia tudo sobre este lugar idiota. Por que o chamam assim? E por que os Verdugos são chamados Verdugos?

Minho foi explicando enquanto continuavam pelas voltas intermináveis do Labirinto, nenhum deles à frente no momento.

− Não sei de onde tiramos os nomes, mas o Soro vem dos Criadores... pelo menos é esse o nome que damos a eles. Vem com os suprimentos na Caixa toda semana, sempre veio. É um medicamento ou um antídoto ou qualquer coisa assim, já dentro de uma seringa, pronto para o uso. − Ele fez um gesto de aplicar uma injeção no próprio braço. − Você aplica essa coisa em alguém que foi picado e isso salva o cara. Ele vai passar pela Transformação... que é horrível... mas depois estará curado.

Ficaram alguns minutos em silêncio, enquanto Thomas refletia sobre as informações. Pensou sobre a Transformação e o que significaria. E por alguma razão, voltou a pensar na garota.

− Engraçado... − Minho finalmente continuou. − Nunca conversamos sobre isso antes. Se Alby ainda estiver vivo, não há motivo para pensar que ele não possa ser salvo pelo Soro. De alguma forma colocamos na nossa cabeça de plong que toda vez que as portas se fechavam era o fim. Quero ver com meus próprios olhos essa história de Alby estar pendurado no muro... acho que você está me enganando.

Os dois continuaram andando, Minho quase parecia feliz, mas alguma coisa incomodava Thomas. Ele vinha tentando evitar aquilo, negar para si mesmo.

− E se outro Verdugo pegou o Alby depois que distraí aquele que me perseguiu?

Minho o encarou, sem expressão nenhuma no rosto.

− É melhor deixar de lado a conversa e andar mais depressa − falou Thomas, esperando que todo o esforço para salvar Alby não tivesse sido em vão.

Eles tentaram apertar o passo, mas o seu corpo doía demais e acabaram se acomodando num ritmo confortável apesar da pressa. Depois de dobrar mais uma esquina, Thomas fraquejou, o coração dando uma batida a menos quando percebeu um movimento à frente. O alívio tomou conta dele no instante em que percebeu que se tratava de Newt e um grupo de Clareanos. A Porta Oeste da Clareira agigantou-se acima deles e estava aberta. Tinham conseguido voltar.

Quando os garotos surgiram, Newt aproximou-se deles mancando.

− O que aconteceu? − indagou com um pouco de irritação na voz. − O que vocês...

− A gente conta mais tarde − Thomas interrompeu. − Precisamos salvar Alby.

Newt empalideceu.

− O que está dizendo? Ele está vivo?

− Venha com a gente.

Thomas encaminhou-se para a direita, esticando o pescoço para olhar para o alto do muro, procurando entre os ramos espessos de hera até encontrar o lugar onde Alby pendia preso pelos braços e pelas pernas acima deles. Sem dizer nada, Thomas apontou, não ousando sentir-se aliviado ainda. Ele ainda estava lá, e inteiro, mas não havia nenhum sinal de movimento.

Newt finalmente viu o amigo pendurado na hera. Voltou-se para Thomas. Se parecera chocado antes, agora a sua expressão era de total perplexidade.

− Ele está... vivo?

“Por favor, tomara que esteja”, pensou Thomas.

− Ainda não sei. Estava quando o deixei aí no alto.

− Quando *você* o deixou... − Newt abanou a cabeça. − Você e Minho tratem de ir para dentro, passem por um exame com os Socorristas. Estão com uma cara horrível. Quero saber de toda a história depois que eles terminarem e vocês tiverem descansado.

Thomas queria esperar para ver se Alby estava bem. Começava a falar, quando Minho puxou-o pelo braço e o forçou a acompanhá-lo até a Clareira.

− Precisamos dormir. E receber curativos. *Agora.*

Thomas sabia que ele estava certo. Relutou um pouco, olhando para o lugar onde Alby estava, depois acompanhou Minho para longe do Labirinto.

A caminhada até a Clareira e depois até a Sede pareceu interminável, entre as fileiras de garotos dos dois lados observando-os incrédulos. Todos pareciam assombrados, como se estivessem olhando para dois fantasmas passeando pelo cemitério. Thomas sabia que era porque haviam realizado uma façanha, mas ficou um tanto desconfortável por ser o centro das atenções.

Ele quase parou de andar ao ver Gally mais adiante, os braços cruzados no peito e fuzilando-o com o olhar, mas continuou em frente. Thomas precisou de todas as forças para encará-lo, sem desviar o foco. Quando chegou a apenas um metro e meio dele, o garoto baixou o olhar para o chão.

Isso quase tirou Thomas do sério, de tão bom que foi. Quase.

Os minutos seguintes foram confusos. Escoltado para dentro da Sede por dois Socorristas, subindo a escada, um olhar rápido por uma porta entreaberta para ver alguém alimentando a garota em coma − ele sentiu uma vontade imensa de vê-la, de saber como estava −, depois entrando no seu próprio quarto, indo para a cama, comida, água, curativos. Dor. Por fim, foi deixado só, a cabeça descansando no travesseiro mais macio de que a sua memória limitada conseguia se lembrar.

Mas enquanto adormecia, duas coisas não deixariam os seus pensamentos. A primeira, a palavra que vira gravada no corpo de dois besouros mecânicos − *CRUEL* − cruzou seu pensamento várias vezes.

A segunda foi a garota.

Horas depois − que lhe pareceram dias − Chuck estava lá, chacoalhando-o para que acordasse. Foram precisos vários segundos para Thomas recobrar os sentidos e olhar para a frente. Então avistou Chuck e gemeu.

− Me deixa dormir, seu trolho.

− Pensei que quisesse saber.

Thomas esfregou os olhos e bocejou.

− Saber o quê? − Tornou a olhar para Chuck, confuso com o seu grande sorriso.

− Ele está vivo − disse o garoto. − Alby está bem, o Soro funcionou.

O entorpecimento de Thomas se desfez imediatamente, substituído pelo alívio. Ficou surpreso de ver quanta alegria a informação lhe proporcionava. Mas então as palavras seguintes de Chuck fizeram-no reconsiderar.

− Ele está começando a passar pela Transformação.

Como se trazido pelas palavras dele, um grito de arrepiar os cabelos partiu de um quarto depois da entrada.

23

Thomas refletiu longa e profundamente sobre Alby. Considerava uma grande vitória salvar-lhe a vida, trazê-lo de volta de uma noite no Labirinto. Mas teria valido a pena? Agora o rapaz passava por um sofrimento intenso, sentindo as mesmas dores que Ben. E se ficasse maluco também? Os pensamentos o torturavam.

A noite caiu sobre a Clareira e os gritos de Alby continuaram a assombrar o ar. Era impossível escapar daqueles sons terríveis, mesmo depois que Thomas finalmente convenceu os Socorristas a liberá-lo − exausto, dolorido, coberto de curativos, mas cansado dos lamentos penetrantes de agonia do líder. Newt foi inflexível quando Thomas pediu para ver a pessoa por quem arriscara a vida. “Só vai piorar as coisas”, argumentara ele, pouco disposto a ceder.

Thomas estava cansado demais para iniciar uma briga. Não imaginava que fosse possível sentir-se tão exausto mesmo depois de algumas horas de sono. Ferira-se demais para fazer qualquer coisa e passou a maior parte do dia sobre um banco nas imediações do Campo-santo, mergulhado em desespero. A euforia da fuga desaparecera rapidamente, deixando-o entregue à dor e aos pensamentos sobre a sua nova vida na Clareira. Todos os seus músculos doíam; estava coberto de cortes e hematomas da cabeça aos pés. Mas mesmo isso não era tão ruim quanto a insuportável carga emocional a que fora sujeitado na noite anterior. Era como se a realidade de sua nova vida tivesse finalmente se instalado em sua mente, como se ouvisse um diagnóstico definitivo de câncer terminal.

“Como alguém pode ser feliz numa vida como esta?”, pensou. “Como alguém pode ser tão diabólico para fazer isso com a gente?” Agora, mais do que nunca, entendia a obsessão dos Clareanos em descobrir a saída do Labirinto. Não era só uma questão de escapar. Pela primeira vez, ele sentiu uma vontade imensa de se vingar das pessoas responsáveis por mandá-lo para lá.

No entanto, esses pensamentos só devolveram a desesperança que já o dominara tantas vezes antes. Se Newt e os outros não haviam sido capazes de encontrar a saída do Labirinto depois de *dois anos* de buscas, parecia impossível que pudesse *haver* uma solução. O fato de os Clareanos não terem desistido falava mais sobre essas pessoas que qualquer outra coisa.

E agora Thomas era um deles.

“Esta é a minha vida”, pensou. “Viver em um labirinto gigantesco, cercado por monstros horrendos.” A tristeza o inundou como um veneno forte. Os gritos de Alby, agora distantes mas ainda audíveis, só pioravam a situação. Ele precisava tapar os ouvidos com as mãos cada vez que os escutava.

Finalmente o dia terminou, e o pôr do sol trouxe o agora familiar rangido opressivo das quatro Portas fechando-se. Thomas não se lembrava de sua vida anterior à Caixa, mas tinha absoluta certeza de que acabara de passar pelas piores vinte e quatro horas da sua existência.

Assim que escureceu, Chuck trouxe-lhe alguma coisa para jantar e um copo grande de água gelada.

− Obrigado − falou Thomas, experimentando uma sensação de grande simpatia pelo garoto. Atacou o bife com macarrão do prato o mais rápido que os braços doloridos lhe permitiram. − Precisava muito disso − murmurou em meio a um grande bocado. Engoliu um bom gole da água, então voltou a atacar a comida. Só percebeu quanto estava com fome depois de começar a comer.

− Você é nojento quando come − comentou Chuck, sentado no banco ao lado dele. − É como ver um porco faminto comer o próprio plong.

− Engraçadinho − retrucou Thomas com sarcasmo. − Você deveria ir fazer gracinhas para os Verdugos, só para ver se eles riem.

Uma sombra de mágoa atravessou o semblante de Chuck, fazendo Thomas sentir-se mal, mas desapareceu quase tão depressa como se manifestara.

− Isso me faz lembrar uma coisa: você é a sensação do momento.

Thomas endireitou-se, sem saber como se sentia perante a notícia.

− O que isso quer dizer?

− Ah, meu, deixe-me ver. Primeiro, você sai para o Labirinto quando não devia. Depois se transforma numa espécie de homem das selvas, escalando trepadeiras e amarrando pessoas nos muros. Em seguida, torna-se um dos primeiros caras a sobreviver a uma noite inteira no Labirinto. E, acima de tudo isso, consegue matar quatro Verdugos. É, realmente não sei por que aqueles trolhos estão falando de você.

Uma onda de orgulho cresceu dentro de Thomas, depois se desfez. Sentiu-se culpado pela felicidade que acabara de experimentar. Alby ainda estava na cama, uivando de dor, provavelmente *desejando* ter morrido.

− Mas quem teve a ideia de levar os Verdugos para o Penhasco foi o Minho, não eu.

− Bom, não é o que ele diz. Ele viu você dar aquele drible tipo mergulho, então teve a ideia de fazer a mesma coisa no Penhasco.

− Aquele “drible tipo mergulho”? − indagou Thomas, rolando os olhos. − Qualquer idiota do planeta teria feito aquilo.

− Não venha com essa conversa de tadinho para cima da gente. O que você fez foi incrível. Você e o Minho, os dois.

Thomas atirou o prato vazio no chão, irado.

− Então por que me sinto um lixo, Chuck? Pode me explicar isso?

Thomas buscou uma resposta na expressão de Chuck, mas pela aparência ele não tinha nenhuma para dar. O garoto simplesmente continuou ali inclinado para a frente com as mãos cruzadas sobre os joelhos, a cabeça baixa. Depois de alguns segundos, meio sussurrando, ele disse:

− Pela mesma razão que todos nós nos sentimos um lixo.

Ficaram ali sentados em silêncio até que, minutos depois, Newt apareceu, com uma cara horrível. Sentou-se no chão à frente deles,

preocupado e devastado pela tristeza. Ainda assim, Thomas estava feliz por tê-lo por perto.

− Acho que o pior já passou − comentou Newt. − Aquele besta deve dormir uns dois dias, depois vai acordar bem. Talvez gritando um pouco de vez em quando.

Thomas não conseguia imaginar quanto devia ser ruim passar por tudo aquilo, ainda assim o processo da Transformação continuava sendo um mistério para ele. Voltou-se para o rapaz mais velho, tentando ao máximo parecer normal.

− Newt, como é que ele está se sentindo agora? Sério, não faço a menor ideia de como é essa tal Transformação.

A resposta de Newt surpreendeu Thomas.

− E você acha que *nós* fazemos? − respondeu ele com veemência, atirando os braços para o alto, depois batendo-os com força de volta nos joelhos. − A única coisa que a gente sabe é que, se os Verdugos picam você com aquelas agulhas nojentas, você injeta o Soro da Dor ou morre. Quando você recebe o Soro, o seu corpo enlouquece, não para de tremer, a sua pele se enche de bolhas, fica toda esverdeada e você vomita até as tripas. Tá boa essa explicação agora, Tommy?

Thomas franziu a testa. Não queria deixar Newt mais irritado do que já estava, mas precisava de respostas.

− Ei, eu sei que é uma droga ver seu amigo passar por isso, mas só queria saber o que realmente estava acontecendo lá. Por que vocês chamam isso de Transformação?

Newt relaxou, pareceu se encolher, acalmou-se e suspirou.

− É que ela provoca lembranças. São apenas fragmentos, mas lembranças nítidas de antes de virmos para este lugar horrível. Todos que passam por ela agem como um maluco quando acaba... embora normalmente não tão mau quanto foi com o coitado do Ben. Enfim, é como se alguém devolvesse sua vida anterior só para arrancá-la de novo.

Thomas ruminava os pensamentos.

− Tem certeza disso? − quis se assegurar.

Newt pareceu confuso.

− O que está querendo dizer? Certeza do quê?

− Eles ficam *transformados* porque querem voltar para a vida anterior ou porque se sentem deprimidos ao perceber que a outra vida não era melhor do que a que temos hoje?

Newt olhou para ele por um segundo, depois desviou o olhar, parecendo refletir profundamente.

− Os trolhos que passaram por isso nunca falam como é. Eles ficam... diferentes. Desagradáveis. Existem vários pela Clareira, mas não consigo nem chegar perto deles. − Sua voz soou distante, o olhar perdido em algum ponto indefinido na floresta. Thomas entendeu que ele devia estar pensando que Alby talvez nunca mais fosse o mesmo outra vez.

− Nem fale − concordou Chuck. − O Gally é o pior de todos.

− Alguma novidade sobre a garota? − quis saber Thomas, mudando de assunto. Não estava com disposição para falar sobre Gally. Além do mais, os seus pensamentos sempre voltavam para ela. − Vi os Socorristas dando comida para ela lá em cima.

− Nenhuma − respondeu Newt. − Continua na droga do coma, ou seja lá o que for. Muito de vez em quando murmura alguma coisa... palavras sem nexo, como se estivesse sonhando. Ela aceita a comida, parece estar indo bem. Meio estranho.

Seguiu-se uma longa pausa, como se os três estivessem tentando encontrar uma explicação para a garota. Thomas refletiu de novo sobre a inexplicável sensação que tinha de estar ligado a ela, embora isso tivesse *enfraquecido* um pouco, mas devia ser por causa de tudo o mais que vinha ocupando os seus pensamentos.

Newt rompeu o silêncio.

− Sei lá... agora é pensar o que a gente vai fazer com o Tommy.

Thomas sobressaltou-se na hora, confuso com o comentário.

− *Fazer* comigo? Do que você está falando?

Newt levantou-se, abriu os braços.

− Você virou toda esta droga de lugar de cabeça para baixo, seu maldito trolho. Metade dos Clareanos acha que você é Deus, a outra metade quer atirar você no Buraco da Caixa. O que não falta é assunto para conversar.

− Por exemplo? − Thomas não sabia o que era mais inquietante: o fato de alguns acharem que ele era uma espécie de herói ou a ideia

de que outros preferiam que ele não existisse.

− Tenha calma − falou Newt. − Você vai descobrir amanhã cedo, depois de acordar.

− Amanhã? Por quê? − Thomas não gostou do que ouviu.

− Convoquei um Conclave. E você vai participar. Você é o único tema na droga da pauta.

Dizendo isso, deu meia-volta e se afastou, deixando Thomas imaginando por que afinal de contas seria necessário um Conclave só para discutir sobre *ele.*

24

Na manhã seguinte, Thomas encontrava-se sentado em uma cadeira, preocupado e ansioso, suando, de frente para outros onze garotos. Eles ocupavam cadeiras dispostas em semicírculo em torno dele. Uma vez acomodados, Thomas percebeu que eram os Encarregados, para seu desgosto isso significava que Gally estava entre eles. Uma cadeira colocada em frente a Thomas permanecia vazia − não seria preciso que lhe dissessem que era a de Alby.

Eles se encontravam em uma sala grande da Sede na qual Thomas ainda não estivera. Além das cadeiras, não havia outros móveis a não ser uma mesinha num canto. As paredes e o assoalho eram feitos de madeira, e a impressão era de que ninguém nunca tentara tornar o lugar agradável. A sala não tinha janelas; o ar cheirava a mofo e livros velhos. Thomas não estava com frio, mas ainda assim tremia.

Sentiu-se aliviado por Newt estar presente. Ele ocupava a cadeira à direita do assento vago de Alby.

− Em nome do nosso líder, que está de cama, declaro este Conclave iniciado − disse ele, com um rápido rolar de olhos, como se odiasse tudo que lembrasse formalidade. − Como todos sabem, os últimos dias foram bem loucos, e muita coisa parece estar ligada ao nosso Novato, Tommy, aqui presente.

O rosto de Thomas enrubesceu de embaraço.

− Ele não é mais um Novato − falou Gally, a voz áspera tão grave e cruel que soou quase cômica. − Agora ele é apenas um transgressor.

O comentário provocou uma profusão de murmúrios e sussurros, mas Newt fez com que se calassem. Thomas de repente sentiu vontade de estar o mais longe possível daquela sala.

− Gally − falou Newt −, vamos manter uma ordem nesta droga. Se pretende arreganhar essa latrina toda vez que eu disser alguma coisa, pode ir dando o fora, porque não estou numa boa hoje.

Thomas teve vontade de se levantar e aplaudir.

Gally cruzou os braços e recostou-se na cadeira, a carranca tão forçada que Thomas quase deu uma gargalhada. Não podia acreditar que até o dia anterior estivera aterrorizado por aquele cara. Agora ele parecia um idiota, uma figura patética.

Newt dirigiu um olhar duro a Gally e continuou.

− Que bom que esclarecemos esse ponto − disse Newt rolando novamente os olhos. − O motivo de estarmos aqui é porque quase todo adorável garoto nesta Clareira me procurou nos últimos dois dias para acabar com Thomas ou para pedir sua mão em casamento. Precisamos decidir o que vamos fazer com ele.

Gally inclinou-se para a frente, mas Newt o cortou antes que pudesse dizer alguma coisa.

− Você terá a sua oportunidade de falar, Gally. Um de cada vez. E, Tommy, você não está autorizado a dizer porcaria nenhuma até eu mandar, bom isso? − advertiu ele enquanto aguardava um sinal de Thomas consentindo, que foi dado de má vontade. Depois apontou para o garoto na cadeira à extrema direita. − Zart, você começa.

Zart, o garoto grandalhão e calado que cuidava dos Jardins, remexeu-se na cadeira. Olhou para Thomas sentindo-se mais deslocado do que uma cenoura nascida em um tomateiro.

− Bem − começou Zart, correndo vivamente o olhar pelo local, como se esperasse que alguém lhe dissesse o que falar. − Sei lá. Ele desrespeitou uma das nossas regras mais importantes. Não podemos deixar que as pessoas pensem que está tudo bem. − Fez uma pausa e observou as próprias mãos, esfregando uma na outra. − Mas, de qualquer forma, ele... mudou as coisas. Agora a gente sabe que pode sobreviver lá fora e que pode derrotar os Verdugos.

Thomas sentiu um grande alívio. Alguém pelo menos estava do seu lado. Prometeu a si mesmo ser mais legal com Zart.

− Ah, corta essa − bradou Gally. − Aposto que o Minho sozinho foi quem na verdade conseguiu se livrar daquelas coisas estúpidas.

− Gally, feche a matraca! − gritou Newt, dessa vez levantando-se para impressionar; Thomas sentiu, de novo, vontade de aplaudir. − Sou o maldito Presidente aqui e, se ouvir mais uma droga de comentário seu, vou providenciar um outro Banimento para o seu traseiro sujo.

− Por favor − Gally murmurou sarcasticamente, enquanto franzia a testa de forma ridícula mais uma vez e se sentava largado na cadeira.

Newt sentou-se e fez um sinal para Zart.

− Acabou? Alguma recomendação oficial?

Zart abanou a cabeça negativamente.

− Certo. Você é o próximo, Caçarola.

O cozinheiro sorriu por trás da barba e endireitou-se na cadeira.

− O trolho tem mais colhões do que todos os porcos que preparei no ano passado. − Fez uma pausa, como se esperasse risos, mas ninguém riu. − Isto é uma bobagem. Ele salva a vida do Alby, mata um monte de Verdugos e a gente senta aqui para tagarelar sobre o que fazer com ele? Como o Chuck diria, isto é uma montanha de plongs.

Thomas sentiu vontade de ir lá apertar a mão de Caçarola. O cozinheiro tinha acabado de dizer exatamente o que ele próprio vinha pensando sobre tudo aquilo.

− E o que recomenda então? − indagou Newt.

Caçarola cruzou os braços.

− Ponham ele no Conselho para nos ensinar tudo o que fez lá fora.

As vozes se ergueram de todas as direções e Newt precisou de quase um minuto para acalmar os ânimos. Thomas estremeceu. Caçarola fora longe demais com aquela recomendação, quase invalidando a sua opinião bem colocada sobre toda a situação.

− Tudo bem, tomando nota − falou Newt enquanto fazia exatamente isso, escrevendo em um bloco de anotações. − Agora todo mundo fique com a maldita boca fechada, não estou brincando. Vocês conhecem as regras: todas as ideias são aceitáveis... e todos têm direito a dar a sua opinião quando formos votar. − Terminou de

escrever e indicou o terceiro membro do Conselho, um garoto que Thomas não conhecia ainda, com cabelo preto e um rosto sardento.

− Na verdade, não tenho opinião nenhuma − disse ele.

− O quê? − Newt reagiu com raiva. − Que bela coisa foi escolher você para o Conselho, então!

− Sinto muito, sinceramente, não tenho. − Ele deu de ombros. − No mínimo, concordo com o Caçarola, eu acho. Por que punir um cara por salvar a vida de alguém?

− Então você tem uma opinião... É só isso? − insistiu Newt, lápis na mão.

O garoto concordou, e Newt tomou nota. Thomas sentia-se cada vez mais aliviado; parecia que a maioria dos Encarregados estava a seu favor, não contra ele. Ainda assim, era mesmo difícil só estar sentado ali, queria desesperadamente falar em sua própria defesa. Mas forçou-se a seguir as ordens de Newt e ficar calado.

Em seguida foi a vez de Winston, o garoto cheio de espinhas na cara e o Encarregado do Sangradouro.

− Eu acho que ele deveria ser punido. Sinto muito, Fedelho, mas, Newt, você mesmo é um que sempre está falando em *ordem.* Se ele não for punido, daremos um mau exemplo. Ele transgrediu a Regra Número Um.

− Ok − falou Newt, anotando no bloco. − Então você recomenda que ele seja punido. E que tipo de punição seria?

− Acho que ele devia ser colocado no Amansador a pão e água por uma semana. E devemos fazer com que todos saibam disso para que ninguém venha com ideias.

Gally bateu palmas, recebendo uma careta de fúria de Newt. O coração de Thomas ficou um pouco apertado.

Outros dois Encarregados falaram, um a favor da ideia de Caçarola, outro da de Winston.

Então chegou a vez de Newt.

− Concordo com a maioria de vocês. Ele deveria ser punido, mas precisamos encontrar um modo de usá-lo. Vou deixar a minha recomendação para depois, quando tiver ouvido todo mundo. O próximo.

Thomas odiou toda aquela conversa sobre punição, ainda mais do que odiava ser obrigado a manter a boca fechada. Mas, no fundo, não podia discordar, por mais estranho que parecesse diante de tudo que havia feito − ele *tinha* desrespeitado uma regra importante.

Falaram todos na sequência. Alguns achavam que ele deveria ser elogiado, outros que devia ser punido. Ou ambos. Thomas mal conseguia prestar atenção, tentando imaginar os comentários dos últimos dois Encarregados, Gally e Minho. O último não dissera uma palavra desde que Thomas entrara na sala; apenas ficara lá sentado, afundado na cadeira, com a aparência de quem não dormia havia uma semana.

Gally foi o primeiro.

− Acho que já deixei bem claras as minhas opiniões.

"Ótimo", pensou Thomas. "Então, fique de boca fechada."

− Bom isso − falou Newt com mais um rolar de olhos. − Sua vez agora, Minho.

− Não! − gritou Gally, fazendo alguns Encarregados saltarem na cadeira. − Quero dizer mais uma coisa.

− Então desembuche logo − replicou Newt.

Thomas sentia-se um pouco melhor ao ver que o Presidente do Conselho desprezava Gally quase tanto quanto ele. Embora não sentisse mais medo, ainda odiava os modos do sujeito.

− Agora pensem no seguinte − começou Gally. − Esse cabeção surge na Caixa, parecendo todo confuso e amedrontado. Alguns dias depois, está correndo no Labirinto com os Verdugos, agindo como se fosse o dono do pedaço.

Thomas encolheu-se na cadeira, esperando que os outros não pensassem em nada parecido. Gally continuou a sua ladainha.

− Acho que foi tudo uma encenação. Como ele poderia fazer o que fez lá depois de apenas alguns dias? Não dá pra engolir isso.

− O que está tentando dizer, Gally? − indagou Newt. − Que tal esclarecer logo a sua maldita *opinião*?

− Acho que ele é um espião das pessoas que nos puseram aqui.

Outro falatório tomou conta da sala; Thomas não pôde fazer outra coisa a não ser abanar a cabeça: não conseguia entender como

Gally podia vir com uma ideia daquelas. Newt finalmente acalmou a todos de novo, mas Gally não tinha terminado.

− Não podemos confiar nesse trolho − continuou ele. − Um dia depois de ele aparecer, veio a tal garota lunática, com aquela ladainha de que as coisas mudariam, acenando com aquele bilhete maluco. Encontramos um Verdugo morto. Thomas convenientemente fica no Labirinto durante a noite, depois tenta convencer a todos que é um herói. Bem, nem o Minho nem ninguém mais *viu* ele fazer alguma coisa nas trepadeiras. Como vamos saber que foi o Fedelho que amarrou Alby lá em cima?

Gally fez uma pausa; ninguém disse uma palavra por vários segundos, e o pânico surgiu no peito de Thomas. Será que eles acreditariam mesmo no que Gally estava dizendo? Estava ansioso para se defender e quase rompeu o silêncio pela primeira vez, mas, antes que pudesse pronunciar uma palavra, Gally tinha voltado a falar.

− Muitas coisas estranhas estão acontecendo, e tudo começou quando esse Fedelho cara de mértila apareceu. E por acaso ele é a primeira pessoa a sobreviver uma noite no Labirinto. Tem alguma coisa errada e, até que a gente descubra, recomendo oficialmente que ele fique apodrecendo no Amansador... por um mês. Depois faremos uma nova avaliação.

Mais discussões brotaram, e Newt escreveu alguma coisa no bloco, abanando a cabeça o tempo todo, o que deu a Thomas um fiapo de esperança.

− Terminou, Comandante Gally? − indagou Newt.

− Vê se para de dar uma de espertinho, Newt − desferiu ele, o rosto vermelho. − Estou falando muito sério. Como podemos confiar nesse trolho depois de menos de uma semana? Pelo menos *pense* no que estou dizendo, antes de ficar me tirando.

Pela primeira vez, Thomas sentiu um pouco de empatia por Gally. Ele tinha uma opinião sobre como Newt o tratava. Gally era um Encarregado, afinal de contas. “Mas ainda o odeio”, pensou.

− Ótimo, Gally − falou Newt. − Me desculpe. Ouvimos o que disse e vamos todos considerar a sua maldita recomendação. Acabou?

− Sim, acabei. E estou *certo.*

Com o fim da fala de Gally, Newt apontou então para Minho.

− Vá em frente. O último, mas não menos importante.

Thomas alegrou-se por ser a vez de Minho. Com certeza ele o defenderia até o fim. Minho levantou-se rapidamente, pegando todo mundo desprevenido.

− Eu estava lá. Eu vi o que esse cara fez... ele permaneceu forte enquanto eu me transformei num covarde choramingão. Não vou ficar de conversa mole que nem o Gally. Quero dar a minha recomendação e ponto final.

Thomas prendeu a respiração, imaginando o que ele iria dizer.

− Bom isso − falou Newt. − Fale, então.

Minho olhou para Thomas.

− Eu indico esse trolho para me substituir como Encarregado dos Corredores.

25

Um silêncio total encheu a sala, como se o mundo tivesse sido congelado. Todos os membros do Conselho olhavam para Minho. Em sua cadeira, Thomas ficou atordoado, esperando que o Corredor dissesse que estava brincando.

Gally quebrou o encantamento, pondo-se de pé.

− Isso é ridículo! − Olhou para Newt e depois apontou para Minho, que voltara a sentar-se. − Ele deveria ser expulso do Conselho por dizer uma coisa tão idiota.

Qualquer piedade que Thomas tivesse sentido por Gally, ainda que remota, desvaneceu-se por completo diante daquela afirmação.

Alguns Encarregados pareceram concordar com a recomendação de Minho − como Caçarola, que aplaudiu tentando abafar as palavras de Gally, pedindo para votar. Outros não. Winston abanou a cabeça inflexivelmente, dizendo alguma coisa que Thomas não conseguiu entender direito. Quando todos começaram a falar a um só tempo, Thomas pôs a cabeça entre as mãos em expectativa, ao mesmo tempo aterrorizado e admirado. Por que Minho dissera aquilo? “Deve ser uma brincadeira”, pensou. “Newt disse que era preciso uma eternidade só para se *tornar* um Corredor, quanto mais o Encarregado.” Voltou a olhar para a sala, desejando estar a quilômetros dali.

Por fim, Newt largou o bloco onde fazia as anotações e encaminhou-se para fora do semicírculo, ordenando aos gritos que todos calassem a boca. Thomas observou que a princípio ninguém

parecia ter ouvido ou mesmo notado. Aos poucos, porém, a ordem foi restaurada e todos se sentaram.

− Mértila − falou Newt. − Nunca vi tantos trolhos agindo como bebezinhos. Pode não parecer, mas por aqui somos adultos. Ajam como tal, ou vamos acabar com este Conselho e começar tudo da estaca zero. − Caminhou de uma extremidade à outra da fileira curva formada pelos Encarregados sentados, olhando cada um deles nos olhos enquanto falava. − Estamos entendidos?

O silêncio se abatera sobre o grupo. Thomas esperou mais explosões, mas ficou surpreso quando todos inclinaram a cabeça concordando, até mesmo Gally.

− Bom isso. − Newt voltou para a sua cadeira e sentou-se, pondo o bloco no colo. Depois de rabiscar algumas linhas, olhou para Minho.

− Esta porcaria é muito séria, cara. Sinto muito, mas você precisa argumentar melhor para ir adiante com a sua proposta.

Thomas não podia negar quanto estava ansioso para ouvir a resposta.

Minho parecia exausto, mas começou a defender a sua ideia.

− É fácil demais para vocês, seus trolhos, ficar sentados aqui discutindo sobre uma coisa de que não entendem nada. Sou o único Corredor deste grupo, e o único aqui além de mim que já *esteve* lá fora, no Labirinto, é Newt.

Gally exclamou:

− Não se você contar o tempo que eu...

− Não conto! − Minho gritou. − E acredite em mim: você nem ninguém mais faz a menor ideia de como é estar lá. Você só foi picado porque desrespeitou a mesma regra pela qual está acusando Thomas. Isso se chama *hipocrisia,* seu cara de mértila cheio de...

− Chega − falou Newt. − Defenda a sua proposta e atenha-se a ela.

A tensão era visível; Thomas sentia como se o ar da sala tivesse se tornado um vidro, passível de quebrar-se a qualquer momento. Gally e Minho encaravam-se como se a pele esticada e vermelha do rosto deles estivesse prestes a rasgar − mas finalmente desviaram o olhar.

− Seja como for, ouçam o que tenho a dizer − continuou Minho depois de sentar-se. − Em toda a vida, nunca vi nada parecido com aquilo. Ele não entrou em pânico. Não se queixou nem chorou, nunca pareceu ter medo. Cara, e ele está aqui só há uns poucos dias. Pensem em como todos éramos no começo. Enfurnados pelos cantos, desorientados, chorando toda hora, desconfiando de todo mundo, recusando-se a fazer qualquer coisa. Todos fomos assim, durante semanas ou meses, até não termos outra escolha senão encarar a barra e viver.

Minho tornou a levantar-se, apontando para Thomas.

− Apenas alguns dias depois de este cara aparecer, ele sai para o Labirinto para salvar dois trolhos que mal conhecia. Todo esse plong sobre ele desrespeitar uma regra é pra lá de idiota. Ele nem conhecia as regras ainda. Mas quase todo mundo tinha falado para ele como é estar no Labirinto, especialmente à noite. E mesmo assim ele foi lá, justo quando a Porta estava fechando, preocupado apenas com duas pessoas que precisavam de ajuda. − Ele respirou fundo, parecendo ganhar forças à medida que falava. − Mas isso foi apenas o começo. Depois, ele me viu desistir de Alby, abandonando-o para morrer. E eu era o veterano... aquele que tem toda a experiência e o conhecimento. Então, quando Thomas me viu desistir, ele não deveria ter questionado isso. Mas questionou. Pensem na determinação e na força que precisou para empurrar Alby para cima naquele muro, centímetro por centímetro. É uma doidice. É a maior piração. Mas não foi só isso. Depois vieram os Verdugos. Eu disse para Thomas que devíamos nos separar e comecei a pôr em prática as manobras evasivas, correndo de acordo com os padrões. Thomas assumiu o controle, quando deveria estar mijando nas calças, e desafiou todas as leis da física e da gravidade para levantar Alby naquele muro, distraiu a atenção dos Verdugos fazendo-os ir para longe dali, derrotou um deles, encontrou...

− Já sacamos − bradou Gally. − O Tommy é um trolho sortudo.

Minho virou na direção dele.

− Não, seu mértila inútil, você *não* entendeu, não! Eu estou aqui há dois anos e nunca vi nada parecido. Para você dizer alguma coisa...

Minho fez uma pausa, esfregando os olhos, gemendo de frustração. Thomas percebeu que até ele ficara de boca aberta. As suas emoções estavam dispersas: simpatia pelo fato de Minho enfrentar todo mundo em sua defesa, descrença ante a agressividade persistente de Gally, temor por qual seria a decisão final.

− Gally − disse Minho em voz mais calma −, você não passa de um maricas que nunca, nem uma vez, pediu para ser um Corredor ou para tentar ser. Você não tem o direito de falar sobre coisas que não compreende. Então cale a sua boca.

Gally levantou-se outra vez, furioso.

− Fale mais uma dessas e vou quebrar o seu pescoço, aqui mesmo na frente de todo mundo. − Ele respingava saliva pela boca enquanto falava.

Minho deu uma risada, depois levantou a palma da mão e empurrou o rosto de Gally. Thomas meio que se levantou quando viu o rapaz ser arremessado de volta à cadeira, inclinando-a com violência para trás e rompendo-a em dois pedaços. Gally esborrachou-se no chão, depois fez um esforço para se levantar, apoiando-se com dificuldade nas mãos e nos pés. Minho aproximou-se dele e atingiu as costas de Gally com a sola do pé, obrigando-o a estatelar-se no chão.

Thomas afundou-se na cadeira, atordoado.

− Eu juro, Gally − disse Minho com um sorriso de escárnio. − Nunca mais ouse me ameaçar. Nem mesmo *fale* comigo de novo. Nunca. Senão, quem vai quebrar o *seu* pescoço de mértila sou eu, logo depois de fazer o mesmo com os seus braços e pernas.

Newt e Winston estavam de pé, segurando Minho antes que Thomas sequer conseguisse entender o que estava se passando. Eles afastaram o Corredor de Gally, que se levantara de um salto, o rosto transformado numa máscara contorcida de raiva. Mas Gally não fez nenhum movimento na direção de Minho; simplesmente ficou ali parado com o peito arfando, respirando com dificuldade.

Finalmente, Gally recuou, dirigindo-se meio cambaleante para a saída atrás dele. Varreu a sala com os olhos raivosos, incendiados de ódio inflamado. Thomas teve o pensamento doentio de que Gally

parecia-se com alguém prestes a cometer um assassinato. Ele recuou para a porta, estendeu a mão atrás de si e agarrou a maçaneta.

− As coisas não serão as mesmas a partir de agora − disse ele, cuspindo no chão. − Não devia ter feito isso, Minho. Não *devia* ter feito isso. − Seu olhar maníaco voltou-se para Newt. − Sei que você me odeia, que sempre me odiou. Você deveria ser Banido pela sua incapacidade vergonhosa de liderar este grupo. Você é patético, e todos os que continuarem aqui não são melhores. As coisas vão mudar. Isso eu prometo.

O coração de Thomas se apertou. Como se as coisas já não estivessem estranhas o bastante.

Gally escancarou a porta com violência e saiu para o saguão, mas, antes que alguém pudesse reagir, enfiou a cabeça de volta na sala.

− E quanto a você − ameaçou, fuzilando Thomas com o olhar −, o *Novato* que pensa que é um maldito Deus. Não se esqueça de que já o vi antes... eu *passei* pela Transformação. O que esses caras decidirem aqui não vale chongas nenhuma.

Fez uma pausa, olhando para cada pessoa na sala. Quando o seu olhar maligno pousou sobre Thomas, ele se lembrou de dizer uma última coisa.

− Seja para o que for que veio aqui, juro pela minha vida que vou impedir. Mato você se preciso for.

Então virou-se e saiu da sala, batendo a porta atrás de si.

26

Thomas permaneceu imóvel na cadeira, um enjoo avolumando-se no estômago como uma infestação. Tinha passado por toda a escala de emoções no curto período de tempo desde que chegara à Clareira. Medo, solidão, desespero, tristeza, até mesmo um ligeiro sentimento de alegria. Mas aquilo era algo novo − ouvir uma pessoa dizer que o odiava o bastante para querer matá-lo.

"Gally está louco", disse para si mesmo. "Está completamente insano." Mas o pensamento só aumentou as suas preocupações. As pessoas insanas podiam ser capazes de qualquer coisa.

Os membros do Conselho estavam em pé ou sentados em silêncio, aparentemente tão chocados quanto Thomas diante do que acabavam de testemunhar. Newt e Winston finalmente soltaram Minho; os três encaminharam-se para os seus lugares e sentaram-se, contendo o seu desagrado.

− Até que enfim ele recebeu o que merecia − disse Minho, quase num sussurro.

Thomas não saberia dizer se Minho, ao falar, tivera a intenção de ser ouvido pelos outros.

− Bem, ninguém nesta sala é santinho − falou Newt. − O que estão *pensando?* A coisa foi um pouco além dos limites, não acham?

Minho contraiu os olhos e atirou a cabeça para trás, como se fosse atingido em cheio pela pergunta de Newt.

− Não me culpe por esse lixo. Cada um de vocês adoraria ver aquele cabeção receber o que merece, e sabem muito bem disso. Era só uma questão de tempo alguém enfrentar aquele trolho.

− Ele está no Conselho por alguma razão − argumentou Newt.

− Meu, ele ameaçou quebrar o meu pescoço e matar o Thomas! O cara é um doente e acho melhor vocês mandarem alguém agora mesmo atirá-lo no Amansador. Ele é perigoso.

Thomas não poderia estar mais de acordo e de novo quase desrespeitou a ordem para permanecer calado, mas controlou-se. Não queria criar mais problemas do que já tinha − mas não sabia por quanto tempo mais iria aguentar.

− Quem sabe ele tenha uma boa razão − falou Winston, em voz muito baixa.

− Qual? − indagou Minho, espelhando exatamente os pensamentos de Thomas.

Winston pareceu surpreso ao reconhecer que dissera alguma coisa. Correu rapidamente os olhos pela sala antes de se explicar.

− Bem... ele *passou* pela Transformação... Um Verdugo o picou durante o dia perto da Porta Oeste. Isso significa que ele tem *lembranças,* e ele disse que o Fedelho lhe parece familiar. Por que inventaria isso?

Thomas pensou sobre a Transformação e o fato de que trazia lembranças. A ideia não lhe ocorrera antes, mas valeria a pena ser picado pelos Verdugos, passar por aquele processo horrível, só para se lembrar de alguma coisa? Imaginou Ben se debatendo na cama e lembrou-se dos gritos de Alby. “De jeito nenhum”, pensou.

− Winston, você *viu* realmente o que aconteceu? − indagou Caçarola, parecendo incrédulo. − Gally está maluco. Não se pode acreditar em nada daquela completa maluquice. E aí, você acha que o Thomas aqui é um Verdugo disfarçado?

Regras do Conselho ou não, para Thomas já era demais. Não poderia permanecer em silêncio nem mais um segundo.

− Posso dizer alguma coisa agora? − perguntou, a frustração aumentando o volume da sua voz. − Estou cansado de ouvir vocês falando a meu respeito como se eu não estivesse aqui.

Newt relanceou o olhar na direção dele e inclinou a cabeça concordando.

− Vá em frente. Esta maldita reunião não poderia ser mais zoneada.

Thomas rapidamente organizou os seus pensamentos, procurando as palavras certas dentro da nuvem rodopiante de frustração, confusão e raiva na sua mente.

− Não sei por que o Gally me odeia. Não me importa. Ele parece maluco para mim. Quanto a quem eu *realmente* sou, vocês todos sabem tanto quanto eu. Mas, se me lembro corretamente, estamos aqui por causa do que eu fiz lá no Labirinto, não porque um idiota acha que sou um demônio.

Alguém deu uma risadinha, e Thomas parou de falar, esperando ter expressado o que sentia.

Newt concordou, parecendo satisfeito.

− Bom isso. Vamos acabar de uma vez com esta reunião e nos preocupar com Gally depois.

− Não podemos votar sem a presença de todos os membros aqui − insistiu Winston. − A menos que estejam doentes, como Alby.

− Faça o favor, Winston − replicou Newt. − Eu diria que o Gally também está pra lá de doente hoje, então vamos continuar sem ele. Thomas, defenda-se e depois vamos votar no que devemos fazer com você.

Thomas percebeu que estava com os punhos cerrados sobre as pernas. Relaxou as mãos e enxugou as palmas úmidas nas calças. Depois começou, sem ter certeza do que diria antes de as palavras saírem.

− Não fiz nada de errado. Só sei que vi duas pessoas fazendo o maior esforço para conseguir entrar pelos muros e não conseguir. Ignorar isso por causa de uma regra estúpida me pareceu egoísmo, covardia e... bem, estupidez. Se quiserem me atirar na prisão por tentar salvar a vida de alguém, vão em frente. Da próxima vez, prometo que vou apontar para eles e dar risada, depois ir comer alguma coisa na cozinha do Caçarola.

Thomas não estava querendo ser engraçado. Só não conseguia acreditar que tudo aquilo pudesse ser mesmo um problema.

− A minha recomendação é a seguinte − falou Newt. − Você desrespeitou a nossa maldita Regra Número Um, portanto deve passar um dia no Amansador. Essa é a sua punição. Também recomendo elegermos você um Corredor, passando a vigorar assim

que esta reunião acabar. Você mostrou mais em uma noite do que a maioria dos aprendizes em semanas. Quanto a você ser uma droga de Encarregado, pode esquecer. − Ele olhou para Minho. − Gally estava certo quanto a isso... é uma ideia idiota.

O comentário feriu os sentimentos de Thomas, muito embora não pudesse discordar. Olhou para Minho esperando a reação dele.

O Encarregado não pareceu surpreso, mas questionou do mesmo jeito.

− Por quê? Ele é o melhor que nós temos... eu juro. O melhor deve ser o Encarregado.

− Ótimo − respondeu Newt. − Se for verdade, faremos a troca depois. Dê-lhe um mês para ver se ele dá no couro.

Minho deu de ombros.

− Bom isso.

Thomas suspirou baixinho aliviado. Ainda queria ser um Corredor − o que o surpreendia, considerando a experiência pela qual acabara de passar no Labirinto −, mas tornar-se o Encarregado de imediato parecia ridículo.

Newt relanceou o olhar pela sala.

− Muito bem, temos várias recomendações, então vamos discutir cada uma...

− Ah, sem essa − falou Caçarola. − Vamos votar. Eu voto na sua.

− Eu também − disse Minho.

Todos os demais imitaram a aprovação deles, enchendo Thomas de alívio e de um sentimento de orgulho. Winston foi o único a dizer não.

Newt olhou para ele.

− Não precisamos do seu voto, mas diga para a gente o que está fundindo a sua cuca.

Winston olhou para Thomas atentamente, depois voltou-se para Newt.

− Para mim está tudo bem, mas não deveríamos ignorar totalmente o que Gally falou. Tem alguma coisa aí... não acho que ele simplesmente inventou. E é verdade que desde que o Thomas chegou aqui, tudo tem sido mertilento e zoneado.

− Muito certo − falou Newt. − Todo mundo pensa nisso... quem sabe quando estivermos a fim e sem mais nada para fazer podemos ter outro Conclave para discutir o assunto. Bom isso?

Winston concordou.

Thomas gemeu ao perceber como se tornara invisível.

− Adoro a maneira como vocês falam de mim como se eu não estivesse aqui.

− Olhe, Tommy − falou Newt. − Acabamos de eleger você uma droga de um Corredor. Pare com essa choradeira e dê o fora daqui. O Minho tem um monte de coisas para ensinar a você no treinamento.

Thomas ainda não se dera conta disso até o momento. Seria agora um *Corredor,* ia explorar o Labirinto. Apesar de tudo, sentiu um calafrio de empolgação; tinha certeza de que evitaria ficar preso lá à noite de novo. Quem sabe aquele fora o primeiro e único golpe de má sorte.

− E quanto à minha punição?

− Amanhã − respondeu Newt. − Do despertar ao pôr do sol.

“Um dia”, pensou Thomas. “Não deve ser tão ruim.”

A reunião foi encerrada e todos, a não ser Newt e Minho, saíram da sala apressados. Newt não se movera da cadeira, onde ficara fazendo anotações.

− Bem, essa foi boa − murmurou ele.

Minho aproximou-se e deu um murro de brincadeira no braço de Thomas.

− Foi tudo culpa desse trolho.

Thomas revidou o murro brincalhão.

− Encarregado? Você quer que eu seja o Encarregado? Você com certeza está bem mais maluco do que o Gally.

Minho fingiu um sorriso maligno.

− Funcionou, hein? Mire alto, acerte embaixo. Me agradeça mais tarde.

Thomas não pôde deixar de sorrir ante a esperteza do Encarregado. Uma batida na porta aberta chamou a sua atenção − ele se voltou para ver quem era. Chuck estava lá, parecendo ter

acabado de ser perseguido por um Verdugo. Thomas sentiu o sorriso apagar-se do seu rosto.

− Qual é o problema? − quis saber Newt, levantando-se. O seu tom de voz só aumentou a preocupação de Thomas.

Chuck retorcia as mãos.

− Os Socorristas me mandaram aqui.

− Por quê?

− Acho que Alby está se debatendo e agindo como um louco, dizendo que precisa falar com alguém.

Newt correu para a porta, mas Chuck levantou a mão.

− Hum... não é você que ele quer ver.

− O que está dizendo?

Chuck apontou para Thomas.

− Ele não para de chamar por ele.

27

Pela segunda vez naquele dia, Thomas ficou em silêncio, chocado.

− Bem, venha − falou Newt para Thomas enquanto o puxava pelo braço. − De maneira nenhuma vou deixar de ir com você.

Thomas o acompanhou, com Chuck logo atrás, enquanto saíam da sala do Conselho e desciam para o saguão na direção de uma escada estreita e em espiral que ele não havia notado antes. Newt pisou no primeiro degrau, depois deu um olhar gelado para Chuck.

− Você fica.

Na hora, Chuck inclinou a cabeça concordando sem nada dizer. Thomas imaginou que alguma coisa no comportamento de Alby deixara o garoto com os nervos à flor da pele.

− Anime-se − Thomas falou para Chuck assim que Newt começou a subir pela escada. − Eles acabaram de me eleger um Corredor, portanto você agora é o colega de um campeão de corridas. − Ele tentava fazer uma piada, fingindo que não estava aterrorizado por ir se encontrar com Alby. E se ele lhe fizesse acusações como as que Ben tinha feito? Ou alguma coisa pior?

− Ah, é, certo − Chuck sussurrou, olhando para os degraus de madeira como se estivesse em transe.

Dando de ombros, Thomas começou a subir a escada. Sentia as mãos molhadas de suor e uma dorzinha latejante nas têmporas. Ele *não* queria subir ali.

Newt, todo sério e solene, esperava por Thomas no topo da escada. Eles estavam na extremidade de um corredor comprido e escuro, na direção oposta à da escada usual, aquela pela qual

Thomas subira no primeiro dia em que vira Ben. A lembrança lhe deu náuseas; desejava que Alby estivesse totalmente curado daquele mal para que não precisasse testemunhar algo parecido de novo − a pele nojenta, as veias, a inquietação. Mas esperou pelo pior e procurou se preparar.

Acompanhou Newt até a segunda porta à direita e observou enquanto o rapaz mais velho batia de mansinho; ouviu-se um gemido em resposta. Newt empurrou a porta, o ligeiro rangido fazendo Thomas ter de novo uma vaga recordação da infância sobre filmes de casas assombradas. Uma vez mais acontecia − um mínimo lampejo do passado. Conseguia lembrar-se de filmes, mas não do rosto dos atores ou de com quem assistira a eles. Conseguia lembrar-se dos cinemas, mas não da *aparência* específica de um deles. Era impossível explicar a sensação, até para si mesmo.

Newt entrara no quarto e fazia sinal para Thomas o acompanhar. Quando ele entrou, preparou-se para o horror que poderia esperar. Mas quando ergueu os olhos, tudo o que viu foi um adolescente parecendo muito fraco na cama, de olhos fechados.

− Ele está dormindo? − sussurrou Thomas, tentando evitar a verdadeira pergunta que saltara em sua mente: “Ele não está *morto*, está?”

− Eu não sei − respondeu Newt em voz baixa. Avançou pelo quarto e sentou-se em uma cadeira de madeira ao lado da cama. Thomas sentou-se em outra, em frente.

− Alby − Newt sussurrou. Depois, em voz mais alta: − Alby. O Chuck disse que você queria falar com o Tommy.

Os olhos de Alby escancararam-se de repente − os globos avermelhados reluzindo sob a luz. Ele olhou para Newt, depois na direção de Thomas. Com um gemido, remexeu-se na cama e sentou-se, as costas apoiadas na cabeceira.

− É... − murmurou, num gemido roufenho.

− O Chuck disse que você estava se debatendo, agindo como um doido varrido. − Newt inclinou-se para a frente. − Qual é o problema? Você está muito mal?

As palavras seguintes de Alby saíram como um lamento, como se cada uma delas fosse tomar uma semana da sua vida.

− Tudo... vai mudar... A garota... Thomas... Eu os vi... − As pálpebras fecharam-se trêmulas, depois se abriram de novo; ele abandonou o corpo estirado sobre a cama, olhando fixamente para o teto. − Não me sinto muito bem.

− O que quer dizer, você viu... − Newt começou.

− Eu chamei o Thomas − gritou Alby, com uma explosão súbita de energia que Thomas teria considerado impossível instantes atrás. − Não chamei você, Newt! Thomas! Eu chamei o maldito Thomas!

Newt olhou para cima, questionando Thomas com um arquear das sobrancelhas. Thomas encolheu os ombros, sentindo-se cada vez pior. O que será que Alby queria com *ele?*

− Ótimo, seu rabugento de mértila − falou Newt. − Ele está bem aqui... fale com ele.

− Saia − falou Alby, os olhos fechados, a respiração pesada.

− De jeito nenhum... quero escutar.

− Newt. − Uma pausa. − Saia. Agora.

Thomas sentiu-se incrivelmente desconcertado, preocupado com o que Newt estava pensando e temendo o que Alby queria lhe dizer.

− Mas... − Newt protestou.

− *Fora!* − Alby sentou-se enquanto gritava, a voz falhando com o esforço. Ele se largou de volta à cabeceira da cama outra vez. − Cai fora!

O rosto de Newt se encolheu numa dor evidente − Thomas surpreendeu-se de ver que não havia raiva nele. Então, depois de um instante longo e tenso, Newt levantou-se da cadeira e caminhou para a porta, abrindo-a. “Será que ele vai mesmo sair?”, Thomas pensou.

− Não espere que eu lamba os seus pés quando vier pedir desculpas − disse ele, saindo para o corredor.

− Feche a porta! − gritou Alby, num insulto final. Newt obedeceu, batendo-a com força.

Os batimentos cardíacos de Thomas se aceleraram − estava sozinho agora com um cara que já era irritadiço *antes* de ser atacado por um Verdugo e de ter passado pela Transformação. Esperava que Alby dissesse o que queria e acabasse logo com

aquilo. Uma longa pausa estendeu-se por vários minutos, e as mãos de Thomas tremiam de medo.

− Sei quem você é − disse Alby, rompendo o silêncio.

Thomas não conseguia encontrar palavras para responder. Tentou; não veio nada além de um murmúrio incoerente. Estava totalmente confuso. E com medo.

− Sei quem você é − repetiu Alby lentamente. − Eu vi. Vi tudo. De onde viemos, quem você é. Quem é a *garota.* Eu me lembro do Fulgor.

− Fulgor? − Thomas forçou-se a falar. − Não sei do que você está falando. O que você viu? Adoraria saber quem eu sou.

− Não é nada bom − Alby respondeu, e, pela primeira vez desde que Newt saíra, Alby olhou para cima, direto para Thomas. Seus olhos eram dois poços de sofrimento, abismo, escuridão. − É horrível, pode crer. Por que aqueles mértilas querem que a gente lembre? Por que não podemos simplesmente viver aqui e ser felizes?

− Alby... − Thomas gostaria de dar uma espiada na mente do rapaz, ver o que ele tinha visto. − A Transformação − pressionou −, o que aconteceu? O que você lembrou? Você não está sendo claro.

− Você... − Alby começou, depois, de repente, segurou a própria garganta, produzindo sons gorgolejantes entrecortados. As pernas dele se agitaram, e virou de lado, debatendo-se como se outra pessoa estivesse *ali* tentando estrangulá-lo. A língua projetou-se para fora da boca; ele a mordeu inúmeras vezes.

Thomas levantou-se depressa, recuou um passo, horrorizado. Alby se debatia como se estivesse tendo um ataque, as pernas se agitando em todas as direções. A pele escura do seu rosto, que apenas um minuto antes estava estranhamente pálida, tornara-se vermelha, os olhos rolavam tão rápido nas órbitas que pareciam de mármore branco reluzente.

− Alby! − Thomas gritou, sem coragem de estender a mão para detê-lo. − *Newt!* − gritou, fechando as mãos ao redor da boca. − Newt, venha cá!

A porta abriu-se de chofre antes que ele tivesse terminado a última frase. Newt correu até Alby e agarrou-o pelos ombros, fazendo

pressão com o corpo todo para prender na cama o rapaz em convulsão.

− Segure as pernas dele!

Thomas adiantou-se, mas as pernas de Alby chutaram e escaparam, tornando impossível a sua aproximação. O pé dele atingiu Thomas no queixo; um rasgo de dor atravessou a sua cabeça. Ele recuou cambaleante, esfregando o ponto dolorido.

− Faça o que mandei, droga! − gritou Newt.

Thomas concentrou-se, depois saltou sobre o corpo de Alby, agarrando as duas pernas e prendendo-as de encontro à cama. Passou os braços ao redor das coxas do rapaz e apertou enquanto Newt punha um joelho sobre um dos ombros de Alby, depois agarrou as mãos dele, ainda fechadas ao redor do próprio pescoço em um aperto sufocante.

− Solte! − Newt gritava enquanto puxava. − Você está se matando, droga!

Thomas via os músculos dos braços de Newt flexionados, as veias saltadas enquanto ele puxava as mãos de Alby, até que, finalmente, centímetro por centímetro, conseguiu despregá-las. Empurrou-as com força contra o peito ofegante do rapaz. O corpo inteiro de Alby estremeceu mais umas duas vezes, parte dele projetada para fora da cama. Em seguida, vagarosamente, acalmou-se, e alguns segundos depois se aquietou, a respiração mais calma, os olhos vidrados.

Thomas segurava as pernas de Alby com firmeza, temendo mexer-se e deixar o rapaz escapar de novo. Newt esperou um minuto inteiro antes de ir soltando as mãos de Alby devagar. Então outro minuto antes de tirar o joelho e endireitar-se. Thomas entendeu a deixa para fazer o mesmo, esperando que o acesso tivesse terminado de verdade.

Alby olhou para cima, os olhos cansados, como se estivesse prestes a cair num sono profundo.

− Me desculpe, Newt − ele sussurrou. − Não sei o que aconteceu. Foi como... algo estava controlando o meu corpo. Me desculpe...

Thomas respirou fundo, certo de que nunca passaria por uma situação tão perturbadora e desagradável de novo. Era o que

esperava.

− Que desculpa o quê! − replicou Newt. − Você estava tentando se matar.

− Não era eu, juro − Alby murmurou.

Newt atirou as mãos para o alto.

− O que quer dizer com não era você? − perguntou.

− Não sei... Não... não era eu. − Alby parecia tão confuso quanto Thomas estava se sentindo.

No entanto, Newt parecia pensar que não valia a pena descobrir. Pelo menos no momento. Pegou os lençóis que haviam caído para fora da cama com os movimentos de Alby e arrumou-os por cima do rapaz doente.

− Vá dormir e conversaremos sobre isso mais tarde. − Deu-lhe um tapinha na cabeça, depois acrescentou: − Você está um lixo, seu trolho.

Mas Alby não dormira ainda, inclinando a cabeça ligeiramente enquanto fechava os olhos.

Newt conseguiu atrair o olhar perdido de Thomas e apontou para a porta. Thomas não teve o menor problema em sair daquele quarto − acompanhou Newt para fora e até o saguão. Então, assim que chegaram à porta, Alby murmurou alguma coisa na cama.

Os dois rapazes pararam na hora.

− O quê? − Newt indagou.

Alby abriu os olhos por um momento breve, depois repetiu o que dissera, em voz um pouco mais alta:

− Cuidado com a garota.

Então fechou os olhos.

De novo − a garota. De alguma forma as coisas sempre levavam de volta à garota. Newt dirigiu um olhar interrogativo para Thomas, mas este só lhe respondeu com um encolher de ombros. Não fazia a menor ideia do que estava acontecendo.

− Vamos − Newt sussurrou.

− Newt? − Alby chamou de novo da cama, sem se incomodar em abrir os olhos.

− O que é?

− Proteja os Mapas. − Alby rolou para o lado, dando as costas a eles e revelando, assim, que finalmente terminara a sua fala.

Thomas achou que aquilo não parecia muito bom. De verdade. Ele e Newt saíram do quarto e fecharam a porta sem fazer ruído.

28

Thomas seguiu Newt enquanto ele descia a escada apressado e saía da Sede sob o sol brilhante do meio da tarde. Durante algum tempo, nenhum dos dois disse uma palavra. Para Thomas, as coisas pareciam piorar cada vez mais.

− Está com fome, Tommy? − Newt indagou assim que saíram.

Thomas não conseguiu acreditar na pergunta.

− Fome? Estou pronto para vomitar depois do que acabei de ver... não, com fome eu não estou.

Newt apenas deu uma risadinha irônica.

− Bem, eu estou, seu trolho. Vamos ver se sobrou alguma coisa do almoço. Precisamos conversar.

− Acho que sabia que você diria algo assim. − Não importava o que fizesse, Thomas estava ficando cada vez mais enrolado nos assuntos da Clareira. E tinha a sensação que isso ia acontecer cada vez mais.

Eles foram direto para a cozinha, onde, apesar dos resmungos de Caçarola, conseguiram sanduíches de queijo com legumes frescos. Thomas não conseguiu ignorar o modo como o Encarregado dos cozinheiros lhe lançava olhares estranhos, desviando o olhar sempre que seus olhos encontravam os dele.

Alguma coisa lhe dizia que aquele tipo de tratamento seria normal a partir dali. Por alguma razão, ele era diferente de todos os demais na Clareira. Sentia-se como se tivesse vivido toda uma vida desde que acordara com a perda de memória, mas só estava ali fazia uma semana.

Os dois decidiram levar os seus lanches para comer do lado de fora, e poucos minutos depois encontravam-se no muro oeste, encostados em um ponto de hera espessa, observando as diversas atividades que eram desenvolvidas na Clareira. Thomas forçou-se a comer; do jeito que as coisas estavam indo, ele precisava angariar forças para lidar com tudo de insano que aparecesse no seu caminho dali por diante.

− Já viu aquilo acontecer antes? − Thomas indagou depois de mais ou menos um minuto.

Newt o encarou, o rosto de repente sombrio.

− O que Alby acabou de fazer? Não. Nunca. Ninguém nunca tentou nos dizer o que lembrava durante a Transformação. Eles sempre se recusaram. Alby tentou... vai ver que foi por isso que pirou de repente.

Thomas fez uma pausa na mastigação. Será que as pessoas por trás do Labirinto os *controlavam* de alguma forma? Era um pensamento aterrorizante.

− Precisamos encontrar o Gally − disse Newt em meio a uma mordida em uma cenoura, mudando de assunto. − O safado saiu para se esconder em algum lugar. Assim que acabarmos de comer, preciso encontrá-lo e atirá-lo na cadeia.

− Sério? − Thomas não pôde deixar de sentir uma descarga de pura alegria com aquele pensamento. Ficaria contente de ele mesmo fechar a porta e jogar a chave fora.

− Aquele trolho ameaçou matar você e precisamos nos certificar de que isso nunca aconteça de novo. O cara de mértila vai pagar caro por ter agido daquele jeito... Tem sorte por não pensarmos em bani-lo. Lembre-se do que lhe falei sobre a ordem.

− É, eu sei. − A única preocupação de Thomas era que Gally apenas o odiaria ainda mais por ser posto na prisão. “Não importa”, pensou. “Aquele cara não me assusta mais.”

− A coisa vai funcionar assim, Tommy − falou Newt. − Você vai passar o resto do dia comigo... precisamos entender umas coisas. Amanhã, o Amansador. Depois, você vai ficar com o Minho, e quero que se mantenha longe dos outros trolhos por um tempo. Entendeu?

Thomas estava mais do que feliz em obedecer. Passar a maior parte do tempo sozinho parecia uma ótima ideia.

− Beleza. Então o Minho vai me treinar?

− É isso aí... agora você é um Corredor. O Minho vai ensinar você. O Labirinto, os Mapas, tudo. Tem muita coisa para aprender. Espero que não faça corpo mole.

Thomas ficou chocado ao perceber que a ideia de entrar de novo no Labirinto já não o assustava tanto. Ele resolveu fazer exatamente o que Newt dizia, esperando que isso o ajudasse a se concentrar. No fundo, esperava sair da Clareira o mais breve possível. Evitar as outras pessoas era a nova meta da sua vida.

Os dois rapazes ficaram ali sentados em silêncio, terminando os seus lanches, até que Newt enfim passou ao assunto sobre o qual queria conversar. Amassando o que sobrara da comida em uma bola, ele se voltou e olhou direto para Thomas.

− Thomas − ele começou −, preciso que admita uma coisa. Já ouvimos isso muitas vezes para negar, e este é o momento para discutir o assunto.

Thomas sabia o que viria, mas ficou surpreso. Tinha medo das palavras.

− Gally falou. Alby falou. Ben falou − continuou Newt −, a garota, depois que a tiramos da Caixa... ela também falou.

Ele fez uma pausa, talvez esperando que Thomas perguntasse o que estava pretendendo dizer. Mas Thomas já sabia.

− Todos disseram que as coisas vão mudar. − Newt olhou para longe por um momento, depois voltou-se de novo para ele. − Está certo. Gally, Alby e Ben disseram ter visto você nas suas lembranças depois da Transformação... e pelo que entendi, você não estava plantando flores e ajudando velhinhas a atravessar a rua. De acordo com Gally, tem algo de podre nessa sua história e por isso ele quer matar você.

− Newt, eu não sei... − Thomas começou, mas Newt não o deixou terminar.

− Sei que você não se lembra de nada, Thomas! Pare de falar isso... nem tente falar de novo. Nenhum de nós se lembra de nada,

e ficamos arrasados por mencionar isso. A questão é que tem alguma coisa diferente a seu respeito, e está na hora de descobrir.

Thomas foi dominado por um acesso de raiva.

− Ótimo, então como vamos fazer isso? Quero saber quem eu sou tanto quanto qualquer um. *É óbvio.*

− Preciso que abra a sua mente. Que seja sincero se alguma coisa... qualquer coisa... lhe parecer familiar.

− Nada... − Thomas começou, mas parou. Acontecera tanta coisa desde a sua chegada que ele quase se esquecera de como a Clareira lhe parecera familiar na primeira noite, dormindo ao lado de Chuck. Como se sentira à vontade e *em casa.* Um eco bem distante do sentimento de terror que ele devia ter experimentado.

− Posso ver as engrenagens da sua mente funcionando − disse Newt em voz baixa. − Fale.

Thomas hesitou, temendo as consequências do que estava prestes a falar. Mas já não aguentava mais guardar segredos.

− Bem... não posso citar algo em especial. − Ele falou devagar, com todo o cuidado. − Mas quando cheguei senti como se já tivesse estado aqui antes.− Olhou para Newt, esperando encontrar algum tipo de reconhecimento nos olhos dele. − Alguém mais passou por isso?

Mas Newt permaneceu impassível. Então ele rolou os olhos e respondeu:

− Ah, não, Tommy. A maioria de nós passou uma semana plongando nas calças e espremendo os olhos de tanto chorar.

− É, bem. − Thomas fez uma pausa, aborrecido e confuso. O que significava tudo aquilo? Será que ele era de alguma forma diferente de todos? Havia algo de errado com ele? − Tudo me parecia familiar e eu sabia que queria ser um Corredor.

− Isso é pra lá de interessante. − Newt o analisou por um segundo, sem esconder a evidente desconfiança. − Bem, continue procurando. Force a sua mente, passe o seu tempo de folga revirando os seus pensamentos e *pense* sobre este lugar. Vasculhe esse seu cérebro e procure. *Tente,* para o bem de todos nós.

− Pode deixar. − Thomas fechou os olhos, começando a procurar na escuridão da sua mente.

− Não agora, seu mértila idiota. − Newt deu uma risada. − Só quis dizer para fazer isso *daqui por diante.* Nas horas de folga, nas refeições, quando for dormir à noite, quando andar por aí, quando estiver treinando, trabalhando. Conte pra mim tudo o que lhe parecer familiar, mesmo vagamente. Entendeu?

− Sim, entendi. − Thomas não pôde deixar de pensar que havia emitido alguns sinais de alerta para Newt, e que o garoto mais velho estava apenas ocultando a sua preocupação.

− Para começar, é melhor ir vermos alguém.

− Quem? − Thomas indagou, mas soube a resposta assim que falou. O medo o dominou de novo.

− A garota. Quero que olhe para ela até os seus olhos sangrarem, ver se ela provoca alguma reação nesse seu cérebro de mértila. − Newt reuniu os restos da refeição e levantou-se. − Depois quero que me conte cada palavra que Alby lhe disse.

Thomas suspirou, então pôs-se de pé.

− Ok. − Não sabia se teria coragem de dizer toda a verdade sobre as acusações de Alby. E isso sem falar do modo como se sentia em relação à garota. Era como se ele não tivesse conseguido guardar segredo nenhum.

Eles voltaram para a Sede, onde a garota ainda permanecia em coma. Thomas não conseguiu abafar a preocupação com o que Newt estava pensando. Ele se abrira e realmente *gostava* de Newt. Se Newt se voltasse contra ele agora, Thomas não sabia se poderia aguentar.

− Se tudo o mais falhar − falou Newt, interrompendo os pensamentos de Thomas −, vamos mandar você aos Verdugos... arrumar-lhe uma picada para que passe pela Transformação. Nós *precisamos* das suas lembranças.

Thomas deu uma risada sarcástica em relação à ideia, mas Newt não sorriu.

A garota parecia dormir tranquilamente, como se fosse acordar a qualquer momento. Thomas quase esperara encontrar os restos esqueléticos de uma pessoa − alguém à beira da morte. Mas o peito

dela subia e descia com a respiração; a pele estava com a cor normal.

Um dos Socorristas estava lá, o mais baixo − Thomas não conseguia lembrar o nome dele −, pingando água na boca da garota em coma, algumas gotas por vez. Num criado-mudo ao lado, um prato e uma tigela guardavam os restos do almoço dela − purê de batatas e sopa. Eles estavam fazendo de tudo para mantê-la viva e saudável.

− Ei, Clint − falou Newt, parecendo à vontade, como se tivesse passado ali para visitá-la muitas vezes antes. − Ela está sobrevivendo?

− Está − Clint respondeu. − Ela vai indo bem, embora fale dormindo o tempo todo. Achamos que vai sair desse estado logo.

Thomas sentiu os pelos da nuca se eriçarem. Por alguma razão, nunca considerara a possibilidade de que a garota pudesse acordar e ficar bem. Que pudesse vir a conversar com as pessoas. Não fazia ideia do motivo pelo qual aquilo o deixava tão nervoso.

− Vocês têm tomado nota de cada palavra que ela diz? − quis saber Newt.

Clint inclinou a cabeça concordando.

− A maioria é impossível de entender. Mas, sim, quando podemos.

Newt apontou para um bloco de anotações sobre o criado-mudo.

− Me dê um exemplo.

− Bem, a mesma coisa que ela disse quando a tiramos da Caixa, sobre as coisas mudarem. Outros papos sobre os Criadores e como “tudo tem de acabar”. E, hã... − Clint olhou para Thomas como se não quisesse continuar na presença dele.

− Tudo bem... ele pode ouvir tudo o que eu ouvir − Newt assegurou para ele.

− Bem... não sou capaz de reproduzir tudo, mas... − Clint olhou para Thomas de novo. − Ela continua dizendo o nome *dele* o tempo todo.

Thomas quase caiu sentado diante daquilo. Será que as referências a ele nunca iriam terminar? Como ele podia conhecer aquela garota? Era como uma coceira de enlouquecer dentro da cabeça, que não passava.

− Obrigado, Clint − disse Newt de um modo que pareceu a Thomas uma dispensa evidente. − Prepare um relatório com tudo isso para nós, ok?

− Pode deixar. − O Socorrista inclinou a cabeça para os dois e saiu do quarto.

− Puxe uma cadeira − falou Newt, enquanto sentava-se na borda da cama.

Thomas, aliviado por Newt ainda não ter partido para acusações, pegou uma cadeira da escrivaninha e colocou-a próximo de onde estava a cabeça da garota; então sentou-se, inclinando-se para a frente, a fim de observar o rosto dela.

− Alguma coisa que refresque a memória? − indagou Newt. − Qualquer coisa?

Thomas não respondeu, continuou olhando, desejando conseguir derrubar a barreira da memória e procurar a garota no seu passado. Voltou a pensar naqueles breves momentos em que ela abrira os olhos logo depois de ser puxada para fora da Caixa.

Eles eram azuis, com uma cor mais intensa do que a dos olhos de qualquer outra pessoa de quem ele se lembrava de ter visto antes. Tentou recriar aqueles olhos nela agora enquanto olhava para o seu rosto adormecido, fundindo as duas imagens na mente. O cabelo preto, a pele branca perfeita, os lábios carnudos... Enquanto olhava para ela, percebia quanto era bonita de verdade.

Um reconhecimento mais forte tocou de leve o fundo da sua mente − um rufar de asas num canto escuro, invisível mas presente do mesmo jeito. Durou apenas um instante antes de desaparecer no abismo de outras lembranças captadas. Mas *sentira* alguma coisa.

− Eu conheço ela − sussurrou, recostando-se na cadeira. Era bom finalmente admiti-lo em voz alta.

Newt levantou-se.

− O quê? Quem é ela?

− Não faço ideia. Mas alguma coisa bateu... eu conheço ela de algum lugar.

Thomas esfregou os olhos, frustrado por não conseguir concretizar a conexão.

− Bem, continue pensando... não perca essa lembrança. Concentre-se.

− Estou tentando, então cale a boca. − Thomas fechou os olhos, revirando a escuridão dos seus pensamentos, buscando o rosto dela no vazio. Quem *era* ela? A ironia da pergunta o incomodou − ele nem mesmo sabia quem era *ele*.

Inclinou-se para a frente na cadeira e respirou fundo, depois olhou para Newt, abanando a cabeça desanimado.

− Eu simplesmente não...

“Teresa.”

Thomas deu um salto da cadeira, empurrando-a para trás, girando em um círculo, procurando. Ele tinha ouvido...

− Qual o problema? − Newt indagou. − Lembrou de alguma coisa?

Thomas o ignorou, olhando confuso pelo quarto, sabendo que ouvira uma voz, depois voltou-se para a garota.

− Eu... − Tornou a sentar-se, inclinou-se para a frente, olhando para o rosto da garota.

− Newt, você disse alguma coisa antes de eu me levantar?

− Não.

Era claro que não.

− Ah. Pensei ter ouvido alguma coisa... não sei. Talvez tenha sido minha cabeça. Por acaso... *ela* disse alguma coisa?

− Ela? − indagou Newt, os olhos acesos. − Não. Por quê? O que você ouviu?

Thomas temia admitir.

− Eu... eu juro ter ouvido um nome. Teresa.

− Teresa? Não, não ouvi isso. Deve ser alguma coisa que brotou do seu maldito bloqueio de memória! Esse é o nome dela, Tommy. Tem que ser.

Thomas sentia-se... estranho − uma sensação desagradável, como se tivesse acontecido algo sobrenatural.

− Foi como... eu juro, eu *ouvi*. Mas na minha mente, cara. Não posso explicar.

“Thomas.”

Dessa vez ele saltou da cadeira e afastou-se da cama o máximo possível, batendo no abajur sobre a mesa; este caiu com o ruído de

vidro quebrado. Uma voz. A voz da garota. Sussurrante, doce, confiante. Ele a ouvira. *Sabia* que ouvira.

− Mas que droga há de errado com você? − indagou Newt.

O coração de Thomas batia disparado. Ele sentia as pancadas na cabeça. Ácido fervendo no estômago.

− Ela... é incrível, ela está *falando* comigo. Na minha cabeça. Ela acabou de dizer o meu nome!

− O quê?

− Eu juro! − O mundo girava ao redor dele, esmagando a sua mente. − Estou... ouvindo a voz dela na minha cabeça... ou alguma coisa assim... não é uma voz de verdade...

− Tommy, sente esse traseiro aí. Do *que* você está falando?

− Newt, estou falando sério. É... não é realmente uma voz... mas *é.*

“Tom, somos os últimos. Logo vai acabar. Precisa acabar.”

As palavras ecoavam na mente dele, tocavam os seus tímpanos − ele conseguia *ouvi-las.* Ainda assim, elas não pareciam estar vindo do quarto, mas de fora do corpo dele. Elas estavam literalmente, em todos os sentidos, *dentro* da sua mente.

“Tom, não fique tão chocado por minha causa.”

Ele pôs as mãos sobre as orelhas, fechou bem os olhos. Era estranho demais; não conseguia entender o que estava acontecendo.

“A minha memória já está desaparecendo, Tom. Não vou me lembrar de muita coisa quando acordar. Podemos passar pelas Provas. Isso precisa acabar. Eles me mandaram como um sinal.”

Thomas não conseguia aguentar mais aquilo. Ignorando as perguntas de Newt, correu para a porta e a escancarou, saiu para o saguão, correu. Desceu a escada, saiu pela porta da frente, correu de novo. Mas nada disso fazia com que ela se calasse.

“Tudo vai mudar”, disse ela.

Ele quis gritar, correr até não poder mais. Assim foi até a Porta Leste e passou em disparada por ela, para fora da Clareira. Continuou indo, passando de um corredor para outro, cada vez mais para dentro do Labirinto, com regras ou sem regras. Mas ainda não conseguia escapar da voz.

“Fomos você e eu, Tom. *Nós* fizemos isso com eles. Com a gente.”

29

Thomas só parou depois que a voz se calou definitivamente.

Ficou chocado ao perceber que estivera correndo por quase uma hora − as sombras dos muros alongavam-se para o leste, logo o sol ia se pôr para deixar vir a noite e as Portas se fechariam. Precisava voltar. Só de leve lhe ocorreu então que, sem ter de pensar, reconhecera a direção e o tempo. Viu que os seus instintos eram fortes.

Precisava voltar.

No entanto, não sabia se seria capaz de enfrentá-la de novo. Aquela voz em sua cabeça. As coisas estranhas que ela havia dito.

Não tinha escolha. Negar a verdade não resolveria nada. E por mais ruim − e por mais estranha − que tivesse sido aquela invasão da sua mente, era melhor do que um encontro com os Verdugos em qualquer dia.

Enquanto corria na direção da Clareira, descobriu uma porção de coisas a respeito de si mesmo. Sem ter se esforçado nesse sentido − e também sem perceber como o fizera −, registrara mentalmente o percurso exato pelo Labirinto enquanto fugia da voz. Na volta, nenhuma vez errou o caminho, virando à esquerda e à direita, percorrendo os corredores compridos no sentido inverso ao que tomara na ida. Sabia o que isso significava.

Minho estava certo. Logo ele seria o melhor Corredor.

A segunda coisa que descobriu sobre si mesmo, como se a noite no Labirinto já não o tivesse provado, era que o seu corpo achava-se em perfeita forma. No dia anterior mesmo chegara ao limite das

suas forças e ficara dolorido da cabeça aos pés. Recuperara-se rapidamente, e agora corria quase sem nenhum esforço, apesar de estar se aproximando da segunda hora de corrida. Não era preciso ser um gênio da matemática para calcular que a sua velocidade e o tempo conjugados significavam que teria corrido praticamente meia maratona no momento em que chegasse de volta à Clareira.

Nunca antes ele se preocupara com o tamanho do Labirinto. Quilômetros e quilômetros e quilômetros. Com os muros movendo-se todas as noites, finalmente entendia por que o Labirinto era tão difícil de ser desvendado. Até então, tinha duvidado disso, pensando como os Corredores podiam ser tão incapazes.

Correu sem parar, à esquerda e à direita, em frente, sem parar nunca. No momento em que cruzou o limite da Clareira, as Portas estavam a apenas alguns minutos de se fechar para a noite. Exausto, ele se encaminhou direto ao Campo-santo, entrando na floresta até chegar ao ponto em que as árvores eram mais densas contra o canto sudoeste. Mais que tudo, queria ficar em paz.

Quando chegou a um ponto em que só podia ouvir os sons de conversas de Clareanos à distância, além dos ecos de ovelhas balindo e dos porcos roncando, concluiu que estava bom; encontrando a junção dos dois muros gigantescos, deixou-se cair no canto para descansar. Ninguém apareceu, ninguém o incomodou. O muro sul finalmente se moveu, fechando-se para a noite; ele se inclinou para a frente até quando parou. Minutos depois, de novo com as costas confortavelmente de encontro às espessas camadas de hera, acabou adormecendo.

Na manhã seguinte, alguém o sacudiu de leve para despertá-lo.

− Thomas, acorde. − Era Chuck... O garoto parecia ter a capacidade de encontrá-lo onde quer que estivesse.

Resmungando, Thomas inclinou-se para a frente, esticou as costas e os braços. Então percebeu que haviam colocado duas mantas sobre o seu corpo durante a noite − alguém fazendo o papel de Mãe da Clareira.

− Que horas são? − ele perguntou.

− Você está quase atrasado demais para o café da manhã. − Chuck cutucou-lhe o braço. − Vamos, levante-se. Precisa começar a agir de maneira normal ou as coisas vão piorar ainda mais.

Os acontecimentos do dia anterior foram despencando um atrás do outro na mente de Thomas, e o seu estômago pareceu se contorcer lá no fundo. “O que será que vão fazer comigo?”, pensou. “As coisas que ela disse. Algo sobre ela e eu termos feito isso com eles. Com a gente. O que será que isso significava?”

Então ocorreu-lhe que talvez estivesse louco. Talvez a tensão incessante do Labirinto o tivesse deixado maluco. De qualquer maneira, só *ele* escutara a voz dentro da sua cabeça. Ninguém mais sabia das coisas estranhas que Teresa dissera, ou do que o acusara. Eles nem sequer sabiam que lhe dissera o seu nome. Bem, ninguém a não ser Newt.

Deixaria as coisas como estavam. A situação já era ruim o bastante − não fazia sentido piorá-la contando às pessoas sobre vozes na sua cabeça. O único problema era Newt. De algum modo, precisaria convencê-lo de que aquela tensão toda acabara sendo demais para ele e que uma boa noite de descanso resolveria tudo. “Eu não estou louco”, disse a si mesmo. Com certeza não estava.

Chuck o observava com as sobrancelhas levantadas.

− Desculpe − falou Thomas enquanto se levantava, procurando agir da maneira mais normal possível. − Só estava pensando. Vamos comer alguma coisa, estou morrendo de fome.

− Bom isso − disse Chuck, dando um tapinha nas costas de Thomas.

Eles se encaminharam à Sede, Chuck tagarelando o tempo todo.

Thomas não se queixava − era a coisa mais próxima do normal na sua vida.

− Newt o encontrou ontem à noite e disse a todos para deixarem você dormir. E *também* nos contou sobre o que o Conselho decidiu a seu respeito: um dia na cela, depois você entra para o curso de treinamento de Corredor. Alguns trolhos resmungaram, alguns aplaudiram, a maioria agiu como se não estivesse nem aí. Por mim, acho bastante incrível. − Chuck fez uma pausa para recuperar o fôlego, depois continuou no mesmo ritmo. − Naquela primeira noite,

quando você falava em ser um Corredor e todo aquele plong... que mértila, eu estava morrendo de rir por dentro. Não parava de dizer para mim mesmo: o começo desse babaca está sendo bastante duro. Bem, você mostrou que *eu* estava errado, né?

Mas Thomas não tinha vontade de alongar a conversa.

− Só fiz o que qualquer um teria feito. Não é culpa minha se Minho e Newt querem que eu seja um Corredor.

− É, eu sei. Quanta modéstia...

Ser um Corredor era a última coisa em que Thomas estava pensando no momento. Não conseguia parar de pensar em Teresa, aquela voz dentro da sua cabeça, o que ela *dissera*.

− Acho que estou meio empolgado. − Thomas forçou um risinho, embora se encolhesse só de pensar em passar o dia inteiro sozinho no Amansador antes de começar os treinos.

− Vamos ver como vai se sentir depois de correr até pôr os bofes para fora. De qualquer maneira, fique sabendo que o velho Chuck aqui está orgulhoso de você.

Thomas sorriu ante o entusiasmo do amigo.

− Se ao menos você fosse a minha mãe − murmurou −, a vida seria um doce. “Minha mãe”, pensou. O mundo pareceu sombrio por um instante... Não era capaz de se lembrar nem da própria mãe. Afastou na hora o pensamento, antes que o consumisse.

Eles foram direto para a cozinha, conseguiram um café da manhã rápido e ocuparam dois lugares vagos na grande mesa interna. Todo Clareano que entrava ou saía não deixava de dar uma olhada em Thomas; alguns se aproximaram para felicitá-lo. A não ser por uns poucos olhares nada amistosos daqui e dali, a maioria das pessoas parecia estar do lado dele. Então ele se lembrou de Gally.

− Ei, Chuck − indagou depois de dar uma garfada nos ovos mexidos, tentando parecer distraído. − Chegaram a encontrar o Gally?

− Não. Já ia lhe contar... Alguém disse que o viu correr para dentro do Labirinto depois de sair do Conclave. Não apareceu mais depois disso.

Thomas deixou cair o garfo, sem saber o que pensar ou esperar. De qualquer maneira, a notícia o surpreendia.

− O quê? Está falando sério? Ele entrou no Labirinto?

− Pois é. Todo mundo acha que ele ficou doidão... Alguns trolhos até acusaram você de matá-lo quando correu para lá ontem.

− Não posso acreditar... − Thomas olhou para o prato, tentando compreender por que Gally faria aquilo.

− Não se preocupe com isso, cara. Ninguém gostava dele, a não ser os seus poucos cupinchas de mértila. Eles são os únicos a acusar você.

Thomas não conseguia acreditar que Chuck pudesse comentar o assunto tão distraidamente.

− Meu, o cara deve estar morto. Você fica falando desse jeito, como se ele tivesse saído de férias.

Chuck ficou pensativo por um momento.

− Não acho que esteja morto.

− Hã? Então onde ele está? O Minho e eu não fomos os únicos a sobreviver a uma noite lá fora?

− É o que estou dizendo. Acho que os colegas estão escondendo ele em algum lugar dentro da Clareira. Gally era um idiota, mas não poderia ser tão estúpido a ponto de passar a noite no Labirinto. Como você.

Thomas abanou a cabeça.

− Talvez seja *exatamente* por isso que ele ficou por lá. Queria provar que poderia fazer tudo o que eu faço. O cara me odeia. − Fez uma pausa. − Me odiava.

− Bem, que seja. − Chuck deu de ombros como se estivessem discutindo sobre o que comer no café da manhã. − Se estiver morto, vocês aí vão acabar encontrando-o. Se não estiver, uma hora a fome vai fazer com que apareça para comer. Eu não tô nem aí.

Depois de comer, Thomas levou o prato até o balcão.

− Tudo o que eu quero é um dia normal... um dia para relaxar.

− Então vai ter o maldito desejo realizado − disse uma voz da porta da cozinha atrás dele.

Thomas virou-se para ver Newt lá, sorrindo. O sorriso dele produziu uma onda tranquilizadora em Thomas, como se descobrisse que o mundo estava em ordem outra vez.

− Vamos indo para a gaiola, seu pássaro fujão − falou Newt. − Vai poder relaxar bastante enquanto permanecer no Amansador. Venha. Chuck levará alguma coisa para você comer na hora do almoço.

Thomas concordou e encaminhou-se para a porta, com Newt afastando-se para dar passagem. De repente, um dia na prisão parecia excelente. Um dia para ficar apenas sentado e relaxar.

No entanto, alguma coisa lhe disse que seria muito mais possível Gally levar-lhe flores do que passar um dia na Clareira sem que nada de estranho acontecesse.

30

O Amansador ficava em um lugar obscuro entre a Sede e o muro norte da Clareira, escondido atrás de arbustos espinhentos e irregulares, que pareciam não ser podados há séculos. Era um grande bloco de concreto grosseiramente delineado, com uma única janela minúscula e uma porta de madeira que estava trancada com um ameaçador ferrolho de metal empoeirado, como algo saído da Idade Média.

Newt pegou uma chave e abriu-a, então fez sinal para Thomas entrar.

− Só tem uma cadeira lá dentro e mais nada para você fazer. Divirta-se.

Thomas gemeu em seu íntimo quando entrou e viu a única peça de mobília − uma cadeira desconjuntada e em péssimo estado, com uma perna mais curta do que as outras, provavelmente de propósito. Nem mesmo tinha estofamento.

− Fique à vontade − disse Newt antes de fechar a porta. Thomas virou-se para o seu novo lar e ouviu o ferrolho sendo engatilhado e o clique da trava do cadeado atrás de si. A cabeça de Newt apareceu na janelinha sem vidros, observando-o através das barras de ferro com um sorriso afetado no rosto. − Uma bela recompensa por desrespeitar as regras. Você salvou algumas vidas, Tommy, mas ainda assim precisa aprender.□

− É, eu sei. *Ordem*.

Newt sorriu.

− Você não é de todo mau, trolho. Mas, amigos ou não, precisamos fazer as coisas direito, tocar a vida para sobreviver. Pense nisso enquanto estiver sentado aí e olhando para as malditas paredes.

Então foi embora.

* * *

A primeira hora passou e Thomas sentiu o tédio infiltrar-se sorrateiro como ratos por baixo da porta. Na segunda hora, sentiu vontade de bater com a cabeça contra a parede. Duas horas depois disso começou a pensar que jantar com Gally e os Verdugos seria melhor do que ficar sentado dentro daquele estúpido Amansador. Sentado, tentou recompor as lembranças, mas qualquer esforço evaporava-se numa névoa de esquecimento antes que alguma coisa se formasse.

Felizmente, Chuck chegou com o almoço ao meio-dia, aliviando Thomas dos seus pensamentos.

Depois de passar-lhe alguns pedaços de frango e um copo de água através da janela, ele assumiu a sua função costumeira de tagarelar nos ouvidos de Thomas.

− Tudo está voltando ao normal − anunciou o garoto. − Os Corredores saíram para o Labirinto, todo mundo está trabalhando, talvez a gente vá sobreviver no final das contas. Ainda não há sinal de Gally. Newt disse para os Corredores voltarem imediatamente se encontrarem o corpo dele. E, ah, sim, Alby levantou e está melhor. Parece bem□e Newt sente-se melhor por não precisar mais ser o chefão.

A menção a Alby desviou a atenção de Thomas da comida. Visualizou o rapaz mais velho debatendo-se, estrangulando-se no dia anterior. Então se lembrou de que ninguém mais sabia o que Alby dissera depois que Newt saíra do quarto − antes de sofrer aquele ataque. Mas isso não significava que Alby manteria aquilo entre eles agora que saíra da cama e já podia andar.

Chuck continuou a falar, dando uma guinada imprevista.

− Thomas, ando meio esquisito, cara. É estranho alguém sentir-se triste e com saudade de casa, sem ter a menor ideia de para onde acha que poderia voltar, sabe? Tudo o que sei é que não quero ficar aqui. Quero voltar para a minha família. Não importa onde seja, nem de onde me tiraram. Quero *me lembrar*.

Thomas ficou um pouco surpreso. Nunca ouvira Chuck dizer algo tão profundo e tão verdadeiro.

− Sei o que quer dizer − murmurou.

Chuck era baixo demais para que os seus olhos ficassem numa altura na qual Thomas pudesse vê-los enquanto falava, mas, depois da afirmação seguinte, Thomas imaginou-os cheios de uma tristeza desoladora, talvez mesmo com lágrimas. Ele disse:

− Antes eu chorava muito. Todas as noites.

Isso fez com que os pensamentos sobre Alby deixassem a mente de Thomas.

− Ah, é?

− Como um bebê mijão. Quase até o dia em que você chegou aqui. Depois me acostumei, eu acho. Aqui tornou-se o meu lar, mesmo a gente tendo todos os dias esperança de sair.

− Eu só chorei uma vez desde que cheguei aqui, mas isso foi depois de quase ter sido comido vivo. Devo ser apenas um idiota cara de mértila.

Thomas não teria admitido isso se Chuck não tivesse se aberto com ele.

− Você chorou? − Ele ouviu Chuck dizer através da janela. − Depois?

− Sim. Quando o último deles caiu pelo Penhasco, eu não aguentei e solucei até a minha garganta e o peito doerem. − Thomas lembrava-se de tudo muito bem. − Tudo desabou sobre mim de uma vez só. Com certeza isso fez com que *me* sentisse melhor… Não se sinta mal por chorar. Nunca.

− Quer dizer que isso *faz* você se sentir melhor? Estranho como funciona.

Alguns minutos se passaram em silêncio. Thomas viu-se torcendo para que Chuck não tivesse ido embora.

− Ei, Thomas? − chamou Chuck.

− Estou aqui.

− Você acha que tenho pais? Pais *de verdade*?

Thomas deu uma risada, principalmente para afastar o acesso repentino de tristeza que a pergunta lhe causara.

− Claro que tem, seu trolho. Você precisa que eu explique tudo, até o mais óbvio? − O coração de Thomas doía; lembrava-se de ter recebido uma reprimenda como aquela, mas não de quem a dera.

− Não foi o que eu quis dizer − falou Chuck, a voz completamente despida de alegria. Falara em voz baixa e desolada, quase num murmúrio. − A maioria dos caras que passaram pela Transformação lembra-se de coisas terríveis, sobre as quais nem quer comentar, o que me faz duvidar se teria um bom motivo para voltar para casa. Então, quero dizer, você acha que é possível que eu tenha uma mãe e um pai em algum lugar no mundo lá fora, sentindo a minha falta? Você acha que eles *choram* à noite?

Thomas sentiu-se chocado ao perceber que os seus olhos estavam cheios de lágrimas. Fora tudo tão louco desde que chegara que nunca pensara nos Clareanos como pessoas com famílias de verdade, sentindo a falta dos parentes. Era estranho, mas nem mesmo pensara sobre si mesmo dessa maneira. Só sobre o que tudo aquilo significava, quem os mandara para lá, como poderiam sair um dia.

Pela primeira vez, ele sentiu algo por Chuck que o deixou com tanta raiva que lhe deu vontade de matar alguém. O garoto deveria estar na escola, em um lar, brincando com os garotos da vizinhança. Ele merecia ir para casa à noite para estar com a família que o amava, que se preocupava com ele. Uma mãe que o mandasse tomar banho todos os dias e um pai que o ajudasse na lição de casa.

Thomas odiou as pessoas que haviam tirado aquele pobre garoto inocente da família. Odiou-as com um ardor que não sabia que um ser humano podia sentir. Quis que morressem, até mesmo que fossem torturadas. Queria que Chuck fosse feliz.

Mas a felicidade fora arrancada da vida deles. O *amor* fora arrancado da vida deles.

− Ouça, Chuck... − Thomas fez uma pausa, acalmando-se o máximo que pôde, assegurando-se de que a voz não falhasse. − Tenho certeza de que você tem pais. Eu sei. Pode parecer terrível, mas aposto que a sua mãe está sentada no seu quarto neste exato momento, abraçando o seu travesseiro, olhando para o mundo que roubou você dela. E, sim, aposto que ela está chorando. Muito. Com os olhos inchados, o nariz escorrendo. De verdade.

Chuck não disse nada, mas Thomas pensou tê-lo escutado fungar baixinho.

− Não desista, Chuck. Vamos dar um jeito nessa coisa, sair daqui. Sou um Corredor agora... Juro pela minha vida que vou mandá-lo para aquele quarto na sua casa. Para que a sua mãe pare de chorar. − E Thomas queria isso de verdade. Ele sentia aquilo *arder* no fundo do coração.

− Tomara que você esteja certo − falou Chuck com a voz trêmula. Pela janela, mostrou o polegar levantado, depois foi embora.

Thomas levantou-se e andou de um lado para o outro pelo cômodo apertado, fumegando com o desejo intenso de cumprir o que prometera.

− Eu juro, Chuck − sussurrou para ninguém. − Juro que vou mandá-lo de volta pra casa.

31

Logo depois de Thomas ouvir o rangido e o rumor de pedra contra pedra anunciando o fechamento das Portas por aquele dia, Alby apareceu para libertá-lo, o que foi uma surpresa enorme. Ouviu o ruído metálico da chave e do cadeado, depois a porta da cela escancarou-se.

− Não morreu ainda, não é, trolho? − indagou Alby. Ele parecia tão melhor em relação ao dia anterior que Thomas não conseguia parar de olhar para ele. A pele voltara à cor natural, os olhos não estavam mais entrecruzados de veias inflamadas; ele parecia ter ganho uns dez quilos em vinte e quatro horas.

Alby notou Thomas observando-o com os olhar fixo e esbugalhado.

− Mértila, moleque, o que está olhando?

Thomas balançou a cabeça ligeiramente, sentindo-se como se saísse de um transe. Os pensamentos corriam acelerados, imaginando do que Alby se lembrava, o que sabia, o que poderia dizer sobre ele.

− Ah, nada. Só que parece meio maluco você ter sarado tão depressa. Está se sentindo bem agora?

Alby flexionou o bíceps do braço direito.

− Nunca estive melhor… Vamos, saia.

Thomas obedeceu, esperando que o olhar não o traísse, tornando a sua preocupação evidente.

Alby fechou a porta do Amansador e trancou-a, depois virou-se para encará-lo.

− Na verdade, é tudo mentira. Sinto-me um pedaço de plong evacuado duas vezes por um Verdugo.

− Sei, dava para ver seu estado ontem. − Quando Alby fuzilou-o com o olhar, Thomas esperou que fosse de brincadeira e rapidamente esclareceu. − Mas hoje você parece novinho em folha. Juro.

Alby guardou as chaves no bolso e reclinou-se de encontro à porta do Amansador.

− Mas gostei da conversinha que tivemos ontem.

O coração de Thomas disparou. Ele não fazia ideia do que esperar de Alby àquela altura.

− Hã… sim, eu me lembro.

− Eu sei o que vi, Fedelho. Está ficando meio apagado agora, mas nunca vou me esquecer. Foi terrível. Tentei conversar sobre isso, mas ficava chocado só de tentar. Agora as imagens vêm e vão, como algo que eu não gostasse de lembrar.

A cena do dia anterior surgiu num clarão na mente de Thomas. Alby se debatendo, tentando estrangular a si mesmo − Thomas não acreditaria que aquilo acontecera se não tivesse testemunhado. Apesar de temer a resposta, sabia que precisava fazer aquela pergunta.

− O que tinha a ver comigo, você ficava dizendo que me via. O que eu estava fazendo?

Alby contemplou por um tempo o espaço vazio à distância antes de responder.

− Você estava com os Criadores. Ajudando eles. Mas não foi isso que me abalou daquele jeito.

Thomas sentiu como se alguém tivesse lhe dado um soco no estômago. “Ajudando eles?” Não conseguiu encontrar as palavras para perguntar qual o significado daquilo.

Alby continuou.

− Espero que as lembranças trazidas pela Transformação não sejam reais, só plantem algumas coisas falsas. Uns desconfiam disso, eu só posso esperar. Se o mundo for como eu vi − a voz dele falhou, deixando um silêncio aterrador.

Thomas estava confuso, mas forçou-o a continuar:

− Não pode dizer o que viu a meu respeito?

Alby abanou a cabeça.

− De jeito nenhum, trolho. Não vou me arriscar a tentar me estrangular de novo. Talvez seja alguma coisa que colocam no cérebro para controlar a gente assim como apagam a memória.

− Bem, se sou um demônio, talvez devesse me manter trancado. − Thomas arriscou sem acreditar muito.

− Fedelho, você não é um demônio. Pode ser um cabeção cara de mértila, mas não um demônio. − Alby mostrou uma ligeira menção de um sorriso, uma fissura quase imperceptível no semblante normalmente carrancudo. − O que você fez, arriscando o seu traseiro para me salvar e ao Minho, isso nunca foi coisa do demônio, que eu saiba. Não, só fico pensando que o Soro da Dor e a Transformação produziram um efeito desgraçado. Para o seu bem e o meu, espero que seja isso.

Thomas sentia-se tão aliviado por Alby pensar que estava tudo bem que mal ouviu o resto das palavras que o rapaz acabara de dizer.

− Foi tão *ruim* assim? As lembranças que voltaram.

− Lembrei de como era a minha vida, onde morava, esse tipo de coisa. E se o próprio Deus em pessoa me aparecesse agora e me dissesse que podia voltar para casa... − Alby olhou para o chão e balançou a cabeça de novo. − Se aquilo for mesmo real, Fedelho, juro que prefiro conviver com os Verdugos a voltar pra lá.

Thomas ficou surpreso ao ouvir que era tão ruim − queria que Alby desse detalhes, descrevesse alguma coisa, qualquer coisa. Mas sabia que o choque ainda estava recente demais na mente dele para fazê-lo mudar de opinião.

− Bem, talvez não seja real, Alby. Talvez o Soro da Dor seja um tipo de droga que provoca alucinações na gente. − Thomas sabia que estava forçando a barra.

Alby pensou por um minuto.

− Uma droga... alucinações... − Depois balançou a cabeça. − Não, duvido.

Valera a pena tentar.

− Ainda precisamos fugir deste lugar.

− É isso aí, obrigado, Fedelho − disse Alby sarcasticamente. − Não sei o que seria de nós sem as suas palavras de incentivo. − De novo o quase sorriso.

A súbita mudança de humor de Alby tirou Thomas daquela sensação de abatimento.

− Pare de me chamar de Fedelho. A garota é a Fedelha agora.

− Tá certo, Fedelho. − Alby suspirou, sem dúvida encerrando a conversa.− Vá procurar alguma coisa para jantar, a sua terrível sentença de *um dia* de prisão foi cumprida.

− Um foi muito. − Apesar de desejar respostas, Thomas estava pronto para ficar longe do Amansador. Além disso, estava faminto. Sorriu meio de lado para Alby, depois foi direto até a cozinha em busca de comida.

O jantar estava delicioso.

Caçarola sabia que Thomas chegaria tarde, então reservara um prato cheio de rosbife e batatas; um bilhete avisava que havia biscoitos no armário. O Cozinheiro parecia mesmo disposto a confirmar o apoio a Thomas que demonstrara no Conclave. Minho apareceu enquanto Thomas comia, preparando-o um pouco antes do primeiro grande dia de treinamento como Corredor, dando-lhe algumas dicas e informações interessantes. Coisas em que já ir pensando quando fosse dormir naquela noite.

Depois de terminarem, Thomas voltou para o lugar retirado onde dormira na noite anterior, no canto atrás do Campo-santo. Pensava sobre a conversa com Chuck, imaginando como seria ter pais para lhe desejar boa-noite.

Diversos garotos perambularam pela Clareira naquela noite, mas na maior parte do tempo tudo ficou em silêncio, como se todos só quisessem ir dormir, encerrar o dia e se dar por satisfeitos. Thomas não se queixava − era exatamente disso que precisava.

As mantas que lhe tinham dado na noite anterior ainda estavam no mesmo lugar. Ele se acomodou entre elas, ajeitando-se no canto onde os muros de pedra se encontravam em um tufo espesso de hera macia. Sorveu os aromas misturados da floresta quando

respirou fundo, tentando relaxar. O ar parecia perfeito e o fez pensar outra vez no clima daquele lugar. Nunca chovia, nunca nevava, nunca era quente ou frio demais. Não fosse pelo detalhe de terem sido arrancados dos amigos e familiares e aprisionados em um Labirinto com um bando de monstros, poderia ser o paraíso.

Algumas coisas ali eram perfeitas demais. Ele sabia disso, mas não tinha explicação para o fato.

Seus pensamentos se desviaram para o que Minho lhe falara durante o jantar sobre o tamanho e a escala do Labirinto. Ele acreditou em tudo − já percebera a escala gigantesca quando estivera no Penhasco. Mas não conseguia imaginar como podia ter sido feita uma construção como aquela. O Labirinto se estendia por quilômetros e quilômetros. Os Corredores precisavam estar em uma forma sobre-humana para fazer o que faziam todos os dias.

E ainda assim *nunca* tinham encontrado uma saída. Apesar disso, apesar da total desesperança da situação, eles não desistiam.

No jantar, Minho contara-lhe uma velha história − envolvendo coisas bizarras e imprevisíveis de que se lembrava de antes − sobre uma mulher que ficara presa em um labirinto. Ela escapara por nunca tirar sua mão direita dos muros do labirinto, deslizando ao longo deles enquanto caminhava. Ao fazer isso, ela era forçada a virar à direita a cada volta, e as simples leis da física e da geometria asseguraram que ela por fim encontrasse a saída. Isso fazia sentido.

Mas não ali. Ali, todos os caminhos retornavam à Clareira. Eles deviam estar deixando de entender *alguma coisa*.

Amanhã começaria o treino dele. Amanhã poderia começar a ajudá-los a descobrir o que estavam deixando de entender. Naquele exato momento Thomas tomou uma decisão. Esquecer todas aquelas coisas estranhas. Esquecer todas as coisas ruins. Esquecer tudo. Não desistiria enquanto não desvendasse o enigma do labirinto e encontrasse o caminho de volta para casa.

Amanhã. A palavra flutuou na sua mente até que ele finalmente pegou no sono.

32

Minho acordou Thomas antes do amanhecer, fazendo sinal com uma lanterna para que o seguisse até a Sede. Thomas afastou com facilidade a zonzeira matinal, empolgado por começar o treinamento. Jogou a manta de lado e seguiu ansiosamente atrás do seu professor, desviando dos muitos Clareanos que dormiam sobre o gramado, os seus roncos sendo o único sinal de que não estavam mortos. O brilho fugaz do amanhecer iluminava a Clareira, distribuindo uma tonalidade azul-escura entremeada de sombras. Thomas nunca vira o lugar parecer tão sossegado. Um galo cantou no Sangradouro.

Por fim, ao chegarem a uma fenda toda irregular num canto nos fundos da Sede, Minho tirou do bolso uma chave e abriu uma porta desconjuntada que levava a uma pequena despensa. Thomas sentiu um calafrio de expectativa, imaginando o que haveria ali dentro. Teve uma visão de cordas e correntes, além de outros objetos estranhos enquanto a lanterna de Minho corria pelo ambiente. Por fim, a luz encontrou uma caixa aberta repleta de tênis de corrida. Thomas quase riu, parecia algo muito comum.

− Aqui você encontra o equipamento número um − anunciou Minho. − Pelo menos pra gente. Eles nos mandam outros novos pela Caixa de vez em quando. Se não tivéssemos calçados adequados, os nossos pés seriam mais feios do que marcianos. − Ele se curvou sobre a caixa e revirou a pilha de tênis. − Que tamanho você usa?

− Tamanho? − Thomas pensou por um segundo. − Eu não sei. − Era estranho como às vezes lembrava e às vezes não. Abaixando-se, tirou um dos tênis que usava desde que chegara à Clareira e olhou por dentro. − Quarenta e três.

− Caramba, trolho, você tem um pezão. − Minho endireitou-se segurando um par de tênis prateados. − Parece que consegui encontrar um. Cara, dava para praticar canoagem com estas coisas.

− Estes são bonitos. − Thomas admirou os tênis e afastou-se da despensa para sentar-se no chão, ansioso por experimentá-los. Minho pegou mais algumas coisas antes de juntar-se novamente a ele.

− Só os Corredores e os Encarregados têm desses − falou Minho. Antes que Thomas pudesse desviar o olhar dos cadarços que amarrava, um relógio de pulso de plástico caiu no seu colo. Era preto e muito simples, com apenas um mostrador digital da hora. − Coloque-o e nunca mais tire. A sua vida pode depender dele.

Thomas ficou contente com o relógio. Embora o sol e as sombras parecessem ter sido suficientes até então para calcular mais ou menos as horas, ser um Corredor talvez exigisse mais precisão. Ele afivelou o relógio no pulso e depois terminou de amarrar os tênis.

Minho continuou falando:

− Aqui está uma mochila, garrafas de água, lancheira, alguns shorts e camisetas, mais umas coisinhas. − Ele cutucou Thomas, que ergueu os olhos. Minho segurava duas cuecas de elástico bem justas, feitas de um material branco resplandecente. − Estas são cuecas próprias para os Corredores. Fique com elas, são macias e confortáveis.

− Macias e confortáveis?

− Tá, eu sei. O seu...

− Tá, entendi. − Thomas pegou as cuecas e as outras coisas. − Parece que vocês pensam em tudo, hein?

− Depois de dois anos correndo sem parar todo dia, você acaba descobrindo o que é melhor e sabe o que pedir. − Ele começou a guardar coisas na própria mochila.

Thomas estava surpreso.

− Quer dizer que podem fazer pedidos? Os suprimentos que precisarem? − Por que será que as pessoas que os tinham mandado para lá eram tão solícitas?

− Claro que podemos. É só deixar um bilhete na Caixa e pronto. Isso não significa que sempre conseguimos o que queremos dos Criadores. Às vezes conseguimos, às vezes não.

− Já pediram um mapa?

Minho deu uma risada.

− Já, bem que tentamos. Pedimos uma TV também, mas não demos sorte. Acho que aqueles mértilas não querem que a gente veja como a vida é maravilhosa quando você não mora num maldito labirinto.

Thomas sentiu uma pontada de dúvida sobre se a vida seria tão ótima de onde tinham vindo − que tipo de mundo permitia que as pessoas obrigassem garotos a viver daquela maneira? O pensamento o surpreendeu, como se ele estivesse embasado numa lembrança real, uma centelha de luz nas trevas da sua mente. Mas passou depressa. Abanando a cabeça, acabou de amarrar os tênis, depois se levantou e correu em círculo no lugar, saltando para cima e para baixo para testá-los.

− Parecem muito bons. Acho que estou pronto.

Minho ainda estava agachado sobre a mochila no chão; relanceou o olhar para Thomas com um olhar de reprovação.

− Você parece um idiota, saltitante aí feito uma bailarina de mértila. Boa sorte lá fora sem o café da manhã, sem levar lanche, sem armas.

Thomas já parara de se mover, sentindo um arrepio gelado.

− Armas?

− Armas. − Minho levantou-se e voltou à despensa. − Vem cá, vou mostrar.

Thomas seguiu Minho até a salinha e observou enquanto ele puxava umas caixas da parede ao fundo. Embaixo delas via-se um pequeno alçapão. Minho levantou-o para revelar uma escada de madeira que levava a um local escuro.

− A gente guarda no porão para que trolhos como o Gally não possam encontrá-las. Venha.

Minho foi na frente. A escada rangia ao menor movimento enquanto desceram mais ou menos uma dezena de degraus. O ar frio era refrescante, apesar da poeira e do forte cheiro de mofo. Chegaram a um local imundo, e Thomas não conseguia ver nada enquanto Minho não acendeu uma lâmpada que pendia de cima por um fio.

O cômodo era maior do que Thomas esperava, no mínimo com uns dez metros quadrados. As paredes estavam forradas de prateleiras e viam-se por ali algumas mesas pesadas de madeira; tudo que podia ver estava coberto com todo tipo de lixo, o que lhe deu calafrios. Postes de madeira, espetos de metal, grandes pedaços de tela − do tipo usado para fazer galinheiros −, rolos de arame farpado, serras, facas, espadas. Uma parede inteira era dedicada a equipamentos de arqueiro: arcos de madeira, flechas, cordas sobressalentes. A visão daquilo trouxe-lhe à lembrança a imagem de Ben sendo alvejado por Alby no Campo-santo.

− Uau! − murmurou Thomas, a voz soando como um golpe seco no ambiente fechado. A princípio ficou aterrorizado por ver que precisavam de tantas armas, mas sentiu-se aliviado ao notar que a imensa maioria estava coberta por uma grossa camada de poeira.

− Não usamos quase nada disso − comentou Minho. − Mas nunca se sabe. A gente só costuma levar umas duas facas afiadas.

Ele fez um movimento com a cabeça na direção de um grande baú de madeira a um canto, a tampa aberta inclinada de encontro à parede. Dentro via-se todo tipo de facas de todas as formas e tamanhos, empilhadas desordenadamente até a borda.

Thomas só desejou que a sala fosse mantida em segredo em relação à maioria dos Clareanos.

− Parece um tanto perigoso ter toda essa coisa − comentou ele. − Já pensou se o Ben tivesse descido aqui logo depois de pirar daquele jeito e ter me atacado?

Minho tirou as chaves do bolso e chacoalhou-as.

− Só uns poucos caras de sorte têm um molho destes.

− Ainda assim…

− Cale essa matraca e pegue logo duas. Veja se estão boas e afiadas. Depois vamos tomar o café da manhã e preparar o nosso

lanche. Quero passar ainda algum tempo na Casa dos Mapas antes de irmos.

Thomas ficou empolgado ao ouvir aquilo − estava curioso sobre o edifício atarracado desde que vira pela primeira vez um Corredor passar pela sua porta ameaçadora. Escolheu uma adaga prateada curta com cabo de borracha, depois uma com uma lâmina preta comprida. Sua empolgação desvaneceu-se um pouco. Por mais que soubesse perfeitamente bem o que vivia no Labirinto, ainda assim não queria pensar sobre o motivo de serem necessárias armas para ir até lá.

Meia hora depois, alimentados e equipados, eles se achavam em frente à porta de metal cheia de rebites da Casa dos Mapas. Thomas estava ansioso para conhecer lá dentro. O dia amanhecia em toda a sua glória, e os Clareanos andavam por toda parte, preparando-se para mais uma jornada. O aroma de bacon frito impregnava o ar − Caçarola e a sua equipe tentando dar conta de dezenas de estômagos famintos. Minho destrancou a porta, girou a roda da fechadura até ouvir-se um estalido interior, depois a puxou. Com um rangido sinistro, a pesada placa de metal deslizou para o lado até se abrir toda.

− Você primeiro − falou Minho, fazendo uma reverência de zombaria.

Thomas entrou sem dizer nada. Um temor gelado, misturado com uma curiosidade intensa, o dominava, e ele precisou se lembrar de respirar.

A sala às escuras recendia a mofo e umidade, além de um odor tão intenso de cobre que dava para sentir o gosto. Uma lembrança distante no tempo, de ter chupado moedas daquele metal quando criança, surgiu de repente em sua mente.

Minho acionou um interruptor e várias fileiras de luzes fluorescentes piscaram até se iluminarem completamente, revelando a sala em todos os detalhes.

Thomas surpreendeu-se com a simplicidade do local. Com cerca de seis metros de largura, a Casa dos Mapas tinha paredes de

concreto desprovidas de qualquer decoração. Bem no centro via-se uma mesa de madeira, com oito cadeiras dispostas ao seu redor. Conjuntos de lápis e papel arrumados com cuidado jaziam sobre a superfície da mesa, cada um deles correspondendo a uma das cadeiras. Os únicos outros artigos na sala eram oito baús, exatamente como aquele que continha facas no porão de armas. Fechados, eles eram igualmente espaçados, dois contra cada parede.

− Bem-vindo à Casa dos Mapas − falou Minho. − O lugar mais feliz que você poderia visitar.

Thomas ficou um pouco decepcionado − esperava alguma coisa mais interessante. Respirou profundamente.

− Pena que tenha o cheiro de uma mina de cobre abandonada.

− Até que gosto desse cheiro. − Minho puxou duas cadeiras e sentou-se em uma delas. − Pode sentar, quero que guarde umas imagens na cabeça antes de sair para lá.

Depois que Thomas sentou-se, Minho pegou uma folha de papel e um lápis e começou a desenhar. Thomas inclinou-se para observar melhor e viu que Minho tinha desenhado uma caixa grande, que ocupava quase toda a página. Depois ele a encheu com caixas menores até que ficou parecendo exatamente com um jogo da velha fechado, três fileiras de três quadrados, todos do mesmo tamanho. Ele escreveu a palavra “CLAREIRA” no meio, depois numerou os quadrados exteriores de um a oito, começando pelo canto superior esquerdo e indo no sentido horário. Por fim, desenhou pequenos cortes aqui e ali.

− Estas são as Portas − informou Minho. − Você conhece as da Clareira, mas existem mais outras quatro no Labirinto que levam para as Áreas Um, Três, Cinco e Sete. Elas permanecem no mesmo lugar, mas o caminho para lá muda com os movimentos dos muros todas as noites. − Depois de terminar, ele empurrou o papel para a frente de Thomas.

Thomas pegou-o, fascinado ao ver que o Labirinto era tão estruturado, e estudou-o enquanto Minho continuava falando.

− Portanto, temos a Clareira, cercada por oito Áreas, cada uma delas um quadrado totalmente independente e indecifrável nos dois

anos desde que começamos esse jogo insano. A única coisa que se aproxima de uma saída é o Penhasco, e não parece ser nada bom, a menos que se goste de cair para uma morte horrível. − Minho deu um tapinha no Mapa. − Os muros se movem por todo o lugar de mértila todas as noites... no mesmo momento em que as Portas se fecham. Pelo menos, pensamos que seja nessa hora, porque nunca ouvimos os muros se moverem em outro horário.

Thomas levantou os olhos do papel, feliz por poder dar uma informação.

− Não vi nada se mover naquela noite em que ficamos presos lá.

− Os corredores principais do lado de fora das Portas nunca mudam. Só os que estão um pouco mais afastados.

− Ah. − Thomas voltou ao mapa abstrato, tentando visualizar o Labirinto e ver muros de pedra onde Minho desenhara linhas.

− Sempre temos pelo menos oito Corredores, incluindo o Encarregado. Um para cada Área. Levamos o dia inteiro para mapear a nossa área, sempre na esperança de que haja uma saída. Depois voltamos e desenhamos tudo, cada dia em uma página separada. − Minho relanceou o olhar para os baús. − É por isso que aquelas mértilas lá estão sempre cheias de Mapas.

Thomas teve um pensamento depressivo − e assustador.

− Por acaso estou... substituindo alguém? Alguém morreu?

Minho abanou a cabeça.

− Não, estamos apenas treinando você... Alguém provavelmente vai querer parar. Não se preocupe, faz um bom tempo desde que um Corredor foi morto.

Por alguma razão, essa última afirmação preocupou Thomas, embora esperasse que não acontecesse nada. Ele apontou para a Área Três.

− Quer dizer que... é preciso um dia inteiro para percorrer esses quadradinhos?

− Essa é boa. − Minho levantou-se e foi até o baú logo atrás deles, ajoelhou-se, depois levantou a tampa e apoiou-a contra a parede. − Vem aqui.

Thomas já se levantara; ele se inclinou sobre o ombro de Minho e deu uma olhada. O baú era grande o bastante para conter quatro

pilhas de mapas, e todas as quatro chegavam até em cima. Cada uma delas era muito semelhante: todas traziam um esboço grosseiro do labirinto quadrado, enchendo quase toda a página. No canto superior direito, estava escrito: “Área 8”, seguido pelo nome “Hank”, depois a palavra “Dia” seguida por um número. A última trazia o dia de número 749.

Minho continuou:

− Logo no início, descobrimos que os muros se moviam. Depois disso, começamos a acompanhar. Sempre achamos que comparando as mudanças dia a dia, semana a semana, encontraríamos um padrão. E encontramos... os labirintos basicamente se repetem a cada mês mais ou menos. Mas ainda não vimos uma saída aberta que nos levasse para fora do quadrado. Nunca houve uma saída.

− E já se passaram dois anos − comentou Thomas. − Não ficaram desesperados a ponto de permanecer lá uma noite inteira, ver se talvez algo se abre enquanto os muros se movem?

Minho olhou para ele, um lampejo de raiva nos olhos.

− Isso é uma espécie de insulto, cara. Sério.

− O quê? − Thomas ficou chocado; não pensava daquele modo.

− Arriscamos o nosso traseiro lá por dois anos e tudo o que você pergunta é por que fomos tão maricas a ponto de não ficar lá durante a noite? Alguns tentaram bem no começo... Todos apareceram mortos. Quer passar outra noite lá? Arriscar de novo as suas chances de sobreviver, hein?

O rosto de Thomas ficou vermelho de vergonha.

− Não. Me desculpe. − De repente ele se sentiu uma porcaria. E certamente concordava: faria muito melhor em voltar são e salvo à Clareira todas as noites do que provocar outra batalha contra os Verdugos. Estremeceu só de pensar.

− Muito bem, então. − Minho voltou a olhar para o mapa no baú, para alívio de Thomas. − A vida na Clareira pode não ser uma maravilha, mas pelo menos é segura. Não falta comida, somos protegidos contra os Verdugos. Sem chance de pedir aos Corredores para se arriscar a ficar por lá... sem chance. Pelo menos

até agora. Enquanto algo nesses padrões não der uma dica de que uma saída possa se abrir, mesmo temporariamente.

− Vocês estão perto disso? Alguma coisa progrediu?

Minho deu de ombros.

− Não sei. É um tanto desanimador, mas não sabemos que outra coisa poderíamos fazer. Não podemos deixar de achar que um dia, em um ponto, em algum lugar, possa aparecer uma saída. Não podemos desistir. Nunca.

Thomas concordou, aliviado com essa atitude. Por ruins que fossem as coisas, desistir só pioraria ainda mais.

Minho pegou várias folhas do baú, os Mapas dos últimos dias. Enquanto os folheava, ele explicava:

− Fazemos comparações dia a dia, semana a semana, mês a mês, como eu estava dizendo. Cada Corredor é responsável pelo Mapa de sua própria Área. Pra ser sincero, não descobrimos chongas nenhuma. Ainda mais sincero: não sabemos o que estamos procurando. Isso é uma droga, cara. Realmente uma grande droga.

− Mas não podemos desistir. − Thomas disse aquilo em um tom neutro, como numa repetição resignada do que Minho dissera havia alguns instantes. Dissera “nós” sem mesmo pensar a respeito, e percebeu que agora fazia mesmo parte da Clareira.

− É isso aí, cara. Não podemos desistir. − Com cuidado, Minho colocou de volta os papéis no baú, depois levantou-se. − Bem, temos que tentar o mais rápido possível enquanto estivermos aqui... Nos primeiros dias, você vai apenas me seguir para todo lugar que eu for. Está pronto?

Thomas sentiu um aperto de nervosismo por dentro, estrangulando o seu estômago. Aquilo era de verdade... agora era para valer, sem falar ou pensar mais a respeito.

− Hã... estou.

− Nada de “hãs” por aqui. Está pronto ou não está?

Thomas olhou para Minho, encontrando o seu olhar repentinamente implacável.

− Estou pronto.

− Então vamos correr.

33

Eles atravessaram a Porta Oeste para dentro da Área Oito e seguiram por vários corredores, Thomas logo atrás de Minho, enquanto ele virava à direita e à esquerda sem parecer pensar a respeito, correndo o tempo todo. A luz do início da manhã se espalhava por toda parte, tornando tudo mais brilhante e nítido − a hera, os muros rachados, os blocos de pedra do chão. Embora o sol ainda fosse demorar algumas horas para chegar ao ponto mais alto acima deles, a luz era abundante para terem uma visão clara. Thomas fazia o melhor possível para acompanhar Minho, precisando apressar o passo de vez em quando para seguir no seu rastro.

Finalmente chegaram a um corte retangular em uma parede comprida ao norte que se parecia com uma abertura de porta, mas sem porta propriamente dita. Minho atravessou direto sem parar.

− Isto leva da Área Oito... o quadrado à esquerda da parte central... para a Área Um... o quadrado no alto e à esquerda. Como eu disse, essa passagem está sempre no mesmo lugar, mas o caminho aqui pode ser um pouco diferente porque os muros mudam de lugar.

Thomas o seguiu, surpreso ao ver quanto a sua respiração já se tornara pesada. Esperava que fosse apenas o nervosismo, que a respiração logo fosse voltar ao normal.

Seguiram por um corredor comprido à direita, dando diversas guinadas à esquerda. Quando chegaram ao fim da passagem, Minho reduziu o ritmo a pouco mais que uma caminhada e colocou

o braço para trás, a fim de tirar do bolso lateral da mochila um lápis e um bloco de anotações. Fez uma anotação, depois devolveu o material ao mesmo lugar, nunca parando completamente. Thomas ficou imaginando o que escrevera, mas Minho respondeu antes que chegasse a fazer a pergunta.

− Eu confio... na maior parte... na memória − o Encarregado bufava, a voz finalmente mostrando sinais de cansaço. − Mas a cada cinco voltas mais ou menos, tomo nota de alguma coisa que me ajude mais tarde. A maior parte relacionada ao que observei no dia anterior... o que está diferente hoje. Depois posso usar o Mapa de ontem para fazer o de hoje. Moleza, cara.

Thomas estava intrigado. Minho *fizera* parecer fácil.

Eles correram durante mais algum tempo antes de chegar a um cruzamento. Tinham três escolhas possíveis, mas Minho seguiu à direita sem hesitar. Quando fez isso, pegou uma das facas do bolso e, sem perder o ritmo, cortou um grande pedaço de hera do muro. Lançou-o ao chão atrás de si e continuou correndo.

− Migalhas de pão? − indagou Thomas, lembrando-se do antigo conto de fadas. Aqueles estranhos lampejos do passado já quase não o surpreendiam mais.

− Migalhas de pão − confirmou Minho. − Sou o João, você a Maria.

Foram em frente, seguindo o curso do Labirinto, ora virando à direita, ora à esquerda. Depois de cada volta, Minho cortava e lançava ao chão um pedaço de hera de quase um metro. Thomas não podia deixar de ficar impressionado − Minho nem precisava diminuir a marcha para fazer aquilo.

− Muito bem − falou o Encarregado, respirando mais pesadamente agora. − Sua vez.

− O quê? − No seu primeiro dia, Thomas não esperava fazer nada a não ser correr e observar.

− Corte a hera agora... Precisa se acostumar a fazer isso durante a corrida. Recolhemos tudo na volta, ou atiramos para o lado.

Thomas ficou mais contente do que pensara por ter alguma coisa para fazer, embora precisasse de algum tempo para adquirir prática. Nas duas primeiras vezes, precisou acelerar o passo para se

preparar para cortar a hera, e numa ocasião espetou o dedo. Mas lá pela décima tentativa estava quase tão bom quanto Minho na tarefa.

Seguiram sempre em frente. Depois de terem corrido por um tempo − Thomas não fazia ideia do tempo nem da distância percorrida, mas imaginava uns cinco quilômetros −, Minho reduziu a marcha para uma caminhada, depois parou por completo.

− Intervalo. − Pegou a mochila e tirou dela uma garrafa de água e uma maçã.

Thomas não precisou ser convencido a imitar Minho. Engoliu a sua água, apreciando o frescor úmido enquanto ela banhava-lhe a garganta seca.

− Vá com calma, cabeça de bagre − repreendeu Minho. − Guarde um pouco para mais tarde.

Thomas parou de beber, deu uma boa respirada, depois arrotou. Mordeu um pedaço da maçã, sentindo-se surpreendentemente renovado. Por algum motivo, voltou a pensar no dia em que Minho e Alby tinham saído para ver o Verdugo morto − quando tudo virara um plong.

− Você nunca chegou a me contar o que aconteceu com o Alby naquele dia... por que ele ficou tão mal daquele jeito. Obviamente, o Verdugo acordou, mas o que *aconteceu*?

Minho já recolocara a mochila nas costas. Parecia pronto para partir.

− Bem, aquela mértila não estava morta. Alby cutucou-a com o pé como um idiota e o monstro de repente ganhou vida, os ferrões disparando, o corpanzil balofo rolando para cima dele. Mas parecia haver algo errado com aquela coisa... ela não atacou como de costume. Era como se estivesse mais preocupada em fugir dali, e o coitado do Alby estava no caminho.

− Então ela fugiu de vocês? − Pelo que vira apenas algumas noites antes, Thomas não podia imaginar isso.

Minho deu de ombros.

− Pois é, é o que acho... talvez aquela coisa precisasse ser recarregada ou algo assim. Sei lá.

− O que poderia estar errado com ela? Viu algum ferimento ou coisa parecida? − Thomas não sabia que tipo de resposta estava

buscando, mas estava certo de que tinha de haver uma dica ou uma lição a aprender com o que acontecera.

Minho pensou por um minuto.

− Não. Aquela mértila só parecia morta... como uma estátua de cera. Depois, bum, voltou à vida.

Thomas pensava furiosamente, tentando concluir alguma coisa, só para ter por onde ou por que começar.

− Fico imaginando para onde ela *foi*. Para onde sempre vão. Você não? − Ficou em silêncio por um segundo, depois continuou: − Nunca pensou em segui-las?

− Cara, você deve *mesmo* querer morrer, hein? Vamos, precisamos ir. − E com esse comentário Minho reiniciou a corrida.

Enquanto o seguia, Thomas tentou imaginar o que o incomodava no fundo dos pensamentos. Algo sobre o Verdugo estar morto e depois não morto, algo sobre para onde teria ido depois de se reanimar...

Frustrado, deixou os pensamentos de lado e correu para alcançar Minho.

Thomas correu logo atrás de Minho por mais duas horas, intercaladas por pequenos intervalos que pareciam tornar-se cada vez mais breves. Em boa forma ou não, Thomas sentia o esforço.

Por fim, Minho parou e tirou a mochila mais uma vez. Eles sentaram-se no chão, recostando-se contra a hera macia enquanto faziam um lanche, nenhum deles falando muito. Thomas saboreava cada bocado do seu sanduíche e das verduras e legumes, comendo o mais devagar possível. Sabia que Minho mandaria levantar assim que acabassem de comer, então não teve pressa.

− Tem alguma coisa diferente hoje? − quis saber Thomas, curioso.

Minho estendeu o braço e deu um tapinha na mochila, onde repousavam os seus apontamentos.

− Só os movimentos habituais dos muros. Nada com que pensar em se assanhar.

Thomas sorveu um longo gole de água, erguendo os olhos para o muro coberto de hera à frente deles. Avistou um lampejo prateado e

vermelho, algo que já vira mais de uma vez naquele dia.

− Qual é a desses besouros mecânicos? − indagou. Eles pareciam estar por toda parte. Então Thomas lembrou-se do que vira no Labirinto... algo que acontecera e não tivera a oportunidade de mencionar. − E por que eles têm a palavra *cruel* escrita nas costas?

− Nunca consegui pegar um. − Minho terminou a refeição e jogou fora a caixa do lanche. − E não sabemos o que essa palavra significa... provavelmente é alguma coisa para nos assustar. Mas devem ser espiões. *Deles*. A única coisa que podemos admitir.

− Quem são *eles*, afinal? − indagou Thomas, pronto para mais respostas. Ele odiava as pessoas por trás do Labirinto. − Alguém tem uma pista?

− Não sabemos chongas sobre os estúpidos Criadores. − O rosto de Minho se avermelhou e ele espremeu as mãos como se estivesse estrangulando alguém. − Não posso esperar para pegar o...

Mas antes que o Encarregado terminasse, Thomas estava de pé do outro lado do corredor.

− O que foi isso? − interrompeu ele, encaminhando-se para um lampejo de cinza que acabara de notar por trás da hera no muro, à altura da cabeça.

− Ah, sim, isso − disse Minho, a voz indiferente.

Thomas esticou o braço e afastou as cortinas de hera, depois olhou sem palavras para o quadrado de metal pregado na pedra com palavras estampadas em grandes letras maiúsculas. Estendeu a mão e correu os dedos sobre elas, como se não acreditasse no que via.

CATÁSTROFE E RUÍNA UNIVERSAL:
EXPERIMENTO LETAL

Leu as palavras em voz alta, depois tornou a olhar para Minho.

− O que é isso? − Aquilo lhe deu um calafrio; devia ter algo a ver com os Criadores.

− Sei lá, trolho. Estão por toda a parte, como rótulos malucos do lindo e maravilhoso Labirinto que construíram. Parei de me

incomodar com isso faz tempo.

Thomas voltou-se para olhar a placa, tentando controlar o sentimento de condenação que surgia em seu íntimo.

− Não há muita coisa aqui que pareça boa. Catástrofe. Ruína. *Experimento letal*. Uma beleza.

− É, uma beleza mesmo, Fedelho. Vamos.

Relutante, Thomas deixou os galhos voltarem ao seu lugar anterior e jogou a mochila sobre os ombros. Em seguida partiram, as seis palavras abrindo buracos na mente dele.

Uma hora depois do lanche, Minho parou no fim de um corredor comprido. Ele era reto, com muros sólidos, sem aberturas.

− O último beco sem saída − disse ele para Thomas. − Hora de voltar.

Thomas engoliu bastante ar, tentando não pensar que aquilo era só a metade do caminho do dia.

− Nada de novo?

− Só as mudanças de costume pelo caminho que fizemos até aqui... Falta metade para acabar o dia − replicou Minho, enquanto olhava para o relógio sem aparentar nenhuma emoção. − Vamos voltar. − Sem esperar por resposta, o Encarregado fez meia-volta e saiu correndo na direção de onde tinham vindo.

Thomas o seguiu, frustrado por não terem tempo para examinar os muros, explorar um pouco. Por fim, acompanhou o ritmo de Minho.

− Mas...

− Cale a boca, meu. Lembre-se do que eu disse antes: não arrisque tudo de uma vez. Além do mais, pense nisso. Você acha mesmo que existe uma saída em algum lugar? Uma passagem secreta ou algo parecido?

− Não sei... talvez. Por que pergunta desse jeito?

Minho abanou a cabeça, deu uma grande cuspida para a esquerda.

− Não existe saída. Só mais da mesma coisa. Um muro depois de um muro depois de um muro. Sólido.

Thomas sentiu o peso da verdade, mas resistiu de qualquer modo.

− Como você sabe?

− Porque as pessoas que mandam os Verdugos atrás de nós não vão facilitar a nossa fuga.

Isso fez Thomas duvidar completamente do sentido daquilo que estavam fazendo.

− Então por que se incomodar em vir aqui?

Minho o encarou.

− Por que se *incomodar*? Por causa disso: para ter uma razão. Mas se acha que vamos encontrar um belo portão que leva para a Cidade Feliz, está redondamente enganado.

Thomas olhou para a frente, sentindo-se tão sem esperança que quase chegou a parar.

− Que saco.

− É a coisa mais inteligente que já disse, Fedelho.

Minho sorveu uma boa quantidade de ar e continuou correndo, e Thomas fez a única coisa que sabia fazer. Foi atrás dele.

O restante do dia transcorreu em meio a uma névoa de exaustão para Thomas. Ele e Minho voltaram para a Clareira, foram até a Casa dos Mapas, anotaram o caminho do dia pelo Labirinto, compararam-no com o dia anterior. Depois os muros se fecharam e veio o jantar. Chuck tentou conversar com ele várias vezes, mas tudo o que Thomas conseguiu fazer foi balançar a cabeça ou abaná-la de vez em quando, mal escutando o que o garoto falava de tão cansado que estava.

Antes que o crepúsculo se transformasse em escuridão total, ele já estava pronto no seu novo lugar favorito no canto da floresta, recurvado contra a hera, imaginando se conseguiria correr outra vez. Perguntando-se como seria possível fazer a mesma coisa no dia seguinte. Especialmente quando parecia tão sem sentido. Ser um Corredor perdera todo o encanto. Depois de apenas um dia.

Cada grama da nobre coragem que sentira, a vontade de fazer a diferença, a promessa que fizera a si mesmo de devolver Chuck à família − tudo se desvanecera em uma neblina exaustiva de desesperança, um esgotamento profundo.

Estava bem próximo de dormir quando uma voz falou em seu pensamento, uma bela voz feminina que soava como se viesse de uma fada presa em seu crânio. Na manhã seguinte, quando tudo começava a enlouquecer, ele imaginaria se a voz fora de verdade ou parte de um sonho. Mas ainda assim ele ouviu tudo, e recordou-se de cada palavra:

“Tom, acabei de desencadear o Término”.

34

Thomas acordou com uma luminosidade fraca e sem vida. Seu primeiro pensamento foi que despertara mais cedo do que o habitual, devia faltar ainda uma hora para o sol nascer. Mas então ouviu os gritos. E depois olhou para cima, através da densa cobertura de ramos.

O céu era uma laje opaca cinzenta − não com a luz clara natural da manhã.

Levantou-se de um salto, apoiou a mão no muro para se firmar enquanto esticava o pescoço para observar o céu. Nem sinal do azul, nem do preto, nem das estrelas, nada da resplandecência púrpura de uma manhã despontando. O céu, cada centímetro dele, estava cinzento. Sem cor e morto.

Olhou para o relógio − passara uma hora inteira do seu horário obrigatório de levantar. Teria acordado com o brilho do sol − como sempre fizera sem dificuldade desde a chegada à Clareira. Mas isso não ocorrera hoje.

Olhou de novo para cima, como se esperasse que tudo tivesse mudado e voltado ao normal. Mas continuava cinzento. Nenhuma nuvem, nada de crepúsculo, nem os primeiros minutos do amanhecer. Só aquele tom acinzentado.

O sol desaparecera.

Thomas encontrou a maioria dos Clareanos parados perto da entrada da Caixa, apontando para o céu morto, todo mundo falando ao mesmo tempo. Àquela hora, o café da manhã já deveria ter sido

servido, as pessoas deveriam estar trabalhando. Mas o desaparecimento do maior item do sistema solar tornara-se o assunto predominante, e todos os horários normais foram desajustados.

Na verdade, enquanto observava em silêncio a comoção, Thomas não se sentiu em pânico ou amedrontado quanto os seus instintos indicavam que deveria se sentir. E surpreendeu-o que tantos outros parecessem como galinhas perdidas atiradas para fora do galinheiro. Na verdade, era ridículo.

O sol obviamente *não* desaparecera − isso não era possível.

Embora fosse isso que parecesse ter acontecido − em nenhuma parte viam-se os sinais da bola de fogo incandescente, as sombras inclinadas da manhã estavam ausentes. Mas ele e todos os Clareanos eram de longe por demais racionais e inteligentes para concluir uma coisa dessas. Não, deveria haver uma razão cientificamente aceitável para o que estavam testemunhando. E não importava o que fosse, para Thomas significava uma coisa: o fato de não poderem mais ver o sol queria dizer que, em primeiro lugar, nunca tinham sido capazes disso. Um sol não podia simplesmente desaparecer. O céu deles devia ter sido − e ainda era − fabricado. Artificial.

Em outras palavras, o sol que brilhara sobre aquelas pessoas durante dois anos, proporcionando calor e vida a tudo, não era o sol coisíssima nenhuma. De alguma forma, era falso. Tudo naquele lugar era falso.

Thomas não sabia o que isso significava, não sabia como era possível. Mas sabia que essa era a verdade − era a única explicação que a sua mente racional podia aceitar. E a julgar pelas reações dos outros Clareanos, era óbvio que nenhum deles percebera isso até o momento.

Chuck o encontrou e a expressão de medo no semblante do garoto tocou-lhe o coração.

− O que você acha que aconteceu? − indagou Chuck, um tremor de dar dó na sua voz, os olhos grudados no céu. Thomas pensou que o pescoço dele devia estar doendo terrivelmente. − Parece um grande teto cinzento... tão perto que a gente quase pode tocá-lo.

Thomas acompanhou o olhar de Chuck e levantou a cabeça.

− É, faz a gente pensar sobre este lugar. − Pela segunda vez em vinte e quatro horas, Chuck matara a charada. O céu *parecia* um teto. Como o teto de um quarto imenso. − Talvez tenha dado algum defeito. Quer dizer, talvez ele volte a ser o que era.

Finalmente, Chuck parou de se admirar com o céu e olhou nos olhos de Thomas.

− Algum defeito? O que está querendo dizer com isso?

Antes que Thomas pudesse responder, a lembrança distante da noite anterior, antes de adormecer, ocorreu-lhe de repente, as palavras de Teresa nos seus pensamentos. Ela dissera: “Acabei de desencadear o Término”. Não poderia ser uma coincidência, poderia? Sentiu um ardor azedo avolumar-se no estômago. Fosse qual fosse a explicação, o que quer que tivesse acontecido no céu, o sol, fosse ele verdadeiro ou não, desaparecera. E isso não podia ser uma coisa boa.

− Thomas? − chamou Chuck, batendo-lhe de leve no antebraço.

− O que é? − A mente de Thomas parecia enevoada.

− O que você quis dizer com defeito? − repetiu Chuck.

Thomas sentia que precisava de tempo para pensar em tudo.

− Ah... sei lá! Deve haver coisas a respeito deste lugar que nós obviamente não entendemos. Mas não se pode fazer o sol desaparecer do espaço. Além do mais, ainda temos bastante luz para ver tudo, por mais fraca que seja. De onde será que ela vem?

Chuck arregalou os olhos, como se o segredo mais profundo e tenebroso do universo acabasse de lhe ser revelado.

− É, de onde será que ela *vem*? O que está acontecendo, Thomas?

Thomas esticou o braço e apertou o ombro do garoto. Sentia-se estranho.

− Não faço ideia, Chuck. Nenhuma ideia. Mas tenho certeza de que Newt e Alby vão descobrir.

− Thomas! − Minho vinha correndo na direção deles. − Interrompa o seu recreio aqui com o Chuck e vamos indo. Já estamos atrasados.

Thomas sentia-se atordoado. Por alguma razão esperava que aquele céu estranho tivesse jogado pela janela todos os planos normais.

− Vocês ainda pretendem ir para lá? − indagou Chuck, surpreso também. Thomas sentiu-se grato com o garoto por ter feito a pergunta em seu lugar.

− Mas é claro que sim, trolho − respondeu Minho. − Você não tem de fazer a limpeza? − Ele deslocou o olhar de Chuck para Thomas. − No mínimo, isso nos fornece ainda mais motivos para darmos o fora daqui. Se o sol realmente sumiu, não vai demorar muito para que as plantas e animais caiam mortos também. Acho que o desespero aumentou consideravelmente.

A última frase dele tocou fundo em Thomas. Apesar de todas as suas ideias − todas as coisas que expressara a Minho −, não estava ansioso para mudar o modo como as coisas tinham sido feitas durante os últimos dois anos. Sentiu um misto de empolgação e temor quando entendeu o que Minho estava dizendo.

− Quer dizer que vamos ficar lá toda a noite? Vamos explorar os muros um pouco mais a fundo.

Minho balançou a cabeça.

− Não, ainda não. Mas talvez em breve. − Ele olhou na direção do céu. − Cara... que jeito de acordar. Venha, vamos embora.

Thomas permaneceu em silêncio enquanto ele e Minho se preparavam e tomavam um café da manhã rápido como um raio. Os seus pensamentos se consumiam entre o céu acinzentado e o que Teresa dissera-lhe em pensamento − pelo menos, pensava que fosse a garota − para participar de qualquer conversa.

O que será que ela queria dizer com Término? Thomas não conseguia afastar a sensação de que devia contar a alguém. A todo mundo.

Mas não sabia o que significava, e não queria que soubessem que ouvia a voz da garota dentro da cabeça. Pensariam que ficara maluco, talvez o prendessem − e para sempre dessa vez.

Depois de muita deliberação, decidiu manter a boca fechada e sair para correr com Minho no seu segundo dia de treinamento, embaixo de um céu sombrio e sem vida.

Eles avistaram o Verdugo antes mesmo de chegar à porta que levava da Área Oito para a Área Um.

Minho achava-se a alguns passos à frente de Thomas. Ele acabara de dobrar uma esquina à direita quando se deteve abruptamente, quase derrapando com os pés imóveis. Saltando para trás, agarrou Thomas pela camiseta, empurrando-o de encontro ao muro.

− Shh! − sussurrou Minho. − Há um maldito Verdugo ali adiante.

Thomas arregalou os olhos numa pergunta muda, sentiu o coração acelerar, muito embora já estivesse batendo forte e seguidamente.

Minho apenas inclinou a cabeça afirmativamente, depois pôs o dedo sobre os lábios. Soltou a camiseta de Thomas e deu um passo atrás, em seguida esgueirou-se com cuidado para a esquina onde vira o Verdugo. Bem devagar, inclinou-se para a frente a fim de dar uma olhada. Thomas teve vontade de gritar-lhe para que tomasse cuidado.

Minho recuou a cabeça com força e voltou-se para encarar Thomas. A sua voz soou ainda como um sussurro.

− Ele está sentado lá... quase como aquele que pensamos que estivesse morto.

− O que vamos fazer? − indagou Thomas, falando o mais baixo possível. Tentava ignorar o pânico crescente dentro de si. − Ele está vindo na nossa direção?

− Não, idiota, acabei de lhe dizer que ele estava *sentado* lá.

− *E daí*? − Thomas ergueu as mãos para os lados em frustração. − O que vamos fazer? − Ficar tão perto de um Verdugo parecia uma ideia bem ruim.

Minho permaneceu parado por alguns segundos, pensando antes de falar.

− Precisamos seguir por ali para chegar à nossa área. Vamos só observar por enquanto... Se ele vier na nossa direção, voltamos correndo para a Clareira. − Deu mais uma espiada, depois olhou rapidamente por cima do ombro. − Droga, ele desapareceu! Vamos!

Minho não esperou uma resposta, nem viu Thomas expressar o horror que sentia, arregalando ainda mais os olhos. Minho partiu

correndo na direção em que vira o Verdugo. Embora contra os próprios instintos, Thomas o acompanhou.

Disparou pelo corredor atrás de Minho, virou à esquerda, depois à direita. A cada volta, eles diminuíam o passo para que o Encarregado pudesse observar antes de dobrarem a esquina. A cada vez ele sussurrava para Thomas que vira a cauda do Verdugo desaparecer depois da curva seguinte. Isso continuou por dez minutos, até chegarem ao longo corredor que terminava no Penhasco, além do qual não existia nada a não ser o céu inerte. O Verdugo estava se atirando na direção daquele céu.

Minho parou tão abruptamente que Thomas quase o atropelou. Depois Thomas olhou chocado à frente enquanto o Verdugo se adiantava com os seus ferrões e se lançava em direção à borda do Penhasco, caindo em seguida, no abismo cinzento. A criatura desapareceu, uma sombra engolida por mais sombras.

35

−Isso resolve tudo.

Thomas permaneceu parado ao lado de Minho na borda do Penhasco, olhando para o vazio cinzento a perder de vista. Não havia sinal de nada, à esquerda, à direita, embaixo, em cima, ou à frente, até onde a vista alcançava. Nada além de um muro de imensidão vazia.

− Resolve o quê? − indagou Thomas.

− É a terceira vez que vemos isso. Significa alguma coisa.

− É... − Thomas sabia o que ele queria dizer, mas esperou pela explicação de Minho de qualquer maneira.

− O Verdugo morto que encontrei... ele correu desse modo e nunca mais voltou ou entrou no Labirinto. Depois enganamos aqueles desgraçados que saltaram sobre nós.

− Enganamos? − indagou Thomas. − Talvez não tenha sido tanto assim.

Minho observou-o pensativo.

− Hum... De qualquer maneira, veja isso. − Ele apontou para o abismo. − Não tenho muito mais dúvidas... de alguma forma, os Verdugos conseguem *sair do Labirinto* por aqui. Parece mágica, mas o desaparecimento do sol também parece.

− Se *eles* podem sair dessa maneira − acrescentou Thomas, seguindo a linha de raciocínio de Minho −, também podemos. − Um arrepio de empolgação percorreu-lhe a espinha.

Minho deu uma risada.

− Aí está a sua vontade de morrer de novo. Quer ir atrás dos Verdugos, quem sabe comer um sanduíche com eles?

Thomas sentiu as suas esperanças desaparecerem.

− Tem ideia melhor?

− Uma coisa de cada vez, Fedelho. Vamos pegar umas pedras e fazer um teste. Deve haver algum tipo de saída escondida.

Thomas ajudou Minho enquanto procuravam pelos cantos e frestas do Labirinto, recolhendo quantas pedras encontrassem. Conseguiram mais cutucando rachaduras nos muros, deixando cair pedaços de rocha no chão. Quando finalmente reuniram uma pilha considerável, levaram as pedras para perto da borda e sentaram-se, os pés balançando no ar. Thomas olhou para baixo e não viu nada a não ser um abismo cinzento.

Minho pegou o bloco de anotações e o lápis, colocando-os no chão ao lado.

− Muito bem, vamos fazer boas anotações. E procure memorizar tudo nessa sua cabeça de mértila também. Se houver algum tipo de ilusão de ótica escondendo a saída por esse lugar, não quero ser quem vai estragar tudo quando o primeiro trolho tentar saltar através dela.

− Esse trolho deveria ser o Encarregado dos Corredores − falou Thomas, tentando fazer uma piada para disfarçar o medo. Estar perto de um lugar onde os Verdugos podiam aparecer a qualquer instante causava-lhe um suadouro. − Talvez prefira ir pendurado na ponta de uma bela corda.

Minho pegou uma pedra da sua pilha.

− É isso aí. Muito bem, vamos atirar um de cada vez, em ziguezague, de um lado para o outro. Se existe algum tipo de saída mágica, tomara que funcione com as pedras também... fazendo-as desaparecer.

Thomas pegou uma pedra e atirou-a com cuidado para a sua esquerda, bem em frente de onde o muro à esquerda do corredor que levava ao penhasco encontrava a borda. O pedaço de pedra caiu. Continuou caindo. Depois desapareceu no vazio cinzento.

Minho foi o seguinte. Lançou a sua pedra a trinta centímetros além de onde Thomas tinha atirado a dele. A pedra também caiu lá

embaixo. Thomas lançou outra, a mais uns trinta centímetros de distância. Depois foi a vez de Minho. Todas as pedras mergulharam nas profundezas. Thomas continuou seguindo as ordens de Minho − eles prosseguiram até ter assinalado uma linha que chegava a pelo menos uns quatro metros a partir do Penhasco, depois mudaram o padrão de trinta centímetros do alvo para direita e começaram a voltar na direção do Labirinto.

Todas as pedras caíram. Terminada mais uma linha à frente, seguiram outra de volta. Todas as pedras caíram. Eles lançaram pedras suficientes para cobrir toda a metade esquerda da área à frente, alcançando a distância a que qualquer um − ou *qualquer coisa* − poderia saltar. Thomas sentia-se cada vez mais desencorajado a cada lançamento, até sentir um profundo desencanto.

Não conseguia impedir-se de se censurar − fora uma ideia estúpida.

Então a pedra seguinte de Minho desapareceu.

Foi a coisa mais estranha, mais difícil de acreditar que Thomas já vira em toda a sua vida.

Minho lançara uma pedra grande, uma das que eles haviam arrancado de uma fenda no muro. Thomas ficara observando, concentrando-se profundamente em cada uma das pedras que lançavam. Essa deixara a mão de Minho, voara em frente, quase no centro exato da linha do Penhasco, começara a sua descida para o terreno invisível lá no fundo. Então desaparecera, como se tivesse atravessado uma superfície de água ou de neblina.

Num instante estava caindo. No instante seguinte, desaparecera.

Thomas perdeu a fala.

− Já atiramos coisas do Penhasco antes − observou Minho. − Como é que não percebemos isso? Nunca vi nada desaparecer. Nunca.

Thomas tossiu; a garganta parecia em carne viva.

− Tente de novo... talvez tenha sido uma ilusão nossa ou coisa assim.

Minho repetiu o gesto, atirando a pedra no mesmo lugar. De novo, ela desapareceu completamente.

− Talvez não tenham olhado com atenção das outras vezes que lançaram coisas por aí − comentou Thomas. − Quer dizer, deveria ser impossível... às vezes não prestamos atenção nas coisas que não acreditamos que possam acontecer.

Eles atiraram o resto das pedras, mirando no ponto original e em vários centímetros ao redor dele. Para surpresa de Thomas, o ponto no qual as pedras desapareciam revelou ter apenas algo em torno de um metro quadrado.

− Não admira que não tenhamos percebido − observou Minho, tomando nota furiosamente das observações e das dimensões, esboçando um diagrama do melhor modo que pôde. − É um espaço bem pequeno.

− Os Verdugos mal devem caber nessa coisa. − Thomas continuava de olhos atentos ao quadrado flutuante invisível, tentando gravar a distância e a localização mentalmente, lembrar-se exatamente onde ficava. − E quando saem, eles devem se equilibrar na borda do buraco e saltar sobre o espaço vazio para a beira do Penhasco... se não para mais longe. Se eu posso saltar, estou certo que é fácil para eles.

Minho concluiu o desenho, depois tornou a olhar para o ponto especial.

− Como é possível, cara. Para que estamos olhando?

− Como você disse, não é magia. Deve ser alguma coisa como o nosso céu ficar cinzento. Alguma espécie de ilusão de ótica ou holograma, escondendo uma passagem. Este lugar é todo cheio de surpresas. E − Thomas admitiu para si mesmo − até que interessante. Fez um esforço para imaginar que tipo de tecnologia poderia estar por trás de tudo aquilo.

− É isso aí, cheio de surpresas, está certo. Vamos. − Minho levantou-se com um grunhido e recolocou a mochila nos ombros. − Acho melhor percorrermos o Labirinto o mais rápido que pudermos. Com a nossa nova decoração do céu, talvez tenham acontecido outras coisas estranhas por lá. Vamos contar ao Newt e ao Alby sobre isso hoje à noite. Não sei como pode ajudar, mas pelo menos sabemos agora para onde vão os mértilas dos Verdugos.

− E provavelmente de onde eles vêm − disse Thomas dando uma última olhada na passagem oculta. − O Buraco dos Verdugos.

− É, não deixa de ser um bom nome. Vamos.

Thomas ficou parado e observando, esperando Minho tomar a iniciativa. Vários minutos se passaram em silêncio e Thomas concluiu que o amigo devia estar tão fascinado quanto ele. Por fim, sem dizer uma palavra, Minho virou-se para partir. Thomas o seguiu com relutância, e eles correram pelo Labirinto cinza-escuro.

* * *

Thomas e Minho não encontraram nada além de muros de pedra e hera.

Thomas fazia o corte das ramagens e o trabalho de anotar tudo. Tinha dificuldade de reconhecer as mudanças em relação ao dia anterior, mas Minho apontava sem pestanejar onde os muros tinham se movido. Quando chegaram ao beco sem saída final e chegou a hora de voltar para casa, Thomas sentiu um ímpeto quase incontrolável de mandar tudo para o espaço e passar a noite ali, só para ver o que acontecia.

Minho pareceu perceber e segurou-lhe o ombro.

− Ainda não, cara. Ainda não.

E assim eles regressaram.

Um humor sombrio pairava sobre a Clareira, uma coisa fácil de acontecer quando está tudo cinzento. A luz fraca não mudara nem um pouco desde que tinham acordado naquela manhã e Thomas imaginou se alguma coisa poderia mudar também ao “pôr do sol”.

Minho foi direto à Casa dos Mapas quando passaram pela Porta Oeste.

Thomas surpreendeu-se. Pensava que seria a última coisa que deveriam fazer.

− Não está morrendo de vontade de contar ao Newt e ao Alby sobre o Buraco dos Verdugos?

− Ei, ainda somos Corredores − respondeu Minho −, e ainda temos um trabalho a fazer.

Thomas o acompanhou até a porta de aço do grande bloco de concreto, e Minho virou-se para dirigir-lhe um sorriso sem graça.

− Mas é verdade, vamos lá o mais depressa que pudermos para contar a eles.

Já havia outros Corredores na sala, desenhando os seus Mapas quando eles entraram. Nenhum disse uma palavra, como se todas as especulações sobre o novo céu tivessem sido esgotadas. A desesperança na sala fez Thomas sentir-se como se estivesse caminhando sobre um terreno pantanoso. Ele sabia que também devia estar exausto, mas estava muito empolgado para sentir-se assim − não podia esperar para ver a reação de Newt e Alby às notícias sobre o Penhasco.

Sentou-se à mesa e desenhou o Mapa do dia com base no que lembrava e nas anotações que fizera, com Minho observando por cima dos seus ombros o tempo todo, dando sugestões. “Acho que aquele espaço foi na verdade interrompido aqui, não ali” e “Observe melhor as proporções” e “Desenhe mais reto, seu trolho”. Ele era irritante, mas prestativo, e, quinze minutos depois de entrar na sala, Thomas observou o seu produto acabado. Sentiu-se todo orgulhoso... estava tão bom quanto qualquer outro Mapa que tinha visto.

− Nada mal − comentou Minho. − Nada mal para um Fedelho.

Minho levantou-se, encaminhou-se para o baú da Área Um e abriu-o. Thomas ajoelhou-se na frente dele, pegou o Mapa do dia anterior e colocou-o lado a lado do que acabara de desenhar.

− O que é que estou procurando? − indagou.

− Padrões. Mas observar só dois dias passados não vai lhe dizer nada. Na verdade, precisa estudar várias semanas, procurar os padrões, qualquer coisa. Sei que há alguma coisa lá, algo que vai nos ajudar. Só não consegui encontrar ainda. Como eu disse, é uma droga.

Thomas sentiu uma comichão no fundo da mente, a mesma que sentira na primeira vez que entrara ali naquela sala. Os muros do Labirinto movendo-se. Padrões. Todas aquelas linhas retas − estariam sugerindo um tipo completamente diferente de mapa?

Indicando alguma coisa? Teve uma forte impressão de que estava deixando passar alguma sugestão ou dica óbvias.

Minho deu-lhe um tapinha no ombro.

− Você pode voltar aqui quando quiser e estudar depois do jantar, depois de conversar com Newt e Alby. Vamos.

Thomas guardou os papéis no baú e trancou-o, odiando a sensação estranha que sentia. Era como uma coceira. As paredes se movendo, as linhas retas, padrões... Tinha de haver uma resposta.

− Tudo bem, vamos.

Mal tinham saído da Casa dos Mapas, a porta pesada fechando-se com um ruído forte atrás deles, quando Newt e Alby aproximaram-se, nenhum deles parecendo muito contente. A empolgação de Thomas transformou-se em preocupação.

− Oi − falou Minho. − Estávamos justamente...

− Vamos logo com isso − Alby interrompeu. − Não temos tempo a perder. Encontraram alguma coisa? Qualquer coisa?

Minho chegou a se encolher ante a recepção áspera, mas para Thomas a sua expressão pareceu mais de confusão do que de decepção ou raiva.

− É bom ver vocês também. Sim, *encontramos* alguma coisa.

Estranhamente, Alby quase pareceu decepcionado.

− Pois toda esta mértila de lugar está caindo aos pedaços. − Lançou a Thomas um olhar de desaprovação como se tudo fosse culpa dele.

“O que há de *errado* com ele?”, pensou Thomas, sentindo a própria raiva despontar. Tinham passado o dia trabalhando duro e era assim que agradeciam?

− O que está dizendo? − indagou Minho. − O que mais aconteceu?

Newt respondeu, indicando a Caixa com um movimento de cabeça enquanto falava.

− Os malditos suprimentos não chegaram hoje. Vêm toda semana há dois anos, no mesmo horário, no mesmo dia da semana. Mas hoje não.

Os quatro olharam para as portas metálicas presas ao chão. Para Thomas, parecia pairar sobre o lugar algo mais escuro do que o ar

cinzento que cobria todo o resto.

− Ah, dessa vez estamos ferrados − suspirou Minho, sua reação alertando Thomas sobre até que ponto a situação era grave.

− Sem sol para as plantas − observou Newt −, sem suprimentos da maldita Caixa... pois é, parece que estamos ferrados mesmo.

Alby tinha cruzado os braços, ainda olhando para a Caixa como se tentasse abrir as portas com a força da mente. Thomas esperou que o líder não fizesse o que vira na Transformação − ou algo em relação a ele, a propósito. Especialmente agora.

− Pois é, seja como for − continuou Minho. − Descobrimos uma coisa estranha.

Thomas torceu para que Newt e Alby demonstrassem uma reação positiva em relação às notícias, talvez até tivessem mais alguma informação que lançasse uma luz sobre o mistério.

Newt arqueou as sobrancelhas.

− O quê?

Minho levou uns três minutos inteiros para explicar, começando com o Verdugo que seguiram e terminando com os resultados do experimento que fizeram atirando as pedras.

− Deve levar até onde... você sabe... os Verdugos *moram* − disse ele ao terminar.

− O Buraco dos Verdugos − acrescentou Thomas. Os três voltaram-se para ele, irritados, como se não tivesse o direito de se manifestar. Mas pela primeira vez ser tratado como um Fedelho não o incomodou tanto.

− Queria ver por mim mesmo − falou Newt. Depois murmurou: − Difícil de acreditar. − Era exatamente o que Thomas também achava.

− Não sei o que podemos fazer − disse Minho. − Talvez possamos inventar alguma coisa para bloquear aquele corredor.

− Sem chance − falou Newt. − Aqueles mértilas podem escalar os malditos muros, lembra? Nada que *nós* pudéssemos fazer impediria que viessem.

Mas uma comoção do lado de fora da Sede distraiu a atenção deles da conversa. Um grupo de Clareanos permanecia na porta da frente da casa, gritando um mais alto do que o outro. Chuck estava

no grupo e, quando viu Thomas e os outros, aproximou-se correndo, com uma expressão de empolgação no rosto. Thomas ficou imaginando que loucura teria acontecido agora.

− O que aconteceu? − quis saber Newt.

− Ela acordou! − gritou Chuck. − A garota acordou!

Tudo dentro de Thomas se contraiu; ele se apoiou na parede de concreto da Casa dos Mapas. A garota. A garota que falava na sua cabeça. Quis correr antes que acontecesse de novo, antes que ela falasse com ele na sua cabeça.

Mas era tarde demais.

“Tom, não conheço nenhuma dessas pessoas. Venha até aqui! Está tudo desaparecendo...”

“Estou me esquecendo de tudo, menos de você... Preciso lhe contar umas coisas! Mas está tudo desaparecendo...”

Ele não conseguia entender como ela conseguia, como estava dentro da sua cabeça.

Teresa fez uma pausa, depois disse uma coisa que não fez o menor sentido.

“O Labirinto é um código, Tom. O Labirinto é um código.”

36

Thomas não queria vê-la. Não queria ver ninguém.

Assim que Newt partiu para ir conversar com a garota, Thomas afastou-se silenciosamente, apostando que ninguém iria se importar com ele no meio de toda a empolgação. Com os pensamentos de todos ocupados com a novidade de a garota ter despertado do coma, acabou sendo fácil. Ele se esgueirou pela borda da Clareira e depois, começando a correr, encaminhou-se para o seu lugar de isolamento atrás da floresta do Campo-santo.

Agachou-se no canto, aninhou-se na hera e atirou a manta sobre o corpo, cobrindo-se da cabeça aos pés. De alguma forma, era como se fosse um modo de se esconder da intrusão de Teresa nos seus pensamentos. Transcorreram alguns minutos, finalmente seu coração acalmou-se até bater mais devagar.

− Esquecer você foi a pior parte.

A princípio, Thomas pensou que fosse outra mensagem na cabeça; ele apertou os punhos contra as orelhas. Mas não, fora... diferente. Escutara com os próprios ouvidos. Uma voz feminina. Calafrios subindo pela espinha, foi abaixando a manta bem devagar.

Teresa achava-se à sua direita, recostada no imenso muro de pedra. Ela parecia muito diferente agora, desperta e alerta − *em guarda*. Usando uma camisa branca de mangas compridas, jeans e sapatos marrons, ela parecia − algo quase impossível − ainda mais impressionante do que quando a vira em coma. O cabelo negro emoldurava a tez clara do rosto, os olhos azuis como duas labaredas.

− Tom, você não se lembra mesmo de mim? − A voz dela era macia, um contraste com o som desconjuntado e áspero que ouvira partir dela assim que chegara, quando ela transmitira a mensagem de que *tudo iria mudar*.

− Quer dizer que você... você se lembra de *mim*? − indagou ele, aturdido pelo som esganiçado que escapara na última palavra.

− Sim. Não. Talvez. − Ela atirou os braços para cima em desagrado. − Não sei explicar.

Thomas abriu a boca, depois a fechou sem dizer nada.

− Eu me lembro de *lembrar* − murmurou ela, sentando-se com um suspiro pesado; encolheu as pernas para junto do corpo e passou os braços ao redor dos joelhos. − Sentimentos. Emoções. Digamos que tenho todos esses arquivos na cabeça, rotulados para lembranças e rostos, mas eles estão vazios. Como se tudo antes disso fosse apenas o outro lado de uma cortina branca. Incluindo você.

− Mas como você me conhece? − Ele sentiu como se os muros girassem ao seu redor.

Teresa voltou-se para ele.

− Eu não sei. Alguma coisa sobre antes de virmos para o Labirinto. Alguma coisa sobre nós. Está praticamente vazio, como eu disse.

− Você sabe sobre o Labirinto? Quem contou? Você acabou de acordar.

− Eu... Está tudo muito confuso neste momento. − Ela suspendeu a mão. − Mas sei que você é meu amigo.

Quase atordoado, Thomas afastou a manta e inclinou-se para a frente, para apertar a mão dela.

− Gosto de ouvir você me chamar de Tom. − Assim que a frase saiu, ele não teve dúvidas de que não poderia ter falado algo mais imbecil.

Teresa rolou os olhos.

− Esse é o seu *nome*, não é?

− É, sim, mas a maioria das pessoas me chama de Thomas. Bem, a não ser Newt... ele me chama de Tommy. Tom me faz sentir... como se estivesse em casa ou algo parecido. Muito embora eu não

saiba o que *é* estar em casa. − Ele deu uma risada amarga. − Acho que estamos bem encrencados, hein?

Ela sorriu pela primeira vez, e ele quase precisou desviar o olhar, como se algo tão bonito não pertencesse a um lugar assim sombrio e cinzento, como se não tivesse o direito de observar a expressão dela.

− É, sim, estamos encrencados − confirmou ela. − E eu estou morrendo de medo.

− Também estou, acredite em mim. − O que era definitivamente a frase do dia.

Um longo momento se passou, os dois olhando para o chão.

− O que você... − ele começou, sem saber muito bem como perguntar. − Como... você falou dentro da minha mente?

Teresa abanou a cabeça. “Não tenho ideia... simplesmente faço”, ela pensou para ele. Depois voltou a falar em voz alta.

− É como se você tentasse andar de bicicleta aqui... se eles tivessem uma. Aposto que faria sem pensar. Mas você se lembra de ter aprendido a pedalar?

− Não. Quer dizer... lembro de andar de bicicleta, mas não de aprender. − Ele fez uma pausa, sentindo uma onda de tristeza. − Nem de quem me ensinou.

− Bem − disse ela, os olhos trêmulos como se ficasse sem jeito diante da tristeza inesperada. − Enfim... é mais ou menos isso.

− É, esclarece tudo.

Teresa deu de ombros.

− Você não contou a ninguém, contou? Vão pensar que somos loucos.

− Bem... quando aconteceu da primeira vez, contei. Mas acho que o Newt deve pensar que eu estava estressado ou coisa parecida. − Thomas sentiu-se irrequieto, como se fosse enlouquecer se não se movesse. Ele se levantou e começou a andar de um lado para o outro na frente dela. − Precisamos entender o que está acontecendo. Aquele bilhete estranho que você trouxe dizendo ser a última pessoa a vir pra cá, o seu coma, o fato de poder conversar comigo telepaticamente. Tem alguma ideia?

Teresa acompanhou-o com o olhar enquanto ele ia de um lado para o outro.

− Poupe o fôlego e pare de perguntar. A única coisa que tenho são impressões distantes... que você e eu éramos importantes um para o outro, que de alguma forma estávamos *acostumados* um com o outro. Que somos inteligentes. Que viemos aqui por uma razão. Sei que desencadeei o Término, seja lá o que isso signifique. − Ela gemeu, enrubescendo violentamente. − As minhas lembranças são tão inúteis quanto as suas.

Thomas ajoelhou-se na frente dela.

− Não são, não. Quer dizer, o fato de você saber que a minha memória foi arrancada sem precisar me perguntar... e essa outra coisa. Você está muito à frente de mim e de todos os outros.

Os seus olhares se encontraram por um longo tempo; pareceu para ele que a mente dela girava, tentando dar um sentido para tudo aquilo.

“Só que eu não sei”, disse-lhe ela mentalmente.

− Olhe aí você de novo − falou Thomas em voz alta, embora estivesse aliviado por não se perturbar mais com essa capacidade dela. − Como é que você consegue fazer isso?

− Eu apenas faço, e aposto que você também é capaz.

− Bem, não diria que estou muito ansioso para tentar. − Ele voltou a sentar-se e encolheu as pernas como ela fizera. − Você disse alguma coisa para mim... nos meus pensamentos... pouco antes de me encontrar aqui. Você disse: “O Labirinto é um código”. O que quis dizer com isso?

Ela abanou a cabeça ligeiramente.

− Assim que acordei, foi como se tivesse entrado em um hospício... todos aqueles caras estranhos em volta da minha cama, o mundo girando ao meu redor, as lembranças rodopiando na minha cabeça. Tentei me livrar deles e acho que acertei um. Não me lembro realmente *por que* disse isso.

− Aconteceu mais alguma coisa?

− Na verdade, sim. − Ela arregaçou a manga do braço esquerdo, expondo o bíceps. Havia letras miúdas escritas na pele em tinta escura.

− O que é isso? − ele perguntou, inclinando-se para ver melhor.

− Leia por si mesmo.

As letras eram difíceis de distinguir, mas ele conseguiu entender quando se aproximou bem o bastante.

CRUEL é bom

O coração de Thomas bateu mais forte.

− Já vi essa palavra... *cruel*. − Ele vasculhou na mente tentando entender o que poderia significar aquela frase. − Em uns seres pequenos que vivem aqui. Os besouros mecânicos.

− O que são eles? − ela quis saber.

− São maquininhas parecidas com um lagarto que nos espionam para os Criadores... as pessoas que nos mandaram para cá.

Teresa considerou a informação por um instante, olhando para o vazio. Depois voltou-se para o próprio braço.

− Não me lembro por que escrevi isto − disse ela, enquanto umedecia o polegar e começava e esfregar as palavras. − Mas não me deixe esquecer... deve ter algum significado.

As três palavras giravam sem parar na mente de Thomas.

− Quando escreveu isso?

− Quando acordei. Deixaram uma caneta e um bloco de anotações ao lado da cama. Na comoção, eu escrevi.

Thomas estava perplexo com a garota − primeiro a ligação que sentira com ela desde o começo, depois a capacidade de se comunicar mentalmente, agora isso.

− Tudo sobre você é bem estranho. Você já deve saber, certo?

− A julgar pelo seu esconderijo, eu diria que você também não é tão normal. Gosta de viver no mato, né?

Thomas tentou ficar sério, mas sorriu. Sentia-se ridículo, e envergonhado por se esconder.

− Bem, você me parece familiar e diz que somos amigos. Acho que vou confiar em você.

Ele estendeu a mão para outro aperto e ela a pegou, segurando-a por um longo tempo. Um arrepio atravessou Thomas de maneira

surpreendentemente agradável.

− Tudo o que eu quero é voltar pra casa − disse ela, finalmente soltando a mão dele. − Assim como todos vocês.

Thomas sentiu um aperto no coração ao voltar de chofre à realidade e lembrar-se de como o mundo ficara sombrio.

− É, bem, as coisas estão muito difíceis no momento. O sol desapareceu e o céu ficou cinzento, não nos mandaram os suprimentos semanais... parece que tudo vai se acabar de uma forma ou de outra.

Mas, antes de Teresa poder responder, Newt apareceu correndo entre as árvores.

− Mas como foi que... − disse enquanto se colocava à frente deles.

Alby e alguns outros vinham logo atrás dele. Newt olhou para Teresa.

− Como veio parar aqui? O Socorrista disse que você estava lá num instante e no outro tinha desaparecido.

Teresa levantou-se, surpreendendo Thomas com a sua segurança.

− Acho que o garoto se esqueceu de contar a parte em que dei um chute bem naquele lugar dele e pulei a janela.

Thomas quase deu uma risada enquanto Newt virava-se para um rapaz mais velho parado ali perto, cujo rosto enrubescera violentamente.

− Parabéns, Jeff − falou Newt. − Você é oficialmente o primeiro cara aqui a ser derrotado por uma *garota*.

Teresa não se deteve.

− Continue falando assim e será o próximo.

Newt voltou-se para encarar Thomas e a garota, mas o seu rosto mostrava tudo menos medo. Ele ficou parado, só olhando para eles. Thomas devolveu o olhar, imaginando o que passava pela cabeça do rapaz mais velho.

Alby adiantou-se.

− Estou cheio disso. − Apontou para o peito de Thomas, quase tocando-o. − Quero saber quem é você, quem é essa trolha aqui e como vocês dois se conhecem.

Thomas quase afrouxou.

− Alby, eu juro...

− Ela veio direto até você depois de acordar, cara de mértila!

A raiva cresceu dentro de Thomas − e a preocupação de que Alby se comportasse como Ben.

− E daí? Eu a conheço, ela me conhece... ou pelo menos nos conhecíamos. Isso não significa nada! Não consigo me *lembrar* de nada. Nem ela.

Alby olhou para Teresa.

− O que você fez?

Thomas, confuso com a pergunta, voltou-se para Teresa e viu que *ela* sabia o que ele queria dizer. Mas não respondeu.

− O que você fez? − Alby gritou. − Primeiro o céu, agora isso.

− Eu desencadeei alguma coisa − respondeu ela com voz calma. − Não de propósito, eu juro. O Término. Não sei o que isso significa.

− Qual o problema, Newt? − Thomas indagou, sem querer falar com Alby diretamente. − O que aconteceu?

Mas Alby o agarrou pela camisa.

− O que aconteceu? Vou te contar o que aconteceu, trolho. Estava ocupado demais com esses olhinhos adoráveis para dar uma espiada por aí? Para se incomodar em perceber como o *tempo* enlouqueceu?

Thomas olhou para o relógio, percebendo horrorizado o que deixara escapar, sabendo o que Alby estava prestes a dizer antes que ele dissesse.

− Os *muros*, seu mértila. As *Portas*. Elas não fecharam à noite.

37

Thomas emudeceu. Tudo seria diferente agora. Sem sol, sem suprimentos, sem proteção contra os Verdugos. Teresa estava certa desde o começo − tudo tinha mudado. Thomas sentiu como se o ar que respirava ficasse sólido, preso na garganta.

Alby apontou para a garota.

− Quero ela presa. Agora. Billy! Jackson! Ponham ela no Amansador, e ignorem qualquer palavra que saia da sua boca de mértila.

Teresa não reagiu, mas Thomas fez o bastante pelos dois.

− O que está dizendo? Alby, você não pode... − Ele parou quando Alby lançou-lhe um olhar de tal forma feroz que fez seu coração hesitar. − Mas... como pode acusá-la pelos muros não terem fechado?

Newt aproximou-se, pousou a mão de leve sobre o peito de Alby e deslocou-o para trás.

− Como não podemos, Tommy? Ela mesma admitiu!

Thomas voltou-se para olhar para Teresa, empalidecendo com a tristeza que viu nos olhos azuis. Sentia como se alguém tivesse atravessado o seu peito e espremido o seu coração.

− Dê-se por contente por não ir junto com ela, Thomas − falou Alby, dirigindo um último olhar para eles antes de sair. Thomas nunca tivera tanta vontade de esmurrar alguém.

Billy e Jackson adiantaram-se e agarraram Teresa pelos braços, começando a acompanhá-la para fora dali. Antes que chegassem às árvores, porém, Newt os deteve.

− Fiquem com ela. Não me importa o que aconteça, ninguém vai tocar nessa garota. Podem apostar a vida nisso.

Os dois guardas concordaram, depois se afastaram, Teresa a reboque. Thomas sofreu ainda mais ao ver como ela se foi de boa vontade. E não podia acreditar no quanto estava triste... queria continuar conversando com ela. “Mas acabei de conhecê-la”, pensou. “Nem mesmo sei quem ela é direito.” Ainda assim, sabia que não era verdade. Já sentia uma afinidade que só podia existir por conhecê-la antes da existência desprovida de memória na Clareira.

“Venha me visitar”, ela lhe falou mentalmente.

Ele não sabia como fazer isso, como falar com ela daquele modo. Mas tentou assim mesmo.

“Eu vou. Pelo menos estará segura lá.”

Ela não respondeu.

“Teresa?”

Nada.

Nos trinta minutos seguintes ocorreu uma erupção de confusões.

Embora não tivesse havido nenhuma mudança sensível na luz desde que o sol e o céu azul haviam deixado de surgir de manhã, parecia que uma escuridão espalhava-se sobre a Clareira. Quando Newt e Alby se reuniram com os Encarregados e os instruíram a distribuir responsabilidades e fazer com que os seus grupos estivessem na Sede dentro de uma hora, Thomas sentiu-se nada mais do que um espectador, sem saber como poderia ajudar.

Os Construtores − sem o seu líder, Gally, que ainda não aparecera − receberam ordens de erguer barricadas diante de cada Porta aberta; eles obedeceram, embora Thomas soubesse que não teriam tempo suficiente e que não havia materiais que permitissem um bom resultado. Teve a impressão que os Encarregados, ao manter as pessoas ocupadas, tentavam retardar os inevitáveis ataques de pânico. Thomas ajudou enquanto os Construtores reuniam todos os objetos soltos que pudessem encontrar e os empilhavam nas aberturas, prendendo as coisas umas nas outras da melhor maneira

possível. Aquilo lhe parecia horrível, ridículo e o aterrorizava − não havia como proteger-se dos Verdugos.

Enquanto trabalhava, Thomas vislumbrava de relance as outras tarefas executadas em toda a Clareira.

Todas as lanternas existentes tinham sido reunidas e distribuídas ao máximo de pessoas possível; Newt dissera ter planejado que todo mundo dormisse na Sede naquela noite, e que apagassem todas as luzes, a não ser em situações de emergência. A tarefa de Caçarola era tirar todos os alimentos não perecíveis da cozinha e armazená-los na Sede, para o caso de ficarem presos lá. Thomas mal podia imaginar quanto isso seria horrível. Outros reuniam os suprimentos e as ferramentas; Thomas viu Minho transportando armas do porão para o prédio principal. Alby deixara claro que não tinham escolha: precisavam transformar a Sede na sua fortaleza e deviam fazer o que fosse preciso para defendê-la.

Thomas finalmente safou-se dos Construtores e ajudou Minho, carregando caixas de facas e rolos de arame farpado. Depois Minho falou que tinha uma incumbência especial da parte de Newt, e mais ou menos disse para Thomas se afastar, recusando-se a responder qualquer uma das suas perguntas.

Isso deixou Thomas chateado, mas ele partiu assim mesmo, querendo conversar com Newt sobre outra coisa. Finalmente o encontrou, cruzando a Clareira a caminho do Sangradouro.

− Newt! − chamou, correndo para alcançá-lo. − Você precisa me escutar.

Newt parou tão de repente que Thomas quase se chocou contra ele. O rapaz mais velho virou-se e dirigiu um olhar tão aborrecido para Thomas que ele pensou duas vezes antes de dizer alguma coisa.

− Seja rápido − falou Newt.

Thomas quase se arrependeu, sem saber como dizer o que estava pensando.

− Você precisa soltar a garota. Teresa. − Ele sabia que ela só poderia ajudar, que poderia lembrar-se de alguma coisa importante.

− Ah, que bom saber que vocês dois estão se dando bem. − Newt começou a se afastar. − Não perca o seu tempo, Tommy.

Thomas segurou-o pelo braço.

− Escute! Tem alguma coisa a ver com ela... acho que ela e eu fomos mandados aqui para ajudar a acabar com toda esta coisa.

− Está bem... terminar tudo deixando os malditos Verdugos entrarem aqui e matarem todos? Já ouvi planos idiotas antes, Fedelho, mas esse ganha disparado.

Thomas gemeu, querendo que Newt soubesse como se sentia frustrado.

− Não, eu não acho que seja isso... os muros não se fecharem.

Newt cruzou os braços; parecia exasperado.

− Fedelho, sobre o que está resmungando aí?

Desde que vira aquelas palavras no muro do Labirinto − *catástrofe e ruína universal: experimento letal* −, vinha pensando sobre elas. Sabia que, se havia alguém que lhe daria crédito, esse alguém seria Newt.

− Acho... acho que estamos aqui como parte de uma espécie de experimento, ou teste, ou algo parecido. Mas isso deve terminar de algum modo. Não podemos viver aqui para sempre... quem quer que tenha nos mandado para cá *quer* o fim disto. De uma maneira ou de outra. − Thomas sentia-se aliviado por desafogar o peito.

Newt esfregou os olhos.

− E isso deve me convencer de que tudo está bem... que devo soltar a garota? Por que ela chegou aqui e de repente tudo virou uma questão de vida ou morte?

− Não, você não está *entendendo*. Não acho que ela tenha alguma coisa a ver com o fato de estarmos aqui. Ela é apenas um joguete... eles a mandaram aqui como o nosso último instrumento ou dica ou o que quer que seja para nos ajudar a sair. − Thomas respirou fundo. − E acho que me mandaram para isso também. O fato de ela ter detonado o Término por si não a torna uma pessoa ruim.

Newt olhou na direção do Amansador.

− Quer saber de uma coisa, estou pouco me lixando para tudo neste momento. Ela pode passar uma noite lá... No mínimo, estará mais segura do que nós.

Thomas concordou, vendo nisso um compromisso.

− Tudo bem, vamos aguentar por esta noite, de alguma forma. Amanhã, quando tivermos um dia inteiro de segurança, podemos pensar no que fazer com ela. Pensar no que devemos fazer.

Newt sorriu com ironia.

− Tommy, o que torna amanhã diferente? Já se passaram dois malditos anos, você sabe.

Thomas teve um sentimento avassalador de que todas aquelas mudanças eram um estopim, um catalisador para o fim do jogo.

− Porque agora *precisamos* resolver isso. Seremos forçados a isso. Não podemos mais continuar vivendo assim, dia após dia, pensando que o que mais importa é voltar para a Clareira antes que as Portas se fechem, bem abrigados e seguros.

Newt pensou por um minuto parado ali, a agitação dos preparativos da Clareira envolvendo os dois.

− Ir mais fundo. Permanecer lá fora enquanto os muros se movem.

− Isso mesmo − disse Thomas. − É exatamente disso que estou falando. E talvez possamos fazer barricadas ou explodir a entrada do Buraco dos Verdugos. Encontrando tempo para analisar o Labirinto.

− Alby não vai querer soltar a garota − falou Newt, inclinando a cabeça na direção da Sede. − Aquele cara não tem vocês dois em muita consideração. Mas no momento precisamos nos preparar e chegar até de manhã.

Thomas concordou.

− Vamos conseguir afugentá-los.

− Já fez isso antes, não é, Hércules? − Sem sorrir nem mesmo esperar pela resposta, Newt se afastou, gritando para os garotos terminarem o trabalho e entrarem na Sede.

Thomas ficou contente com a conversa − saíra-se tão bem quanto poderia imaginar. Decidiu apressar-se e conversar com Teresa antes que fosse tarde demais. Enquanto corria na direção do Amansador na parte de trás da Sede, ele observou os Clareanos entrando, a maioria com os braços cheios de uma coisa ou de outra.

Thomas aproximou-se da pequena cadeia e controlou a respiração.

− Teresa? − falou através das barras da janela da cela às escuras.

O rosto dela apareceu do outro lado, olhando para ele.

Ele deixou escapar uma exclamação de surpresa antes de poder se controlar; levaria um segundo para recobrar o equilíbrio.

− Você às vezes se parece com um fantasma, sabia?

− Muito gentil da sua parte − disse ela. − Obrigada. − No escuro, os olhos azuis pareciam brilhar como os dos gatos.

− Não tem de quê − respondeu ele, ignorando o sarcasmo. − Escute, estive pensando. − Fez uma pausa para organizar os pensamentos.

− É bem mais do que posso dizer para aquele idiota do Alby − murmurou ela.

Thomas concordou, mas estava ansioso para expressar o que viera dizer.

− Deve haver um modo de sair deste lugar... só precisamos nos esforçar, passar mais tempo no Labirinto. E o que você escreveu no seu braço, o que disse sobre o código, tudo tem um significado, certo? − “Precisa ter”, ele pensou. Não podia deixar de sentir alguma esperança.

− É, sim, estive pensando a mesma coisa. Mas primeiro... não pode me tirar daqui? − As mãos dela apareceram, agarrando as barras da janela.

Thomas sentiu a vontade ridícula de estender a mão e tocá-las.

− Bem, o Newt disse que talvez amanhã. − Thomas já estava contente por ele ter feito tamanha concessão. − Você vai precisar passar a noite aí. Na verdade, talvez seja o lugar mais seguro da Clareira.

− Obrigada por pedir a ele. Deve ser divertido dormir nesse chão frio. − Ela fez sinal para trás com o polegar. − Mas imagino que um Verdugo não pode entrar por essa janelinha, portanto estarei bem, certo?

A menção aos Verdugos o surpreendeu − ele não se lembrava de ter comentado a respeito deles com ela até então.

− Teresa, tem certeza de que se esqueceu de tudo?

Ela pensou por um instante.

− É estranho... acho que me lembro de alguma coisa. A não ser que tenha ouvido as pessoas conversando enquanto estava em

coma.

− Bem, isso não importa agora. Só queria ver você antes de ir lá para dentro para passar a noite. − Mas ele não queria ir; quase desejou poder entrar no Amansador para ficar com ela. Sorriu ironicamente por dentro − podia imaginar a resposta de Newt a *esse* pedido.

− Tom? − chamou Teresa.

Thomas percebeu que olhava para o vazio em devaneio.

− Ah, desculpe. Diga.

Ela recolheu as mãos da janela. Ele só conseguia ver os olhos dela, o brilho claro da sua pele.

− Não sei se consigo fazer isso... passar a noite toda nesta cela.

Thomas sentiu uma tristeza incrível. Teve vontade de roubar as chaves de Newt e ajudá-la a fugir. Mas sabia que era uma ideia ridícula. Ela teria de sofrer e se arranjar como podia. Fitou aqueles olhos brilhantes.

− Pelo menos não ficará totalmente escuro. Parece que vamos ter de nos acostumar com esse lixo de crepúsculo de vinte e quatro horas daqui pra a frente.

− É... − Ela olhou para a Sede atrás dele, depois tornou a fitá-lo. − Sou uma garota forte... ficarei bem.

Thomas sentiu-se péssimo em deixá-la ali, mas sabia que não tinha escolha.

− Vou falar para eles soltarem você bem cedo, logo de manhã, tudo bem?

Ela sorriu, o que o fez sentir-se melhor.

− Isso é uma promessa, certo?

− Eu prometo. − Thomas fez uma continência, tocando a têmpora direita. − E caso se sinta sozinha, pode conversar comigo com a sua... habilidade sempre que quiser. Tentarei responder. − Ele aceitava aquilo agora, quase desejava. Só esperava conseguir descobrir como responder, para poderem conversar.

“Logo você vai conseguir”, falou Teresa mentalmente.

− Assim espero. − Ele ficou parado ali, sem querer partir. De jeito nenhum.

− É melhor você ir − disse ela. − Não quero ter o seu assassinato brutal na minha consciência.

Thomas conseguiu sorrir diante do comentário.

− Tudo bem. A gente se vê amanhã.

E antes que pudesse mudar de ideia, escapuliu dali, passando pela esquina do prédio em direção à porta da frente da Sede, exatamente quando o último par de Clareanos entrava, com Newt tocando-os como galinhas extraviadas. Thomas entrou também, seguido de Newt, que fechou a porta atrás de si.

Antes que ele a trancasse, Thomas pensou ter ouvido o primeiro gemido horripilante dos Verdugos, vindo de algum lugar no fundo do Labirinto.

A noite começara.

38

A maior parte deles dormia ao relento nos tempos normais, e a Sede não estava preparada para acomodar todos aqueles corpos, o que tornava o espaço bem apertado. Os Encarregados tinham organizado e distribuído os Clareanos por todos os aposentos, juntamente com mantas e travesseiros. Apesar do número de pessoas e do caos provocado pela mudança, um silêncio perturbador pairava sobre todas as atividades, como se ninguém quisesse chamar a atenção para eles.

Depois de estarem todos acomodados, Thomas encontrou-se no andar superior com Newt, Alby e Minho, e eles finalmente foram capazes de terminar a discussão iniciada antes no pátio. Alby e Newt estavam sentados na única cama do quarto, ao passo que Thomas e Minho sentaram próximo a eles nas cadeiras. Os outros móveis eram uma velha cômoda de madeira e uma mesinha, sobre a qual repousava um abajur, a única fonte de luz de que dispunham. A escuridão acinzentada lá de fora parecia fazer pressão sobre a janela, com promessas de coisas ruins por acontecer.

− Isso é o mais próximo que cheguei até agora de tudo se acabar − dizia Newt. − Está tudo danado e ainda temos de dar um beijinho de boa-noite nesses malditos Verdugos. Suprimentos cortados, essa droga de céu cinzento, os muros abertos. Mas não podemos desistir, e todos sabemos disso. Os desgraçados que nos mandaram para cá ou querem que a gente morra ou estão dando uma espécie de empurrãozinho. Seja o que for, precisamos ralar ao máximo até estarmos mortos ou não.

Thomas acenava com a cabeça, mas não disse nada. Concordava totalmente, porém não tinha ideias concretas sobre o que fazer. Se conseguisse sobreviver até o dia seguinte, talvez ele e Teresa elaborassem alguma coisa que ajudasse.

Thomas olhou de relance para Alby, que olhava para chão, perdido nos próprios pensamentos sombrios. Seu semblante ainda apresentava as marcas profundas da depressão, os olhos fundos e vazios. A Transformação recebera um nome bem adequado, considerando-se o que fizera com ele.

− Alby? − chamou Newt. − Vai dizer alguma coisa?

Alby tirou os olhos do chão, a surpresa estampada no rosto como se não soubesse que havia mais alguém no quarto.

− Hã? Ah! Sim. Bom isso. Mas vocês viram o que acontece à noite. Só porque esse Fedelho deu uma de super-herói e conseguiu sobreviver não quer dizer que o resto de nós tenha a mesma sorte.

Thomas rolou os olhos para o alto e ligeiramente para Minho, exausto das atitudes de Alby.

Se Minho sentia o mesmo, conseguia disfarçar muito bem.

− Concordo com Thomas e Newt. Precisamos parar de choramingar e de sentir pena de nós mesmos. − Ele esfregou as mãos juntas e sentou-se mais para a frente na cadeira. − Amanhã de manhã, antes de qualquer outra coisa, vocês podem indicar equipes para passar o dia inteiro estudando os Mapas enquanto os Corredores estiverem fora. Vamos nos abastecer ao máximo de suprimentos para poder passar alguns dias lá fora.

− O quê? − reagiu Alby, finalmente demonstrando alguma emoção na voz. − Como assim, *dias*?

− Isso mesmo, *dias*. Afinal, com as Portas abertas e sem pôr do sol, não faz sentido voltar aqui. Teremos um bom tempo para ficar lá e ver se alguma coisa se abre quando os muros se movem. *Se é que* ainda se movem.

− De jeito nenhum − disse Alby. − Temos a Sede para nos esconder... e se isso não funcionar, ainda restam a Casa dos Mapas e o Amansador. Não podemos pedir às pessoas que vão lá para morrer, Minho! Quem seria voluntário para uma loucura dessas?

− Eu − falou Minho. − E o Thomas.

Todos se voltaram para Thomas; ele simplesmente concordou com um movimento de cabeça. Ainda que morresse de medo, explorar o Labirinto − explorá-lo de verdade − era algo que queria fazer desde a primeira vez que aprendera alguma coisa sobre ele.

− Eu irei se for preciso − falou Newt, surpreendendo Thomas; nunca haviam conversado sobre isso, o jeito como o rapaz mais velho andava mancando era uma lembrança constante de algo horrível que lhe acontecera no Labirinto. − E tenho certeza de que todos os Corredores também.

− Com essa perna estropiada? − indagou Alby, uma risada ríspida escapando-lhe dos lábios.

Newt franziu o cenho, olhando para o chão.

− Ora, não me sinto bem em pedir para os Clareanos fazerem algo que eu mesmo não esteja disposto a fazer.

Alby atirou-se de costas na cama e jogou os pés para cima.

− Então tudo bem. Faça o que quiser.

− Fazer o que eu quero? − indagou Newt, levantando-se. − Qual é o seu problema, cara? Por acaso temos escolha? Devemos ficar por aí parados, sem fazer nada, esperando ser atacados pelos Verdugos?

Thomas sentiu vontade de levantar e aplaudir, certo de que Alby sairia de uma vez da depressão e da melancolia. Mas o líder não demonstrou se sentir nem um pouco repreendido ou arrependido.

− Bem, isso parece melhor do que correr *em direção a* eles − disse Alby.

Newt recostou-se na parede.

− Alby. Você precisa começar a demonstrar mais juízo.

Por mais que odiasse admitir, Thomas sabia que precisavam de Alby em tudo o que fossem fazer. Os Clareanos o respeitavam.

Finalmente, Alby respirou fundo, depois olhou para cada um deles.

− Vocês todos sabem que estou ferrado. Sério, eu... sinto muito. Não deveria mais ser essa porcaria de líder.

Thomas prendeu a respiração. Não podia acreditar que Alby acabara de dizer aquilo.

− Mas que droga... − começou Newt.

− Não! − Alby gritou, sua expressão demonstrando fraqueza, derrota. − Não foi isso o que eu quis dizer. Estou só dizendo que... acho que preciso deixar vocês tomarem as decisões. Não confio mais em mim mesmo. Portanto... sim, farei qualquer coisa.

Thomas reparou que tanto Minho quanto Newt estavam tão surpresos quanto ele.

− Hã... tudo bem − falou Newt devagar. Como se estivesse inseguro. − Vamos fazer dar certo, eu prometo. Você vai ver.

− É... − murmurou Alby. Depois de uma longa pausa, ele falou com um traço de estranha excitação na voz. − Ei, sabem de uma coisa? Ponham-me como o responsável pelos Mapas. Vou fazer com que cada Clareano se mate de tanto ralar para estudar aquelas coisas.

− Para mim parece bom − falou Minho. Thomas queria concordar, mas não sabia se podia.

Alby voltou a apoiar os pés no chão, sentando-se ereto.

− Vocês sabem, foi uma besteira completa dormirmos aqui esta noite. Deveríamos estar lá na Casa dos Mapas, trabalhando.

Thomas pensou que essa fora a coisa mais inteligente que ouvira Alby dizer desde muito tempo.

Minho deu de ombros.

− Provavelmente está certo.

− Bem... pois eu vou − falou Alby, inclinando a cabeça de maneira confiante. − Agora mesmo.

Newt abanou a cabeça negativamente.

− Pode esquecer isso, Alby. Já ouvi os gemidos dos malditos Verdugos lá fora. Podemos esperar até o amanhecer.

Alby inclinou-se para a frente, os cotovelos sobre os joelhos.

− Ei, seus mértilas, parem de me dizer o que fazer. Não venham com essa choradeira pra cima de mim. Vou fazer isso e pronto, eu consigo, como nos velhos tempos. Preciso de algo que me motive de verdade.

Thomas sentiu-se aliviado. Estava enjoado de toda aquela discussão.

Alby levantou-se.

− É sério, preciso disso. − Encaminhou-se para a porta do quarto como se fosse sair.

− Não pode estar falando sério − falou Newt. − Não pode ir lá fora agora!

− Vou e pronto. − Alby tirou o molho de chaves do bolso e agitou-o divertido. Thomas não conseguia acreditar no súbito acesso de bravura.

− Vejo vocês de manhã, seus mértilas.

E saiu em seguida.

Era estranho saber que a noite já ia alta, que a escuridão devia ter engolido o mundo ao redor deles, e ainda assim ver apenas a luz acinzentada do lado de fora. Isso fez Thomas sentir-se deslocado, como se a vontade de dormir que aumentava a cada minuto fosse algo antinatural. O tempo se arrastava agonizante; ele sentia como se o dia seguinte nunca fosse chegar.

Os outros Clareanos tinham se acomodado, ocupados com os seus travesseiros e mantas na tarefa impossível de dormir. Ninguém dizia nada, todos com um ar sério e sombrio. Só o que se ouvia eram fungadas silenciosas e suspiros.

Thomas fez o possível para se forçar a dormir, sabendo que com isso o tempo passaria mais depressa, mas depois de duas horas ainda não tivera essa sorte. Continuava estendido no chão em um dos aposentos no andar superior, em cima de um grosso cobertor, entre vários outros Clareanos amontoados ao seu lado, quase corpo a corpo. A cama ficara para Newt.

Chuck fora parar em outro quarto, e por alguma razão Thomas imaginou-o encolhido em um canto escuro, chorando, apertando as mantas de encontro ao peito como se fossem um ursinho de pelúcia. A imagem entristeceu Thomas a tal ponto que tentou apagá-la dos pensamentos, mas em vão.

Praticamente todos tinham uma lanterna ao lado para ser usada em caso de emergência. A não ser por isso, Newt ordenara que todas as luzes fossem apagadas, apesar da luz pálida e funérea do seu novo céu − não fazia sentido atrair mais atenção do que o necessário. Tudo o que *podia* ser feito de imediato para prepará-los para um ataque dos Verdugos fora feito: as janelas haviam sido

fechadas com tábuas, os móveis amontoados de encontro às portas, as facas distribuídas como armas de defesa...

Mas nada disso fez Thomas sentir-se seguro.

A expectativa em relação ao que poderia acontecer era desmedida, um sufocante manto de angústia e medo que a tudo cobria e que parecia começar a ganhar vida própria. Ele quase desejou que os malditos simplesmente aparecessem e acabassem logo com tudo. A espera era insuportável.

Os lamentos distantes dos Verdugos foram se aproximando à medida que a noite avançava, cada minuto parecendo demorar mais do que o anterior.

Outra hora se passou. Depois outra. O sono finalmente chegou, mas em péssimas condições. Thomas calculou que eram cerca de duas horas da madrugada quando virou de bruços pela milionésima vez naquela noite. Pôs as mãos sob o queixo e olhou para o pé da cama, quase uma sombra em meio à luz escassa.

Então tudo mudou.

Um fragor mecanizado de máquinas em movimento elevou-se do lado de fora, seguido dos familiares estalidos de um Verdugo rolando sobre o chão de pedra, como se alguém tivesse espalhado um punhado de pregos. Thomas levantou-se de um salto, como a maioria dos garotos.

Mas Newt já estava de pé antes de todos, agitando os braços, depois fazendo sinal para silenciarem, com o dedo sobre os lábios. Poupando a perna ruim, ele se encaminhou na ponta dos pés para a única janela do aposento, que fora coberta por três tábuas pregadas às pressas. Grandes brechas entre as tábuas davam espaço de sobra para que se vigiasse o lado de fora. Com todo o cuidado, Newt inclinou-se para dar uma olhada, e Thomas avançou furtivamente para perto dele.

Ele se agachou abaixo de Newt contra a mais baixa das tábuas de madeira, pressionando o olho contra a fenda − era de aterrorizar estar tão perto do muro. Mas tudo o que viu foi a Clareira descampada; não tinha espaço suficiente para olhar para cima, para baixo ou para os lados, só direto à frente. Depois de um minuto mais

ou menos, desistiu e sentou-se recostado na parede. Newt voltou atrás e sentou-se na borda da cama.

Alguns minutos se passaram, vários sons de Verdugos penetraram as paredes a cada dez ou vinte segundos. Os guinchos de pequenos motores seguidos de um rangido metálico giratório. O estalido dos ferrões contra a dureza da pedra. Coisas que estalavam e se estendiam e voltavam a estalar. Thomas encolhia-se de medo toda vez que ouvia essas coisas.

Parecia haver uns três ou quatro deles do lado de fora. No mínimo.

Ele ouviu os animais-máquinas retorcidos se aproximarem, chegarem bem perto, sobre os blocos de pedra lá embaixo. Todos emitindo zumbidos e estalidos metálicos.

A boca de Thomas secou − vira-os face a face, recordava-se muito bem de tudo; precisou lembrar-se de respirar. Os outros no quarto estavam quietos; ninguém produziu um único som. O medo parecia pairar no ar como uma tempestade de neve negra.

Um dos Verdugos soava como se estivesse se encaminhando em direção à casa. Então o rangido dos seus ferrões contra a pedra de repente tornou-se cada vez mais profundo e oco. Thomas conseguia visualizar toda a cena: os ferrões de metal enterrando-se nas laterais de madeira da Sede, a criatura rolando o corpo volumoso, subindo até o quarto deles, desafiando a gravidade com a sua força. Thomas ouviu os ferrões do Verdugo arranharem a lateral de madeira pelo caminho enquanto se projetavam e se recolhiam, girando para se projetar de novo. O prédio inteiro estremeceu.

Os lamentos da madeira rangendo e estalando tornaram-se os únicos sons no mundo para Thomas, aterrorizantes. Eles foram ficando mais altos, *mais próximos* − os outros garotos tinham se amontoado no quarto o mais longe possível da janela. Thomas finalmente seguiu-lhes o exemplo, Newt ficou ao seu lado; todos grudados contra a parede oposta, olhando para a janela.

Exatamente quando a situação tornou-se insuportável − quando Thomas concluiu que o Verdugo achava-se perto da janela − tudo ficou em silêncio. Thomas quase podia ouvir o próprio coração batendo.

Luzes tremularam lá fora, lançando estranhos feixes através das rachaduras entre as tábuas de madeira. Depois uma sombra tênue interrompeu a luz, movendo-se de um lado para o outro. Thomas sabia que as sondas e armamentos do Verdugo tinham se projetado, em busca de um banquete. Imaginou os besouros mecânicos lá fora, ajudando as criaturas a encontrar o caminho. Segundos depois a sombra parou; a luz acomodou-se em uma posição, lançando três feixes imóveis de claridade no quarto.

A tensão no ar era palpável; Thomas não ouvia ninguém respirar. Pensou que praticamente a mesma coisa se passava nos outros aposentos da Sede. Então lembrou-se de Teresa no Amansador.

Acabara de desejar que ela dissesse alguma coisa para ele quando a porta do corredor abriu-se subitamente. Gritos e exclamações explodiram em todo o quarto. Os Clareanos esperavam que alguma coisa viesse pela janela, não de trás deles. Thomas virou-se para ver quem abrira a porta, esperando que fosse Chuck assustado ou quem sabe Alby arrependido. Mas quando viu quem estava lá, sua cabeça pareceu se contrair, espremendo o cérebro em choque.

Era Gally.

39

Gally parecia fora de si com os olhos arregalados; as suas roupas estavam em frangalhos e imundas. Ele caiu de joelhos e ficou ali, o peito arfando com a respiração pesada, sugando o ar como se fosse sufocar. Correu os olhos pela sala como um cão raivoso em busca de alguém para morder. Ninguém disse uma palavra. Era como se todos acreditassem − como Thomas − que Gally fosse apenas um invento da sua imaginação.

− Eles vão matar vocês! − gritou Gally, respingando saliva para todos os lados. − Os Verdugos vão matar todos vocês... um a cada noite até tudo estar acabado!

Thomas observou, perplexo, quando Gally levantou-se com esforço e avançou para eles, arrastando a perna direita, mancando pesadamente. Ninguém no quarto moveu um músculo enquanto assistia à cena, todos surpresos demais para esboçar alguma reação. Até mesmo Newt permanecia mudo como um túmulo. Thomas estava quase com mais medo do visitante inesperado do que do ataque dos Verdugos do lado de fora da janela.

Gally parou, equilibrando-se poucos passos à frente de Thomas e Newt; apontou para Thomas com um dedo ensanguentado.

− Você... − disse com um sorriso de escárnio tão exagerado que passou de cômico a perturbador. − É tudo culpa sua! − Sem avisar, ele lançou a mão esquerda, o punho fechado projetando-se até chocar-se contra a orelha de Thomas. Thomas deu um grito e caiu no chão, mais tomado de surpresa do que de dor. Levantou-se de imediato assim que atingiu o chão.

Newt finalmente despertara do seu torpor e dera um empurrão em Gally, que cambaleou para trás e esborrachou-se sobre uma escrivaninha ao lado da janela. O abajur rolou para o lado e desfez-se em pedaços no chão. Thomas imaginou que Gally revidaria, mas ele se recompôs e, em vez disso, dirigiu a todos um olhar ensandecido.

− Não tem mais jeito − disse ele, a voz agora baixa e distante, espectral. − O maldito Labirinto vai matar todos vocês, seus trolhos... Os Verdugos vão matar vocês... um a cada noite até tudo estar acabado... É... É melhor que seja assim... − Os seus olhos projetaram-se para o chão. − Eles vão matar todos vocês... um por noite ... suas estúpidas Variáveis...

Thomas ouviu assombrado, tentando dominar o medo para poder memorizar tudo o que o garoto enlouquecido dizia.

Newt deu um passo à frente.

− Gally, cale essa maldita boca... Tem um Verdugo bem em cima da janela. Agora sente-se aí e fique quieto... Assim, talvez ele vá embora.

Gally levantou a cabeça, os olhos apertados.

− Parece que você não entendeu nada, Newt. Você é idiota demais... sempre foi um grande idiota. Não tem saída, não há como vencer! Eles vão matar você, todos vocês... um por *um*!

Gritando a última palavra, Gally lançou-se contra a janela e começou a arrancar as tábuas como um animal selvagem tentando fugir de uma jaula. Antes que Thomas ou qualquer um pudesse reagir, ele já arrancara uma tábua, que atirou contra o chão.

− Não! − gritou Newt, correndo na direção dele. Thomas o seguiu para ajudar, sem acreditar no que estava acontecendo.

Gally arrancava a segunda tábua no instante em que Newt o alcançou. Ele girou-a para trás com as duas mãos e acertou a cabeça de Newt, lançando-o esparramado sobre a cama enquanto um pequeno borrifo de sangue manchava os lençóis. Thomas aproximou-se, pronto para uma luta.

− Gally! − gritou. − O que você está fazendo?

O garoto plantou os pés no chão, bufando como um cão esbaforido.

− Feche já essa boca suja, *Thomas*. Cale a boca! Eu sei quem você é, mas não me importa mais. Só vou fazer o que é certo.

Thomas sentiu como se os seus pés tivessem criado raízes no chão. Estava completamente surpreso com o que Gally dissera. Observou o garoto voltar-se e soltar a última tábua. No instante em que a tábua arrancada alcançou o chão do quarto, o vidro da janela explodiu para dentro como um enxame de vespas de cristal. Thomas cobriu o rosto e caiu no chão, agitando as pernas para arrastar o corpo para o mais longe possível. Quando bateu na cama, recompôs-se e olhou para cima, pronto para ver o seu mundo chegar ao fim.

O corpo pulsante e bulboso de um Verdugo achava-se enfiado pela metade através da janela destruída, os braços metálicos com pinças agitados e tentando agarrar alguma coisa em todas as direções. Thomas estava tão aterrorizado que mal percebera que todo mundo no quarto fugira para o corredor − a não ser Newt, que jazia inconsciente sobre a cama.

Paralisado, Thomas observou quando um dos longos braços do Verdugo adiantou-se para o corpo inerte. Isso foi o que bastou para libertá-lo do medo. Levantando-se com dificuldade, apalpou o chão ao redor em busca de uma arma. Tudo o que encontrou foram facas − não teriam utilidade nenhuma no momento. O pânico explodiu dentro dele, consumindo-o.

Então Gally tornou a falar; o Verdugo recolheu o braço, como se precisasse da coisa para ser capaz de observar e ouvir. Mas o corpo permaneceu pulsando, tentando espremer-se a todo custo para dentro.

− Ninguém nunca entendeu! − gritava o garoto por sobre o horrível som produzido pela criatura, que se contraía tentando entrar de vez na Sede, fazendo a parede em pedaços. − Ninguém nunca entendeu o que eu vi, o que a Transformação fez comigo! Não volte ao mundo real, Thomas! Você *não... quer...* se lembrar!

Gally dirigiu a Thomas um olhar demorado e assombrado, a expressão tomada pelo terror; depois voltou-se e mergulhou de encontro ao corpo enroscado do Verdugo. Thomas gritou enquanto todos os braços estendidos do monstro imediatamente se retraíram

e agarraram Gally pelos braços e pelas pernas, impossibilitando que ele escapasse ou pudesse ser resgatado. O corpo do rapaz afundou vários centímetros na carne pegajosa da criatura, produzindo um som horrível de esmagamento. Depois, com uma velocidade surpreendente, o Verdugo recuou de volta para o lado de fora do batente estraçalhado da janela e começou a descer para o chão lá embaixo.

Thomas correu até o buraco escancarado e disforme, olhou para baixo no exato momento em que o Verdugo chegava ao chão e começava a fugir pela Clareira, o corpo de Gally aparecendo e desaparecendo enquanto a coisa rolava. As luzes do monstro brilharam com mais intensidade, lançando um brilho amarelo funesto sobre a pedra da Porta Oeste aberta, por onde o Verdugo saiu para as profundezas do Labirinto. Então, segundos depois, vários outros monstros seguiram logo atrás do companheiro, silvando e estalando como se comemorassem uma vitória.

Thomas estava enjoado a ponto de vomitar. Ele começou a recuar da janela, mas alguma coisa do lado de fora atraiu a sua atenção. Rapidamente se inclinou para fora do prédio para olhar melhor. Uma forma solitária corria através do pátio da Clareira em direção à saída pela qual Gally acabara de ser levado.

Apesar da luz fraca, Thomas reconheceu imediatamente quem era. Então gritou − gritou para que parasse −, mas era tarde demais.

Minho corria a toda velocidade, desaparecendo no Labirinto.

40

Luzes flamejaram por toda a Sede. Os Clareanos corriam de um lado a outro, todos falando ao mesmo tempo. Alguns garotos choravam em um canto. O caos imperava.

Thomas ignorou tudo isso.

Saiu em disparada pelo corredor, depois desceu a escada saltando de três em três degraus. Abrindo caminho através de uma aglomeração na entrada, logo estava fora da Sede, encaminhando-se a toda velocidade para a Porta Oeste. Fez uma parada no limite do Labirinto, os instintos forçando-o a pensar duas vezes antes de entrar. Newt chamou-o de trás, o que retardou a decisão.

− Minho foi para lá! − gritou Thomas quando Newt o alcançou, uma toalhinha pressionada contra o ferimento na cabeça. Via-se uma mancha de sangue vazando pelo tecido branco.

− Eu vi − retrucou Newt, afastando a toalha para examiná-la; fez uma careta e recolocou-a no lugar. − Mértila, está doendo pra caramba. Minho deve ter fritado o último pedaço de cérebro que ainda lhe restava... sem falar de Gally. Sempre soube que ele era louco.

Thomas só se preocupava com Minho.

− Estou indo atrás dele.

− Hora de bancar o maldito herói de novo?

Thomas lançou um olhar severo para Newt, magoado com a reprimenda.

− Acha que faço as coisas para impressionar vocês, trolhos? Se liga. Só quero saber de dar o fora daqui.

− Sei, tudo bem, você é mesmo um cara durão. Mas no momento temos problemas piores.

− Problemas? − Thomas sabia que, se quisesse alcançar Minho, não tinha tempo para aquilo.

− Alguém... − começou Newt.

− Lá está ele! − gritou Thomas. Minho acabara de contornar uma esquina e vinha correndo na direção deles. Thomas fechou as mãos em concha ao redor da boca. − O que estava fazendo, seu idiota?

Minho esperou até atravessar a Porta, depois curvou-se para a frente, as mãos sobre os joelhos, engolindo o ar sofregamente algumas vezes antes de responder:

− Eu só... queria... ter certeza.

− Ter certeza do quê? − quis saber Newt. − Grande coisa você fez, seguir o mesmo caminho de Gally.

Minho endireitou o corpo e pousou as mãos nos quadris, ainda respirando com dificuldade.

− Peguem leve, caras! Só queria ver se eles iam para o Penhasco. Para o Buraco dos Verdugos.

− E então? − indagou Thomas.

− Na mosca. − Minho enxugou o suor da testa.

− Não posso acreditar − falou Newt, quase num sussurro. − Que noite!

Thomas tentou refletir sobre aquele Buraco e o que tudo aquilo significava, mas não conseguiu desviar o pensamento do que Newt acabara de dizer antes de verem Minho retornar.

− O que você ia me dizer agora há pouco? − indagou. − Disse que tinha uma coisa pior...

− Isso mesmo. − Newt apontou com o polegar por cima do ombro. − Você ainda pode ver a maldita fumaça.

Thomas olhou naquela direção. A pesada porta de metal da Casa dos Mapas estava entreaberta, uma coluna de fumaça preta escapando pela abertura em direção ao céu acinzentado.

− Alguém pôs fogo nos baús de Mapas − falou Newt. − Não sobrou nenhum pra contar história.

Por alguma razão, Thomas não estava assim tão preocupado com os Mapas − até porque eles pareciam sem utilidade àquela altura. Depois de deixar Newt e Minho, que foram investigar a sabotagem da Casa dos Mapas, parou embaixo da janela do Amansador. Thomas notara os dois trocando um olhar cúmplice antes de se afastarem, como se comunicassem algum segredo. Mas ele só conseguia pensar em uma coisa.

− Teresa? − chamou.

O rosto dela apareceu, as mãos esfregando os olhos.

− Alguém foi morto? − perguntou um pouco grogue.

− Você estava *dormindo*? − surpreendeu-se Thomas. Era um alívio ver que ela parecia bem, aquilo o fez relaxar.

− Estava − respondeu ela. − Até que ouvi alguma coisa atacar a Sede duas vezes. O que aconteceu?

Thomas abanou a cabeça, incrédulo.

− Não sei como conseguiu dormir com a agitação de todos aqueles Verdugos por aí.

− Experimente sair de um coma alguma vez. Vai ver o que vai lhe acontecer. − “Agora responda à minha pergunta”, disse ela dentro da cabeça dele.

Thomas piscou, surpreso por um instante com a voz, uma vez que fazia um tempo que ela não agia assim.

− Pare com essa porcaria.

− Então me diga o que aconteceu.

Thomas suspirou; era uma longa história e não estava com vontade de contá-la inteira no momento.

− Você não conhece o Gally, mas ele é um garoto surtado que fugiu. Então reapareceu, saltou sobre um Verdugo e eles todos saíram para o Labirinto. Foi muito estranho. − Ele ainda não conseguia acreditar que tivesse acontecido mesmo.

− O que significa muita coisa − falou Teresa.

− Pois é. − Ele olhou para trás, esperando ver Alby em algum lugar.

Com certeza ele deixaria Teresa sair agora. Os Clareanos espalhavam-se por todo o lugar, mas não havia nem sinal do líder. Ele tornou a olhar para Teresa.

− Só que não entendi. Por que os Verdugos iriam embora depois de pegar o Gally? Ele disse alguma coisa sobre matarem um de nós a cada noite até estarmos todos mortos... ele disse isso pelo menos duas vezes.

Teresa atravessou as mãos pelas barras, descansando os antebraços sobre o batente de concreto.

− Só um por noite? Por quê?

− Sei lá. Ele também falou que isso tinha a ver com... experiências. Ou variáveis. Alguma coisa do tipo. − Thomas teve o mesmo impulso estranho da noite anterior: − estender o braço e segurar uma das mãos dela. No entanto, controlou-se.

− Tom, eu estava pensando no que você me contou que eu disse. Que o Labirinto é um código. Ficar enfurnada aqui é uma maravilha para fazer o cérebro funcionar de verdade.

− O que você acha que significa? − Muito interessado, ele tentou bloquear os gritos e as conversas que cruzavam a Clareira enquanto os outros descobriam que a Casa dos Mapas fora incendiada.

− Bem, os muros se movem todos os dias, certo?

− Certo. − Ele poderia dizer que ela realmente tinha alguma coisa em mente.

− E o Minho disse que eles acham que há um padrão, certo?

− Certo. − As engrenagens também se encaixavam na cabeça de Thomas, quase como se uma antiga lembrança começasse a retornar.

− Bem, não consigo me lembrar por que lhe disse aquilo sobre o código. Quando saí do coma, todos os pensamentos giravam loucamente na minha cabeça, quase como se pudesse sentir alguém *esvaziando* a minha mente, sugando tudo. E senti que precisava dizer aquela coisa sobre o código antes de me esquecer. Então deve haver uma razão importante.

Thomas quase não a ouvia − estava mais concentrado nos próprios pensamentos do que o normal.

− Eles sempre comparam o Mapa que fazem de cada área com o do dia anterior, e com o dia anterior àquele, e com o dia anterior àquele outro, dia por dia, cada Corredor analisando a sua Área. E se

devessem comparar os Mapas com as *outras* áreas... − Silenciou, como se tivesse chegado ao limiar de alguma conclusão.

Teresa pareceu ignorá-lo, desenvolvendo a sua própria teoria.

− A primeira coisa em que a palavra *código* me faz pensar é em letras. Letras do alfabeto. Quem sabe o Labirinto esteja tentando *soletrar* alguma coisa.

Tudo se juntou tão rápido na mente de Thomas que ele quase ouviu um clique, como se as peças todas se encaixassem no lugar ao mesmo tempo.

− Você está certa... você está certa! Mas os Corredores viram a coisa de maneira errada o tempo todo. Eles analisaram de um jeito errado!

Dessa vez, Teresa segurou as barras com força, os nós dos dedos empalidecendo, o rosto pressionado contra os bastões de metal.

− Como assim? Do que você está falando?

Thomas agarrou-se às duas barras exteriores às que ela segurava, aproximando-se a ponto de sentir o cheiro dela − um cheiro surpreendentemente agradável de suor e flores.

− Minho disse que os padrões se repetiam, só que eles não conseguiam descobrir o que isso significava. Mas eles sempre os analisaram área por área, comparando um dia ao seguinte. E se cada dia fosse uma peça diferente do código, de algum modo eles devessem usar todas as oito áreas juntas?

− Você acha que talvez cada dia tente revelar uma palavra? − indagou Teresa. − Com os movimentos dos muros?

Thomas inclinou a cabeça concordando.

− Ou talvez uma letra por dia, sei lá. Mas eles sempre pensaram que os movimentos revelariam como escapar, não como decifrar alguma coisa. Eles estudavam o conjunto como um mapa, não como a imagem de alguma coisa. Precisamos... − Então ele parou, lembrando-se do que Newt acabara de informar. − Ah, não!

Teresa fixou os olhos nele, preocupada.

− Algum problema?

− Ah, não! Não, não, não... − Thomas soltou as barras e cambaleou um passo para trás quando se deu conta. Virou-se para olhar para a Casa dos Mapas. A fumaça diminuíra, mas ainda saíam

baforadas pela porta, uma nuvem escura e densa cobrindo toda a região.

− Qual o problema? − repetiu Teresa. Ela não conseguia ver a Casa dos Mapas de onde se encontrava.

Thomas voltou a encará-la.

− Não pensei que fosse importante...

− *O quê*?! − exigiu ela.

− Alguém pôs *fogo* em todos os Mapas. Se havia um código, já era.

41

−Já volto − falou Thomas, virando-se para ir embora. O seu estômago estava cheio de ácido. − Vou procurar o Newt, ver se sobrou algum Mapa.

− Espere! − Teresa gritou. − Me tire daqui!

Mas não havia tempo, e Thomas sentiu-se péssimo em relação a isso.

− Não posso... já volto, prometo.

Ele virou-se antes que ela pudesse protestar e partiu em velocidade até a Casa dos Mapas e sua espessa nuvem de fumaça negra. Pontadas de dor o consumiam por dentro de maneira torturante. Se Teresa estivesse certa e eles estivessem tão perto de descobrir alguma pista de como sair dali, toda a possibilidade literalmente se consumira nas chamas... Era tão perturbador que chegava a doer.

A primeira coisa que Thomas viu quando chegou lá foi um grupo de Clareanos amontoados do lado de fora da grande porta de aço, ainda aberta, a sua borda exterior escurecida pela fuligem. Mas, quando chegou mais perto, ele percebeu que estavam rodeando alguma coisa no chão, todos olhando para aquilo. Avistou Newt ajoelhado no chão, inclinado sobre um corpo.

Minho estava em pé atrás dele, parecendo profundamente perturbado e sujo, e percebeu primeiro a presença de Thomas.

− Para onde você foi? − indagou.

− Fui conversar com a Teresa... O que aconteceu? − Ele esperou ansiosamente pelo próximo golpe de más notícias.

A testa de Minho franziu-se furiosamente.

− A nossa Casa dos Mapas foi incendiada e você saiu para conversar com a sua namoradinha? O que deu em você?

Thomas sabia que a reprimenda seria dolorosa, mas estava preocupado demais para isso.

− Não pensei que ainda tivesse importância... se vocês não conseguiram decifrar os Mapas até agora...

Minho pareceu muito aborrecido, a luz fraca e a neblina de fumaça tornando o seu semblante ainda mais sinistro.

− Ah, é, essa seria a melhor hora para desistir. Que...

− Me desculpe... só contei o que aconteceu. − Thomas inclinou-se sobre o ombro de um menino magro à sua frente para ter uma visão melhor do garoto no chão.

Era Alby, caído de costas, um imenso corte na testa. O sangue escorria de ambos os lados da cabeça, uma parte sobre os olhos, onde formava uma crosta. Newt limpava o ferimento com uma atadura molhada, com extremo cuidado, fazendo perguntas em um sussurro tão baixo que não se podia ouvir o que dizia. Thomas, preocupado com Alby, apesar do seu mau comportamento recente, voltou-se para Minho e repetiu a pergunta.

− Winston encontrou ele aqui, meio morto, a Casa dos Mapas em chamas. Alguns trolhos entraram e tiraram as coisas, mas tarde demais. Todos os baús viraram cinzas. Suspeitei de Alby a princípio, mas quem fez isso bateu com a cabeça de mértila dele contra a mesa... você pode ver onde. É uma nojeira.

− Quem você acha que fez isso? − Thomas hesitava em contar-lhe sobre a possível descoberta que ele e Teresa haviam feito. Sem Mapas, estava tudo perdido.

− Será que foi o Gally, antes de aparecer na Sede e pirar daquele jeito? Quem sabe os Verdugos? Não sei nem quero saber. Não interessa.

Thomas ficou surpreso com a súbita mudança de opinião.

− Ei, agora quem é que está desistindo?

Minho virou a cabeça com tamanha rapidez que Thomas recuou um passo. Apesar da raiva aparente, rapidamente esta se fundiu com uma expressão estranha de surpresa ou confusão.

− Não foi o que eu quis dizer, trolho.

Thomas semicerrou os olhos de curiosidade.

− O que você...

− Só feche a matraca por ora. − Minho pôs os dedos sobre os lábios, correndo os olhos pelos lados para ver se alguém os observava. − Cale a matraca. Vai descobrir logo, logo.

Thomas respirou fundo e pensou. Se esperava que os outros garotos fossem sinceros, devia ser sincero também. Decidiu que seria melhor contar para ele sobre o possível código do Labirinto, com ou sem Mapas.

− Minho, preciso contar uma coisa a você e ao Newt. E precisamos soltar a Teresa... talvez ela esteja morrendo de fome, e podemos usar a ajuda dela.

− Aquela garota idiota é a última coisa com que estou preocupado.

Thomas ignorou o insulto.

− Só nos dê alguns minutos... temos uma ideia. Talvez ainda funcione se os Corredores lembrarem dos seus Mapas.

Isso pareceu atrair toda a atenção de Minho − mas, de novo, ele adotou aquela expressão estranha, como se Thomas tivesse deixado de perceber alguma coisa muito evidente.

− Uma ideia? Como assim?

− É só virem comigo até o Amansador. Você e o Newt.

Minho pensou por um segundo.

− Newt! − chamou ele.

− O que foi? − Newt levantou-se, redobrando o pano ensanguentado para encontrar uma parte limpa. Thomas não pôde deixar de notar que cada centímetro estava empapado de vermelho.

Minho apontou para Alby no chão.

− Deixe que os Socorristas cuidem dele. Precisamos conversar.

Newt lançou-lhe um olhar de interrogação, depois entregou o pano ao Clareano mais próximo.

− Vá procurar o Clint... diga a ele que temos problemas piores do que caras com malditos estilhaços. − Assim que o garoto partiu para fazer o que mandara, Newt afastou-se de Alby. − Conversar sobre o quê?

Sem dizer nada, Minho indicou Thomas com um movimento de cabeça.

− É só virem comigo − falou Thomas. Então voltou-se e, sem esperar por resposta, encaminhou-se para o Amansador.

− Deixem ela sair. − Thomas parou na porta da cela, os braços cruzados. − Deixem ela sair e depois conversamos. Acreditem em mim... vocês vão querer saber.

Newt estava coberto de fuligem e sujeira, o cabelo empastado de suor. Com certeza, não devia estar de muito bom humor.

− Tommy, isso é...

− *Por favor*. Basta abrir a porta... deixe ela sair. Por favor. − Ele não desistiria dessa vez.

Minho parou na frente da porta com as mãos nos quadris.

− Como podemos confiar nela? − indagou. − Assim que ela acordou, todo o lugar partiu em pedaços. Ela mesma *admitiu* ter deflagrado alguma coisa.

− Ele tem razão − falou Newt.

Thomas apontou para a porta atrás da qual estava Teresa.

− Podemos confiar nela. Toda vez que falei com ela, foi sobre como tentar dar o fora daqui. Ela foi mandada para cá exatamente como todos nós... é burrice pensar que ela seja responsável por qualquer coisa que aconteça aqui.

Newt grunhiu.

− Então, que droga de mértila ela quis dizer com aquela história de ter desencadeado alguma coisa?

Thomas encolheu os ombros, recusando-se a admitir que Newt tinha um bom argumento. Devia haver uma explicação.

− Quem sabe... Ela podia estar com as ideias mais malucas na cabeça quando acordou. Vai ver que todos nós ao sair daquela Caixa falamos todo tipo de besteira antes de acordar para a realidade. Deixem ela sair.

Newt e Minho trocaram um olhar demorado.

− Ora, vamos − insistiu Thomas. − O que ela pode fazer, sair por aí esfaqueando cada Clareano até a morte? Sem essa.

Minho suspirou.

− Certo. Deixe essa garota idiota sair.

− Não sou idiota! − Teresa gritou, a voz abafada pelas paredes. − E estou ouvindo tudo o que estão dizendo, seus imbecis!

Newt arregalou os olhos.

− Que doce de garota você foi arrumar, Tommy.

− Vamos logo − disse Thomas. − Estou certo de que temos uma porção de coisas para fazer antes dos Verdugos voltarem à noite... Isso se não vierem durante o dia.

Newt grunhiu e adiantou-se para o Amansador, tirando as chaves do bolso e abrindo a porta. Depois de alguns rangidos a porta se abriu.

− Pode sair.

Teresa saiu da pequena construção e fuzilou Newt com um olhar raivoso ao passar por ele. Apenas relanceou aborrecida para Minho, depois parou ao lado de Thomas. O braço dela esfregou no dele; arrepios correram por sua pele, e ele sentiu-se mortalmente sem graça.

− Muito bem, fale − disse Minho. − O que é tão importante?

Thomas olhou para Teresa, imaginando como dizer aquilo.

− O quê? − disse ela. − Fale você... eles pensam que sou uma *serial killer*.

− É, sim, você parece muito perigosa − murmurou Thomas, mas voltou a atenção para Newt e Minho. − Muito bem, quando Teresa começou a sair do coma, umas lembranças continuaram nos seus pensamentos. Ela, hã... − ele se conteve, a ponto de dizer que ela falava na sua mente − ela me disse depois que se lembrava que o Labirinto é um *código*. Que talvez, em lugar de decifrá-lo para encontrar uma saída, devêssemos ficar atentos a uma mensagem que ele possa estar nos enviando.

− Um *código*? − indagou Minho. − Como pode ser um código?

Thomas abanou a cabeça, desejando poder responder.

− Eu não sei bem... você é muito mais familiarizado com os Mapas do que eu. Mas tenho uma teoria. É por isso que estava esperando que vocês pudessem se lembrar de alguns deles.

Minho olhou para Newt, as sobrancelhas erguidas em dúvida. Newt inclinou a cabeça concordando.

− O que foi? − surpreendeu-se Thomas, percebendo que guardavam alguma informação para eles mesmos. − Vocês dois estão agindo como se tivessem um segredo.

Minho esfregou os olhos com as duas mãos e respirou fundo.

− Nós escondemos os Mapas, Thomas.

A princípio não caiu a ficha.

− O quê?

Minho apontou para a Sede.

− Escondemos os malditos Mapas na sala de armas, deixando bobagens lá no lugar deles. Por causa da advertência de Alby. E por causa do tal *Término* que a sua namorada desencadeou.

Thomas ficou tão entusiasmado de ouvir aquilo que por um instante esqueceu-se de como as coisas tinham se tornado tão horríveis. Lembrou-se de Minho agindo de forma suspeita no dia anterior, dizendo que tinha uma tarefa especial. Então olhou para Newt, que concordou com um movimento de cabeça.

− Eles estão segurinhos da silva − disse Minho. − Cada um dos que foram feitos por aqueles trolhos. Portanto, se você tem uma teoria, continue falando.

− Leve-me até eles − pediu Thomas, ansioso por dar uma olhada.

− Muito bem, vamos lá.

42

Minho acendeu a luz, fazendo Thomas semicerrar os olhos por um segundo até se acostumar com a claridade. Sombras ameaçadoras pendiam sobre as caixas de armas espalhadas pela mesa e pelo piso, facas, bastões e outros instrumentos asquerosos pareciam estar esperando, prontos para ganhar vida própria e matar a primeira pessoa idiota o bastante para se aproximar. O cheiro de bolor e umidade só contribuía para intensificar a má impressão que a sala causava.

− Tem uma despensa oculta aqui atrás − explicou Minho, passando por algumas prateleiras para chegar a um canto escuro. − Só poucos de nós sabem sobre ela.

Thomas ouviu o rangido de uma velha porta de madeira e então Minho arrastou uma caixa de papelão pelo chão; o atrito sobre o piso soava como uma faca cortando um osso.

− Guardei o conteúdo de cada baú na sua própria caixa, oito no total. Estão todas ali.

− A qual corresponde esta? − quis saber Thomas; ele se ajoelhou ao lado da caixa, ansioso para começar.

− Abra e veja você mesmo... cada página está identificada, lembra?

Thomas puxou as abas entrecruzadas até que elas se abriram.

Os Mapas da Área Dois formavam uma pilha bagunçada. Thomas estendeu a mão e puxou o maço de papéis para fora.

− Ok − disse ele. − Os Corredores sempre compararam um dia com o outro, procurando ver se havia um padrão que de alguma

forma ajudasse a descobrir um meio de encontrar a saída. Você mesmo disse que não sabia de verdade *o que* vocês estavam procurando, mas continuavam a estudar os Mapas assim mesmo. Certo?

Minho balançou a cabeça concordando, os braços cruzados. Ele observava como se alguém estivesse prestes a revelar o segredo da imortalidade.

− Bem − Thomas continuou −, e se todos os movimentos dos muros não tivessem nada a ver com um mapa ou um labirinto ou qualquer outra coisa desse tipo? E se em vez disso o padrão representasse *palavras*? Algum tipo de dica que nos ajude a escapar.

Minho apontou para os Mapas na mão de Thomas, soltando um suspiro de frustração.

− Cara, você faz alguma ideia de quantas vezes estudamos isso aí? Não acha que teríamos notado se houvesse alguma sugestão de malditas *palavras*?

− Talvez seja muito difícil ver a olho nu, apenas comparando um dia com o seguinte. E se não devessem comparar um dia com o seguinte, mas observar um dia de cada vez?

Newt deu uma risada.

− Tommy, posso não ser o cara mais esperto da Clareira, mas parece que você está falando uma enorme bobagem.

Enquanto ele falava, a mente de Thomas funcionava ainda mais rápido. A resposta achava-se ao seu alcance − ele sabia que estava quase lá. Só que era muito difícil traduzir em palavras.

− Tá bom, eu sei − disse, decidido a começar. − Sempre houve um Corredor responsável por cada área, certo?

− Certo − respondeu Minho. Ele parecia genuinamente interessado e pronto para entender.

− E esse Corredor fazia um Mapa a cada dia, e depois o comparava com os Mapas dos dias anteriores, *dentro dessa área*. E se, em vez disso, vocês devessem comparar as oito áreas *entre si*, todos os dias? Cada dia sendo uma pista ou código individual? Alguma vez vocês compararam uma área com as outras?

Minho coçou o queixo, confirmando com um movimento de cabeça.

− Sim, mais ou menos. Tentamos ver se faziam algum sentido quando as colocávamos juntas... é claro que fizemos isso. Tentamos tudo.

Thomas puxou as pernas para baixo de si, estudando os Mapas no colo. Mal conseguia ver as linhas do Labirinto desenhadas na segunda página através da página que estava por cima. Nesse instante, ele soube o que precisavam fazer. Então ergueu os olhos para os outros.

− Papel-manteiga.

− Hã? − surpreendeu-se Minho. − O que é que...

− Apenas confie em mim. Precisamos de papel-manteiga e de tesouras. E todas as canetas pretas tipo marcador e lápis que puderem encontrar.

Caçarola não gostou muito que lhe tomassem uma caixa inteira de rolos de papel-manteiga, especialmente depois do corte dos suprimentos. Ele argumentou que esse era um dos itens que sempre pedia, já que o usava para assar. Finalmente, para convencê-lo a entregar o papel, foi preciso que lhe contassem para que precisavam.

Depois de dez minutos procurando canetas e lápis − a maioria se encontrava na Casa dos Mapas e fora destruída no incêndio −, Thomas sentou-se à mesa de trabalho no porão dos armamentos com Newt, Minho e Teresa. Não tinham conseguido encontrar tesouras, assim Thomas pegara a faca mais afiada que conseguira encontrar.

− Tomara que isso dê certo − falou Minho. Sua voz transmitia um toque de advertência, mas os olhos demonstravam algum interesse.

Newt inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos sobre a mesa, como se esperasse por um truque de mágica.

− Vamos logo com isso, Fedelho.

− Muito bem. − Thomas estava ansioso por isso, mas também morria de medo que pudesse dar em nada. Ele entregou a faca a

Minho, depois indicou o papel-manteiga. − Comece cortando retângulos, mais ou menos do tamanho dos Mapas. Newt e Teresa, vocês podem me ajudar a pegar os primeiros dez Mapas mais ou menos da caixa de cada área.

− O que é isso, recorte-e-cole? − Minho segurou a faca e olhou para o objeto aborrecido. − Por que não nos diz logo que plong estamos fazendo com tudo isso?

− Não tenho mais o que explicar − falou Thomas, sabendo que só precisavam ver o que ele estava imaginando. Levantou-se para ir dar uma busca na despensa onde estavam os mapas. − Será mais fácil mostrar para vocês. Se estiver errado, paciência, podemos voltar a correr pelo Labirinto como camundongos.

Minho suspirou, irritado, murmurando alguma coisa inaudível. Teresa ficara quieta por um tempo, mas falou dentro da cabeça de Thomas:

“Sei o que você está fazendo. Brilhante, de verdade”.

Thomas levou um susto, mas tentou disfarçar da melhor maneira possível. Sabia que não podia demonstrar que ouvia vozes dentro da cabeça − os outros pensariam que estava maluco.

“Só... venha... me... ajudar”, tentou responder, pensando cada palavra separadamente, procurando visualizar a mensagem, *enviá-la*. Mas Teresa não respondeu.

− Teresa − disse ele em voz alta −, poderia me ajudar um segundo? − Ele indicou a despensa com um movimento de cabeça.

Os dois foram para a salinha empoeirada e abriram todas as caixas, pegando uma pequena pilha de Mapas de cada uma. Voltando à mesa, Thomas descobriu que Minho já cortara vinte folhas, fazendo uma pilha bagunçada à direita enquanto atirava cada folha nova por cima.

Thomas sentou-se e pegou algumas. Segurou um dos papéis contra a luz, viu como ele deixava passar um brilho leitoso. Era exatamente do que precisava.

Pegou um marcador.

− Muito bem, todo mundo desenha os dez últimos dias mais ou menos em uma folha desta pilha. Não se esqueçam de identificar

em cima para podermos saber a que dia correspondem. Quando terminarem, acho que poderemos ver alguma coisa.

− O que... − começou Minho.

− Continue cortando aí, droga − ordenou Newt. − Acho que sei aonde ele quer chegar. Thomas sentiu-se aliviado por alguém finalmente entender.

Eles se entregaram à tarefa, passando o desenho dos Mapas originais para o papel-manteiga, um por um, tentando fazer um tracejado bem claro e correto ao mesmo tempo que trabalhavam o mais rápido possível. Thomas usou a lateral de uma tabuinha que encontrou como uma régua improvisada, mantendo as suas linhas bem retas. Logo ele tinha terminado cinco mapas, depois mais cinco. Os outros seguiram o mesmo ritmo, trabalhando febrilmente.

Enquanto desenhava, Thomas começou a sentir um certo pânico, uma sensação incômoda de que o que estavam fazendo era um total desperdício de tempo. Mas Teresa, sentada ao lado dele, era um exemplo de concentração, a língua aparecendo no canto da boca enquanto desenhava as linhas de um lado para o outro, para cima e para baixo. Ela parecia muito confiante de que eles estavam no caminho certo.

Caixa por caixa, área por área, seguiram em frente.

− Pra mim chega − Newt anunciou, quebrando o silêncio. − Os meus dedos estão queimando. Vamos ver se funciona.

Thomas abaixou a caneta, depois flexionou os dedos, na esperança de que estivesse certo sobre tudo aquilo.

− Tá, passem para mim os últimos dias de cada área... Façam pilhas sobre a mesa, em ordem desde a Área Um até a Área Oito. A Um aqui − ele apontou para uma extremidade − e a Oito ali. − Ele apontou para a outra extremidade.

Em silêncio, eles fizeram o que Thomas pedira, separando tudo o que haviam desenhado em oito pilhas baixas de papel-manteiga alinhadas sobre a mesa.

Agitado e nervoso, Thomas pegou uma página de cada pilha, certificando-se de que eram do mesmo dia, mantendo-as em ordem. Depois colocou-as uma em cima da outra, de modo que cada desenho do Labirinto coincidisse no mesmo dia em cima e embaixo,

até poder olhar para oito áreas diferentes do Labirinto de uma só vez. Achou incrível o que viu. Quase como num passe de mágica, como um quadro entrando em foco, uma imagem apareceu.

Teresa ofegou baixinho.

As linhas se cruzavam, para cima e para baixo, de tal maneira que o que Thomas tinha nas mãos parecia uma grade quadriculada. Mas determinadas linhas no meio − linhas que por acaso apareciam com mais frequência do que todas as outras − produziam uma imagem ligeiramente mais escura do que o restante. Era sutil, mas, sem sombra de dúvida, dava para ver.

Bem no centro da página via-se a letra “F”.

43

Thomas sentiu várias emoções ao mesmo tempo: alívio por ter funcionado, surpresa, entusiasmo, maravilhando-se ao pensar aonde aquilo poderia levar.

− Cara... − falou Minho, resumindo na sua perplexidade o que Thomas sentia.

− Pode ser uma coincidência − interveio Teresa. − Continue... depressa!

Thomas continuou, juntando as oito páginas de cada dia, em ordem desde a Área Um até a Área Oito. Todas as vezes, uma letra visível formava-se no centro das linhas entrecruzadas. Depois do “F” foi um “L”, então um “U”, depois um “T”, um “U” e em seguida um “A”. Por fim, “P”... “E”... “G”...

− Vejam − falou Thomas, apontando para a fileira de pilhas que haviam formado, confuso, mas contente por as letras serem tão evidentes. − Formou “FLUTUA” e depois “PEG”.

− Flutua peg? − estranhou Newt. − Não faz sentido, para mim não parece de forma alguma um código de salvação.

− Precisamos continuar com mais páginas − falou Thomas.

Mais uma combinação os levaram a perceber que a segunda palavra era na verdade “PEGA”. “FLUTUA” e “PEGA”.

− Não é uma coincidência.

− Definitivamente, não − concordou Thomas. Não aguentava de ansiedade para ver mais.

Teresa apontou para a despensa.

− Precisamos fazer o mesmo com todos eles... todas aquelas caixas que estão lá.

− É isso mesmo − Thomas concordou. − Vamos lá.

− Não podemos ajudar − falou Minho.

Os três olharam na sua direção. Ele devolveu o olhar.

− Pelo menos não eu nem o Thomas. Precisamos fazer com que os Corredores saiam para o Labirinto.

− O quê? − indagou Thomas. − Isso é muito mais importante!

− Pode ser − respondeu Minho calmamente −, mas não podemos perder nem um dia lá. Ainda mais agora.

Thomas sentiu um assomo de decepção. Correr no Labirinto parecia um desperdício de tempo em comparação a descobrir o código.

− Por que, Minho? Você disse que o padrão vinha se repetindo há meses... um dia a mais não quer dizer nada.

Minho bateu a mão com violência sobre a mesa.

− Isso é besteira, Thomas! De todos os dias, este pode ser o mais importante para estar lá. Alguma coisa pode ter mudado, alguma coisa pode ter se aberto. Na verdade, como os malditos muros não estão se fechando mais, acho que deveríamos testar a sua ideia... passar a noite lá e explorar mais a fundo.

Aquilo atiçou o interesse de Thomas − ele *vinha* querendo fazer aquilo. Em conflito, perguntou:

− Mas e quanto ao código? E quanto...

− Tommy − falou Newt em tom consolador. − Minho está certo. Vocês trolhos devem ir lá fazer a sua Corrida. Vou convocar alguns garotos em que podemos confiar para trabalhar nisto aqui. − Newt soou mais como líder do que nunca.

− Eu também − concordou Teresa. − Vou ficar e ajudar o Newt.

Thomas olhou para ela.

− Tem certeza? − Estava louco para desvendar o código por si só, mas concluiu que Minho e Newt estavam certos.

Ela sorriu e cruzou os braços.

− Se forem decifrar um código secreto de um conjunto complexo de diferentes labirintos, tenho certeza de que será preciso ter o

cérebro de uma garota comandando tudo. − Seu sorriso irônico transformou-se em um ar de afetação.

− Se é você quem diz. − Ele cruzou os braços também, olhando-a com um sorriso, perdendo de repente a vontade de partir.

− Bom isso. − Minho balançou a cabeça e virou-se para sair. − Está tudo bem aqui. Vamos. − Saiu em direção à porta, mas parou quando percebeu que Thomas não o acompanhava.

− Não se preocupe, Tommy − falou Newt. − A sua namorada vai ficar bem.

Thomas sentiu um milhão de pensamentos lhe passarem pela cabeça naquele momento. A vontade de desvendar o código, o mal-estar pelo que Newt pensava dele e de Teresa, a curiosidade do que podiam descobrir no Labirinto e... medo.

No entanto, pôs tudo de lado. Sem sequer se despedir, finalmente acompanhou Minho, e os dois subiram pela escada.

Thomas ajudou Minho a reunir os Corredores para lhes dar a notícia e organizá-los para a grande jornada. Surpreendeu-se com a presteza com que todos concordaram que era hora de fazer uma exploração em maior profundidade do Labirinto e passar a noite lá. Ainda que estivesse nervoso e apreensivo, ele disse a Minho que poderia cuidar sozinho de uma das áreas, mas o Encarregado recusou. Tinham oito Corredores experientes para fazer isso. Thomas iria com ele... o que o deixou tão aliviado que ele quase se envergonhou disso.

Ele e Minho abasteceram as mochilas com mais suprimentos do que o normal; não havia como prever quanto tempo permaneceriam lá fora. Apesar do medo, Thomas não pôde evitar sentir-se empolgado também − talvez aquele fosse o dia em que encontrariam a saída.

Ele e Minho estavam alongando as pernas ao lado da Porta Oeste quando Chuck aproximou-se para se despedir.

− Eu iria com vocês − falou o garoto em uma voz jovial exagerada −, mas não quero ter uma morte horrível.

Thomas riu, surpreendendo-se.

− Obrigado pelas palavras de encorajamento.

− Tome cuidado − falou Chuck, num tom de voz mudado, expressando preocupação de verdade. − Gostaria de poder ajudá-los.

Thomas emocionou-se − apostava que, se realmente fosse preciso, Chuck *iria* mesmo com ele, caso lhe pedisse.

− Obrigado, Chuck. Pode ter certeza de que vamos tomar cuidado.

Minho grunhiu.

− Tomar cuidado não adianta nada. É tudo ou nada agora, baby.

− Melhor a gente ir − falou Thomas. Borboletas enxamearam-lhe as entranhas, e só o que queria no momento era *ação*, parar de pensar naquilo tudo. Afinal de contas, sair para o Labirinto não era pior do que ficar na Clareira com as Portas abertas. Embora pensar nisso não o fizesse sentir-se melhor.

− É isso aí − respondeu Minho com calma. − Vamos embora.

− Bem − falou Chuck, baixando os olhos para os pés antes de voltar a encarar Thomas. − Boa sorte. Se a sua namorada sentir-se muito sozinha sem você, vou procurar consolá-la.

Thomas rolou os olhos para o alto.

− Ela não é a minha namorada, cara de mértila.

− Uau! − exclamou Chuck. − Você já está usando os palavrões do Alby. − Obviamente, ele se esforçava para fingir que não morria de medo diante dos últimos acontecimentos, mas os seus olhos o traíam. − Sério mesmo, boa sorte.

− Obrigado, isso ajuda muito − respondeu Minho, por sua vez rolando os olhos também. − A gente se vê, trolho.

− É isso aí, a gente se vê − murmurou Chuck, depois deu meia-volta e se afastou.

Thomas sentiu um golpe de tristeza − era possível que nunca mais visse Chuck ou Teresa ou nenhum deles outra vez. Mas um ímpeto repentino apoderou-se dele.

− Não se esqueça da minha promessa! − gritou. − Você vai voltar para casa, eu garanto!

Chuck voltou-se e fez um sinal de positivo para ele; as lágrimas brilharam nos seus olhos.

Thomas levantou os dois polegares; depois ele e Minho puseram as mochilas e entraram no Labirinto.

44

Thomas e Minho só pararam quando estavam a meio caminho do último beco sem saída da Área Oito. Tinham feito um bom tempo − Thomas era grato pelo relógio de pulso, com o céu se tornando acinzentado − porque rapidamente deu para notar que os muros não tinham se movido desde o dia anterior. Tudo estava exatamente igual. Não havia necessidade de fazer Mapas ou de tomar notas; a sua única tarefa era chegar ao fim e tomar o caminho de volta, procurando tudo o que tivesse passado despercebido − qualquer coisa. Minho concedeu uma parada de vinte minutos e depois eles retomaram o ritmo.

Corriam em silêncio. Minho ensinara a Thomas que falar só desperdiçava energia, então ele se concentrava no ritmo e na respiração. Regular. Igual. Inspirar, expirar. Inspirar, expirar. Foram entrando cada vez mais fundo no Labirinto, apenas com os seus pensamentos e os sons dos seus pés batendo contra o chão duro de pedra.

Na terceira hora, Teresa o surpreendeu, falando em sua mente lá da Clareira.

“Estamos progredindo aqui... já encontramos mais algumas palavras. Mas nenhuma delas faz sentido ainda.”

O primeiro instinto de Thomas foi ignorá-la, negar uma vez mais que alguém tivesse a capacidade de entrar na sua mente, invadir a sua privacidade. Mas ele queria falar com ela.

“Você consegue me ouvir?”, perguntou, visualizando as palavras dentro da sua cabeça, lançando-as mentalmente para ela de uma

maneira que nunca ninguém lhe explicara. Concentrando-se, repetiu: “Você consegue me ouvir?”

“Sim!”, foi a resposta. “Com certeza, nitidamente da segunda vez que você falou.”

Thomas ficou abismado. Tanto que quase parou de correr. Tinha funcionado!

“Fico me perguntando por que conseguimos fazer isso”, falou com a mente. O esforço de conversar com ela dessa forma já cobrava o seu preço − sentia uma dor de cabeça formando-se como um inchaço no cérebro.

“Talvez fôssemos namorados”, falou Teresa.

Thomas tropeçou e esborrachou-se no chão. Sorrindo envergonhado para Minho, que se voltara para olhar sem diminuir o passo, Thomas levantou-se e o alcançou. “Como assim?”, perguntou.

Ele sentiu a risada dela, uma imagem diluída mas colorida. “Isso é tão estranho”, disse ela. “É como se você fosse um desconhecido, mas eu sei que não é.”

Thomas sentiu um arrepio agradável, muito embora estivesse suando. “Sinto decepcioná-la, mas somos *mesmo* desconhecidos. Acabei de conhecer você, lembra?”

“Não seja bobo, Tom. Acho que alguém modificou o nosso cérebro, pôs alguma coisa nele para podermos nos comunicar por telepatia. *Antes* de virmos para cá. O que me faz pensar que já nos conhecíamos.”

Nisso ele já tinha pensado e achou que ela estivesse certa. Era o que esperava, enfim... estava realmente começando a gostar dela.

“Cérebros alterados?”, indagou. “Como?”

“Sei lá... essa é uma lembrança que não consigo recuperar. Acho que fizemos alguma coisa importante.”

Thomas pensou que sempre sentira uma ligação com Teresa, desde que ela chegara à Clareira. Queria saber um pouco mais e descobrir o que ela dizia. “Do que você está falando?”

“Gostaria de saber. Só estou tentando pôr as ideias para fora, para ver se fazem surgir alguma fagulha na sua mente.”

Thomas pensou no que Gally, Ben e Alby tinham dito antes − a suspeita deles de que Thomas estaria contra eles de algum modo, que fosse alguém em que não deviam confiar. Pensou no que Teresa lhe dissera também, na primeira vez que se viram − que de algum modo ele e ela tinham feito aquilo a eles.

"Esse código deve significar alguma coisa", continuou ela. "E a coisa que escrevi no meu braço... *CRUEL é bom*."

"Vai ver não tem importância", respondeu ele. "Quem sabe encontramos a saída. Nunca se sabe."

Thomas fechou os olhos com força por alguns segundos enquanto corria, tentando se concentrar. Uma bolsa de ar parecia flutuar no seu peito toda vez que conversavam, uma sensação que em parte o incomodava e em parte o emocionava. Abriu os olhos de repente quando percebeu que ela talvez pudesse ler os seus pensamentos mesmo quando ele não estivesse tentando se comunicar. Esperou por uma resposta, mas não chegou nenhuma.

"Você ainda está aí?", ele indagou.

"Estou, sim, mas isso sempre me dá dor de cabeça."

Thomas sentiu-se aliviado ao ouvir que não era o único.

"A minha cabeça também dói."

"Tudo bem", disse ela. "A gente se fala depois."

"Não, espere!" − Ele não queria que ela se fosse; ajudava a passar o tempo. A tornar a corrida mais fácil de algum modo.

"Tchau, Tom. Informo você se descobrirmos alguma coisa."

"Teresa... e quanto àquilo que você escreveu no seu braço?"

Vários segundos se passaram. Nenhuma resposta.

"Teresa?"

Ela se fora. Thomas sentiu como se aquela bolha de ar no peito tivesse estourado, liberando toxinas dentro do seu corpo. O estômago doía e o pensamento de correr pelo resto do dia de repente o deprimiu.

Num certo sentido, tinha vontade de contar a Minho sobre como ele e Teresa eram capazes de conversar, compartilhar o que estava acontecendo antes que aquilo fizesse o seu cérebro explodir. Mas não tinha coragem. Misturar a telepatia a toda aquela situação não parecia a melhor das ideias. Tudo já estava bastante estranho.

Thomas baixou a cabeça e respirou fundo, bem fundo. Manteria a boca fechada e continuaria a correr.

Dois intervalos depois, Minho finalmente diminuiu para o ritmo de caminhada enquanto seguiam por um corredor comprido que terminava em um muro. Ele parou e sentou-se contra o beco sem saída. A hera crescia espessa ali; passava uma sensação de mundo verde e exuberante, escondendo a dura e impenetrável pedra.

Thomas abandonou-se ao lado de Minho no chão, e eles atacaram o modesto lanche de sanduíches e frutas fatiadas.

− É isso aí − falou Minho depois da segunda mordida. − Já corremos por toda a área. Surpresa, surpresa... sem saída.

Thomas já sabia disso, mas ouvi-lo fez seu coração apertar-se ainda mais. Sem mais nenhuma palavra − dele ou de Minho −, terminou o lanche e preparou-se para a exploração. Para procurar sabe-se lá o quê.

Durante as quatro horas seguintes, ele e Minho esquadrinharam o chão, apalparam os muros, escalaram a hera em pontos ao acaso. Não encontraram nada, e Thomas foi sentindo-se cada vez mais desanimado. A única coisa interessante foi outra daquelas placas estranhas em que se lia: “CATÁSTROFE E RUÍNA UNIVERSAL − EXPERIMENTO LETAL”. Minho nem olhou duas vezes.

Fizeram outra refeição, investigaram um pouco mais. Não encontraram nada, e Thomas estava começando a sentir-se pronto para aceitar o inevitável − que não havia *nada* para encontrar. Quando chegou a hora do fechamento dos muros, ele começou a procurar sinais de Verdugos, dominado por uma hesitação gelada a cada esquina. Ele e Minho sempre levavam uma faca firmemente segura em cada mão. Mas não apareceu nada até quase meia-noite.

Minho avistou um Verdugo desaparecendo atrás de uma esquina à frente deles; e ele não voltou. Trinta minutos depois, Thomas viu outro fazer exatamente a mesma coisa. Uma hora depois disso, um Verdugo passou por eles correndo no Labirinto, sem sequer parar. Thomas quase caiu por causa do acesso súbito de terror.

Ele e Minho continuaram.

− Acho que estão brincando com a gente − falou Minho um instante depois.

Thomas percebeu que desistira de examinar os muros e estava apenas voltando para a Clareira em um passo deprimido. Pela aparência, Minho devia sentir o mesmo que ele.

− O que você quer dizer com isso? − indagou Thomas.

O Encarregado suspirou.

− Acho que os Criadores querem que a gente saiba que não existe saída. Os muros nem estão se movendo mais... É como se tudo não passasse de algum joguinho idiota e que estivesse na hora de parar. E eles querem que a gente volte e conte para os outros garotos da Clareira. Quanto quer apostar que, quando a gente voltar, vai encontrar outro Verdugo pegando um deles exatamente como ontem à noite? Acho que o Gally estava certo... eles vão nos matar um por um.

Thomas não respondeu − reconhecia a verdade no que Minho dissera. Toda a esperança que sentia antes quando tinham partido se destroçara havia muito tempo.

− Então vamos embora − falou Minho em voz cansada.

Thomas odiava admitir a derrota, mas balançou a cabeça concordando. O código parecia ser a sua única esperança agora, e ele resolveu se concentrar nisso.

Ele e Minho seguiram em silêncio de volta à Clareira. Não viram mais nenhum Verdugo por todo o caminho.

45

Pelo relógio de Thomas, era o meio da manhã quando ele e Minho atravessaram a Porta Oeste de volta à Clareira. Thomas estava tão cansado que queria deitar ali mesmo e tirar uma soneca. Haviam permanecido no Labirinto por cerca de vinte e quatro horas.

Curiosamente, apesar da luz fraca e de tudo estar desmoronando, o dia na Clareira parecia prosseguir como de costume − todos entregues às diversas atividades. Não demorou muito para que alguns garotos notassem a sua chegada. Newt foi informado e veio correndo.

− Vocês são os primeiros a voltar − disse ele enquanto se aproximava. − O que aconteceu? − A expressão de esperança infantil no rosto dele cortou o coração de Thomas; ele pensava que haviam encontrado algo importante. − Digam que têm boas notícias.

Minho trazia os olhos mortos, focalizando um ponto qualquer na distância cinzenta.

− Nada − disse ele. − O Labirinto é uma maldita grande piada.

Newt olhou para Thomas, confuso.

− Do que ele está falando?

− Ele só está desanimado − Thomas respondeu encolhendo os ombros cansados. − Não encontramos nada diferente. Os muros não se moveram, não existem saídas, nada. Os Verdugos vieram ontem à noite?

Newt fez uma pausa, uma nuvem sombria cobrindo-lhe o rosto. Finalmente, ele balançou a cabeça, confirmando.

− Vieram. Levaram Adam.

Thomas não conhecia o nome e sentiu-se culpado por não sentir nada. “Só uma pessoa de novo”, pensou. “Talvez Gally tivesse *razão*.”

Newt estava prestes a dizer alguma coisa quando Minho perdeu a compostura, olhando para Thomas.

− Não aguento mais isso! − Minho estapeava a hera, as veias quase estourando no pescoço. − Não aguento mais isso! Está acabado! Está tudo acabado! − Ele tirou a mochila e atirou-a no chão. − Não existe saída, nunca existiu, nem existirá. Estamos todos ferrados.

Thomas ficou olhando, a garganta seca, enquanto Minho saía marchando em direção à Sede. Era preocupante − se Minho desistisse, estavam todos em uma grande dificuldade.

Newt não disse mais nada. Deixou Thomas parado ali, absorto em meio aos próprios pensamentos. O desespero pairava no ar como a fumaça da Casa dos Mapas, espessa e amarga.

Os outros Corredores regressaram ainda naquela hora, e, pelo que Thomas ouviu, não tendo encontrado nada, eles também tinham acabado por desistir. As faces sombrias espalhavam-se pela Clareira, e a maioria dos trabalhadores abandonou as tarefas diárias.

Thomas sabia que o código do Labirinto era a única esperança que lhes restava agora. Ele tinha de revelar alguma coisa. Tinha mesmo. E depois de caminhar a esmo pela Clareira para ouvir as histórias dos outros Corredores, fez um esforço para sair daquela depressão.

“Teresa?”, disse mentalmente, fechando os olhos, como se isso ajudasse. “Onde você está? Descobriu alguma coisa?”

Depois de uma longa pausa, ele quase desistiu, pensando que não funcionara.

“Hã? Tom, você disse alguma coisa?”

“Disse”, falou ele, empolgado por fazer contato de novo. “Está me ouvindo? Estou fazendo essa coisa direito?”

“Às vezes falha, mas está funcionando. Meio louco, né?”

Thomas pensou sobre o assunto − na verdade, estava começando a se acostumar.

“Não é tão ruim. Vocês ainda estão no porão? Vi o Newt, mas depois ele sumiu de novo.”

“Ainda estamos aqui. O Newt conseguiu três garotos para nos ajudar a desenhar os Mapas. Acho que já temos o código todo decifrado.

O coração de Thomas saltou para a garganta.

“Sério?”

“Venha até aqui.”

“Estou indo.”

Ele já se encaminhava para lá ao dizer isso, de alguma forma não se sentindo mais tão exausto.

Newt abriu-lhe a porta.

− O Minho ainda não apareceu − informou ele enquanto desciam a escada até o porão. − Às vezes ele é muito esquentadinho.

Thomas estava surpreso por Minho desperdiçar tempo emburrado, ainda mais agora com as possibilidades do código. Afastou aquele pensamento quando entrou na sala. Vários garotos que não conhecia estavam reunidos ao redor da mesa, em pé; todos pareciam exaustos, os olhos fundos. Pilhas de Mapas jaziam espalhadas por todo canto, incluindo o chão. Parecia como se um tornado tivesse passado bem no meio da sala.

Teresa estava reclinada contra uma pilha de prateleiras, lendo uma única folha de papel. Ela ergueu os olhos quando ele entrou, mas depois voltou a observar o que quer que tinha nas mãos. Isso o entristeceu um pouco − ele esperava que parecesse feliz ao vê-lo −, mas depois sentiu-se um idiota por até mesmo ter tido aquele pensamento. Obviamente ela estava ocupada desvendando o código.

“Você precisa ver isto”, falou Teresa para ele assim que Newt dispensou os ajudantes. Eles saíram batendo os pés na escada de madeira, alguns resmungando sobre fazer todo aquele trabalho para nada.

Thomas assustou-se, por um breve momento, preocupado que Newt pudesse perceber o que estava acontecendo.

“Não fale na minha cabeça com Newt por perto. Não quero que ele saiba sobre o nosso... dom.”

− Venha dar uma olhada nisto − falou ela em voz alta, mal disfarçando o sorriso de satisfação que exibira rapidamente.

− Fico de joelhos e beijo os seus malditos pés se puder desvendar isso − falou Newt.

Thomas aproximou-se de Teresa, ansioso para ver o que tinham encontrado. Ela estendeu o papel, as sobrancelhas levantadas.

− Não resta dúvida que isto está certo − disse ela. − Só não faço ideia do que significa.

Thomas pegou o papel e correu os olhos por ele rapidamente. Viam-se círculos numerados de cima a baixo do lado esquerdo, de um a seis. Ao lado de cada um via-se uma palavra escrita em grandes letras maiúsculas.

FLUTUA
PEGA
SANGRA
MORTE
RÍGIDO
APERTA

Isso era tudo. Seis palavras.

Thomas sentiu-se tomado pelo desânimo − estava certo de que o propósito do código ficaria óbvio depois que o descobrissem. Olhou para Teresa com o coração apertado.

− Só isso? Tem certeza de que estão na ordem certa?

Ela tomou o papel da mão dele.

− O Labirinto vem repetindo estas palavras há meses... paramos finalmente quando isso ficou claro. A cada vez, depois da palavra “APERTA”, passava uma semana sem aparecer nenhuma letra, e depois começava tudo de novo com “FLUTUA”. Daí imaginamos que fosse a primeira palavra, nessa ordem.

Thomas cruzou os braços e inclinou-se sobre as prateleiras ao lado de Teresa. Sem pensar a respeito, ele memorizou as seis palavras, gravando-as mentalmente. *Flutua. Pega. Sangra. Morte. Rígido. Aperta*. Não parecia nada bom.

− Divertido, não acha? − disse Newt, refletindo exatamente os seus pensamentos.

− Pois é − replicou Thomas com um gemido de frustração. − Precisamos que o Minho venha até aqui... talvez ele saiba de alguma coisa que não sabemos. Se a gente tivesse mais pistas... − Parou, tocado por uma premonição atordoante; teria caído no chão se não estivesse apoiado nas prateleiras. Acabara de lhe ocorrer uma ideia. Uma ideia horrível, terrível, pavorosa. A pior ideia da história das ideias horríveis, terríveis, pavorosas.

Mas o instinto lhe dizia que estava certo. Havia uma coisa que precisava fazer.

− Tommy? − chamou Newt, aproximando-se com a testa franzida de preocupação. − Qual é o problema? Parece que você acabou de ver um fantasma.

Thomas abanou a cabeça, recompondo-se.

− Ah... nada, desculpe. Os meus olhos estão ardendo... acho que preciso dormir um pouco. − Ele esfregou as têmporas para dar mais ênfase.

“Está tudo bem com você?”, indagou Teresa mentalmente. Ele a viu tão preocupada quanto Newt, o que o fez sentir-se bem.

“Estou, sim. Sério, estou cansado. Só preciso descansar um pouco.”

− Bem − falou Newt, apertando o ombro de Thomas. − Você passou toda essa maldita noite no Labirinto... vá tirar um cochilo.

Thomas olhou para Teresa, depois para Newt. Queria compartilhar a sua ideia, mas decidiu que não. Em vez disso, balançou a cabeça e foi para a escada.

De qualquer forma, Thomas tinha um plano agora. Por pior que fosse, ele tinha um plano.

Eles precisavam de mais pistas sobre o código. Precisavam de *lembranças*.

Então ele se deixaria picar por um Verdugo. Passaria pela Transformação. De propósito.

46

Thomas não quis conversar com ninguém pelo resto do dia.

Teresa tentou várias vezes. Mas ele lhe respondia sempre que não estava se sentindo bem, que só queria ficar sozinho e dormir no seu canto atrás da floresta, talvez passar algum tempo pensando. Tentar descobrir um segredo oculto na sua mente que os ajudasse a resolver o que fazer.

Mas na verdade ele estava se preparando mentalmente para colocar em prática o que planejara para aquela noite, convencendo-se de que era a coisa certa a fazer. A *única* coisa a fazer. Além disso, estava absolutamente aterrorizado e não queria que os outros percebessem.

Por fim, quando seu relógio indicou que a noite chegara, ele foi até a Sede com todos os outros. Nem notou que estava faminto até começar a comer a refeição preparada às pressas por Caçarola com biscoitos e sopa de tomate.

E então chegara a hora de mais uma noite sem dormir.

Os Construtores recolocaram as tábuas nos buracos deixados pelos monstros que haviam levado Gally e Adam. O resultado final pareceu a Thomas como se a obra tivesse sido executada por um exército de bêbados, mas parecia sólida o bastante. Newt e Alby − que finalmente sentia-se bem o suficiente para caminhar de novo, a cabeça toda enfaixada − insistiram em um plano para que todos se revezassem em turnos nos locais onde dormiriam à noite.

Thomas acabou num salão no andar de baixo da Sede, com as mesmas pessoas com que dormira duas noites antes. O silêncio

logo instalou-se no aposento, embora ele não soubesse se era porque todos estavam realmente dormindo ou se porque estavam aterrorizados, torcendo em silêncio para que os Verdugos não voltassem. Ao contrário de duas noites antes, Teresa teve permissão para permanecer no prédio com o resto dos Clareanos. Ela ficou perto dele, enrolada em dois cobertores. De alguma forma, ele podia sentir que ela estava dormindo. Realmente *dormindo*.

Thomas com certeza não conseguia dormir, muito embora soubesse que o seu corpo precisava desesperadamente de descanso. Ele tentou□ com afinco manter os olhos fechados, forçando-se a relaxar. Mas não conseguiu. A noite se arrastava, e ele sentia sobre o peito o peso da expectativa.

Então, como todos esperavam, ouviram-se os sons mecânicos e assombrosos dos Verdugos do lado de fora. O momento tinha chegado.

Todos se amontoaram contra a parede mais distante das janelas, fazendo o máximo possível para manter-se em silêncio. Thomas encolhera-se em um canto perto de Teresa, abraçando os joelhos, os olhos grudados na janela. A realidade da dolorosa decisão que tomara apertava-lhe o coração como um punho esmagador. Mas ele sabia que tudo poderia depender disso.

A tensão no cômodo aumentava numa progressão constante. Os Clareanos estavam quietos, nem uma alma se movia. Um ruído distante de metal raspando contra a madeira ecoou por toda a casa; pareceu a Thomas como se um Verdugo estivesse escalando a parte de trás da Sede, no lado oposto ao que se encontravam. Mais ruídos seguiram-se alguns segundos depois, vindos de todas as direções, o mais próximo bem do lado de fora da janela deles. O ar no salão parecia imobilizado, feito gelo sólido, e Thomas pressionou os punhos contra os olhos, torturado pela expectativa do ataque.

Uma explosão repentina de madeira estraçalhada e vidro quebrado ribombou em algum lugar no andar de cima, abalando a casa inteira. Thomas ficou paralisado quando vários gritos irromperam, seguidos pelo impacto de passos em fuga. Rangidos e gemidos altos anunciaram que todo um grupo de Clareanos corria para o piso inferior.

− Pegaram Dave! − alguém gritou, a voz esganiçada de terror.

Ninguém no salão de Thomas moveu um músculo; ele sabia que todos provavelmente sentiam-se culpados pelo próprio alívio − por pelo menos não terem sido eles. Por talvez estarem em segurança por mais uma noite. Por duas noites seguidas um garoto fora levado, e os Clareanos haviam começado a acreditar que aquilo que Gally dissera era verdade.

Thomas deu um pulo quando um estrondo terrível soou do outro lado da porta, acompanhado por gritos e um crepitar de madeira estilhaçada, como se algum monstro de presas de ferro estivesse comendo a escada inteira. Um segundo depois ouviu-se outra explosão de madeira triturada: a porta da frente. O Verdugo atravessara toda a casa e agora estava indo embora.

Thomas estremeceu, torturado por um acesso violento de medo. Era agora ou nunca.

De um salto, saiu correndo para a porta do aposento, escancarando-a de uma vez. Ouviu Newt gritar, mas ignorou-o e correu para o saguão de entrada, desviando de centenas de estilhaços de madeira espalhados, saltando sobre eles. Dava para ver que o lugar onde antes ficava a porta da frente era agora um rasgo aberto para a noite cinzenta. Encaminhou-se direto para lá e saiu correndo para a Clareira.

“Tom!”, gritou Teresa dentro da sua cabeça. “O que você está fazendo?”

Ele a ignorou. Apenas continuou correndo.

O Verdugo que levava Dave − um garoto com quem Thomas nunca conversara − seguia rolando sobre os seus esporões na direção da Porta Oeste, sacudindo-se e zumbindo. Os outros Verdugos já se haviam reunido no pátio e seguiam o companheiro na direção do Labirinto. Sem hesitar, sabendo que os outros pensariam que estava tentando cometer suicídio, Thomas saiu em disparada na direção deles até encontrar-se no meio do grupo de criaturas. Tomados de surpresa, os Verdugos hesitaram.

Thomas saltou sobre o que segurava Dave e tentou libertar o garoto à força, na esperança de que a criatura revidasse. O grito de

Teresa dentro da sua mente foi tão alto que ele sentiu como se tivessem enterrado um punhal no seu crânio.

Três dos Verdugos atiraram-se sobre ele ao mesmo tempo, as pinças e garras compridas e as agulhas voando em todas as direções. Thomas agitou os braços e as pernas, afastando os horríveis braços metálicos enquanto chutava as bolhas pulsantes do corpo dos Verdugos − só queria ser picado, não levado como Dave. O ataque implacável intensificou-se, e Thomas sentiu a dor espalhar-se através de cada centímetro do corpo − as picadas das agulhas informando-o que conseguira o que queria. Gritando, ele chutava, empurrava e se debatia, rolando o corpo para fora, tentando se afastar deles. Lutando, impregnado de adrenalina, ele finalmente encontrou um espaço aberto para firmar-se nos pés e correr com todas as forças.

Logo que escapou do alcance imediato dos instrumentos dos Verdugos, eles desistiram e bateram em retirada, desaparecendo no Labirinto. Thomas desmoronou no chão, gemendo de dor.

Newt chegou ao seu lado em um segundo, seguido imediatamente por Chuck, Teresa e vários outros. Newt agarrou-o pelos ombros e ergueu-o, segurando-o por baixo dos braços.

− Peguem as pernas dele! − gritou.

Thomas sentiu o mundo nadando à sua volta, percebeu que estava delirando e sentindo náuseas. Alguém, ele não saberia dizer quem, obedeceu à ordem de Newt. Thomas foi sendo carregado pelo pátio, levado através da porta da frente da Sede, passando pela entrada em pedaços, até um quarto, onde foi colocado em um sofá. O mundo continuava a girar, a balançá-lo de um lado a outro.

− O que foi que você *fez*? − gritou Newt junto ao seu rosto. − Como pôde ser tão imbecil!

Thomas precisava falar antes de mergulhar na escuridão.

− Não... Newt... você não entende...

− Cale a boca! − Newt tornou a gritar. − Não desperdice a sua energia!

Thomas sentiu alguém examinar os seus braços e pernas, rasgando furiosamente as suas roupas, em busca de lesões. Ouviu a voz de Chuck, não podendo deixar de sentir-se aliviado pelo

amigo estar bem. Um Socorrista disse alguma coisa sobre ele ter sido picado dezenas de vezes.

Teresa estava aos seus pés, esfregando-lhe o tornozelo direito com a mão.

“Por que, Tom? Por que foi fazer uma coisa dessas?”

“Porque...” Ele não tinha forças para se concentrar.

Newt pediu aos berros o Soro da Dor; um minuto depois, Thomas sentiu uma agulhada no braço. Um calor espalhou-se daquele ponto para o resto do corpo, acalmando-o, amainando a dor. Mas o mundo ainda parecia desmoronar sobre ele, e sabia que tudo iria se consumar em alguns segundos.

O quarto girava, as cores misturando-se umas às outras, sacudindo-se cada vez mais rápido. Aquilo exigiu todas as suas forças, mas ele falou uma última vez antes que a escuridão o envolvesse por completo.

− Não se preocupem − sussurrou, esperando que pudessem ouvi-lo. − Fiz de propósito...

47

Thomas perdeu a noção do tempo ao entrar na Transformação.

Tudo começou de maneira muito parecida com a sua primeira lembrança na Caixa − escuro e frio. Mas dessa vez não teve a sensação de tocar nada com os pés ou com o corpo. Flutuava no espaço, olhando para um vazio negro. Não via nada, não ouvia nada, não sentia nenhum cheiro. Era como se alguém tivesse roubado os seus cinco sentidos, deixando-o num vácuo.

O tempo se estendeu. E continuou se estendendo. O medo transformou-se em curiosidade, esta por sua vez transformou-se em tédio.

Por fim, depois de uma espera interminável, as coisas começaram a mudar.

Um vento distante soprou, não sentido, mas ouvido. Então um redemoinho de neblina muito branca apareceu a uma grande distância − um tornado rodopiante de fumaça que formava um funil comprido, que foi se alongando até um ponto em que Thomas não conseguia ver nem a parte de cima nem a de baixo do torvelinho branco. Então ele sentiu as rajadas, sugadas para dentro do ciclone quando passaram por ele atingindo-o por trás, sugando com violência as suas roupas e os cabelos, como se fossem bandeiras em frangalhos vergastadas por uma tempestade.

A torre de neblina espessa começou a mover-se na sua direção − ou *ele* estava se movendo na direção *dela*, não saberia dizer − aumentando a velocidade de uma forma alarmante. Onde segundos

antes ele fora capaz de ver a forma distinta do funil, agora só via uma expansão contínua de branco.

E então aquilo o consumiu; ele sentiu a mente tomada pela neblina, sentiu as lembranças inundarem os seus pensamentos.

Tudo o mais transformado em dor.

48

-Thomas.

A voz era distante, cantada, como um eco em um túnel comprido.

− Thomas, você consegue me ouvir?

Ele não queria responder. A sua mente se desligara quando ele não fora mais capaz de aguentar a dor; ele temia que tudo aquilo retornasse caso se permitisse voltar à consciência. Sentiu uma luz do outro lado das pálpebras, mas sabia que seria insuportável abri-las. Não fez nada.

− Thomas, é o Chuck. Você está bem? Por favor, não morra, cara.

Tudo voltou de chofre à sua mente. A Clareira, os Verdugos, a agulha picante, a Transformação. *Lembranças*. O Labirinto não podia ser desvendado. A única saída para eles era algo por que nunca tinham esperado. Algo aterrorizante. Ele foi esmagado pelo desespero.

Gemendo, forçou os olhos a se abrirem, a princípio deixando-os apenas semicerrados. O rosto rechonchudo de Chuck estava lá, fitando-o com olhos assustados. Mas então eles se acenderam e um sorriso abriu-se no rosto dele. Apesar de tudo, apesar do horror de tudo aquilo, Chuck sorria.

− Ele acordou! − gritou o garoto para ninguém em especial. − Thomas acordou!

O alarido da voz dele fez Thomas encolher-se; tornou a fechar os olhos.

− Chuck, você precisa gritar? Não me sinto muito bem.

− Desculpe... só estava contente por você estar vivo. Tem sorte por eu não lhe dar um beijão.

− Por favor, não faça isso, Chuck. − Thomas abriu novamente os olhos e forçou-se a sentar-se na cama em que se encontrava, apoiando as costas contra a parede e esticando as pernas. A dor devorando articulações e músculos. − Quanto tempo durou isso? − quis saber.

− Três dias − respondeu Chuck. − Pusemos você no Amansador à noite para que ficasse mais seguro... trazíamos de volta pra cá durante o dia. Desde que você entrou nessa, pensamos que estivesse morto pelo menos umas trinta vezes. Mas dê só uma olhada... você está novinho em folha!

Thomas só podia imaginar como *não* devia estar com uma boa aparência.

− Os Verdugos voltaram?

A alegria de Chuck desmoronou e ele baixou os olhos para o chão.

− Voltaram... levaram Zart e alguns outros. Um por noite. Minho e os Corredores vasculharam o Labirinto, tentando encontrar uma saída ou algum uso para aquele código idiota que vocês arrumaram. Mas nada. Por que acha que os Verdugos só levam um trolho de cada vez?

Thomas sentiu um amargor no estômago − agora sabia a resposta exata para aquela pergunta, e para algumas outras. O bastante para saber que às vezes saber é uma droga.

− Encontre Newt e Alby − disse finalmente em resposta. − Diga a eles que precisamos fazer um Conclave. O mais rápido possível.

− Sério?

Thomas soltou um suspiro.

− Chuck, acabei de passar pela Transformação. Você *não* acha que estou falando sério?

Sem dizer nada, Chuck virou-se de um salto e correu para fora do quarto, os gritos com que chamava Newt diminuindo de volume à medida que se afastava.

Thomas fechou os olhos e descansou a cabeça contra a parede. Então chamou por ela mentalmente.

“Teresa.”

A princípio, ela não respondeu, mas depois a sua voz surgiu de repente nos pensamentos dele, tão nítida quanto se estivesse sentada ali ao lado.

“Foi realmente uma coisa muito idiota, Tom. Muito, muito idiota.”

“Eu precisava fazer”, respondeu ele.

“Bem que eu te odiei bastante nos últimos dois dias. Você precisava se ver. A sua pele, as suas veias...”

“Você me *odiou*?” Sentiu-se emocionado por ela se preocupar tanto com ele.

Ela fez uma pausa.

“Esse é só o meu jeito de dizer que teria matado você se você morresse.”

Thomas sentiu um assomo de calor no peito, alcançando-o e realmente tocando-o, surpreso consigo mesmo.

“Bem... obrigado. Eu acho.”

“Então, consegue se lembrar de muita coisa?”

Ele fez uma pausa.

“O suficiente. O que você disse sobre nós dois e sobre o que fizemos a eles...”

“Era verdade?”

“Fizemos algumas maldades, Teresa.” Ele sentiu uma frustração da parte dela, como se tivesse milhões de perguntas para fazer e nenhuma ideia de por onde começar.

“Você descobriu alguma coisa que ajude a gente a sair daqui?”, indagou ela, como se não quisesse saber a parte que lhe cabia em tudo aquilo. “Um sentido para o código?”

Thomas fez nova pausa, sem querer falar sobre aquilo ainda − não antes de organizar direito os pensamentos. A única chance de escaparem poderia ser um desejo de morte.

“Talvez”, ele finalmente falou, “mas não vai ser fácil. Precisamos de um Conclave. Pedirei para que você possa participar... Não tenho energia para contar tudo duas vezes.”

Nenhum deles disse nada por um momento, um sentimento de desesperança pairando entre as suas mentes.

“Teresa?”

“Oi?”

“Não é possível desvendar o Labirinto.”

Ela fez uma longa pausa antes de responder:

“Acho que todos sabemos isso agora”.

Thomas detestou o sofrimento que percebeu na voz dela − podia senti-lo na própria mente.

“Não se preocupe; mesmo assim, os Criadores querem que escapemos. Eu tenho um plano.” Ele queria dar alguma esperança a ela, por menor que fosse.

“Ah, não diga.”

“Tenho, sim. É terrível, e alguns podem morrer. Parece atraente?”

“Essa é boa. Conte como é.”

“Nós precisamos...”

Antes que ele pudesse terminar, Newt entrou no quarto, interrompendo-o.

“Conto depois”, Thomas encerrou rapidamente.

“Não demore!”, disse ela, e então se foi.

Newt aproximara-se da cama e sentara-se ao lado dele.

− Tommy... você nem parece doente.

Thomas confirmou com um movimento de cabeça.

− Estou um pouco enjoado, mas fora isso estou ótimo. Pensei que fosse muito pior.

Newt abanou a cabeça, o rosto exibindo um misto de raiva e admiração.

− O que você fez foi meio corajoso e meio imbecil. Parece que se deu bem. − Ele fez uma pausa e balançou a cabeça afirmativamente. − Eu *sei* por que você fez isso. Quais lembranças voltaram? Alguma que possa ajudar a gente?

− Precisamos fazer um Conclave − disse Thomas, mudando a posição das pernas para sentir-se mais confortável. Para sua surpresa, não sentia muita dor, apenas tontura. − Antes que comece a me esquecer das coisas.

− Certo, Chuck me falou... vamos fazer. Mas por quê? O que descobriu?

− Trata-se de um teste, Newt... a coisa toda é um teste.

Newt inclinou a cabeça concordando.

− Como um experimento.

Thomas abanou negativamente a cabeça.

− Não, você não entendeu. Eles estão nos eliminando, vendo se vamos desistir, descobrindo os melhores de nós. Submetendo-nos a variáveis, tentando nos fazer desistir. Testando a nossa capacidade de ter esperança e lutar. Mandar Teresa aqui e acabar com tudo foi apenas a última parte, mais uma... última análise. Agora está na hora do último teste. Escapar.

Newt arqueou as sobrancelhas confuso.

− O que está querendo dizer? Você sabe como sair?

− Sei... Convoque um Conclave. Agora.

49

Uma hora depois, Thomas achava-se sentado em frente aos Encarregados para o Conclave, exatamente como acontecera uma semana ou duas antes. Não haviam permitido a participação de Teresa, o que o aborrecera tanto quanto a ela. Newt e Minho já confiavam nela, mas os outros ainda tinham as suas dúvidas.

− Muito bem, Fedelho − falou Alby, parecendo muito melhor, ao sentar-se no meio do semicírculo de cadeiras, ao lado de Newt. As outras cadeiras estavam todas ocupadas, com exceção de duas... uma dura lembrança de que Zart e Gally haviam sido levados pelos Verdugos. − Sem essa de ficar enrolando. Comece a falar.

Thomas, ainda um pouco enjoado por causa da Transformação, forçou-se a ganhar um segundo para se recompor. Tinha muita coisa a dizer, mas ia fazer tudo para parecer o menos idiota possível.

− É uma longa história − começou. − Não temos tempo para abordar todos os detalhes, mas vou contar a vocês o essencial. Quando passei pela Transformação, vi instantâneos de imagens... centenas deles... como numa exibição de *slides* acelerada. Consegui me lembrar de muita coisa, mas só uma parte ficou clara o bastante para eu comentar a respeito. Outras imagens se perderam ou estão desaparecendo pouco a pouco. − Ele fez uma pausa, organizando os pensamentos uma última vez. − Mas consigo me lembrar do necessário. Os Criadores estão nos testando. O Labirinto nunca foi pensado para ser desvendado. Tudo não passa de uma prova. Eles querem os vencedores... ou sobreviventes... para fazer

algo importante. − Ele parou de falar, já confuso sobre em qual ordem deveria contar as coisas.

− O quê? − indagou Newt.

− Me deixem começar de novo − falou Thomas, esfregando os olhos. − Todos nós fomos escolhidos quando éramos muito pequenos. Não me lembro como ou por quê... Só tenho vagas lembranças e sensações de que as coisas mudaram no mundo, de que algo realmente ruim aconteceu. Não faço ideia do quê. Os Criadores nos roubaram e acho que tiveram razão ao fazer isso. De alguma forma, eles concluíram que temos uma inteligência acima da média e é por isso que nos escolheram. Sei lá, a maior parte dessas informações não está bem clara e, de qualquer maneira, não importa muito. Não consigo me lembrar de nada sobre a minha família nem do que aconteceu com ela. Mas depois que fomos levados, passamos os anos seguintes estudando em escolas especiais, vivendo uma vida mais ou menos normal até eles serem capazes de financiar e construir o Labirinto. Os nossos nomes não passam de apelidos idiotas que eles inventaram... como Alby, relacionado a Albert Einstein. Newt, de Isaac Newton e eu... Thomas. De Thomas Edison.

Alby estava com a aparência de quem fora esbofeteado na face.

− O nosso nome... não é nem sequer o nosso nome de verdade?

Thomas abanou negativamente a cabeça.

− Até onde entendo, provavelmente nenhum de nós saberá qual é o seu nome.

− O que você está dizendo? − indagou Caçarola. − Que somos malditos órfãos criados por cientistas?

− Isso mesmo − confirmou Thomas, torcendo para que a sua expressão não deixasse ver quanto ele se sentia deprimido. − Supostamente, somos mesmo inteligentes e eles estão estudando cada coisa que fazemos, estão nos analisando. Vendo quem desiste e quem não desiste. Vendo quem sobrevive afinal. Não admira que tenhamos tantos besouros mecânicos espiões circulando por aqui. Além disso, alguns de nós tiveram coisas... alteradas no cérebro.

− Acredito tanto nesse lixo quanto acredito que a comida do Caçarola é boa − resmungou Winston, parecendo cansado e

indiferente.

− Por que eu inventaria tudo isso? − disse Thomas, elevando a voz. Ele se deixara picar *de propósito* para se lembrar daquelas coisas! − Melhor ainda, qual *você* acha que seja a explicação? Que a gente vive num planeta alienígena?

− Apenas continue falando − disse Alby. − Mas não entendo por que nenhum de nós se lembrou dessas coisas. Passei pela Transformação, mas tudo o que vi foi... − Ele olhou ao redor rapidamente, como se tivesse acabado de falar algo que não devia. − Não descobri nada.

− Vou dizer já, já por que acho que descobri mais que os outros − falou Thomas, temendo essa parte da história. − Devo continuar ou não?

− Fale − disse Newt.

Thomas respirou fundo, como se estivesse para participar de uma corrida.

− Muito bem, de alguma forma eles eliminaram nossas lembranças... não só da nossa infância, mas de todas as coisas que antecederam a entrada no Labirinto. Eles nos colocaram na Caixa e nos mandaram aqui... um grupo grande para começar e depois um por mês ao longo dos últimos dois anos.

− Mas por quê? − quis saber Newt. − Qual é o maldito motivo?

Thomas ergueu a mão pedindo silêncio.

− Estou chegando lá. Como disse, eles queriam nos testar, ver como reagiríamos ao que chamam de Variáveis, e a um problema que não tem solução. Ver se seríamos capazes de trabalhar juntos... desenvolver uma comunidade mesmo. Providenciaram tudo para nós, e propuseram o problema na forma de um dos enigmas mais conhecidos da civilização: um labirinto. Tudo isso contribuiu para nos fazer pensar que *haveria* uma solução, só para nos encorajar a trabalhar com o máximo de afinco, ao mesmo tempo que o nosso desânimo por não encontrar uma saída ia aumentando. − Ele fez uma pausa para olhar para todos, assegurando-se de que o estavam ouvindo. − O que estou dizendo é isso: *não existe* uma solução.

Todos começaram a falar, as perguntas se sobrepondo umas às outras.

Thomas ergueu as mãos de novo, desejando apenas poder incutir os seus pensamentos no cérebro de cada um dos presentes.

− Estão vendo? A reação de vocês só prova o que estou dizendo. A maioria das pessoas já teria desistido. Mas eu acho que somos diferentes. Não admitimos que um problema *não possa* ser resolvido... ainda mais quando é algo tão simples como um labirinto. E continuamos lutando não importa quanto pareça inútil.

Thomas percebeu que fora elevando a voz à medida que falava e sentiu um calor no rosto.

− Seja qual for a razão, isso me enoja! Tudo isso... os Verdugos, os muros se movendo, o Penhasco... tudo não passa de elementos de um estúpido *teste*. Estamos sendo usados e manipulados. Os Criadores queriam nos manter pensando em uma solução que nunca existiu. A mesma coisa em relação à vinda de Teresa aqui, ao fato de ela ser usada para desencadear o Término... seja lá o que isso *signifique*... o lugar sendo desativado, o céu cinzento e por aí afora. Eles estão nos propondo coisas sem sentido para ver a nossa reação, testar a nossa força de vontade. Para ver se nos voltamos uns contra os outros. No fim, eles querem os sobreviventes para alguma coisa importante.

Caçarola levantou-se.

− E matar gente? Essa é uma parte legal do plano deles?

Thomas teve um instante de medo, preocupado que os Encarregados voltassem a sua raiva contra ele por saber tanto. E ainda tinha muito mais coisas.

− Sim, Caçarola, matar gente. A única razão para os Verdugos pegarem um por um é para não morrermos todos antes que tudo acabe conforme o planejado. A sobrevivência dos mais fortes. Só os melhores de nós escaparão.

Caçarola chutou a cadeira.

− Bem, então é melhor que comece a falar sobre essa tal fuga mágica!

− Ele vai − disse Newt, em voz baixa. − Cale a boca e escute.

Minho, que estivera em silêncio o tempo todo, limpou a garganta.

− Alguma coisa me diz que não vou gostar do que estou prestes a ouvir.

− Provavelmente, não − falou Thomas. Ele fechou os olhos por um segundo e cruzou os braços. Os minutos seguintes seriam decisivos. − Os Criadores querem os melhores de nós para sei lá o que estiveram planejando. Mas precisamos merecer. − A sala ficou em silêncio total, todos com os olhos grudados nele. − O código.

− O código? − repetiu Caçarola, a voz mais animada com um traço de esperança. − O que tem o código?

Thomas olhou para ele, fazendo uma pausa para aumentar o impacto do que iria dizer.

− Ele foi escondido nos movimentos dos muros do Labirinto por uma razão. Eu devia saber... eu estava lá quando os Criadores o fizeram.

50

Por um longo momento, ninguém disse nada, e tudo o que Thomas viu foram semblantes mudos. Ele sentia o suor banhar-lhe a testa, umedecer-lhe as mãos; estava aterrorizado demais para continuar.

Newt parecia perplexo e finalmente rompeu o silêncio.

− Do que você está falando?

− Bem, primeiro tem algo que preciso contar a vocês. Sobre mim e Teresa. Há uma razão para Gally ter me acusado de tantas coisas, e para que todos que passaram pela Transformação me reconhecerem.

Ele esperava perguntas, uma erupção de vozes, mas a sala permaneceu em um silêncio mortal.

− Teresa e eu somos... diferentes − continuou ele. − Participamos das Provas do Labirinto desde o começo... Mas contra a nossa vontade, eu juro.

Minho foi o único a se manifestar.

− Thomas, do que você está falando?

− Teresa e eu fomos usados pelos Criadores. Se pudessem se lembrar de tudo, vocês iriam querer nos matar. Mas eu precisava contar isso pessoalmente para mostrar que agora vocês podem confiar na gente. Assim vão acreditar em mim quando eu falar da única maneira de podermos sair daqui.

Thomas observou rapidamente as faces dos Encarregados, pensando ainda uma última vez se deveria dizê-lo, se eles

entenderiam. Muito embora soubesse que precisava contar. Ele *precisava* contar.

Thomas respirou fundo, depois disse o que tinha a dizer.

− Teresa e eu ajudamos a projetar o Labirinto. Ajudamos a criar esta coisa toda.

Todos pareceram atordoados demais para reagir. De novo, uma sucessão de expressões vazias o contemplava. Thomas pensou que eles ou não tinham entendido ou não tinham acreditado.

− O que isso quer dizer? − Newt finalmente perguntou. − Você é um moleque de dezesseis anos. Como pode ter criado o Labirinto?

Ele mesmo não deixava de ter dúvidas sobre isso − mas tinha certeza do que se lembrava. Por mais louco que fosse, ele sabia que era verdade.

− Nós somos... inteligentes. E acho que isso poderia ser parte das Variáveis. Mas o mais importante é que Teresa e eu temos um... dom, um dom que nos tornou muito valiosos quando eles decidiram construir este lugar. − Ele parou, sabendo que tudo poderia parecer um absurdo.

− Fale logo! − gritou Newt. − Desembuche!

− Somos telepatas! Podemos conversar um com o outro dentro da nossa droga de cabeça! − Dizer isso em voz alta quase o fez sentir-se envergonhado, como se acabasse de admitir que era um ladrão.

Newt piscou várias vezes, surpreso; alguém tossiu.

− Mas ouçam o que vou dizer − continuou Thomas, com pressa de se defender. − Eles nos *forçaram* a ajudar. Não sei como nem por que, mas foi o que fizeram. − Deu uma pausa. − Talvez fosse para ver se poderíamos ganhar a confiança de vocês apesar de termos sido um deles. Talvez fôssemos o tempo todo aqueles que revelariam como escapar. Seja qual for o motivo, com os seus Mapas descobrimos o código e agora precisamos usá-lo.

Thomas correu os olhos ao redor e, de maneira surpreendente, impressionante, ninguém parecia estar com raiva. A maioria dos Clareanos continuava a olhar para ele com uma expressão vazia ou a abanar a cabeça demonstrando estupefação ou incredulidade. E por alguma estranha razão, Minho estava sorrindo.

− É verdade e eu sinto muito − continuou Thomas. − Mas posso dizer uma coisa: estou no mesmo barco que vocês agora. Teresa e eu fomos mandados aqui como todo mundo, e podemos morrer com a mesma facilidade. Mas os Criadores já viram o suficiente... Está na hora do teste final. Acho que eu precisava da Transformação para acrescentar as peças que faltavam ao quebra-cabeça. Enfim, queria que vocês soubessem a verdade, soubessem que há uma possibilidade de sairmos dessa.

Newt balançou a cabeça para a frente e para trás, olhando para o chão. Depois ergueu os olhos, encarando os outros Encarregados.

− Os Criadores... aqueles desgraçados é que fizeram isso com a gente, não foram Tommy nem Teresa. Os Criadores. E eles vão se arrepender.

− Não importa − disse Minho −, quem dá a mínima a tudo isso? O que interessa agora é como escapar.

Thomas sentiu um nó na garganta. Estava tão aliviado que quase não conseguia falar. Tinha quase certeza de que iriam para cima dele por causa da confissão − isso se não o atirassem pelo Penhasco. O que ainda tinha para dizer quase parecia fácil agora.

− Existe uma central de computadores num lugar que nunca notamos. O código abrirá uma porta para sairmos do Labirinto. Ele também vai desativar os Verdugos para que não possam nos seguir... se conseguirmos sobreviver o bastante para chegar até lá.

− Um lugar que nunca *notamos*? − indagou Alby. − O que acha que estivemos fazendo durante dois anos?

− Acreditem em mim, vocês nunca estiveram naquele lugar.

Minho levantou-se.

− Bem, onde fica?

− É quase suicídio − falou Thomas, sabendo que estava se esquivando de dar a resposta. − Os Verdugos virão pra cima de nós toda vez que tentarmos chegar lá. Todos eles. O teste final. − Ele queria ter certeza de que haviam entendido o que estava em jogo. As chances de sobrevivência eram mínimas.

− Então, onde fica? − insistiu Newt, inclinando-se para a frente na cadeira.

− Além do Penhasco − respondeu Thomas. − Precisamos passar pelo Buraco dos Verdugos.

51

Alby levantou-se tão rápido que derrubou a cadeira para trás. Os seus olhos avermelhados destacavam-se contra a atadura branca da testa. Deu dois passos à frente e então parou, como se estivesse prestes a avançar e atacar Thomas.

− Agora você está sendo um idiota de mértila − disse ele, fuzilando Thomas com o olhar. − Ou um traidor. Como podemos confiar em uma só palavra do que está dizendo se ajudou a criar este lugar, a nos colocar aqui! Não podemos enfrentar um Verdugo no nosso próprio território, muito menos lutar contra toda uma horda deles no seu esconderijo. O que você pretende afinal?

Thomas ficou furioso.

− O que eu pretendo? Nada! Por que inventaria tudo isso?

Alby enrijeceu os braços, cerrou os punhos.

− Pelo que todos nós sabemos você foi mandado aqui para matar todos nós. Por que deveríamos confiar em você?

Thomas olhou para ele sem acreditar.

− Alby, você tem algum problema de memória de curto prazo? Eu arrisquei a minha vida para salvar a sua no Labirinto... Você estaria morto se não fosse por mim!

− Talvez esse tenha sido um truque para ganhar a nossa confiança. Se você é um aliado daqueles mértilas que nos mandaram para cá, não ficaria preocupado se os Verdugos o pegassem... Talvez tenha sido tudo uma encenação.

A raiva de Thomas amainou um pouco depois do que ele disse, transformando-se em pena. Tinha alguma coisa estranha ali...

alguma coisa suspeita.

− Alby − Minho finalmente interveio, para alívio de Thomas. − Essa é a teoria mais imbecil que já ouvi. Ele acabou de se arrebentar todo nas últimas três noites. Acha que isso faz parte de uma encenação?

Alby inclinou a cabeça uma vez, rigidamente.

− Talvez.

− Eu *passei por aquilo* − disse Thomas, carregando a voz com toda a irritação que pôde − numa tentativa de recuperar as minhas lembranças, ajudar todos nós a sair daqui. Será que preciso mostrar os cortes e hematomas que ganhei no corpo?

Alby ficou em silêncio, o rosto ainda contraído de raiva. Os seus olhos se encheram de lágrimas e as veias incharam no pescoço.

− Não podemos voltar! − ele gritou, voltando-se para olhar para cada um na sala. − Eu vi como era a nossa vida... não podemos voltar!

− Então é *essa* a questão? − indagou Newt. − Você está falando sério?

Alby voltou-se para ele, ferozmente, chegando a erguer um punho fechado. Mas se deteve, abaixou o braço, depois se afastou e afundou na cadeira. Mergulhando o rosto entre as mãos, soluçando arrasado. Nada poderia surpreender mais Thomas. O líder destemido dos Clareanos estava chorando.

− Alby, conte para nós − pediu Newt, não querendo perder a oportunidade. − O que está acontecendo?

− Fui eu − falou Alby entre soluços. − Fui eu que fiz aquilo.

− Fez o quê? − indagou Newt. Parecia tão confuso quanto Thomas.

Alby ergueu os olhos banhados em lágrimas.

− Eu queimei os Mapas. Fui eu. Bati a cabeça na mesa para que pensassem que tinha sido outra pessoa, eu menti, queimei tudo. Fui eu!

Os Encarregados trocaram olhares, o choque evidente nos olhos arregalados e nas sobrancelhas levantadas. Para Thomas, porém, agora tudo fazia sentido. Alby lembrara-se de como a sua vida era horrível antes de ir parar ali e não queria voltar.

− Bem, a coisa boa é que salvamos aqueles Mapas − disse Minho com total franqueza, quase com ironia. − Graças à dica que você nos deu depois da Transformação... para protegê-los.

Thomas ficou esperando para ver como Alby reagiria ao comentário sarcástico, quase cruel, de Minho, mas ele agiu como se não tivesse escutado.

Newt, em vez de mostrar raiva, pedia que Alby explicasse. Thomas sabia por que Newt não estava fora de si... os Mapas estavam seguros, o código fora descoberto. Não importava.

− Estou dizendo pra vocês... − Alby falava como se estivesse implorando, quase histérico. − Não podemos voltar para o lugar de onde viemos. Eu vi como era, lembrei de todas as coisas muito, muito medonhas. A terra incendiada, uma doença... uma coisa chamada Fulgor. Era horrível... muito pior do que o que estamos passando aqui.

− Se ficarmos *aqui*, vamos todos morrer! − Minho gritou. − É pior do que isto?

Alby olhou para Minho por um longo tempo antes de responder. Thomas só conseguia pensar nas palavras que ele acabara de dizer. *O Fulgor*. Alguma coisa a respeito lhe soava familiar, bem no fundo dos pensamentos. Mas estava certo de que não se lembrara de nada sobre aquilo quando passara pela Transformação.

− Sim − Alby respondeu. − É pior. É melhor morrer do que voltar para casa.

Minho fez uma expressão de zombaria e recostou-se na cadeira.

− Cara, vou te dizer: você é um tremendo babaca. Eu estou com o Thomas. Estou com ele cem por cento. Se tivermos de morrer, que seja lutando, droga!

− Dentro do Labirinto ou fora dele − acrescentou Thomas, aliviado por Minho estar do seu lado. Então virou-se para Alby e fitou-o solenemente. − Ainda vivemos no mundo de que você se lembra.

Alby levantou-se de novo, expressando no rosto a sua derrota.

− Façam o que quiserem. − Ele suspirou. − Não importa. Vamos morrer de qualquer jeito. − E com isso encaminhou-se para a porta e saiu da sala.

Newt soltou um longo suspiro e abanou a cabeça.

− Ele nunca mais foi o mesmo depois de ser picado... Deve ter sido uma lembrança e tanto. Mas o que será esse tal de Fulgor?

− Não me interessa − falou Minho. − Qualquer coisa é melhor do que morrer aqui. Podemos nos preocupar com os Criadores depois de sairmos. Mas por enquanto a gente precisa fazer o que eles planejaram. Passar pelo Buraco dos Verdugos e fugir. Se alguns de nós morrer, paciência.

Caçarola riu com desdém.

− Vocês trolhos estão me deixando maluco. Não podemos sair do Labirinto, e essa ideia de enfrentar os Verdugos na pensão deles parece a coisa mais imbecil que já ouvi na vida. É como cortar os pulsos.

Os outros Encarregados iniciaram uma discussão, cada um falando mais que o outro. Newt finalmente gritou para calarem a boca.

Thomas falou de novo assim que os ânimos se acalmaram.

− Vou atravessar o Buraco ou morrer tentando. Parece que o Minho quer o mesmo também. E tenho certeza de que Teresa irá. Se pudermos enfrentar os Verdugos pelo tempo suficiente para alguém aplicar o código e desativá-los, então poderemos passar pela porta de onde *eles* vêm. Teremos passado nos testes. Então poderemos encarar os Criadores.

Newt sorria sem achar nenhuma graça.

− E você acha que podemos enfrentar os Verdugos? Mesmo se não morrermos, provavelmente seremos picados. A tropa inteira deles estará esperando por nós quando chegarmos ao Penhasco... os besouros mecânicos estão sempre por lá. Os Criadores vão saber quando partirmos para lá.

Embora temesse aquilo, Thomas sabia que era hora de contar a eles a última parte do seu plano.

− Não acho que vão nos picar... a Transformação era uma Variável que se aplicava a nós enquanto vivíamos aqui. Mas isso vai acabar. Além disso, podemos ter uma coisa a nosso favor.

− Ah, é? − falou Newt, rolando os olhos para o alto. − Mal posso esperar para ouvir o que seria.

− Não será nada bom para os Criadores se todos nós morrermos... O que vamos fazer é uma coisa bem difícil, não impossível. Acho que agora sabemos com certeza que os Verdugos estão programados para matar apenas um de nós por dia. Portanto, alguém pode se sacrificar para salvar os outros enquanto corremos para o Buraco. Acho que essa é uma possibilidade de as coisas virem a acontecer.

A sala permaneceu em silêncio até que o Encarregado do Sangradouro deu uma grande risada.

− Será que eu entendi bem? − falou Winston. − Quer dizer que a sua sugestão é que atiremos um pobre garoto aos lobos para que o resto de nós possa escapar? *Esta* é a sua *brilhante* sugestão?

Thomas recusava-se a admitir como aquilo soava mal, mas teve uma ideia.

− Sim, Winston, agradeço por você ter prestado atenção tão bem. − Ele ignorou o olhar faiscante que o outro lhe lançou. − E parece óbvio quem deva ser o pobre garoto.

− Ah, é? − indagou Winston. − Quem?

Thomas cruzou os braços.

− Eu.

52

A reunião foi tomada por um coro de protestos. Newt, muito calmamente, levantou-se, aproximou-se de Thomas e pegou-o pelo braço; em seguida, conduziu-o para a porta.

− Você deve sair. Agora.

Thomas ficou sem entender.

− Sair? Por quê?

− Acho que já disse o bastante por uma reunião. Precisamos debater e decidir o que fazer... *sem* a sua presença. − Eles tinham chegado à porta e Newt sutilmente empurrou-o para fora. − Espere por mim perto da Caixa. Quando terminarmos aqui, vou lá para conversarmos.

Ele começou a se voltar, mas Thomas o deteve.

− Precisa acreditar em mim, Newt. É a única maneira de sair daqui... vamos conseguir, eu juro. É para *isso* que estamos aqui.

Newt aproximou-se do rosto de Thomas e sussurrou com raiva.

− Certo, adorei especialmente aquela parte em que você se ofereceu para ser morto.

− Estou plenamente disposto a isso. − Thomas estava falando a verdade, mas só por causa da culpa que o devastava. A culpa por ter de algum modo ajudado a criar o Labirinto. No fundo, porém, tinha esperança de que poderia lutar o bastante para alguém introduzir o código e desativar os Verdugos antes que o matassem. Abrindo a porta.

− Não diga! − falou Newt, ainda mais irritado. − A nobreza em pessoa, não é?

− Tenho todas as razões para isso. Acima de tudo, de certo modo a culpa por estarmos aqui é minha. − Ele parou, respirou fundo e se recompôs. − De qualquer maneira, eu vou de um jeito ou de outro, portanto é melhor não gastar sua energia.

Newt franziu o cenho, os olhos repentinamente cheios de compaixão.

− Se você realmente ajudou a projetar o Labirinto, Tommy, não foi culpa sua. Você é um *garoto*... não podia deixar de fazer o que mandaram.

Mas não importava o que Newt dissesse. Não importava o que qualquer pessoa dissesse. Thomas assumia a responsabilidade de toda forma − e ela ficava cada vez maior quanto mais pensava no assunto.

− É só que... acho que preciso salvar todos. Preciso me redimir.

Newt deu um passo atrás, balançando a cabeça lentamente.

− Sabe o que é engraçado, Tommy?

− O quê? − replicou Thomas, na expectativa.

− Eu acredito em você. Você não demonstrou nem um mínimo sinal de mentira nos olhos. E não posso mesmo acreditar que estou a ponto de dizer isso. − Fez uma pausa. − Mas vou voltar lá para convencer aqueles trolhos que devemos passar pelo Buraco dos Verdugos, exatamente como você disse. É bem melhor lutar contra os Verdugos do que ficar aqui sentado, esperando enquanto vão levando um por um. − Ele ergueu um dedo. − Mas escute bem uma coisa... não quero mais nenhuma maldita palavra sobre você morrer e toda essa baboseira de heroísmo. Se vamos fazer isso, vamos todos correr o risco... todos nós. Ouviu bem?

Thomas ergueu as mãos, dominado pela sensação de alívio.

− Vou dizer em alto e bom som: só estava tentando defender a ideia de que vale a pena correr o risco. Se alguém tem de morrer toda noite de qualquer maneira, pelo menos podemos usar isso a nosso favor.

Newt franziu a testa.

− Puxa, mas isso não é uma beleza?

Thomas deu meia-volta para se afastar, mas Newt o chamou.

− Tommy?

− Oi? − Ele parou, mas não olhou para trás.

− Se eu conseguir convencer aqueles trolhos... e eu disse: *se* eu conseguir... o melhor momento para ir seria à noite. Podemos esperar que uma porção de Verdugos esteja por todos os cantos no Labirinto... menos naquele Buraco deles.

− Bom isso − Thomas concordou com ele; só esperava que Newt conseguisse convencer os Encarregados. Voltou-se para Newt e inclinou a cabeça.

Newt sorriu, uma fissura quase imperceptível na sua carranca de preocupação.

− Devemos tentar esta noite, antes que mais alguém seja morto. − E antes que Thomas pudesse dizer alguma coisa, Newt desapareceu, voltando para o Conclave.

Um pouco chocado com a última afirmação, Thomas deixou a Sede e encaminhou-se até um velho banco próximo à Caixa, onde sentou-se, a mente rodopiando. Pensava no que Alby comentara sobre o Fulgor e no que poderia significar. O garoto, que era o mais velho de todos, também mencionara a terra incendiada e uma doença. Thomas não se lembrava de nada daquilo, mas, se fosse tudo verdade, o mundo para o qual estavam tentando voltar não parecia tão bom. Ainda assim... que outra escolha lhes restava? Além do fato de os Verdugos continuarem atacando todas as noites, a Clareira estava basicamente desativada.

Frustrado, preocupado, cansado dos seus pensamentos, ele chamou por Teresa.

“Você consegue me ouvir?”

“Sim”, respondeu ela. “Onde você está?”

“Perto da Caixa.”

“Chego aí em um minuto.”

Thomas percebeu quanto precisava da companhia dela.

“Ótimo. Vou te contar o plano; acho que vai funcionar.”

“De que se trata?”

Thomas reclinou-se no banco e pôs o pé direito sobre o joelho, imaginando como Teresa reagiria ao que ia dizer.

“Precisamos passar pelo Buraco dos Verdugos. Usar aquele código para desativar os Verdugos e abrir a porta de saída daqui.”

Uma pausa.

“Já esperava uma coisa assim.”

Thomas pensou por um segundo, depois acrescentou:

“A menos que você tenha uma ideia melhor.”

“Não. Vai ser terrível.”

Ele socou o punho direito contra a outra mão, muito embora soubesse que ela não podia vê-lo.

“Vamos conseguir.”

“Duvido.”

“Bem, precisamos tentar.”

Outra pausa, desta vez mais longa. Ele podia senti-la pensando.

“Você está certo.”

“Acho que vamos esta noite. Venha aqui e podemos conversar mais sobre isso.”

“Estarei aí em alguns minutos.”

Thomas sentiu o estômago se contrair num nó. Agora começava a perceber o peso do que sugerira, o plano que Newt estava tentando convencer os Encarregados a aceitar. Sabia que era perigoso; a ideia de enfrentar os Verdugos − em vez de apenas correr deles − era aterradora. Na melhor das hipóteses, apenas um deles morreria − mas nem nisso podiam confiar. Talvez os Criadores tivessem reprogramado as criaturas. E então seria um deus nos acuda.

Tentou não pensar nessa possibilidade.

Mais cedo do que Thomas esperava, Teresa o encontrou e sentou-se ao seu lado, o corpo encostado no seu, apesar de sobrar espaço no banco. Ela segurou-lhe a mão. Ele retribuiu apertando a mão dela, com tanta força que pensou que fosse machucá-la.

− Conte − pediu ela.

Thomas o fez, repetindo cada palavra que dissera aos Encarregados, detestando a maneira como os olhos de Teresa se enchiam de preocupação − e de terror.

− O plano foi fácil de expor − disse ele depois de lhe contar tudo. − Mas Newt acha que devemos ir *esta noite*. Não parece bom agora. − O que mais o aterrorizava era pensar em Chuck e Teresa lá: ele já encarara os Verdugos antes e sabia muito bem como era. Queria

ser capaz de proteger os amigos dessa experiência terrível, mas sabia que não podia fazer isso.

− Vamos conseguir − falou ela em voz baixa.

Ouvi-la dizer aquilo só o deixou ainda mais preocupado.

− Mas que droga, estou com medo.

− Mas que droga, você é humano. Então *tem* de estar com medo.

Thomas não respondeu, e por um longo tempo eles apenas ficaram ali sentados, de mãos dadas, sem dizer uma palavra, mentalmente ou em voz alta. Ele sentiu uma ligeira paz, ainda que breve, e tentou conservá-la pelo tempo que pudesse durar.

53

Thomas estava quase triste quando o Conclave finalmente terminou. Quando Newt saiu da Sede, ele sabia que o tempo de descanso acabara.

O Encarregado os avistou e aproximou-se num passo apressado, ainda que mancando. Thomas notou que soltara a mão de Teresa sem pensar. Newt parou à frente deles e cruzou os braços sobre o peito enquanto olhava para os dois sentados no banco.

− Isso é uma loucura total, vocês sabem disso, certo? − Seu semblante estava indecifrável, mas os olhos deixavam transparecer uma nesga de vitória.

Thomas levantou-se, sentindo uma torrente de empolgação inundar o seu corpo.

− Então eles concordaram em ir?

Newt inclinou a cabeça confirmando.

− Todos eles. Não foi tão difícil quanto pensei que seria. Aqueles trolhos viram o que acontece à noite com aquelas malditas Portas abertas. Não podemos sair deste Labirinto idiota. Precisamos tentar *alguma coisa*. − Ele se virou e olhou para os Encarregados, que começavam a reunir os respectivos grupos de trabalho. − Agora só precisamos convencer os Clareanos.

Thomas sabia que isso seria ainda mais difícil do que tinha sido persuadir os Encarregados.

− Acha que vão comprar a ideia? − Teresa indagou, levantando-se para juntar-se a eles.

− Nem todos eles − falou Newt, e Thomas reparou na frustração nos seus olhos. − Alguns vão ficar e correr o risco... posso garantir.

Thomas não duvidava que as pessoas iriam amarelar ante a ideia de partir para a ação. Pedir que lutassem contra os Verdugos era pedir muito.

− E quanto a Alby?

− Quem sabe? − respondeu Newt, olhando em volta na Clareira, enquanto observava os Encarregados e os seus grupos. − Para mim parece claro que o babaca *está* com mais medo de voltar para casa do que dos Verdugos. Mas vou conseguir que vá com a gente, não se preocupe.

Thomas gostaria de poder recuperar lembranças daquelas coisas que estavam atormentando Alby, mas não lhe ocorria nada.

− Como pretende convencê-lo?

Newt deu uma risada.

− Vou inventar alguma besteira. Dizer a ele que encontraremos uma nova vida em outra parte do mundo, que vamos viver felizes para sempre.

Thomas deu de ombros.

− Bem, talvez a gente chegue lá. Prometi ao Chuck que o levaria para casa, você sabe. Ou pelo menos que iria encontrar uma casa para ele.

− É claro − murmurou Teresa. − Qualquer coisa é melhor do que este lugar.

Thomas observou as discussões que irrompiam por toda parte na Clareira, os Encarregados fazendo o melhor possível para convencer as pessoas que deveriam correr o risco e lutar para abrir caminho e atravessar o Buraco dos Verdugos. Alguns Clareanos bateram o pé, mas a maioria parecia ouvir e ao menos considerar a proposta.

− E o que vamos fazer agora? − indagou Teresa.

Newt respirou fundo.

− Descobrir quem vai, quem fica. Preparar-se. Alimento, armas, tudo isso. Então partimos. Thomas, eu o colocaria como o responsável, uma vez que a ideia foi sua, mas já seria bem difícil manter as pessoas do nosso lado sem transformar você, Fedelho,

em nosso líder... sem ofensa. Então é melhor ficar na sua, certo? Vamos deixar o negócio do código com você e Teresa. Vocês podem cuidar disso por baixo dos panos.

Thomas achava mais do que bom deixar de lado a liderança − encontrar aquela central de computadores e introduzir o código era responsabilidade mais do que suficiente para ele. Mesmo com esse fardo sobre os ombros, precisava lutar contra a onda crescente de pânico que sentia.

− Você fala como se fosse fácil − disse, fazendo o melhor possível para amenizar a situação. Ou pelo menos para *dar a impressão* de que fazia isso.

Newt cruzou os braços de novo, olhando fixamente para ele.

− Como você disse antes, se ficarmos, um trolho morre à noite. Se formos, um trolho morre. Qual a diferença? − Ele apontou para Thomas. − *Se* você estiver certo.

− E estou. − Thomas sabia que estava certo quanto ao Buraco, ao código, à porta, à necessidade de lutar. Mas se um ou muitos deles iriam morrer era algo de que não fazia a menor ideia. Entretanto, se havia uma coisa que os seus instintos lhe diziam era para não admitir nenhuma dúvida.

Newt deu-lhe um tapinha nas costas.

− Bom isso. Ao trabalho, então.

As horas seguintes foram frenéticas.

A maioria dos Clareanos acabou concordando em ir − mais gente do que Thomas imaginara. Até mesmo Alby decidiu ir junto. Embora ninguém admitisse, Thomas acreditava que a maior parte deles apostava na teoria de que apenas uma pessoa seria morta pelos Verdugos, e todos consideravam que as chances de *não* ser o trouxa infeliz eram aceitáveis. Os que decidiram permanecer na Clareira eram poucos, mas obstinados e veementes. Passaram o tempo todo andando por todos os lados reclamando, tentando mostrar aos outros como eram estúpidos. Por fim, desistiram e mantiveram-se à distância.

Quanto a Thomas e aos demais comprometidos com a fuga, havia uma tonelada de trabalho a ser feito.

Houve uma distribuição de mochilas, e nelas foram colocados suprimentos. Caçarola − Newt contara a Thomas que o Cozinheiro tinha sido um dos últimos Encarregados a concordar com a fuga − estava incumbido de reunir todo o alimento e encontrar um jeito de distribuí-lo igualmente. Seringas de Soro da Dor foram incluídas, muito embora Thomas não achasse que os Verdugos fossem picá-los. Chuck ficou encarregado de encher garrafas de água e fornecê-las a todos. Teresa o ajudou, e Thomas pediu-lhe para fazer a jornada soar o menos assustadora possível, mesmo que precisasse mentir descaradamente, o que era quase inevitável. Chuck tentara parecer corajoso desde o momento em que fora informado sobre o que iriam fazer, mas o suor brotando na sua pele e o olhar perplexo revelavam a verdade.

Minho foi até o Penhasco com um grupo de Corredores, atirando cordas de hera e pedras para testar o invisível Buraco dos Verdugos uma última vez. Eles tinham a esperança de que as criaturas manteriam o horário habitual e não apareceriam durante o dia. Thomas pensara em saltar direto para dentro do Buraco e tentar introduzir o código rapidamente, mas não fazia ideia do que deveria esperar ou do que poderia estar à sua espreita. Newt estava certo − era melhor aguardar até a noite e torcer para que a maioria dos Verdugos estivesse no Labirinto, não dentro do Buraco.

Quando Minho retornou, são e salvo, Thomas pensou que ele parecia muito otimista em relação a haver realmente uma saída. Ou entrada. Dependendo do ponto de vista.

Thomas ajudou Newt a distribuir as armas e até mesmo umas mais inovadoras foram criadas no desespero de se preparar para os Verdugos. Bastões de madeira foram apontados como lanças ou envolvidos em arame farpado; as facas foram afiadas e amarradas, com cipós, na extremidade de galhos arrancados de árvores da floresta; pedaços de vidro quebrado foram envolvidos em fita adesiva para servir como pás. No fim do dia, os Clareanos tinham se transformado em um pequeno exército. Um exército ridículo e despreparado, pensou Thomas, mas ainda assim um exército.

Depois de ajudarem no que podiam, ele e Teresa foram para o local secreto no Campo-santo para planejar uma estratégia sobre a central de computadores que havia dentro do Buraco dos Verdugos e discutir como imaginavam introduzir o código.

− Teremos de ser nós a fazer isso − disse Thomas enquanto se recostavam contra as árvores enrugadas, as folhas antes verdes já começando a ficar cinzentas com a falta de luz solar artificial. − Porque, se formos separados, poderemos ficar em contato e continuar ajudando um ao outro.

Teresa pegara uma vareta e descascava o tronco da árvore.

− Mas precisamos ter substitutos, para o caso de acontecer alguma coisa com a gente.

− Sem dúvida. Minho e Newt conhecem as palavras do código, vamos dizer a eles para digitá-las no computador se nós... bem, você sabe. − Thomas não queria pensar sobre todas as coisas ruins que poderiam acontecer.

− O plano não é tão difícil então. − Teresa bocejou, como se a vida estivesse completamente normal.

− Nem um pouco. Lutar contra os Verdugos, digitar o código, escapar pela porta. Depois vamos enfrentar os Criadores... seja lá o que isso signifique.

− Seis palavras do código, quem sabe quantos Verdugos. − Teresa quebrou a vareta no meio. − O que você acha que significa CRUEL, afinal?

Thomas sentiu como se tivesse sido atingido com um soco no estômago. Por algum motivo, ouvir a palavra naquele momento, de outra pessoa, ligou algumas pontas soltas na sua mente e houve a conexão. Ele ficou espantado de não ter feito essa ligação antes.

− Aquela placa que vi no Labirinto... lembra? Aquela de metal com as palavras gravadas. − O coração de Thomas começara a bater acelerado, por causa da excitação.

Teresa franziu a testa confusa por um segundo, mas depois uma luz pareceu se acender por trás dos seus olhos.

− Uou! Catástrofe e Ruína Universal: Experimento Letal. CRUEL. *CRUEL é bom*... o que escrevi no meu braço. O que será que isso *significa* afinal?

− Não faço ideia. É por isso que estou morrendo de medo de que o que estamos prestes a fazer seja uma imensa idiotice. Pode ser um derramamento de sangue.

− Todo mundo sabe no que está se metendo. − Teresa estendeu o braço e segurou a mão dele. − Nada a perder, lembra?

Thomas lembrava, mas por alguma razão as palavras de Teresa o chatearam... não havia muita esperança para eles.

− Nada a perder − repetiu ele.

54

Pouco antes da hora normal do fechamento das Portas, Caçarola preparou uma última refeição com que passariam a noite. O humor que pairava sobre os Clareanos enquanto comiam não podia ser mais sombrio ou impregnado de medo. Thomas estava sentado perto de Chuck, pegando a comida com ar absorto.

− E aí... Thomas − o menino disse em meio a um enorme bocado de purê de batata. − No nome de quem será que meu apelido foi baseado?

Thomas não pôde evitar de abanar a cabeça − ali estavam eles, prestes a embarcar na tarefa mais perigosa das suas vidas, e Chuck estava curioso sobre quem tinha inspirado o seu apelido.

− Sei lá, Charles Darwin, talvez. O cara que descobriu a evolução.

− Aposto que ninguém nunca chamou ele de cara antes. − Chuck serviu-se de outro grande bocado e parecia pensar que aquele era o melhor momento para conversar, de boca cheia e tudo. − Sabe, não estou nem um pouco com medo. Quer dizer, nas últimas noites, ficar sentado na Sede, esperando pela chegada de um Verdugo para pegar um de nós, foi a pior coisa que me aconteceu na vida. Pelo menos agora estamos fazendo alguma coisa em relação a eles, *tentando* alguma coisa. E pelo menos...

− Pelo menos o quê? − indagou Thomas. Não acreditava nem por um segundo que Chuck não estava com medo; era quase um sofrimento vê-lo tentando parecer corajoso.

− Bem, todo mundo está especulando que eles só podem matar um de nós. Talvez eu possa parecer um babaca, mas isso me dá

alguma esperança. Pelo menos a maioria de nós vai conseguir se safar... só um pobre idiota vai morrer. É melhor do que todos nós.

Thomas sofria ao pensar que os garotos se apegavam àquela esperança de apenas um morrer; quanto mais pensava nisso, menos acreditava que fosse verdade. Os Criadores sabiam do plano − poderiam reprogramar os Verdugos. Mas mesmo uma falsa esperança era melhor do que nenhuma.

− Quem sabe todos consigam. Desde que todo mundo lute.

Chuck parou de empanturrar-se por um segundo e olhou para Thomas atentamente.

− Você acha isso mesmo ou está só tentando me animar?

− Vamos conseguir. − Thomas comeu a última garfada, bebeu um grande gole de água. Nunca se sentira tão mentiroso em toda a sua vida. Pessoas morreriam. Mas ele faria tudo o que fosse possível para que Chuck não fosse uma delas. E Teresa. − Não se esqueça da minha promessa. Ainda pode contar com ela.

Chuck franziu o cenho.

− Grande coisa... todo mundo fala que o mundo está uma grande mértila.

− Ei, pode ser que sim, mas vamos encontrar as pessoas que cuidarão de nós... Você vai ver.

Chuck levantou-se.

− Bem, não quero pensar nisso − anunciou. − Só me tire do Labirinto e serei um cara feliz.

− Bom isso − Thomas concordou.

Uma agitação nas outras mesas chamou a atenção dele. Newt e Alby estavam reunindo os Clareanos, dizendo a todos que era hora de partir. Alby parecia quase o mesmo, mas Thomas ainda se preocupava com o estado mental do rapaz. No entender de Thomas, Newt era o chefe, mas também podia ser imprevisível às vezes.

O frio de medo e pânico que Thomas sentira com tanta frequência nos últimos dias abateu-se sobre ele uma vez mais com toda força. Não havia como negar. Eles estavam partindo. Tentando não pensar nisso, apenas agir, ele pegou a mochila. Chuck fez o mesmo, e eles se dirigiram para a Porta Oeste, a que levava ao Penhasco.

Thomas encontrou Minho e Teresa conversando perto da lateral esquerda da Porta, repassando os planos feitos às pressas para introduzir o código de fuga assim que passassem pelo Buraco.

− E aí, seus trolhos, estão prontos? − indagou Minho quando se aproximaram. − Thomas, isso foi tudo ideia sua, portanto é melhor que funcione. Senão, mato você antes que os Verdugos possam fazer isso.

− Obrigado − falou Thomas. Mas não conseguiu se livrar da sensação de enjoo no estômago. E se alguma coisa estivesse *errada*? E se as lembranças dele fossem falsas? *Plantadas* nele de alguma forma? Esse pensamento o aterrorizou, e ele procurou afastá-lo. Não tinha mais como voltar atrás.

Ele olhou para Teresa, que mudava de um pé para outro, esfregando as mãos.

− Tudo bem com você? − ele indagou.

− Estou ótima − respondeu ela com um sorrisinho, nitidamente nada ótima. − Só ansiosa em acabar logo com isso.

− Amém, irmã − disse Minho. Ele pareceu o mais calmo a Thomas, o mais confiante, o que sentia menos medo. Thomas o invejou.

Depois que Newt finalmente conseguiu reunir todo mundo e pediu silêncio, Thomas voltou-se para ouvir o que ele tinha a dizer.

− Somos quarenta e um ao todo. − Ele colocou nos ombros a mochila que segurava e levantou um grosso bastão de madeira com arame farpado enrolado na extremidade. A arma parecia mortal. − Não se esqueçam das suas armas. Além disso, não tenho mais porcaria nenhuma a dizer... todos foram informados do plano. Vamos abrir caminho lutando até o Buraco dos Verdugos, o Tommy aqui vai digitar o seu código mágico e depois vamos dar o troco aos Criadores. Muito simples.

Thomas mal ouviu o que Newt dizia, depois de ver Alby resmungando ao lado, longe do grupo principal de Clareanos, sozinho. Alby segurava na corda do arco enquanto olhava para o chão. Uma aljava com flechas pendia-lhe do ombro. Thomas sentiu uma maré crescente de preocupação com a possibilidade de que Alby estivesse instável, de que viesse a estragar tudo. Decidiu observá-lo atentamente se pudesse.

− Alguém quer dizer algumas palavras ou algo parecido? − perguntou Minho, afastando a atenção de Thomas da direção de Alby.

− Vá em frente − replicou Newt.

Minho inclinou a cabeça e encarou o grupo.

− Tomem cuidado − disse secamente. − Não morram.

Thomas teria rido se pudesse, mas estava com medo demais para isso.

− Beleza. Estamos todos divinamente inspirados − respondeu Newt, depois apontou por cima do ombro, na direção do Labirinto. − Todos conhecem o plano. Depois de dois anos sendo tratados como camundongos, hoje à noite tomamos uma decisão. Hoje à noite vamos reagir contra os Criadores, não importa o que precisemos fazer para chegar lá. Hoje à noite é bom que os Verdugos se cuidem.

Alguém aplaudiu, e depois mais alguém. Em seguida gritos e clamores de batalha se fizeram ouvir, aumentando de volume, enchendo o ar como uma trovoada. Thomas sentiu uma gota de coragem dentro de si − agarrou-a como pôde, aferrou-se a ela, desejou ardentemente que crescesse. Newt estava certo. Naquela noite eles lutariam. Naquela noite haviam tomado uma decisão, de uma vez por todas.

Thomas estava pronto. Rugiu com os outros Clareanos. Sabia que deveriam estar em silêncio, não chamando a atenção sobre si mesmos, mas não se preocupou. O jogo havia começado.

Newt golpeou o ar com a sua arma e gritou:

− Ouçam isso, Criadores! Estamos chegando!

E depois disso, ele se voltou e correu para o Labirinto. Quase não dava para notar que ele mancava. Para dentro do ar cinzento que parecia mais tenebroso do que na Clareira, cheio de sombras e escuridão. Os Clareanos ao redor de Thomas, ainda aplaudindo, pegaram as suas armas e correram atrás de Newt, até mesmo Alby. Thomas os seguiu, alinhando-se entre Teresa e Chuck, segurando uma grande lança de madeira com uma faca amarrada na extremidade. O sentimento repentino de responsabilidade pelos amigos quase o esmagava, dificultando a corrida.

Mas ele seguiu em frente, determinado a vencer.
“Você é capaz disso”, pensou. “É só passar por aquele Buraco.”

55

Thomas mantinha uma marcha constante enquanto corria com os outros Clareanos ao longo dos caminhos de pedra em direção do Penhasco. Acostumara-se a correr no Labirinto, mas aquilo era completamente diferente. Os sons de pés chispando sobre o chão ecoavam nos muros e as luzes vermelhas dos besouros mecânicos brilhavam mais ameaçadoramente na hera − os Criadores com certeza estavam observando, escutando. De um modo ou de outro, seria uma luta.

"Está com medo?", indagou Teresa enquanto corriam.

"Não, adoro coisas feitas de bolhas e de aço. Mal posso esperar para vê-las." Não sentia nenhum prazer nem alegria e imaginou se alguma vez ainda sentiria.

"Muito engraçado", respondeu ela.

Ela estava bem ao lado dele, mas ele permanecia com o olhar à frente.

"Vamos ficar bem. Basta estar perto de mim e de Minho."

"Ah, meu Cavaleiro de Armadura Brilhante. Acha que não sei me defender sozinha?"

Na verdade, ele pensava praticamente o contrário: Teresa parecia tão corajosa quanto qualquer outro ali.

"Não, só estou tentando ser legal."

O grupo seguia espalhado por toda a largura do corredor, correndo num ritmo constante, mas rápido − Thomas ficou imaginando quanto tempo os que não eram Corredores aguentariam. Como se

respondesse ao seu pensamento, Newt recuou, dando um tapinha no ombro de Minho.

− Você indica o caminho agora − Thomas ouviu-o dizer.

Minho concordou e correu para a frente, guiando os Clareanos em todas as voltas necessárias. Cada passo era uma tortura para Thomas. A coragem que reunira transformara-se em medo e ficava imaginando quando os Verdugos finalmente os perseguiriam. Imaginando quando a luta começaria.

E assim foi para ele enquanto continuavam correndo, os Clareanos não acostumados a correr tais distâncias ofegando e sorvendo grandes goles de ar. Mas nenhum desistiu. Eles correram sem parar, e nenhum sinal dos Verdugos. Depois de algum tempo, Thomas permitiu-se sentir uma minúscula chama de esperança − quem sabe conseguissem antes de ser atacados. Quem sabe.

Por fim, depois da hora mais longa da vida de Thomas, eles chegaram à comprida passagem que levava à última volta antes do Penhasco − um corredor curto à direita que se dividia como a haste da letra “T”.

Thomas, o coração aos pulos, a pele encharcada de suor, adiantara-se para ficar bem atrás de Minho, com Teresa ao seu lado. Minho diminuiu a velocidade na esquina, depois parou, levantando a mão para dizer a Thomas e aos outros para fazerem o mesmo. Então ele se virou, uma expressão de horror na face.

− Ouviu isso? − ele sussurrou.

Thomas abanou a cabeça, tentando abafar o terror que a expressão de Minho lhe transmitira.

Minho esgueirou-se à frente e espreitou na borda afiada de pedra, olhando na direção do Penhasco. Thomas o tinha visto fazer o mesmo antes, quando seguiram um Verdugo até aquele mesmo local. Exatamente como naquela vez, Minho recuou de imediato e virou-se para encará-lo.

− Ah, não − o Encarregado disse em meio a um gemido. − Ah, não.

Então Thomas ouviu. Os sons do Verdugo. Era como se eles estivessem se escondendo, esperando, e agora apareciam de vez.

Ele nem precisou olhar − sabia o que Minho ia dizer antes de ele falar.

− Há pelo menos uma dúzia deles. Talvez quinze. − Ele ergueu a mão e esfregou os olhos com a base das mãos. − Estão esperando por nós!

O arrepio gelado de medo atingiu Thomas ainda com mais força do que antes. Ele olhou para Teresa, a ponto de dizer alguma coisa, mas parou quando viu a expressão no rosto pálido − nunca vira o terror se apresentar tão vivamente.

Newt e Alby avançaram em relação à linha dos Clareanos que estavam esperando e foram juntar-se a Thomas e aos outros. Aparentemente, o pronunciamento de Minho já fora sussurrado através das fileiras, porque a primeira coisa que Newt disse foi:

− Bem, nós sabíamos que teríamos de lutar. − Mas o tremor na sua voz o traiu; ele só estava tentando dizer a coisa certa.

Thomas sentiu o mesmo. Tinha sido fácil falar − a luta de quem não tinha nada a perder, a esperança de que apenas um seria levado, a oportunidade de finalmente escapar. Mas agora estava tudo ali, do outro lado. Dúvidas sobre se iriam conseguir se infiltrar na sua mente e no seu coração. Ele imaginou por que os Verdugos estavam só esperando − era óbvio que os besouros mecânicos os tinham avisado que os Clareanos estavam chegando. Será que os Criadores estavam *gostando* daquilo?

Teve uma ideia.

− Talvez já tenham pego um garoto lá na Clareira. Talvez a gente consiga passar por eles. Por que outro motivo eles estariam só esperando?

Um ruído alto vindo de trás o interrompeu − ele se virou para ver mais Verdugos descendo pelo corredor na direção deles, os ferrões brilhando, os braços de metal tateando, vindos da direção da Clareira. Thomas estava prestes a dizer alguma coisa quando ouviu sons da outra extremidade da passagem comprida. Virou-se para ver ainda mais Verdugos.

O inimigo estava por todos os lados, encurralando-os totalmente.

Os Clareanos encolheram-se na direção de Thomas, formando um grupo compacto, forçando-o a deslocar-se rumo a uma interseção

aberta onde o corredor do Penhasco encontrava a passagem comprida. Viu o grupo de Verdugos entre eles e o Penhasco, os ferrões estendidos, a pele úmida pulsando para dentro e para fora. Esperando, observando. Os outros dois grupos de Verdugos tinham se aproximado e parado a apenas uns quatro metros dos Clareanos, também esperando, observando.

Thomas girou lentamente em círculo, lutando contra o medo que o dominava. Estavam cercados. Não tinham escolha agora − não havia para onde ir. Uma pulsação aguda de dor latejava atrás dos seus olhos. Os Clareanos comprimiam-se em um grupo mais apertado ao redor dele, todos olhando para fora, amontoados no centro da interseção em "T". Thomas estava pressionado entre Newt e Teresa − podia sentir Newt tremer. Ninguém disse uma palavra. Os únicos sons eram os lúgubres gemidos e zumbidos maquinais vindos dos Verdugos, parados ali como se estivessem curtindo a armadilha que tinham preparado para os humanos. Seus corpos repugnantes ondulavam para dentro e para fora com rangidos mecânicos de respiração.

"O que será que estão fazendo?", Thomas falou a Teresa. "O que será que estão esperando?"

Ela não respondeu, o que o preocupou. Ele estendeu o braço e apertou-lhe a mão. Os Clareanos ao redor dele esperavam em silêncio, segurando as suas armas precárias.

Thomas olhou para Newt.

− Tem alguma ideia?

− Não − replicou ele, a voz desafinada, quase imperceptível. − Não entendo o que os desgraçados estão esperando.

− Não devíamos ter vindo − falou Alby. Ele tinha estado muito quieto, a voz soava estranha, especialmente com o eco vazio criado pelos muros do Labirinto.

Thomas não estava com a intenção de se lamuriar − eles precisavam *fazer* alguma coisa.

− Bem, não estaríamos melhor lá na Sede. Odeio dizer isso, mas se um de nós morrer, é melhor do que todos nós morrermos. − Ele esperava que a opção de uma pessoa por noite ainda se aplicasse. Ver todos aqueles Verdugos de perto calava fundo com uma

explosão de realidade, será que poderiam realmente enfrentar todos eles?

Um longo momento se passou antes de Alby comentar:

− Talvez eu devesse...

Ele se interrompeu e começou a avançar lentamente − na direção do Penhasco −, como se estivesse em transe. Thomas observou-o com uma expressão assombrada e distante − não conseguia acreditar no que via.

− Alby? − Newt chamou. − Volte aqui!

Em vez de responder, Alby saiu em disparada, encaminhando-se para o grupo de Verdugos entre ele e o Penhasco.

− Alby! − Newt bradou.

Thomas ia começar a dizer alguma coisa, mas Alby já alcançara os monstros e saltara em cima de um deles. Newt afastou-se do lado de Thomas na direção de Alby, mas cinco ou seis Verdugos já haviam ganhado vida e atacavam o rapaz numa amálgama confusa de metal e pele.

Thomas alcançou Newt e segurou-o pelos braços antes que ele pudesse adiantar-se mais. Então puxou-o para trás.

− Me solte! − Newt gritou, esforçando-se para se desvencilhar.

− Você ficou doido! − gritou Thomas. − Não pode fazer nada!

Dois outros Verdugos saíram do grupo e atiraram-se sobre Alby, empilhando-se um sobre o outro, agredindo e cortando o rapaz, como se quisessem pulverizá-lo, numa exibição de crueldade depravada. Por algum motivo, ainda que parecesse impossível, Alby não gritou. Thomas perdeu a visão do corpo enquanto lutava com Newt, e ficou grato pela distração. Newt finalmente desistiu, recuando derrotado.

Alby havia pirado de uma vez por todas, pensou Thomas, lutando para não pôr para fora o que tinha no estômago. O líder temia tanto a volta a seja lá o que tivesse visto que preferira sacrificar-se a retornar. Ele se foi. Definitivamente.

Thomas ajudou Newt a equilibrar-se sobre os pés; o Clareano não conseguia desviar o olhar do ponto onde o amigo desaparecera.

− Não posso acreditar − sussurrou Newt. − Não posso acreditar que ele fez isso.

Thomas balançou a cabeça, incapaz de responder. Ver Alby se acabar daquele jeito... Um novo tipo de dor que nunca sentira antes instalou-se no seu íntimo, um sofrimento doentio, perturbador; era pior do que a dor física. E ele nem mesmo sabia se tinha alguma coisa a ver com Alby − nunca gostara muito do rapaz. Mas a ideia de que o que acabara de ver poderia acontecer a Chuck ou a Teresa...

Minho aproximou-se de Thomas e Newt, apertou o ombro de Newt.

− Não podemos desperdiçar o que ele fez. − Ele se voltou na direção de Thomas. − Vamos lutar contra eles se for preciso, abrir caminho até o Penhasco para você e Teresa. Passe pelo Buraco e faça a sua parte... Vamos mantê-los ocupados até você gritar para o seguirmos.

Thomas olhou para cada um dos três grupos de Verdugos − nenhum deles fizera um movimento na direção dos Clareanos − e concordou.

− Quem sabe ficam adormecidos por algum tempo. Só precisamos de mais ou menos um minuto para introduzir o código.

− Como vocês podem ser tão insensíveis? − murmurou Newt, o desgosto na sua voz surpreendendo Thomas.

− O que você quer, Newt? − disse Minho. − Deveríamos todos vestir luto e fazer um funeral?

Newt não respondeu, ainda olhando para o ponto onde os Verdugos pareciam estar *devorando* Alby, seu corpo sob o deles. Thomas não pôde evitar um sobressalto − viu uma nesga de vermelho vivo no corpo de uma das criaturas. Seu estômago se revirou e ele rapidamente desviou o olhar.

Minho continuou:

− Alby não queria voltar para a vida que levava. Ele se *sacrificou* por nós... e eles não estão atacando, então talvez tenha funcionado. *Seríamos* insensíveis se desperdiçássemos essa chance.

Newt apenas deu de ombros, fechando os olhos.

Minho voltou-se e encarou o grupo amontoado de Clareanos.

− Escutem! A prioridade número um é proteger Thomas e Teresa. Fazer com que cheguem ao Penhasco e ao Buraco para...

Os sons dos Verdugos readquirindo vida o interromperam. Thomas ergueu os olhos horrorizado. As criaturas de ambos os lados do grupo deles pareciam tê-los notado de novo. Os ferrões saltavam do seu corpo com a pele bulbosa contraindo-se e alongando-se; os corpos deles estremeciam e pulsavam. Então, em uníssono, os monstros se adiantaram, lentamente, os seus apêndices com instrumentos na extremidade se desdobrando, apontados para Thomas e para os Clareanos, prontos para matar. Apertando a sua formação como se estivessem enlaçados e presos por um nó, os Verdugos avançaram implacavelmente na direção deles.

O sacrifício de Alby fracassara.

56

Thomas agarrou Minho pelo braço.

− Preciso atravessar aquilo de qualquer jeito! − Fez um sinal com a cabeça para o grupo compacto e rolante de Verdugos entre eles e o Penhasco; eles pareciam uma grande massa rolante, uma bolha com ferrões, piscando lampejos luminosos de luzes de aço. Eram ainda mais ameaçadores sob aquela iluminação cinzenta esmaecida.

Thomas esperou por uma resposta enquanto Minho e Newt trocavam um olhar demorado. A expectativa em relação ao combate era quase pior do que o temor da luta em si.

− Eles estão *vindo*! − gritou Teresa. − Precisamos fazer alguma coisa!

− Você lidera − disse Newt a Minho, a voz pouco mais que um sussurro. − Abra uma droga de caminho para Tommy e a garota. Vá!

Minho concordou, um olhar metálico de determinação endurecendo-lhe o semblante. Em seguida virou-se para os Clareanos.

− Vamos direto ao Penhasco! Lutem pelo meio, empurrem as malditas coisas para os muros. O que mais interessa é conseguir que Thomas e Teresa cheguem ao Buraco dos Verdugos!

Thomas desviou o olhar dele, de novo observando a aproximação dos monstros − eles estavam a apenas alguns passos de distância. Agarrou com mais força aquele arremedo de lança.

“Precisamos ficar bem próximos”, disse ele a Teresa. “Deixe que os outros lutem... precisamos atravessar aquele Buraco.” Ele sentia-

se um covarde, mas sabia que toda a luta − e todas as mortes − seria em vão se não conseguissem digitar o código, abrindo a porta para chegar aos Criadores.

“Eu sei”, respondeu ela. “Ficar bem juntinhos.”

− Preparar! − gritou Minho próximo a Thomas, erguendo no ar o bastão envolvido em arame farpado em uma das mãos, uma comprida faca prateada na outra. Ele apontou a faca para a horda de Verdugos; um clarão rebrilhou na lâmina. − *Agora*!

O Encarregado saiu correndo sem esperar uma resposta. Newt foi atrás dele, colado nos seus calcanhares, e depois o resto dos Clareanos os acompanhou, um grupo compacto de garotos rugindo num ataque direto para uma batalha sangrenta, as armas levantadas. Thomas pegou Teresa pela mão, esperou que passassem − levando encontrões, sentindo o cheiro do suor, percebendo todo o terror deles −, à espera da oportunidade perfeita para desferir o golpe certeiro.

Assim que os primeiros sons dos garotos entrando em luta contra os Verdugos encheram o ar, permeados por gritos e rugidos da maquinaria e da madeira chocando-se contra o aço, Chuck passou correndo por Thomas, que rapidamente estendeu a mão e agarrou-lhe o braço.

Chuck cambaleou para trás, depois olhou para Thomas, os olhos tão cheios de medo que Thomas sentiu alguma coisa se romper em pedaços no coração. Naquela fração de segundo, ele tomara uma decisão.

− Chuck, você vai comigo e Teresa − disse determinado, com autoridade, sem deixar espaço para a dúvida.

Chuck olhou para a batalha encarniçada à frente.

− Mas... − Chuck se interrompeu e Thomas entendeu que o garoto apreciava a ideia, embora estivesse envergonhado para admitir.

Thomas tentou salvar a dignidade dele.

− Precisamos da sua ajuda no Buraco dos Verdugos, para o caso de uma daquelas coisas estar esperando por nós.

Chuck concordou depressa − depressa demais. De novo, Thomas sentiu a dor da tristeza no coração, numa ânsia ainda mais forte de

levar Chuck em segurança para casa do que quando lhe fizera a promessa.

− Muito bem, então − disse Thomas. − Segure na mão da Teresa. Vamos.

Chuck fez o que ele disse, tentando ao máximo agir com bravura. E, como Thomas notou, sem dizer uma palavra, talvez pela primeira vez na vida.

“Eles abriram uma brecha!”, gritou Teresa na mente de Thomas, o que lhe provocou uma dor súbita por toda a cabeça. Ela apontava para a frente, e Thomas viu a passagem estreita que se abrira no meio do corredor, os Clareanos lutando selvagemente para empurrar os Verdugos contra os muros.

− Agora! − Thomas gritou.

Ele disparou à frente, puxando Teresa atrás de si, Teresa puxando Chuck atrás dela, correndo a toda velocidade, as lanças e facas levantadas para a batalha, em direção à passagem de pedra coberta de sangue e entrecortada de gritos. Em direção ao Penhasco.

A guerra estrondeava em torno deles. Os Clareanos lutavam, movidos pela adrenalina induzida pelo pânico. Os sons ecoando nos muros eram uma cacofonia de terror − gritos humanos, metal chocando-se contra metal, rugido de motores, os rangidos assombrosos dos Verdugos, as serras girando, as garras se abrindo e fechando, os garotos clamando por ajuda. Tudo se fundia numa massa de sangue, o cinzento inerte, o brilho do aço. Thomas tentou não olhar à esquerda nem à direita, apenas à frente, através da lacuna estreita aberta pelos Clareanos.

Mesmo enquanto corriam, Thomas repassava as palavras do código mentalmente. “FLUTUA, PEGA, SANGRA, MORTE, RÍGIDO, APERTA.” Só faltavam alguns metros.

“Alguma coisa cortou o meu braço!”, gritou Teresa. Mal ela dissera isso, Thomas sentiu uma punhalada na perna. Mas não olhou para trás, não se incomodou em responder. A brutal impossibilidade da sua situação era como um imenso dilúvio de água negra escoando ao seu redor, arrastando-o à rendição. Ele lutou contra aquilo, impulsionando-se para a frente.

Lá estava o Penhasco, abrindo-se sob o céu cinza-escuro, uns seis metros à frente. Ele avançou com mais ímpeto, puxando os amigos.

As lutas prosseguiam dos dois lados deles; Thomas recusou-se a olhar, recusou-se a ajudar. Um Verdugo girou, vindo colocar-se no seu caminho; um garoto, a face fora do alcance da vista, estava preso entre as suas garras, batia com todas as forças contra a pele grossa como a de uma baleia, tentando escapar. Thomas desviou para a esquerda, sem interromper a corrida. Ouviu um grito ao passar, um gemido rascante e abrasador que só podia significar que o Clareano perdera a luta, encontrando um fim horrendo. O grito continuou, rompendo o ar, sobrepondo-se aos outros sons da guerra, silenciando até a morte. Thomas sentiu o coração tremer, esperando que não fosse alguém que conhecesse.

"Continue em frente!", disse Teresa.

− *Eu sei*! − gritou Thomas em resposta, dessa vez em voz alta.

Alguém passou por Thomas em disparada, batendo nele de raspão. Um Verdugo atacou pela direita, as lâminas rodopiando. Um Clareano interpôs-se entre eles, atacando com duas espadas compridas, o metal estrepitando e retinindo enquanto lutavam. Thomas ouviu uma voz distante, gritando as mesmas palavras vezes seguidas, algo sobre ele. Sobre protegê-lo enquanto corria. Era Minho, irradiando todo o seu desespero e a sua fadiga em gritos.

Thomas continuou em frente.

"Um quase pegou o Chuck!", gritou Teresa, criando um eco violento na cabeça de Thomas.

Mais Verdugos acorreram para interceptá-los, mais Clareanos ajudaram. Winston pegara o arco e as flechas de Alby, disparando as hastes de pontas metálicas na direção de tudo não humano que se movesse, errando mais do que acertando. Garotos que Thomas não conhecia corriam ao seu lado, golpeando vigorosamente os instrumentos dos Verdugos com as suas armas improvisadas, saltando sobre eles, atacando. Os sons − choques, retinidos, gritos, lamentos abafados, o clamor de motores, serras girando, espadas silvando, o rangido dos ferrões contra o chão, pedidos de socorro de

arrepiar os cabelos − todos prosseguiam num crescendo, tornando-se insuportáveis.

Thomas gritou, mas continuou correndo até chegarem ao Penhasco. Parou bruscamente bem rente à borda. Teresa e Chuck bateram de encontro ao seu corpo, quase lançando os três numa queda sem fim. Numa fração de segundo, Thomas reconheceu a posição do Buraco dos Verdugos. Pendurados ali, no meio do ar rarefeito, galhos de hera cresciam para lugar nenhum.

Anteriormente, Minho e alguns Corredores haviam puxado ramos de hera, amarrando-os como cordas às trepadeiras ainda presas aos muros. Atiraram as extremidades soltas sobre o Penhasco, até alcançarem o Buraco dos Verdugos, onde agora seis ou sete trepadeiras corriam da borda de pedra para um quadrado impreciso invisível, pairando no céu vazio, onde desapareciam no nada.

Aquele era o momento de saltar. Thomas hesitou, sentindo um último momento de terror total − ouvindo os sons horríveis às costas, vendo a ilusão à frente −, então livrou-se dele.

− Você primeiro, Teresa. − Ele queria ir por último para ter certeza de que um Verdugo não pegaria Teresa ou Chuck.

Para sua surpresa, ela não hesitou. Depois de apertar a mão de Thomas e em seguida o ombro de Chuck, saltou para fora da borda, imediatamente esticando as pernas, com os braços ao lado do corpo. Thomas prendeu a respiração até que ela deslizou para dentro do local entre os galhos de hera e desapareceu. Parecia que fora apagada da existência num rápido safanão.

− Uou! − Chuck gritou, numa ligeira mostra do seu humor costumeiro.

− *Uou* mesmo − disse Thomas. − Você é o próximo.

Antes que o garoto pudesse questionar, Thomas o agarrou por baixo dos braços, apertando o tronco de Chuck.

− Empurre forte com as pernas que eu dou impulso. Pronto? Um, dois, *três*! − Ele grunhiu com o esforço, lançando-o para cima em direção ao Buraco.

Chuck gritou enquanto voava no ar, e quase errou o alvo, mas os seus pés passaram; depois a barriga e os braços bateram contra as laterais do buraco invisível antes de desaparecer lá dentro. A

bravura do garoto como que cristalizou algo no coração de Thomas. Ele amava aquele garoto. Amava-o como se tivessem tido a mesma mãe.

Thomas apertou as alças da mochila, segurando fortemente a lança de batalha improvisada com a mão direta. Os sons atrás dele eram assustadores, horríveis − sentia-se culpado por não ajudar. “Apenas faça a sua parte”, disse para si mesmo.

Preparando os nervos, apoiou a lança contra o chão de pedra, então plantou o pé esquerdo bem na borda do Penhasco e saltou, catapultando-se através do ar de cor indistinta. Puxou a lança para perto do corpo, apontou os dedos dos pés para baixo, enrijeceu o corpo.

Então atingiu o Buraco.

57

Uma linha gelada atingiu a pele de Thomas quando ele entrou no Buraco dos Verdugos, começando pelos dedos dos pés e continuando por todo o corpo, como se tivesse saltado através de uma camada fina de água congelada. O mundo tornou-se ainda mais escuro ao seu redor quando os seus pés bateram ao pousar sobre uma superfície deslizante; ele escorregou e caiu para trás nos braços de Teresa. Ela e Chuck o ajudaram a se equilibrar. Fora um milagre Thomas não ter furado o olho de alguém com a lança.

O Buraco dos Verdugos seria negro como piche não fosse pelo facho da lanterna de Teresa atravessando a escuridão. Assim que recuperou o senso de equilíbrio, Thomas percebeu que estavam dentro de um cilindro de pedra de uns três metros de altura. Era úmido, e coberto de um óleo reluzente, encardido; estendia-se à frente deles por uns doze metros antes de desaparecer na escuridão. Thomas levantou os olhos para o Buraco através do qual haviam vindo − parecia-se com uma janela quadrada em um espaço profundo e sem estrelas.

− O computador fica para lá − falou Teresa, chamando a atenção dele.

Avançando alguns metros para dentro do túnel, ela apontara a luz para um quadradinho de vidro sujo de onde partia uma luz esverdeada. Embaixo dele, um teclado fora instalado na parede, num ângulo adequado para alguém digitar de pé. Ali estava ele, pronto para o código. Thomas não pôde evitar de pensar que parecia fácil demais, bom demais para ser verdade.

− Digite as palavras nele! − gritou Chuck, dando um tapinha no ombro de Thomas. − Depressa!

Thomas fez um gesto para Teresa fazer isso.

− Chuck e eu vamos ficar de guarda, vendo se não aparece algum Verdugo através do Buraco. − Ele só esperava que os Clareanos tivessem deixado de lado a tarefa de abrir caminho no Labirinto para se empenharem em manter as criaturas afastadas do Penhasco.

− Tudo bem − falou Teresa; Thomas sabia que ela era inteligente demais para desperdiçar tempo discutindo. Ela se aproximou do teclado e da tela, depois começou a digitar.

“Espere!”, falou Thomas na mente dela. “Tem certeza de que sabe as palavras?”

Ela virou-se para ele e franziu a testa.

− Não sou nenhuma idiota, Tom. Sim, sou perfeitamente capaz de me lembrar...

Um golpe violento acima e atrás deles a interrompeu, fazendo Thomas dar um salto. Ele girou sobre si mesmo para ver um Verdugo projetar-se através do Buraco dos Verdugos, aparecendo como num passe de mágica pelo quadrado escuro como breu. A coisa havia retraído os ferrões e os braços para entrar. Quando pousou com um baque borbulhante, uma dúzia de objetos pontiagudos e desagradáveis saltou com vida, parecendo mais mortais do que nunca.

Thomas empurrou Chuck para trás de si e encarou a criatura, segurando a lança como se quisesse afastá-la.

− Não pare de digitar, Teresa! − ele gritou.

Um bastão metálico descarnado projetou-se da pele úmida do Verdugo, desdobrando-se em um apêndice comprido com três lâminas giratórias, que se moveram em direção ao rosto de Thomas.

Ele segurou a extremidade da lança com as duas mãos, apertando com força enquanto baixava a ponta com a faca amarrada para o chão à sua frente. O braço armado avançou uns sessenta centímetros, pronto para fatiar a sua pele em pedaços. Quando estava a apenas trinta centímetros de distância, Thomas tensionou os músculos e levantou violentamente a lança, projetando-a em direção ao teto com a maior força que pôde. Atingiu com violência o

braço de metal e girou a coisa para o alto, descrevendo um arco até atingir uma vez mais o corpo do Verdugo. O monstro soltou um grito raivoso e recuou alguns metros, os ferrões retraindo-se no corpo.

Thomas inspirava e expirava com violência.

“Talvez eu consiga detê-lo”, disse ele rapidamente a Teresa. “Ande depressa!”

“Estou quase terminando”, replicou ela.

Os ferrões do Verdugo reapareceram; ele avançou na direção deles e outro braço saltou da sua pele e lançou-se à frente, este agora com imensas garras, golpeando para agarrar a lança. Thomas projetou-a, dessa vez de cima da cabeça, concentrando todas as suas forças no ataque. A lança chocou-se contra a base das garras. Com um baque ruidoso, e depois um chiado arrastado, todo o braço foi arrancado do encaixe, caindo no chão. Então, de uma espécie de boca que Thomas não conseguiu ver, o Verdugo soltou um grito longo, penetrante, e recuou de novo; os ferrões desapareceram.

− Essas coisas podem ser vencidas! − gritou Thomas.

“Ele não quer me deixar introduzir a última palavra!”, falou Teresa na mente dele.

Mal podendo ouvi-la, sem entender direito, ele soltou um berro e atacou de frente para tirar vantagem do momento de fraqueza do Verdugo. Brandindo a lança com selvageria, saltou para cima do corpo bulboso da criatura, arrancando dois braços de metal violentamente com um estalido alto. Ergueu a lança acima da cabeça, apoiou com firmeza os pés na pele do monstro − sentindo-se afundar no corpo bulboso desagradável −, então enterrou a lança nele. Uma substância amarela visguenta explodiu da carne, espirrando nas pernas de Thomas enquanto ele enfiava o máximo possível a lança no corpo daquela coisa. Então soltou o cabo da arma e saltou para trás, correndo de volta para Chuck e Teresa.

Thomas observou num fascínio doentio enquanto o Verdugo se contorcia incontrolavelmente, espirrando o óleo amarelo em todas as direções. Os seus ferrões lançavam-se e encolhiam-se; os braços que restaram se agitavam em total confusão, às vezes enterrando-se no próprio corpo. Logo ele começou a tornar-se mais

lento, com a sua energia diminuindo a cada litro de sangue − ou combustível − que perdia.

Alguns segundos depois, parou de mover-se por completo. Thomas não conseguia acreditar. Não podia acreditar. Acabara de derrotar um Verdugo, um dos monstros que tinham aterrorizado os Clareanos por mais de dois anos.

Relanceou o olhar para Chuck atrás de si, parado com os olhos muito arregalados.

− Você matou ele − disse o garoto. Ele riu, como se aquele único gesto tivesse resolvido todos os seus problemas.

− Não foi tão difícil − murmurou Thomas, depois voltou-se para ver Teresa digitando freneticamente no teclado. Soube imediatamente que algo dera errado.

− Qual é o problema? − indagou, quase gritando. Correu para olhar por cima do ombro dela e viu que ela continuava digitando a palavra “APERTA” vezes seguidas, mas nada aparecia na tela.

Ela apontou para o quadrado de vidro sujo, vazio a não ser pelo seu brilho de vida esverdeado.

− Digitei todas as palavras e, uma por uma, elas apareceram na tela; então alguma coisa soltou um bipe e elas desapareceram. Mas ele não me deixou digitar a última. Não está acontecendo nada!

O frio encheu as veias de Thomas ao ouvir o que Teresa dissera.

− Bem... por quê?

− Sei lá! − Ela tentou de novo, depois outra vez. Não aparecia nada.

− *Thomas*! − Chuck gritou atrás deles.

Thomas virou-se para vê-lo apontando para o Buraco dos Verdugos: outra criatura estava atravessando. Enquanto ele observava, a criatura caiu em cima do irmão morto dela e outro Verdugo começou a entrar no Buraco.

− Por que está demorando tanto? − Chuck gritou. − Você disse que eles seriam desligados depois que introduzissem o código!

Os dois novos Verdugos tinham se endireitado e liberado os ferrões, começando a avançar na direção deles.

− Não conseguimos introduzir a palavra APERTA − disse Thomas com ar ausente, sem falar para Chuck, mas tentando pensar numa

solução...

“Não estou conseguindo”, disse Teresa.

Os Verdugos se aproximavam, a apenas alguns passos de distância. Sentindo a força de vontade esvair-se nas trevas, Thomas firmou os pés e levantou os punhos timidamente. Devia funcionar. O código devia...

− Talvez vocês só devam *apertar* aquele botão − falou Chuck.

Thomas ficou tão surpreso com a afirmação casual que deu as costas aos Verdugos, olhando para o garoto. Chuck apontava para um ponto próximo ao chão, bem embaixo da tela e do teclado.

Antes que ele pudesse se mover, Teresa já estava lá, ajoelhada. E consumido pela curiosidade, por uma esperança vaga, Thomas juntou-se a ela, abaixando-se para ver melhor. Ouviu o Verdugo gemer e bramir atrás de si, sentiu a garra afiada prender sua camisa, sentiu uma agulhada de dor. Mas só podia olhar.

Via-se um botão vermelho instalado na parede a apenas alguns centímetros acima do chão. Três palavras estavam gravadas ali em tinta preta, tão óbvias que ele não conseguia acreditar que não as tinha notado antes.

Desativar o Labirinto

Uma nova dor arrancou Thomas do seu estupor. O Verdugo o agarrara com dois instrumentos, começando a arrastá-lo para trás. O outro fora para cima de Chuck e estava prestes a golpear violentamente o garoto com uma lâmina comprida.

Um botão.

− *Aperte*! − gritou Thomas, mais alto do que pensou ser possível um ser humano gritar.

E Teresa obedeceu.

Ela apertou o botão e tudo ficou em perfeito silêncio. Então, de algum lugar dentro do túnel às escuras, veio o som de uma porta deslizando para se abrir.

58

Quase de imediato, os Verdugos foram desligados por completo, seus instrumentos recolhidos à sua pele bulbosa, as luzes apagadas, os seus mecanismos internos mortalmente silenciados. E aquela porta...

Thomas caiu ao chão depois de ser solto pelas garras do seu captor e, apesar da dor de diversas lacerações nos ombros e em toda a extensão de suas costas, sentiu uma alegria tão grande que não sabia como reagir. Ele ofegou, depois riu, então sufocou um soluço antes de rir de novo.

Chuck fugira dos Verdugos, chocando-se contra Teresa − ela o segurava bem forte, apertando-o num abraço arrebatado.

− Você conseguiu, Chuck − Teresa disse. − Estávamos tão preocupados com as estúpidas palavras do código que não pensamos em procurar alguma coisa para apertar: a última palavra, a última peça do enigma.

Thomas riu de novo, sem acreditar que tal coisa poderia ser possível tão rápido depois de tudo pelo que haviam passado.

− Ela está certa, Chuck. Você salvou a gente, cara! Eu *disse* que íamos precisar de você! − Thomas levantou-se desajeitadamente e uniu-se aos outros dois em um abraço em grupo, quase em delírio. − O Chuck é um herói do caramba!

− E quanto aos outros? − perguntou Teresa com um movimento com a cabeça na direção do Buraco dos Verdugos. Thomas sentiu a alegria esvair-se e recuou, voltando-se na direção do Buraco.

Como se respondendo à pergunta dela, alguém caiu através do quadrado negro: era Minho, parecendo que tinha cortes ou arranhões em noventa por cento do corpo.

− Minho! − gritou Thomas, cheio de alívio. − Tudo bem com você? E como está todo mundo?

Minho cambaleou para a parede curva do túnel, depois apoiou-se nela, engolindo golfadas de ar.

− Perdemos uma tonelada de gente... Está uma sangueira lá em cima... Então todos eles se desligaram. − Fez uma pausa, inspirando o mais fundo que pôde e liberando o ar numa grande expiração. − Vocês conseguiram. Não posso acreditar que tenha funcionado.

Newt atravessou logo depois, seguido por Caçarola. Na sequência vieram Winston e os outros. Em pouco tempo, dezoito garotos tinham se unido a Thomas e aos seus amigos no túnel, perfazendo um total de vinte e um Clareanos. Até o último, todos os demais que tinham ficado para trás e lutado estavam cobertos pela baba dos Verdugos e por sangue humano, as roupas desfeitas em farrapos.

− E os restantes? − indagou Thomas, aterrado com a resposta.

− Metade de nós − falou Newt, a voz débil. − Estão mortos.

Ninguém disse uma palavra então. Ninguém disse nada por um longo período de tempo.

− Querem saber de uma coisa? − falou Minho, aprumando um pouco mais o corpo. − Metade pode ter morrido, mas metade de nós sobreviveu. E ninguém foi picado... Exatamente como Thomas pensava. Precisamos dar o fora daqui.

“Perdas demais”, pensou Thomas. “Realmente, perdas demais.” A sua alegria esvaiu-se por completo, transformada em um grande lamento pelos vinte garotos que tinham perdido a vida. Apesar da alternativa, apesar de saber que, se não tivessem tentado escapar, *todos* poderiam ter morrido, ainda assim doía, muito embora ele não os conhecesse bem. Quantas mortes... como aquilo poderia ser considerado uma vitória?

− Vamos cair fora daqui − falou Newt. − Agora mesmo.

− Para onde vamos? − quis saber Minho.

Thomas apontou para o túnel distante.

− Ouvi a porta se abrir daquele lado. − Ele tentou afastar a dor que sentia por tudo aquilo; os horrores da batalha que haviam acabado de vencer. As perdas. Afastou de vez a dor, sabendo que ainda era muito cedo para achar que estivessem seguros.

− Bem, então vamos − disse Minho. Virou-se e começou a encaminhar-se para o túnel sem esperar por uma resposta.

Newt concordou, determinando aos outros Clareanos que o ultrapassassem e seguissem Minho. Um por um os garotos se foram até que só ele permaneceu com Thomas e Teresa.

− Vou por último − falou Thomas.

Ninguém contestou. Newt foi, depois Chuck, então Teresa, para dentro do túnel negro. Até mesmo as luzes das lanternas pareciam engolidas pela escuridão. Thomas seguiu, nem mesmo se incomodando em olhar para trás, para os Verdugos mortos. Depois de um minuto mais ou menos de caminhada, ouviu um grito agudo lá na frente, seguido por outro, depois outro. Os gritos se calaram, como se os garotos estivessem caindo...

Murmúrios seguiram-se por toda a fila de garotos e finalmente Teresa voltou-se para Thomas.

− Parece que termina em uma descida lá na frente, uma queda abrupta.

O estômago de Thomas se revirou ao pensar naquilo. Era como se fosse um *jogo* − pelo menos, para quem quer que tivesse construído aquele lugar.

Um por um, ele ouvia os gritos decrescentes lá na frente. Depois foi a vez de Newt, então a de Chuck. Teresa apontou a luz para baixo sobre a calha preta metálica formando um tubo inclinado em uma descida íngreme.

“Acho que não há escolha”, disse ela mentalmente.

“Acho que não.”

Thomas teve uma forte impressão de que não havia saída daquele pesadelo; só esperava que aquilo não levasse a outro grupo de Verdugos.

Teresa escorregou pela rampa com um grito quase divertido, e Thomas seguiu-a antes que pudesse hesitar... qualquer coisa era melhor do que o Labirinto.

Seu corpo despencou pelo declive abrupto, deslizante, com uma meleca oleosa que tinha um odor horrível − como plástico queimado e máquinas esgotadas pelo uso. Contorceu o corpo até ter os pés à frente, depois tentou usar as mãos para frear a descida. Foi inútil − aquela espécie de graxa recobria cada centímetro da pedra; não conseguiu segurar-se em nada.

Os gritos dos outros Clareanos ecoavam pelas paredes do túnel à medida que eles escorregavam pela rampa oleosa. O pânico tomou conta do coração de Thomas. Não podia afastar a imagem de que tinham sido engolidos por algum animal gigantesco e que estavam escorregando direto pelo seu esôfago comprido, prestes a cair no estômago a qualquer instante. E como se os seus pensamentos tivessem se materializado, os cheiros mudaram − para algo mais parecido com mofo e podridão. Começou a ter ânsias; precisou fazer todo o esforço possível para não vomitar sobre si mesmo.

O túnel começou a virar, tomando a forma de uma espécie de espiral, o suficiente apenas para diminuir a velocidade da queda, e Thomas bateu com os pés diretamente sobre Teresa, atingindo-a na cabeça; ele se encolheu e foi tomado de um sentimento da mais completa infelicidade. Eles continuavam caindo. O tempo parecia se alongar, interminável.

Volta após volta, foram descendo pelo tubo. A náusea ardia em seu estômago − a sensação pegajosa daquela meleca contra o corpo, o cheiro, o movimento circular. Ele estava prestes a virar a cabeça de lado para vomitar quando Teresa soltou um grito agudo − dessa vez não houve eco. Um segundo depois, Thomas voou para fora do túnel e caiu sobre ela.

Os corpos se espalhavam por todos os lados, uns por cima dos outros, com os garotos gemendo e contorcendo-se em confusão enquanto tentavam se desvencilhar. Thomas agitou os braços e as pernas para ficar longe de Teresa, depois arrastou-se por mais meio metro para vomitar, esvaziando o estômago.

Ainda estremecendo em consequência daquela experiência, ele limpou a boca com o dorso da mão, só para perceber que ela estava coberta por uma camada de sujeira. Então sentou-se, esfregando as duas mãos no chão, e finalmente deu uma boa olhada no lugar onde

acabavam de chegar. Enquanto observava boquiaberto, viu, também, que todos os demais tinham se reunido em um grupo, analisando os novos arredores. Thomas tivera vislumbres dali durante a Transformação, mas não se lembrara de lá até aquele exato momento.

Encontravam-se em uma imensa câmara subterrânea, grande o bastante para conter nove ou dez Sedes. De cima a baixo, de lado a lado, o lugar estava forrado de todos os tipos de máquinas, fiações, dutos e computadores. Em um lado do salão − à direita dele −, havia uma fileira de uns quarenta compartimentos que se pareciam com enormes caixões funerários. Em frente, do outro lado, viam-se grandes portas de vidro, embora a iluminação tornasse impossível distinguir o que havia além delas.

− Olhem! − alguém gritou, mas ele já vira, a respiração presa na garganta. Seu corpo ficou todo arrepiado, um calafrio insidioso de medo percorrendo-lhe toda a espinha como uma aranha molhada.

À frente deles, uma fileira de umas vinte janelas encardidas estendia-se pelo lugar horizontalmente, uma depois da outra. Por trás de cada uma, uma pessoa − alguns homens, algumas mulheres, todos pálidos e magros − observava os Clareanos, olhando através do vidro com os olhos semicerrados. Thomas estremeceu, aterrorizado − todos se pareciam com fantasmas. Aparições de pessoas sinistras, cheias de ira e debilitadas pela fome, que nunca tinham sido felizes em vida, muito menos mortas.

Mas Thomas sabia que não eram, é claro, fantasmas. Eram as pessoas que os tinham enviado à Clareira. As pessoas que tinham lhes tirado sua própria vida.

Os Criadores.

59

Thomas recuou um passo, notando que os outros faziam o mesmo. Um silêncio mortal sugava a vida do ar enquanto cada um dos Clareanos olhava para a fileira de janelas, para a fileira de observadores. Thomas viu um deles baixar os olhos para escrever alguma coisa, outro estender a mão e colocar os óculos. Todos usavam casaco preto sobre camisa branca, uma palavra gravada no lado direito do peito − não fazia ideia do que estaria escrito. Nenhum deles exibia alguma espécie de expressão facial discernível − eram todos lívidos e descarnados, uma visão deploravelmente triste.

Eles continuaram a olhar para os Clareanos; um homem abanou a cabeça, uma mulher concordou. Outro homem levantou a mão e coçou o nariz − a coisa mais humana que Thomas vira algum deles fazer.

− Quem são aquelas pessoas? − sussurrou Chuck, mas a sua voz ecoou por toda a câmara com um acento rouco.

− Os Criadores − falou Minho; depois pisoteou o chão. − Vou quebrar a cara de vocês! − gritou, tão alto que Thomas quase tapou os ouvidos.

− O que vamos fazer? − indagou Thomas. − O que será que estão esperando?

− Devem ter reanimado os Verdugos − disse Newt. − Eles devem estar vindo diretamente...

Um bipe intermitente alto e lento o interrompeu, como o alarme de advertência de um caminhão imenso em marcha a ré, mas muito

mais potente. Não vinha de lugar nenhum, estrondeava e ecoava por toda a câmara.

− E agora? − estranhou Chuck, sem esconder a preocupação na voz.

Por alguma razão, todos olharam para Thomas; ele encolheu os ombros em resposta − só se lembrava do que já comentara e agora estava tão desorientado quanto os demais. E com medo. Esticou o pescoço enquanto esquadrinhava o lugar de cima a baixo, tentando encontrar a fonte dos bipes. Mas nada havia mudado. Então, com o canto do olho, notou os outros Clareanos olharem na direção das portas. Fez o mesmo também; o coração acelerou-se quando viu que uma das portas estava sendo aberta na direção deles.

Os bipes pararam e um silêncio tão profundo quanto o espaço sideral instalou-se na câmara. Thomas esperou sem respirar, na expectativa de que alguma coisa horrível pudesse se projetar da porta.

Em vez disso, duas pessoas entraram no salão.

Uma era mulher. Um adulto de verdade. Ela parecia muito comum, usando calças pretas e uma camisa branca de botões com um logotipo no peito − CRUEL − gravado em letras maiúsculas azuis. Usava o cabelo castanho cortado na altura dos ombros e tinha o rosto magro e olhos escuros. Enquanto caminhava na direção do grupo, não sorria nem franzia o cenho − quase como se não tivesse notado que estavam ali ou não se importasse com isso.

“Eu a conheço”, pensou Thomas. Porém, era um tipo de lembrança nebulosa − não conseguia lembrar-se do nome dela nem do que tinha a ver com o Labirinto, mas ela lhe pareceu familiar. E não só pela aparência, mas pelo jeito de andar, pelos modos − rígida, sem um pingo de alegria. Ela parou em frente aos Clareanos, a uns dois metros de distância deles, e lentamente olhou da esquerda para a direita, observando um a um de maneira minuciosa.

A outra pessoa, parada ao lado dela, era um garoto usando um blusão grande demais, o capuz sobre a cabeça, ocultando-lhe a face.

− Bem-vindos de volta − disse a mulher finalmente. − Depois de dois anos e tão poucos mortos. Impressionante.

Thomas percebeu a sua boca se abrir − sentiu a raiva enrubescer-lhe a face.

− *O quê*? − falou Newt.

Os olhos dela varreram o grupo de novo antes de pousar em Newt.

− Tudo correu de acordo com o plano, Sr. Newton. Embora esperássemos que um pouco mais de vocês desistissem pelo caminho.

Ela relanceou o olhar para o companheiro, depois estendeu a mão e puxou o capuz do garoto. Ele olhou para cima, os olhos lavados em lágrimas. Todos os Clareanos presentes ofegaram de surpresa. Thomas sentiu os joelhos cederem.

Era Gally.

Thomas piscou, depois esfregou os olhos, como se algo estivesse fora do lugar. Sentia-se consumido pelo choque e pela raiva.

Era *Gally*.

− O que *ele* está fazendo aqui? − gritou Minho.

− Vocês estão em segurança agora − respondeu a mulher, como se não o tivesse escutado. − Por favor, fiquem à vontade.

− À vontade? − bradou Minho. − Quem é você para nos dizer para ficar à vontade? Queremos ver a polícia, o prefeito, o presidente... alguém!

Thomas preocupou-se com o que Minho poderia fazer − então, de novo, desejou que ele desse um murro na cara dela.

Ela semicerrou os olhos enquanto olhava para Minho.

− Você não faz ideia do que está falando, garoto. Eu esperaria mais maturidade de alguém que passou pelas Provas do Labirinto. − O tom condescendente dela chocou Thomas.

Minho fez menção de retrucar, mas Newt deu-lhe uma cotovelada na barriga.

− Gally − falou Newt. − O que está acontecendo?

O garoto de cabelos escuros olhou para ele; seus olhos faiscaram por um instante, a cabeça balançando ligeiramente. Mas ele não

respondeu. “Ele parece meio fora de si”, pensou Thomas. Pior do que antes.

A mulher inclinou a cabeça como se estivesse orgulhosa dele.

− Um dia, vocês todos serão gratos pelo que fizemos por vocês. Só posso prometer isso, e confiar que suas mentes aceitem isso. Ou então a coisa toda terá sido um erro. São tempos tenebrosos, Sr. Newton. Tempos tenebrosos. − Ela fez uma pausa. − Há, é claro, uma Variável final. − Deu um passo atrás.

Thomas concentrou a atenção em Gally. O corpo todo do garoto tremia, seu rosto estava branco leitoso, todo úmido, os olhos vermelhos destacando-se como manchas de sangue sobre um pedaço de papel. Estava com os lábios apertados; a pele ao redor deles se retorcia, como se estivesse tentando falar mas não pudesse.

− Gally? − Thomas chamou, tentando eliminar a raiva absoluta que sentia por ele.

Palavras brotaram da boca de Gally.

− Eles... podem me controlar... eu não... − Os seus olhos incharam, a mão foi para a garganta como se estivesse sufocando. − Eu... tenho... de... − Cada palavra era como um acesso de tosse. Então ele se calou, a face se acalmando, o corpo relaxando.

Era exatamente como Alby na cama, na Clareira, depois de passar pela Transformação. O mesmo tipo de coisa tinha acontecido com ele. O que será...

Mas Thomas não teve tempo de terminar o pensamento. Gally estendeu a mão atrás de si, puxou alguma coisa comprida e brilhante do bolso de trás. As luzes da câmara se refletiram na superfície prateada − um punhal com um aspecto ameaçador, fortemente seguro pelos dedos dele. Com uma rapidez inesperada, ele recuou um pouco e atirou a faca em Thomas. Quando fez isso, Thomas ouviu um grito à sua direita, sentiu um *movimento*. Na direção dele.

A lâmina girava como as pás de um moinho de vento, Thomas vendo cada uma das suas voltas, como se o mundo tivesse ficado em câmera lenta. Como se isso acontecesse assim com o único propósito de permitir-lhe sentir o terror de ver o que acontecia. A

faca se aproximava, girando sem parar, direto sobre ele. Um grito estrangulado estava se formando na sua garganta; ele se apressou a se mover mas não conseguia.

Então, inexplicavelmente, Chuck apareceu, mergulhando na frente dele. Thomas sentiu como se os seus pés estivessem congelados em blocos de gelo; só podia observar a cena de horror desenrolando-se à sua frente, totalmente impotente.

Com um baque violento e oco, o punhal chocou-se contra o peito de Chuck, enterrando-se até o cabo. O garoto gritou, caiu no chão, o corpo já em convulsões. O sangue jorrava do ferimento, vermelho-escuro. Suas pernas se debateram contra o chão, os pés chutando sem destino enquanto a morte se instalava. Um respingo vermelho vazou dos seus lábios entreabertos. Thomas sentiu como se o mundo estivesse desmoronando ao seu redor, esmagando o seu coração.

Ele jogou-se no chão e puxou o corpo trêmulo de Chuck para os seus braços.

− *Chuck*! − gritou, a voz saindo como um ácido que dilacerava a sua garganta. − *Chuck*!

O garoto tremia descontroladamente, havia sangue por toda a parte, umedecendo as mãos de Thomas. Os olhos de Chuck rolaram nas órbitas, brancas e sem vida. O sangue escorria-lhe do nariz e da boca.

− Chuck... − disse Thomas, dessa vez num sussurro. Devia ser possível fazer alguma coisa. Eles poderiam salvá-lo. Eles...

O garoto parou de se contorcer, aquietou-se. Os olhos voltaram à posição normal, focalizados em Thomas, presos à vida.

− Thom... mas − Foi a única palavra que ele mal balbuciou.

− Aguente firme, Chuck − disse Thomas. − Não morra... resista. *Alguém procure ajuda*!

Ninguém se moveu, e no fundo Thomas sabia por quê. Nada *podia* ajudar agora. Era o fim. Pontos negros dançaram diante dos olhos de Thomas; o salão girou e oscilou. “Não”, ele pensou. “Não Chuck. Não Chuck. Qualquer um menos Chuck.”

− Thomas − Chuck sussurrou. − Encontre... a minha mãe. − Uma tosse rouca irrompeu dos seus pulmões, lançando um jato de

sangue. − Diga a ela... − Ele não terminou. Os seus olhos se fecharam, o corpo imobilizou-se. Um último suspiro escapou da sua boca.

Thomas olhou para ele, olhou para o corpo sem vida do amigo.

Alguma coisa aconteceu dentro de Thomas. Começou no fundo do seu peito, uma semente de raiva. De vingança. De ódio. Algo tenebroso e terrível. E então explodiu, vazando com violência dos seus pulmões, através do pescoço, correndo pelos braços e pelas pernas. Por toda a sua mente.

Ele largou Chuck, levantou-se, trêmulo, virou a face para os seus novos visitantes.

E então reagiu. *Reagiu* total e completamente.

Correndo a toda velocidade à frente, atirou-se sobre Gally, as mãos encurvadas como garras. Encontrou a garganta do rapaz, apertou-a, caiu ao chão sobre ele. Montado sobre o corpo do garoto, prendia-o com as pernas para que não pudesse escapar. Começou a esmurrá-lo.

Com a mão esquerda, Thomas mantinha Gally de encontro ao solo, prendendo o pescoço do garoto, enquanto o punho direito desferia-lhe golpes na face, um após outro. Mais um golpe e mais outro e mais outro, batendo com os nós dos dedos contra o rosto e o nariz do garoto. Ouviu-se um som de algo esmagado, o sangue jorrou, os gritos foram horríveis. Thomas não sabia quais gritos eram mais altos − os de Gally ou os seus. Ele bateu − *bateu* nele como se liberasse cada gota de raiva acumulada em toda a sua vida.

E então foi puxado dali por Minho e Newt, os braços ainda se agitando mesmo quando só atingiam o ar. Eles o arrastaram pelo chão; ele resistiu, se debateu, gritou para que o largassem. Não desviava os olhos de Gally, estirado lá, imóvel; Thomas sentia a raiva descarregar, como se a linha visível de uma chama os unisse.

E então, sem mais nem menos, tudo desapareceu. Só restaram os pensamentos sobre Chuck.

Ele se livrou das mãos de Minho e Newt, correu para o corpo imóvel e sem vida do amigo. Agarrou-o, puxou-o para os braços,

ignorando o sangue, ignorando o semblante congelado da morte no rosto do garoto.

− *Não*! − Thomas gritou, consumido pela tristeza. − *Não*!

Teresa estava lá, pousou a mão sobre o seu ombro. Ele a repudiou com um movimento.

− Eu prometi a ele! − gritou, percebendo no mesmo instante que a sua voz estava entremeada de algo errado. Quase insanidade. − Eu prometi que o salvaria, que o levaria para casa! *Prometi* a ele!

Teresa não respondeu, apenas inclinou a cabeça, os olhos presos no chão.

Thomas abraçou Chuck contra o peito, apertou-o o mais forte possível, como se de algum modo pudesse trazê-lo de volta, ou mostrar-se grato por salvar a sua vida, por ter sido seu amigo quando ninguém mais queria sê-lo.

Thomas chorou, soluçou como nunca soluçara antes. Os seus soluços altos e roucos ecoaram por toda a câmara como os sons de uma dor torturada.

60

Thomas finalmente recolheu tudo de volta ao seu coração, sugando a maré dolorosa do seu sofrimento. Na Clareira, Chuck tornara-se um símbolo para ele − um sinal de que de algum modo eles poderiam consertar tudo outra vez no mundo. Dormir em camas. Receber um beijo de boa-noite. Ter um café da manhã decente, ir a uma escola de verdade. Ser felizes.

Mas agora Chuck se fora. E o seu corpo frouxo, ao qual Thomas ainda se prendia, parecia um talismã frio − mostrando que não só aqueles sonhos de um futuro esperançoso nunca se realizariam, mas que a vida de fato nunca fora daquele jeito. E que, mesmo em fuga, dias sombrios ainda estavam por vir. Uma vida de infelicidade.

As lembranças que lhe ocorriam eram no melhor dos casos imprecisas. Mas poucas coisas boas emergiam da lama.

Thomas recolheu a dor, guardou-a em algum lugar no fundo de si mesmo. Fez isso por Teresa. Por Newt e por Minho. Por maiores que fossem as trevas que os esperavam, eles permaneceriam juntos, e isso era tudo o que importava no momento.

Soltando Chuck, caiu para trás, tentando não olhar para a camisa do garoto, enegrecida de sangue. Enxugou as lágrimas do rosto e esfregou os olhos, pensando que deveria estar envergonhado por tudo aquilo. Mas não se sentia assim. Finalmente, olhou para cima. Olhou para Teresa e para os seus enormes olhos azuis, carregados de tristeza − tanto por ele quanto por Chuck, estava certo disso.

Ela inclinou-se, segurou a mão dele, ajudou-o a se levantar. Mesmo depois de estar de pé, ela não o soltou, e ele tampouco

afastou-se dela. Ele apertou a mão dela, tentou dizer o que sentira agindo daquela maneira. Ninguém mais falou uma palavra, a maioria olhando para o corpo inerte de Chuck, como se tivessem ido muito além do sentimento. Ninguém olhou para Gally, que respirava mas continuava imóvel.

A mulher do CRUEL rompeu o silêncio.

− Todas as coisas acontecem segundo um propósito − disse ela, a voz desprovida de qualquer sinal de malícia. − Vocês devem entender isso.

Thomas encarou-a, transmitindo com o olhar todo o seu ódio represado. Mas não fez nada.

Teresa pousou a outra mão sobre o seu braço, segurou o seu bíceps.

“E agora?”, indagou ela.

“Sei lá”, replicou ele. “Não posso...”

A sua frase foi bruscamente interrompida por uma repentina série de gritos e por uma comoção do lado de fora da entrada pela qual a mulher viera. Ela parecia em pânico, o sangue esvaído de sua face ao voltar-se para a porta. Thomas acompanhou-lhe o olhar.

Vários homens e mulheres trajando jeans encardidos e casacos suados irromperam pela entrada com armas levantadas, gritando e vociferando palavras uns para os outros. Era impossível entender o que diziam. As suas armas − algumas eram fuzis, outras pistolas − pareciam... arcaicas, rústicas. Quase como brinquedos abandonados em uma floresta por anos, recém-descobertos pela geração seguinte de garotos prontos para brincar de guerra.

Thomas observou chocado enquanto dois dos recém-chegados atiraram ao chão a mulher do CRUEL. Então um deles deu um passo para trás, sacou a arma e apontou para ela.

“Não pode ser”, pensou Thomas. “Não...”

Clarões iluminaram o ar quando vários disparos explodiram da arma, chocando-se contra o corpo da mulher. Ela estava morta, um destroço ensanguentado.

Thomas deu vários passos para trás, quase tropeçando.

Um homem avançou para os Clareanos enquanto os outros integrantes do grupo espalhavam-se ao redor deles, agitando as

armas à direita e à esquerda enquanto atiravam nas janelas de observação, esmigalhando-as. Thomas ouviu gritos, viu sangue, desviou o olhar, concentrou-se no homem que se aproximara deles. Ele tinha cabelo escuro, o rosto jovem, mas cheio de rugas ao redor dos olhos, como se tivesse passado cada dia da vida preocupando-se em como conseguir chegar ao seguinte.

− Não temos tempo para explicar − falou o homem, a voz tão tensa quanto o rosto. − Apenas sigam-me e corram como se a sua vida dependesse disso. Porque depende.

Depois disso o homem fez uns gestos para os companheiros, então virou-se e correu para as grandes portas de vidro, a arma erguida rigidamente à frente. Disparos e gritos de agonia ainda ressoaram na câmara, mas Thomas fez o máximo possível para ignorá-los e seguir as instruções.

− *Vão*! − um dos seus resgatadores (esse era o único modo como Thomas conseguia pensar neles) gritou de trás.

Depois de uma hesitação mínima, os Clareanos os acompanharam, quase se atropelando na pressa de sair da câmara, procurando ir para o mais longe possível dos Verdugos e do Labirinto. Thomas, a mão ainda apertando a de Teresa, correu com eles, reunindo-se à parte de trás do grupo. Não tiveram escolha a não ser deixar o corpo de Chuck para trás.

Thomas não sentiu nenhuma emoção − estava completamente entorpecido. Desceu correndo por um corredor comprido, que dava para um túnel mal iluminado. Subiu um lance de escada em curva. Tudo estava escuro, cheirando a aparelhos eletrônicos. Seguiu por outro corredor. Subiu mais uma escada. Mais corredores. Thomas queria sofrer por Chuck, alegrar-se por Teresa estar lá com ele. Mas vira coisas demais. Restava apenas uma carência agora. Um vazio. Continuou correndo.

Eles não pararam de correr, alguns dos homens e mulheres tomando a dianteira, outros dando gritos de encorajamento por trás.

Chegaram a outro conjunto de portas de vidro e atravessaram-nas sob uma chuva torrencial, que despencava de um céu negro. Não se via nada a não ser manchas difusas de centelhas flamejantes em meio às cortinas de água.

O líder só parou de correr quando chegaram a um ônibus imenso, as laterais amassadas e riscadas, a maior parte das janelas com rachaduras como teias de aranha. A chuva inundava tudo, fazendo Thomas imaginar uma imensa criatura bestial emergindo do oceano.

− Entrem logo! − gritou o homem. − Depressa!

Eles obedeceram, aglomerando-se em um grupo compacto diante da porta enquanto entravam, um por um. Aquilo parecia não acabar nunca, os Clareanos empurrando-se e tropeçando nos três degraus em busca dos assentos.

Thomas ficou atrás dos demais, Teresa logo à sua frente. Ele olhou para o céu, sentiu a água bater contra a sua face − a água era morna, quase quente, tinha uma espessura esquisita. Estranhamente, esse contato o ajudou a sair do tormento, devolver-lhe a atenção. Talvez fosse apenas por causa da ferocidade do dilúvio. Ele se concentrou no ônibus, em Teresa, na fuga.

Estavam quase na porta quando uma mão subitamente abateu-se sobre o seu ombro, agarrando-lhe a camisa. Thomas gritou quando foi puxado para trás, o que arrancou a sua mão da de Teresa − ele a viu voltar-se bem a tempo de vê-lo desabar no chão, espirrando água para todos os lados. Uma dor intensa desceu pela sua espinha enquanto a cabeça de uma mulher apareceu alguns centímetros acima do seu rosto, de cabeça para baixo, interpondo-se entre ele e Teresa.

O cabelo ensebado da mulher caía escorrido, tocando Thomas, emoldurando uma face oculta nas sombras. Um cheiro horrível encheu-lhe as narinas, como ovos e leite estragados. A mulher recuou o bastante para que o facho da lanterna de alguém revelasse os seus traços − uma pele clara, enrugada, coberta de feridas purulentas. Um terror autêntico tomou conta de Thomas, imobilizando-o.

− Vamos nos salvar todos! − disse a mulher horrenda, cuspindo perdigotos de uma saliva malcheirosa, que respingaram em Thomas. − Vamos nos salvar do Fulgor! − Ela deu uma risada, não muito mais do que uma tosse rouca.

A mulher uivou quando um dos resgatadores agarrou-a com as duas mãos e arrancou-a de cima de Thomas, que recobrou o

espírito e levantou-se com dificuldade. Ele recuou até Teresa, observando o homem arrastar a mulher para longe, enquanto ela se debatia debilmente, os olhos sobre Thomas. Ela apontou para ele e gritou:

− Não acredite em uma palavra do que dizem! Vamos nos salvar do Fulgor, você aí!

Quando estava a vários metros do ônibus, o homem lançou a mulher ao chão.

− Fique longe ou vou matá-la a tiros! − gritou ele para ela; depois virou-se para Thomas. − Entre no ônibus!

Thomas, trêmulo de terror diante do acontecido, virou-se e seguiu Teresa pelos degraus e pelo corredor do ônibus. Olhos arregalados o observaram enquanto eles passavam por todos até o banco de trás e afundavam-se no assento, grudados um no outro. Uma água negra lavava as janelas do lado de fora. A chuva tamborilava no teto pesadamente; o trovão fazia tremer o céu acima deles.

“O que foi aquilo?”, indagou Teresa na mente dele.

Thomas não conseguiu responder, apenas balançou a cabeça. Os pensamentos a respeito de Chuck o invadiram de novo, ocupando o lugar da mulher louca e escurecendo o seu coração. Ele simplesmente não se importava, não sentia nenhum alívio em escapar do Labirinto. *Chuck*...

Um dos resgatadores, uma mulher, sentou-se no banco do outro lado de Thomas e Teresa; o líder que lhes falara anteriormente saltou para dentro do ônibus e tomou o assento à direção, ligando o motor e engatando a marcha. O ônibus começou a avançar.

Assim que partiu, Thomas viu um súbito movimento do lado de fora da janela. A mulher crivada de feridas conseguira se levantar, correndo para a frente do ônibus, agitando os braços vivamente, gritando algo abafado pelos sons da tempestade. Seus olhos luziam de loucura ou terror. Thomas não saberia dizer qual dos dois.

Ele aproximou-se do vidro da janela enquanto ela desaparecia da sua vista à frente.

− Esperem! − gritou Thomas, mas ninguém o ouviu. Se alguém ouviu, não se importou.

O motorista acelerou o motor − o ônibus sacolejou quando bateu no corpo da mulher. O impacto quase atirou Thomas para fora do assento, quando as rodas da frente passaram sobre ela, rapidamente seguidas por um segundo impacto − o das rodas de trás. Thomas olhou para Teresa, vendo a expressão angustiada no seu rosto, que seguramente refletia a dele.

Sem uma palavra, o motorista manteve o pé embaixo e o ônibus avançou, mergulhando na noite varrida pela chuva.

61

A hora que se seguiu − ou um pouco mais do que isso − foi uma mistura indistinta de imagens e sons para Thomas.

O motorista dirigia a velocidades temerárias, passando por vilas e cidades, a chuva torrencial obscurecendo a maior parte da vista. Luzes e prédios pareciam distorcidos e difusos, como algo visto em uma alucinação induzida por drogas. A certa altura pessoas do lado de fora correram para o ônibus, as roupas rasgadas, o cabelo grudado na cabeça, as faces aterrorizadas cobertas por chagas estranhas como aquelas que Thomas vira na mulher. Batiam nas laterais do veículo como se quisessem entrar, como se quisessem escapar de qual fosse a vida horrível que viviam.

O ônibus não diminuía nunca a velocidade. Teresa seguia em silêncio ao lado de Thomas. Finalmente, ele reuniu coragem bastante para falar com a mulher sentada do outro lado do corredor.

− O que está acontecendo? − perguntou, não muito seguro de como se expressar.

A mulher o olhou. O cabelo preto e molhado pendia em cachos grossos ao redor do rosto. Os olhos escuros expressando sofrimento.

− É uma história muito longa. − A voz da mulher soou muito mais bondosa do que Thomas esperava, dando-lhe esperança de que fosse verdadeiramente uma amiga; que todos os seus resgatadores fossem amigos. Apesar do fato de terem atropelado uma mulher a sangue frio.

− Por favor − disse Teresa. − Por favor, conte-nos alguma coisa.

A mulher olhou de um lado para outro entre Thomas e Teresa, então soltou um suspiro.

− Vai demorar algum tempo até recuperarem as suas lembranças, se é que isso vai acontecer... Não somos cientistas, não fazemos ideia do que fizeram a vocês, ou de como fizeram.

O coração de Thomas apertou-se diante do pensamento de que talvez tivesse perdido a memória para sempre, mas insistiu.

− Quem são eles? − indagou.

− Tudo começou com as explosões solares − disse a mulher, o olhar tornando-se distante.

− O que... − Teresa começou, mas Thomas a fez calar-se.

“Deixe-a falar”, disse-lhe mentalmente. “Ela parece querer.”

“Ok.”

A mulher quase parecia em transe enquanto falava, nunca desviando o olhar de um ponto indistinto à distância.

− As explosões solares não puderam ser previstas. Explosões solares são normais, mas aquelas foram sem precedentes, imensas, tornando-se cada vez mais intensas... e, quando perceberam, foi apenas alguns minutos antes que o seu calor se abatesse sobre a Terra. Primeiro os nossos satélites se queimaram, e milhares de pessoas morreram instantaneamente, milhões em alguns dias, incontáveis quilômetros de terra tornaram-se terras devastadas. Então veio a doença. − Ela fez uma pausa, recobrou o fôlego. − Quando o ecossistema foi destruído, tornou-se impossível controlar a doença... até mesmo mantê-la na América do Sul. As selvas desapareceram, mas os insetos não. As pessoas agora chamam a doença de Fulgor. É uma coisa horrível, horrível. Só os mais ricos podem se tratar, ninguém é curado. A menos que os rumores que chegam dos Andes se confirmem.

Thomas quase transgrediu o próprio conselho − as perguntas fervilhavam em sua mente. O horror crescia no seu íntimo. Ele ficou ali sentado, ouvindo, enquanto a mulher continuava:

− Quanto a vocês, todos vocês... são apenas uma pequena parte de milhões de órfãos. Eles testaram milhares, escolheram vocês para o grande teste. O teste supremo. Tudo pelo que vocês passaram foi calculado e pensado. Catalisadores para estudar as

suas reações, as suas ondas cerebrais, os seus pensamentos. Tudo numa tentativa de encontrar as pessoas capazes de nos ajudar a achar um meio de vencer o Fulgor. − Ela fez outra pausa, puxou um cacho de cabelo para trás da orelha. − A maioria dos efeitos físicos é causada por outra coisa. Primeiro começam os delírios, depois os instintos animais passam a se sobrepor aos humanos. Finalmente, isso os consome, destrói a sua humanidade. Está tudo no cérebro. O Fulgor *vive* no cérebro deles. É uma coisa pavorosa. Melhor morrer do que ser vítima da doença. − A mulher desviou o olhar do vazio e olhou para Thomas, depois para Teresa, então para Thomas de novo. − Não vamos deixar que façam isso com crianças. Juramos pela nossa vida lutar contra o CRUEL. Não podemos perder a nossa humanidade, não importa qual seja o resultado final.

Ela entrelaçou as mãos sobre o colo, baixou os olhos para elas.

− Vocês vão aprender mais com o tempo. Vivemos bem longe ao norte. Estamos distantes milhares de quilômetros dos Andes. Eles chamam o lugar de Cáustico... fica entre este lugar em que estamos e os Andes. Está localizado principalmente em torno do que costumavam chamar de linha do Equador... não é mais do que calor e poeira agora, cheio de selvagens consumidos pelo Fulgor, sem salvação. Estamos tentando atravessar aquela terra... encontrar a cura. Mas até então, vamos lutar contra o CRUEL e impedir os experimentos e os testes. − Ela olhou atentamente para Thomas, depois para Teresa. − Temos esperança de que vocês se juntem a nós.

Ela afastou o olhar de novo, fitando através da janela do seu lado.

Thomas olhou para Teresa, arqueou as sobrancelhas em dúvida. Ela apenas abanou a cabeça e depois descansou-a no ombro dele, fechando os olhos.

“Estou cansada demais para pensar nisso”, disse ela. “Vamos só ficar em segurança por enquanto.”

“Talvez estejamos”, replicou ele. “Talvez.”

Ele ouviu o ressonar suave dela enquanto dormia, mas sabia que para ele seria impossível dormir. Ainda assim era melhor do que o vazio insensível em que se encontrara antes. Só podia ficar ali sentado e olhar pela janela para a chuva e a escuridão, ponderando

sobre palavras como “Fulgor”, “doença”, “experimento”, “Cáustico” e “CRUEL”. Só podia ficar sentado e esperar que as coisas pudessem ser melhores agora do que tinham sido quando estavam no Labirinto.

Mas enquanto ele balançava e sacolejava com os movimentos do ônibus, sentia a cabeça de Teresa bater contra o seu ombro vez por outra, quando os sacolejos eram maiores, ouvia-a agitar-se e voltar a dormir, ouvia os murmúrios das outras conversas entre os outros Clareanos, os pensamentos dele voltando sempre para uma coisa.

Chuck.

Duas horas depois, o ônibus parou.

Eles estavam em um estacionamento enlameado em volta de um edifício indefinível com várias fileiras de janelas. A mulher e outros resgatadores conduziram de qualquer jeito os dezenove garotos e uma garota através da porta da frente e por um lance de escada, depois para dentro de um imenso dormitório com uma série de beliches alinhados ao longo de uma das paredes. Do lado oposto viam-se alguns armários e mesas. Todas as paredes do aposento tinham janelas cobertas por cortinas.

Thomas considerou tudo com uma admiração distante e muda − estava longe de se surpreender ou se impressionar demais por qualquer coisa novamente.

O lugar era todo colorido. A pintura era amarelo vivo, os cobertores vermelhos, as cortinas verdes. Depois do acinzentado monótono da Clareira, era como se tivessem sido transportados para dentro de um arco-íris. Vendo tudo aquilo, vendo as camas e os armários, tudo arrumado e novo, a sensação de normalidade era quase esmagadora. Aquilo tudo era bom demais para ser verdade. Minho expressou com perfeição ao entrar no novo mundo deles:

− Eu me ferrei e fui para o céu.

Thomas achava difícil sentir alegria, como se fosse trair Chuck com isso. Mas tinha alguma coisa estranha ali. Alguma coisa.

O líder que dirigira o ônibus deixou os Clareanos nas mãos de uma pequena equipe − nove ou dez homens e mulheres vestidos

com calça de um preto retinto e camisa branca, o cabelo imaculado, o rosto e as mãos limpos. Eles sorriam.

As cores. As camas. A equipe. Thomas sentiu uma felicidade impossível tentando irromper dentro dele. No entanto, um poço enorme espreitava no meio dessa felicidade. Uma depressão sombria que talvez nunca deixasse de existir − a lembrança de Chuck e do seu brutal assassinato. O seu sacrifício. Mas, apesar disso, apesar de tudo, apesar de tudo o que a mulher no ônibus lhes contara sobre o mundo a que retornavam, pela primeira vez Thomas sentia-se mais do que nunca seguro desde que aparecera na Caixa.

Todos escolheram uma cama, receberam roupas e artigos de banho, foi servido o jantar. Pizza. Uma pizza de verdade, genuína, de engordurar os dedos. Thomas devorou cada pedaço, a fome vencendo todo o resto; ao seu redor, o humor de contentamento e alívio era palpável. A maioria dos Clareanos permanecera calada o tempo todo, talvez pensando que se falassem tudo se desvaneceria. Mas ali só se viam sorrisos. Thomas se acostumara tanto com expressões de desespero que era quase inquietante ver rostos felizes. Especialmente quando estava tendo ele próprio a sensação de um momento difícil.

Logo depois de comerem, ninguém discutiu quando lhes disseram que era hora de irem para a cama.

Thomas muito menos. Ele sentiu que poderia dormir por um mês.

62

Thomas dividiu um beliche com Minho, que insistiu em dormir em cima; Newt e Caçarola encontravam-se bem ao lado deles. O pessoal acomodou Teresa em um quarto separado, conduzindo-a para fora antes que pudesse se despedir. Thomas sentiu desesperadamente a falta dela três segundos depois de ela partir.

Quando estava se acomodando entre os lençóis macios para passar a noite, Thomas foi interrompido.

− Ei, Thomas − falou Minho de cima dele.

− Oi? − Thomas estava tão cansado que mal pronunciou a palavra.

− O que você acha que aconteceu com os Clareanos que ficaram para trás?

Thomas não tinha pensado nisso. Seus pensamentos estavam ocupados com Chuck e agora com Teresa.

− Sei lá. Mas, pensando em quantos de nós morreram para chegar aqui, eu não gostaria de ser um deles no momento. Os Verdugos provavelmente estão caindo aos montes em cima deles. − Ele não podia acreditar como a sua voz soara indiferente ao falar isso.

− Acha que estamos seguros com essa gente? − indagou Minho.

Thomas ponderou sobre a pergunta por um instante. Só havia uma única resposta a que se apegar.

− É, acho que estamos seguros.

Minho disse mais alguma coisa, mas Thomas não ouviu. Consumido pela exaustão, a mente divagou pelo seu breve período no Labirinto, seu tempo como Corredor e o quanto quisera ser um

deles − desde a primeira noite na Clareira. Aquilo parecia ter-se passado uma centena de anos antes. Como num sonho.

Murmúrios de conversas flutuaram pelo cômodo, mas para Thomas eles pareciam vir de um outro mundo. Olhou para as ripas de madeira entrecruzadas da cama acima dele, sentindo a atração do sono. Mas querendo conversar com Teresa, lutou contra ele.

“Como é o seu quarto?”, perguntou-lhe mentalmente. “Gostaria que estivesse aqui.”

“Ah, é?”, replicou ela. “Com todos esses garotos fedorentos? Acho que não.”

“Acho que está certa. Minho peidou umas três vezes no último minuto.”

Thomas sabia que se tratava de uma tentativa patética de piada, mas era o melhor que podia fazer.

Ele sentiu que ela dava uma risada, desejou poder fazer o mesmo. Houve uma longa pausa.

“Sinto muito de verdade pelo Chuck”, ela falou finalmente.

Thomas sentiu uma pontada de dor e fechou os olhos, mergulhando fundo no sofrimento daquela noite.

“Ele conseguia ser bem chatinho às vezes”, disse. Fez uma pausa, pensou na noite em que Chuck dera um grande susto em Gally no banheiro. “Mas como dói. Sinto como se tivesse perdido um irmão.”

“Eu sei.”

“Eu prometi...”

“Pare, Tom.”

“O quê?” Ele queria que Teresa o confortasse, dissesse algo mágico para afastar a dor.

“Pare com essa coisa de promessa. Metade de nós conseguiu. Todos teríamos morrido se tivéssemos ficado no Labirinto.”

“Mas o Chuck não conseguiu”, falou Thomas. A dor o torturava porque sabia com certeza que trocaria qualquer um dos Clareanos naquele quarto por Chuck.

“Ele morreu pra salvar você”, lembrou Teresa. “Ele fez a escolha dele. Nunca se esqueça disso.”

Thomas sentiu as lágrimas sob as pálpebras; uma delas escapou e correu pela têmpora direita, para dentro do cabelo. Um minuto

inteiro se passou sem nenhuma palavra entre eles. Então ele disse: “Teresa?”

“Oi?”

Thomas receava confessar o que pensava, mas confessou:

“Quero me lembrar de você. Lembrar de nós. Você sabe, antes.”

“Eu também.”

“É como se nós...” Ele não sabia como dizer, afinal.

“Eu sei.”

“Imagina como será amanhã?”

“Vamos descobrir em algumas horas.”

“É. Bem, boa noite.” Ele queria dizer mais, muito mais. Mas nada lhe ocorreu.

“Boa noite”, disse ela, no instante em que as luzes se apagaram.

Thomas rolou para o lado, grato por estar escuro e ninguém poder ver a expressão que se instalara no seu rosto.

Não era um sorriso, exatamente. Nem mesmo uma expressão de felicidade. Mas quase.

E por enquanto, quase era bom o bastante.

EPÍLOGO

Memorando CRUEL, Data 232.1.27, Hora 22:45
PARA: Meus Associados
DE: Ava Paige, Chanceler
ASSUNTO: REFLEXÕES SOBRE AS PROVAS DO LABIRINTO, Grupo A

De acordo com tudo o que foi verificado, acredito que todos concordamos que as Provas foram um sucesso. Vinte sobreviventes, todos bem qualificados para o empreendimento planejado. As reações às Variáveis foram satisfatórias e encorajadoras. O assassinato do garoto e o “resgate“ revelaram-se um final importante. Precisávamos chocar os seus sistemas, ver as suas reações. Francamente, acho incrível que, no fim, apesar de tudo, tenhamos sido capazes de reunir uma população tão grande de garotos que nunca desistiram.

Por mais estranho que pareça, vê-los dessa maneira, pensando que está tudo bem, para mim foi a coisa mais difícil de observar. Mas não há tempo para arrependimento. Para o bem do nosso povo, vamos seguir em frente.

Sei que tenho as minhas próprias impressões sobre quem deveria ser escolhido como líder, mas vou me poupar de revelar neste momento de modo a não influenciar as decisões. No entanto, para mim, a escolha é óbvia.

Estamos todos cientes do que está em jogo. De minha parte, sinto-me estimulada. Lembram-se do que a garota escreveu no braço antes de perder a memória? A única coisa a que ela decidiu se prender? *CRUEL é bom*.

Os objetos do experimento acabarão por se recordar e entender o propósito das dificuldades que planejamos para eles e lhes

impingimos. A missão do CRUEL é servir à humanidade e preservá-la, não importa a que preço. Nós somos, de fato, “bons”.

Por favor, respondam com as suas próprias impressões. Será concedida aos objetos uma plena noite de sono antes da Implementação da Fase 2. Por ora, vamos nos permitir sentir-nos esperançosos.

Os resultados da prova com o Grupo B também foram extraordinários. Preciso de tempo para processar os dados, mas podemos discutir o assunto pela manhã.

Até amanhã, então.

Sua opinião é muito importante!

Mande um e-mail para opiniao@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo “Assunto”.

Conheça-nos melhor em

vreditoras.com.br
facebook.com/vreditorasbr

